



UNIVERSO
DE
Água



JOSY STOQUE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



JOSY STOQUE

**UNIVERSO
DE ÁGUA**

Saga OS QUATRO ELEMENTOS

Volume 4

Edição Digital

2013

Direito Autoral de Imagem – Alex Anna Buts 2013

Usado sob licença da Shutterstock.com

Copyright ©2013 Josy Stoque

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento ou a reprodução o de qualquer parte desta obra, qualquer que seja a forma utilizada – tangível ou intangível –, sem o consentimento escrito da autora.

Para o amor, dádiva e inspiração.

A Lua:

*Sou um pequeno mundo;
Movo-me, rolo e danço
Por este céu profundo;
Por sorte Deus me deu
Mover-me sem descanso,
Em torno de outro mundo,
Que inda é maior do que eu.*

Olavo Bilac

ÍNDICE

PRÓLOGO

PEIXES

GOLFINHOS

MERGULHO

PEDRA-DA-LUA

SOZINHA

FESTIVIDADES

MAR

AFAZERES

DISTRAÇÃO

VERMELHO

PRÓLOGO

JARDIM

PROFECIA

HERANÇA

MAGIA

ARQUIPÉLAGO

PRÓLOGO

SURPRESA

ANIVERSÁRIO

PORTAL

ARREPENDIMENTO

BARREIRA

CONSELHO

TERRA

AR

ÁGUA

FOGO

UNIÃO

ELEMENTAIS

FORTALEZA

PRISIONEIRO

DEGEL

EPÍLOGO: NASCIMENTO

AGRADECIMENTOS

BIOGRAFIA

PARTE I
UM ANO ANTES

PRÓLOGO

2011

Difícil traduzir o que via. Era obscuro, borrado e sem sentido até que uma cena se destacava e me chocava com o horror que podia identificar nos flashes sequenciais, como quadros de filmes animados passados em câmera lenta. Ao final, os acelerava mentalmente e em um segundo compreendia sua essência.

Agora o cenário era cinza-escuro com flashes brancos que surgiam de quando em quando além da cortina embaçada. Senti que se movia sem necessariamente mexer os pés. Quando parou, uma porta se abriu e correu descalça. Doía. Era mais escuro ali, somente uma luz próxima iluminava ao redor, um pouco menos nebuloso como se o que mais obstruía sua visão tivesse sido removido.

Havia um som alto e forte de água. Havia água por todos os lados. E desespero. Um grito ecoou medonho. Um chamado que insistia, mas não recebia resposta. Água e o resto era silêncio. Solidão. Abandono. Loucura. Sensações que me sufocavam enquanto assistia àquela cena forçada.

Insano? Água abundante. Pressão. Escuro que se movia lentamente. Para a esquerda. Para a direita. Ir para cima? Não, para baixo e para frente. Luz e esperança. E água, muita água. A luz crescente. Estava quase claro suficiente para ver. A água, o escuro e o fogo. Fogo sob a água?

Escuridão novamente.

PEIXES

MARÇO

Desanuviada sua visão, o cenário a sua frente voltou a ser claro e ensolarado. O horizonte se recortava em cores vibrantes repleto de vida contrastando com o horror de morte que sua mente criara há pouco. O azul do céu com poucas nuvens, as rochas pretas de origem vulcânicas, o verde-azulado do mar e o amarelo-claro da areia fina.

De onde viera aquele pensamento macabro? Sua mente era assim, vagava sem controle. *Hoje não será um dia bom*, suspirou. *Mas quem fica feliz ao completar vinte e nove anos?* Repetiu o número cabalístico mentalmente. O que diria a numerologia? Não importava. Já era o fim de seu mundo chegar tão perto dos trinta, solteira e somente agora conquistando sua independência.

Ainda havia algo a se comemorar, então. Mas por que não tinha vontade? Não enxergava o lado bom? Talvez porque não existisse, simples assim. Morava em uma casa grande bem próxima a Praia do Cachorro no Arquipélago de Fernando de Noronha, em Pernambuco. Tinha à sua frente a imagem deslumbrante que tanto amava.

Quase no extremo norte da ilha principal, a praia ficava logo abaixo da Fortaleza dos Remédios – hoje de uso da Marinha –, nome que emprestara ao único bairro povoado. Outras edificações importantes, como a Igreja Nossa Senhora dos Remédios e o Palácio São Miguel, encontravam-se na vila.

Suzane Vieira tinha orgulho de morar e trabalhar como veterinária na Esmeralda do Atlântico, por sua história e importância ambiental. O arquipélago era composto por vinte e uma ilhas em uma área de vinte e seis quilômetros quadrados, sendo dezessete somente da ilha principal. Localizava-se há trezentos quilômetros da costa brasileira.

O clima quente do nordeste e a brisa constante da maresia eram seus companheiros dia e noite. Esse lado continental da ilha era denominado mar de dentro. Águas calmas era sua maior característica. Já o mar de fora, do lado oposto da ilha, recebia ventos do oceano aberto e as ondas altas e bravias tornavam as praias inapropriadas para banho.

Tudo bem, morava em um paraíso ecológico, em uma boa casa – não fazia um mês que se mudara –, tinha um emprego que amava, mas não estava feliz. Havia um vazio a ser preenchido em seu peito, risos a serem ouvidos, música a ser entoada, luz a refletir em seus olhos, pessoas com quem compartilhar. Por que dessa vez a ouviram?

Há um ano deixara muito claro que não queria mais festas, que não tinha porque comemorar a velhice – exagerada era seu nome do meio. Cada ano que passava sua neura

piorava, mas nunca lhe deram ouvidos. Parecia que dessa vez haviam desistido de agradá-la quando ela se recusava à diversão tão veementemente.

Talvez fosse pela decisão de sair de casa. Tia Margarida não ficara nada feliz com a ideia. Na verdade ficara muito irritada. Chegaram a brigar, como na época em que Suzane era uma adolescente rebelde e queria conhecer um mundo proibido para ela. Lembrava-se muito bem dos motivos que a fizeram explodir em palavras de rancor.

– Por que não posso sair como as garotas da minha idade? – perguntara revoltada.

– Minha filha, se acalme, um dia você vai entender que tudo isso é para seu bem – respondera calmamente Margarida.

– Eu te odeio! – Virara-se pisando duro e prosseguira. – A senhora não é minha mãe!

Essa frase magoara muito a mãe adotiva que chorara a noite toda.

Era verdade, mas Margarida a criara com a dedicação e o carinho de uma mãe de verdade. Era genitora de seu irmão de criação, Marcel Vieira. Desde cedo ficara claro para Suzane que eles não podiam ser irmãos de sangue, mesmo não conhecendo o pai dele e não sabendo detalhes sobre sua paternidade.

Como Margarida, Marcel era loiro, branco rosado, olhos castanhos intensos, caramelados. Ambos eram grandes, corpanzís com rostos angelicais. Apesar de que a senhora estava acima do peso, o filho possuía estrutura óssea larga, robusta e músculos que se definiam e sobressaltavam sobre ela. Não tinha absolutamente nada de gordo, apenas tamanho.

Em contrapartida, Suzane era franzina, baixinha – não muito maior que um metro e meio –, mantinha os cabelos curtos em um chanel, sempre negros e brilhantes. Seus olhos eram de um azul tão claro que muitas vezes se apagavam. A pele branca e firme contrastava com seus lábios vermelhos que se destacavam no rosto de giz.

Era bonita, mas extremamente idealista e sonhadora. Por isso mesmo não se permitia fugir daquilo que tanto desejava, mas que não podia ter. De todas as coisas que queria, essa – a proibida – era a única que ainda não havia conquistado. E jamais poderia. Talvez por isso quisesse tanto.

Sabia que quanto maior o desafio, mais ansiava executá-lo. Superação também fazia parte de quem era. Porém conhecia seus limites e a decisão de sair da casa onde fora criada tinha a ver um pouco com isso. Não seria bem uma fuga – odiava pensar assim –, preferia ver como uma escolha, um sacrifício por um bem maior que o seu próprio.

Por mais colorido que aquele dia fosse, pintando tudo ali e além de seu campo de visão, Suzane via apenas cinza como a tristeza, o vazio e a saudade. Há quanto tempo não os via? E o que a impedia de procurá-los? Ela mesma e um orgulho besta em ter que admitir que não suportava viver sozinha. Não, jamais! Não era isso que queria? Afinal, eles estavam muito melhores sem ela e suas mudanças de humor.

Ninguém entendia sua instabilidade emocional porque não sabiam o que se passava em sua cabeça. Sonhos – há muito tempo deixara de acreditar que fossem mera ficção – a atormentavam desde criança. Acontecimentos ruins que simplesmente povoavam sua mente com uma riqueza de detalhes espantosa.

Por mais apavorada que ficasse, só piorava quando aquilo que vira acontecia na vida real com alguém próximo ou um conhecido. A reclusão, nessas horas, era seu refúgio. Não para se isolar, mas para entender. Havia previsto o incidente, por que não pudera impedi-lo? Para que aquelas imagens confusas e desconexas lhe eram mostradas se não serviam para ajudar àquelas pessoas?

A culpa era sua maior companheira nesses momentos. Só mais tarde, quando o sofrimento se apacava, refletia sobre sua paranormalidade – não encontrara outra palavra que definisse melhor o que se passava com ela. Havia herdado aquele dom ou fora designado por Deus? Seria um carma para pagar por seus erros de uma vida anterior?

Chegara a frequentar centro espírita, candomblé, igrejas católicas, evangélicas e outras seitas e filosofias e em nenhuma encontrara a resposta para sua anomalia. Seria uma entidade isolada e totalmente nova nesse mundo?

Encontrava algum conforto na expressão artística. Versos tentavam traduzir seus sentimentos mais angustiantes, sua dor mais profunda. E seus quadros retratavam o belo, a esperança, a vida e o amor. Dois mundos, um contraste e apenas uma mulher em busca da felicidade e do autoconhecimento.

Tia Margarida pouco falara sobre seus pais verdadeiros.

– Quanto mais você cresce, mais parecida com Luise você fica – salientou com olhar saudoso uma vez e Suzane ficara grata por conhecer pelo menos o nome de sua mãe e o achava lindo. – Mas o temperamento emotivo é do seu pai, Pedro.

Não sabia mais nada sobre eles e a tia nunca explicara o que lhes aconteceu. Por ter sido grande e íntima amiga de sua verdadeira mãe, Suzane sabia que as lembranças eram dolorosas para Margarida, mas achava – em algumas ocasiões – injusto ser privada da verdade por isso. Na adolescência fora sua maior obsessão. Agora não se importava mais. Atualmente apenas pensava no tema depois das visões, porém mantinha-se calada e fechada a respeito.

Domingo era um dia normalmente triste, preguiçoso e tedioso – odiava domingo. E hoje odiava duas vezes mais por ser também seu aniversário. Odiava aniversários ímpares desde os vinte e um anos. Odiava pensar que já havia vivido mais de duas décadas. E como havia visto acontecimentos históricos nacionais e mundiais!

Por exemplo, o plano real, a posse de Lula, o ataque às torres gêmeas em Nova Iorque – este vira o vivo –, a Guerra do Iraque, a posse do primeiro presidente americano negro, a crise

imobiliária, o avanço tecnológico – do cassete ao bluray, do preto e branco ao 3D –, e por aí sua lista prosseguia. Não tinha como não se sentir velha.

E como os últimos dez anos passaram depressa! Em um estalar de dedos saíra da faculdade – um mundo novo cheio de alternativas a explorar – para sua independência solitária bancada por um bom emprego como veterinária. Era funcionária pública no arquipélago e passara com louvor no concurso.

Muitos jovens poderiam dizer: que legal! Mas Suzane não pensava assim. Havia apenas uma alegria no momento que também trazia ansiedade – a exposição de seus quadros. Seu melhor amigo, Guilherme Rocha – desde a época da faculdade –, fascinado com o que vira, colocara pilha para que promovesse o evento.

Depois de muita relutância, Suzane fora convencida e a exposição aconteceria em setembro. A quantidade de telas que pintara era mais do que suficiente, mas a veterinária não gostava de todas e selecioná-las era seu trabalho atual, entre uma nova pintura e outra. Afinal, quando a inspiração a tocava não podia ignorá-la.

Sua casa se transformara em um imenso ateliê. Todas as paredes estavam tomadas por quadros e os cômodos inutilizados eram povoados com cavaletes, material para pintura como telas em branco, pincéis e tintas. Suzane preferia trabalhar na sala da frente, a maior, que ficava mais próxima à saída. Ali tinha visão privilegiada do cenário exuberante do arquipélago.

Será que Marcel e tia Margarida nem ligariam? Estariam muito magoados? Tão magoados a ponto de não a parabenizarem? *Droga, estraguei tudo de novo.* Por que nunca conseguia parar de errar? Principalmente com aqueles que amava? Por que era tão impulsiva e sincera? Por que não pensava antes de abrir a boca? *Maldita boca!*

Detestava fazer cena, mas havia horas em que perdia o controle sobre a raiva ou sobre as lágrimas. E a explosão de emoções afetava seu corpo todo, deixando-a muito agitada ou muito lenta; como se a raiva acelerasse seu organismo ou a tristeza o desanimasse.

Porém, ao extravasar seus sentimentos, sempre exagerados, sentia como se expulsasse aquele mal de seu corpo. E ao contrário, também havia grande comoção. Era uma mulher de extremos. Quando ficava triste, beirava à depressão; quando alegre, parecia possuída pela maior felicidade do mundo tamanha sua empolgação e tagarelice.

E como falava! Sua mente às vezes trabalhava a um milhão e seu físico tentava acompanhar a velocidade alucinante de seus pensamentos, ora geniais, ora incoerentes. Só ela os compreendia. Sua busca pelo entendimento humano não tinha base científica, apenas em convivência. E era bem-sucedida na maior parte do tempo em suas observações e conclusões.

Possuía uma capacidade incrível de adaptação em um curto período. Amava novidades, era ávida por novos desafios. Sentia necessidade de estar constantemente apaixonada. Não sabia

fazer nada por fazer. Tinha que agir com paixão, senão não tinha prazer nenhum naquela atividade e, portanto, perdia logo o interesse.

A convivência com os outros começava complicada porque, na maior parte do tempo, não se fazia compreensível. As pessoas que a conheciam tinham duas reações: empatia ou aversão. Não compreendiam sua cabeça, tão casada com a emoção, que confundia onde uma terminava e a outra começava.

Porém, Suzane sabia provar seu valor exatamente como era por estar sempre disponível para ajudar os outros, para uma palavra de conforto ou incentivo – até mesmo um conselho –, para dividir informação e conhecimento ou para se doar sem pedir nada em troca, apenas pelo prazer de ajudar.

Sacrifício era outra palavra aliada a suas virtudes – ou seria um defeito? Suzane não se sacrificava para aparecer, talvez nem reconhecesse o ato dessa forma. Não media esforços quando algo dependia dela e tomava toda a responsabilidade – com seu temperamento sem limite sempre terminava em uma doação exagerada de si mesma ou de seu tempo, perdendo onde ela terminava e o projeto começava. Ela se fundia à causa. Eram um só.

E sua determinação, mesmo diante das dificuldades – que no máximo retardavam seu desfecho –, prosseguia até o fim. Era otimista e bem-humorada na maior parte do tempo. Seu astral para cima e seu entusiasmo normalmente contagiavam aos outros, sem querer. Era natural para ela se animar diante de um assunto que dominava ou que apreciava.

Tinha um quê de artista, psicóloga e mãe. Esse era um bom resumo da versatilidade de Suzane Vieira. Sua alma artística era sensível à beleza, à poesia, ao amor. Seu lado psicólogo era compreensivo e analítico. E seu lado materno era cuidadoso, generoso e nada egoísta.

Porém, ser uma pessoa tão cheia de amor para distribuir tinha seu ponto negativo. A falta de compreensão de outros – para alguém que não enxergava tanto quanto ela dentro de cada um – era frustrante e lhe causava muitos dissabores e má interpretação. Talvez fosse ingenuidade pura e esperança em um mundo melhor.

Fora os aproveitadores, Suzane sofria de muita carência afetiva. Como uma romântica incorrigível – no sentido real da palavra – ainda esperava pelo homem de sua vida. Apesar disso, já o havia escolhido, só não se preservou até hoje para ele. Jamais! Era uma mulher moderna, por mais idealista que fosse. Seu corpo possuía necessidades próprias e paralelas à sua mente e coração.

A descoberta dos prazeres da carne aconteceu meio tarde em sua vida. Quando cursou Medicina Veterinária na Universidade Federal Rural em Recife, conheceu Guilherme Rocha que estudava biomedicina na Universidade Federal de Pernambuco. Um leonino que mexeu com ela quase que imediatamente ao se conhecerem. Gentil, carinhoso, esperto, sedutor sutil, conquistou sua atenção e afeição.

Já nas primeiras conversas descobriram muito em comum como livros, músicas, lugares e sonhos. Guilherme não era lindo, mas seu cabelo liso caramelo caindo sobre o olho era um charme; seu sorriso sincero e levemente torto era gracioso; seus olhos escuros tinham intensidade, tanto quanto suas palavras e atitudes.

Na cama, era um amante insaciável e criativo que ajudou Suzane a iniciar a vida sexual com segurança e sem traumas. Além da diversão em casal entre quatro paredes, Guilherme lhe mostrou o mundo, as festas – a diversão –, a dança, os drinques, as baladas e os passeios em turma que aliavam cenários e adrenalina.

Que saudade! Foram os melhores cinco anos de sua vida. Tantas descobertas, aventuras, paixões. Por mais que eles nunca tenham se tornado um casal duradouro, Suzane nutria por ele um sentimento único e inabalável, uma atração que jamais desaparecia, uma sintonia quase tão ininterrupta quanto o que sentia por...

Parou o pensamento aí. Como sua mente fora naquela direção? Não fazia ideia. Estava ficando cansada de tanto esperar e dar asas a imaginação amalucada de sua mente livre e fluída. Outro pensamento surgiu. Era a segunda vez naquele dia que pensava em Guilherme. Quanto tempo não o via? *Quase um ano*, refletiu.

Nossa, quanto tempo! Estava explicado porque voltava a pensar nele. Sempre que se sentia sozinha, carente e rejeitada, era dele que lembrava porque erguia seu astral e ego. Não era dada à vaidade, era mais simples, rápida e direta. Porém, meses sem um chamego não fazia bem a ninguém, inclusive a ela. Também tinha vontade de se sentir amada, querida e desejada. Porque, para ela, tudo estava interligado e tinha um mesmo objetivo.

Aquele mês havia se arrastado – assim como os anteriores. Quando entrara na casa, no início de março, esperara ansiosamente pelo finzinho e a chegada de seu aniversário. Tivera tempo de sobra para organizar os móveis e os cômodos para aquele dia. E ele finalmente chegara, porém igualmente como os outros: vazio.

Preferiu vagar por lembranças mais alegres, estava cheia de tantas recordações emotivas e confusas por um dia só. A solidão tinha esse poder sobre ela, a retalhava em pedaços de memórias tristes e saudosas. Como antes a vida era boa, fácil, simples. E uma cena, de sua infância, veio com tamanha nitidez à sua mente, que se viu assistindo ao passado.

Tia Margarida não estava em casa e Marcel chegaria da escola a qualquer momento para acompanhá-la – à época, o garoto já estudava cedo e ela, à tarde. Suzane estava infeliz, parada em frente ao espelho, contemplando seus longos cabelos pretos. Todas suas amiguinhas tinham cabelos curtos. Não gostava deles compridos daquele jeito.

A criança pegou uma tesoura nas coisas da tia e, parada diante de seu reflexo, pôs-se a cortar as madeixas, abandonando fios e mais fios no chão aos seus pés. Quando o irmão mais velho

chegou e vagou pela casa à sua procura, já era tarde demais. A linda cabeleira de Su jazia ao chão e o que sobrara em sua cabeça eram pontas picotadas e desengonçadas.

– O que você fez, Suzane? – exclamara assustado Marcel e tentara esconder aquela bagunça antes que Margarida chegasse em casa.

Depois que terminou a limpeza, olhou por muito tempo para a irmã, com os olhos claros arregalados, porém seus lábios estavam presos em um sorriso satisfeito.

– Ficou bonito assim – dissera ela.

– Não ficou, não – enraiveceu o irmão. – Você estava penteada. Agora se olhe no espelho direito!

A menina obedecera e enquanto agitava o cabelo na tentativa inútil de colocá-lo no lugar, mais fios soltos caíram ao chão arrancando um suspiro resignado de Marcel.

– A mãe vai ficar furiosa! Acho que vou comprar uma peruca com minha mesada.

– Não! – vociferara Suzane. – Não quero ter cabelo comprido de novo.

E emburrou em um canto com os braços cruzados. Não dera mais tempo para Marcel colocar alguma ordem no cabelo e no quarto da irmãzinha, Margarida entrava em casa naquele instante e foi a procura deles os encurralando no cômodo onde, silenciosos, os dois nem respiravam de expectativa.

– Suzane – suspirou espantada a tia. – O que aconteceu aqui, Marcel?

Por que será que o garoto tinha certeza de que levaria a culpa daquilo?

– Não fiz nada. Quando cheguei, ela já tinha cortado todo o cabelo.

– Ah, minha filha, por que fez isso? Seu cabelo era tão lindo!

Mesmo diante de suas lamentações, Margarida tivera que levá-la imediatamente a uma profissional para pelo menos deixar o cabelo apresentável. A partir daquele dia, Suzane continuou batendo o pé e nunca mais deixou o cabelo crescer. Usou todo tipo de Chanel que existia, com e sem franja.

O telefone tocou a arrancando das lembranças saudosas que ganharam rapidamente sua atenção. Como era fácil se distrair com o que era bom, agradável e prazeroso. Bem longe do mundo real cruel e doloroso ao seu redor, na casa grande de cômodos inabitados. Seus passos ecoando tristonhos através do vazio.

Conhecia bem aquele número. Meu coração disparou, minhas pernas ficaram bambas. A sintonia entre tempo e pensamento me espantou. Éramos, sem dúvida, uma espécie de almas gêmeas ligadas pela mente, por um mesmo propósito, por um mesmo caminho. Só o fato de ambos termos escolhido profissões na área médica já comprovava isso.

Não importava quanto tempo ficássemos sem nos ver ou falar. Sempre haveria uma comoção sincera e intensa dentro de mim, me levando diretamente para seus braços. Aqueles

braços que estavam sempre prontos a me receber e aninhar. Aquele corpo que aquecia o meu em dias frios e tristes. Aquela boca que me recebia com um sorriso e beijos ardentes.

A esperança acendeu em meu peito ao ver seu nome na bina. Aquele dia, que ameaçava se findar em breve no horizonte, não estava totalmente perdido. Uma alma – a melhor delas – se lembrara de mim. A alegria percorreu meu corpo enquanto me movia para atender a ligação. Cada segundo preenchido de grande expectativa e ansiedade.

Sua voz grave e forte do outro lado da linha quase me fez desfalecer de emoção.

— Feliz aniversário, Su, minha linda! Tem um presente tocando em sua porta agora.

Antes que pudesse responder, a campainha tocou e corri à sala da frente para atender. Quando me lembrei de agradecer, a linha estava muda. Abri a porta com a mão livre enquanto apertava o botão discar do celular. Paralisei com um sorriso bobo no rosto. Lá estava ele. Mais alto do que eu uns vinte centímetros, o cabelo liso sobre os olhos, o sorriso de orelha a orelha e uma fita vermelha ao redor do corpo fechada em um grande laço. Cai na gargalhada.

— Desculpe por não poder te dar algo melhor, mas é de coração – disse ele com a maior cara de piada e abriu os braços.

— Obrigada por se lembrar, Gui – respondi me perdendo no calor de seu corpo.

Guilherme passou a mão por meu cabelo curto e riu agradavelmente me sacudindo ao ritmo. O laço farfalhou.

— Sempre me lembro – sussurrou.

Era verdade. Ele sempre se manifestava de alguma forma na medida em que suas atividades pessoais e profissionais permitiam. Para mim não havia presente melhor do que sua presença naquele momento. Vê-lo coloriu meu aniversário. Convidei-o a entrar e lhe mostrei a casa. Logo percebeu que ninguém havia comparecido devido à louça limpa e empilhada sobre a mesa decorada.

— Seus convidados nem bagunçaram nada – brincou.

— Não convidei ninguém – ri como se não me importasse.

— Então isso tudo é só para mim?

Rimos juntos. Brincar com um fato sério e depressivo me fazia vê-lo de outra forma, mas ainda não era agradável admiti-lo, muito menos em voz alta.

— Sou telepata, esqueceu? – cutuquei-o.

— Ah, é! – e bateu com a palma da mão na testa.

Não havia escapatória e comecei a narrar minhas expectativas frustradas. Era fácil me abrir com ele e depois que começava a falar, dificilmente parava até terminar. Aberta e franca, narrei cada detalhe dos últimos meses assistindo a suas reações sérias e compenetradas. Ao final, ele falou:

— *Você precisa parar de se lamentar, Su.*

— *Eu, me lamentar? – cortei espantada. – Todos me abandonaram!*

— *Su, pense direito. – Lá vinha o Guilherme sério e observador, tão analítico que me irritava. – Se não convidou ninguém, como esperava que viessem? E outra, em quantos aniversários presenciei suas reclamações? O que você queria? Você afastou todo mundo.*

Enfatizou bem a palavra ‘você’ na última frase. Fiquei em choque. Odiava quando ele estava certo e me mostrava meus erros. Odiava me sentir desnuda daquele jeito. Era como se tivesse me despido até a alma, arrancando sem dó vestes, pele, músculos e ossos. Fiquei ali destruída encarando meus destroços de lamentações, erros e sofrimentos. Como era difícil me sentir feliz e completa.

— *Su, desculpa – sua voz saiu de algum lugar ao meu lado na tentativa de me arrancar de meu devaneio básico de quem está ‘caindo na real’. – Não queria te magoar. Afinal, hoje é dia de festa!*

— *Está tudo bem, Gui. Você tem razão. Só preciso de um minuto para absorver o que disse.*

— *Ok – soou fraca e temerosa dessa vez. – Vou pegar bebida para nós e já volto.*

Meus dedos coçavam de vontade de consertar a burrada que fizera. Queria ligar para todo mundo me desculpendo pelo sumiço e convidá-los para virem à minha casa. Seria muito tarde? A escuridão do lado de fora da janela me disse que sim. Eu me senti tão mal. Não era uma boa filha nem amiga. Era um monstro egoísta que só sabia reclamar da vida sendo a única causadora de meu próprio sofrimento.

Não era bem assim. Não havia enxergado o óbvio. Talvez tivesse criado expectativas demais acreditando que se cumpririam com a força de meu pensamento. Às vezes mergulhava em um mundo imaginário que apenas eu tinha acesso e me perdia nele, misturando a realidade com a fantasia. Isso tinha que parar. Estava me privando de viver de verdade.

Ainda mais eu que sempre briguei por minha liberdade de ir e vir quando mais nova. Quem era essa Suzane triste, prisioneira de seus ideais? Onde estava aquela mulher de mente aberta, pronta para enfrentar medos, dificuldades e aprender algo novo? Estava na hora de voltar. Estendi a mão para pegar o aparelho de telefone quando ele começou a tocar e vibrar ao mesmo tempo, me sobressaltando.

A tela anunciava que várias mensagens de texto e uma ligação chegavam. Quando atendi, o aparelho não parou de virar um minuto sequer me avisando que continuava recebendo torpedos. Do outro lado da linha, tia Margarida desejou felicidades e avisou que estava a caminho com Marcel. Quase não consegui responder de emoção.

Ao findar a chamada, conferi a caixa de mensagens. Havia vinte SMS de amigos

desejando felicidades. Enquanto lia, Guilherme voltou da cozinha com dois copos grandes e cheios e me passou um. O líquido rosa-claro formava espuma na borda. Era bastante atraente.

— O que é isso? — perguntei ao pegar a bebida.

— Beba.

Sorvi uma bicada para provar meio receosa. Não estava acostumada a ingerir algo que desconhecia. Era doce, lembrava morango. Hum, era bom. Tomei um gole mais generoso e Guilherme rui alto.

— Sabia que ia gostar.

— Batida de morango com vodca? — arrisquei.

— Na mosca.

Estiquei as pernas e pousei os pés sobre a mesinha de centro. Sorri satisfeita. Aquela noite seria agradável e ao ponto de me fazer esquecer o péssimo dia. Guilherme se acomodou ao meu lado com seu copo na mão.

— E aí? — puxei conversa e mudei o foco. — O que me conta de novo?

— Comprei um barco — respondeu à queima-roupa.

Quase engasguei com o gole da bebida que repunha naquele momento.

— O quê?

— Bem, não é um barco. É pequeno. Pode ser uma lancha.

— Ah tá! — retruquei incrédula. — Quantos metros tem?

— Não sei — esquivou-se.

— Você veio com ele?

— Sim — respondeu temeroso.

— Vamos ao porto. Quero vê-lo — anunciei me erguendo.

— Depois, Su. Agora vamos aproveitar a festa — esparramou-se ainda mais no sofá.

Coloquei as mãos na cintura diante de sua chacota.

— Que festa? Só estamos nós dois aqui!

A campainha tocou e me lembrei que tia Margarida e Marcel estavam vindo. Deveria ser eles. Pedi licença a Guilherme e me dirigi à entrada. Ao abrir a porta me espantei com o coro de “Feliz Aniversário!” que ouvi. Eram mais vozes do que esperava. Muito mais.

Minha mãe de criação estava à frente com um sorriso enorme no rosto redondo e infantil. Em sua mão, uma caixa de presente meticulosamente embrulhada chamava a atenção. Apesar do corpanzil, tia Margarida se moveu rápido e me apertou em seus braços em um abraço de urso.

— Parabéns, minha filha. Que Deus a abençoe.

Estendeu em seguida o presente para mim. Agradei feliz com seu cumprimento caloroso. Não vi mágoa nem tristeza em seu olhar. Foi um conforto.

— Deixe-me ver sua casa, minha filha. Está precisando de alguma coisa? Posso arranjar

para você.

— Obrigada, tia, mas não preciso de nada. Não se preo...

Perdi a fala ao ser literalmente agarrada por Marcel, meu irmãozão de criação. Ele também me espremeu em um abraço sufocante que me ergueu do chão.

— Parabéns, irmãzinha.

Odiava que me tratasse assim, mas fui pega desprevenida. Tão rápido quanto me levantou, me baixou e foi entrando se sentindo em casa.

— Nossa, Suzane, que desperdício de espaço. Essa sala poderia ter um enorme home theater em vez desses cavaletes.

Ouvi seu comentário com desdém enquanto a família vizinha de tia Margarida – desde que me conhecia por gente convivi com eles e brinquei com os filhos – se aproximava. Antônio era pescador e tinha a pele bastante queimada pelo sol, parecia mais velho, mas era magro e bem-disposto. Ele me cumprimentou timidamente e logo deu lugar à sua mulher.

Regina era dona de casa, também estava queimada por aquele sol pesado, mas bem menos que o marido. E sua pele era esticada pelo excesso de peso. Seu abraço foi efusivo demonstrando o carinho que sentia por mim. Era uma mulher expansiva, porém seu cumprimento foi breve seguido da entrega do presente.

Os gêmeos Leandro e Leonardo – isso mesmo, receberam o nome da dupla sertaneja porque Regina era fã –, morenos e simpáticos vieram em seguida. Eram inseparáveis e o casamento em breve de Leandro estava apavorando Leonardo. Já planejavam tornarem-se vizinhos. A noiva, Vanessa, me cumprimentou depois dos irmãos. Era bem mais jovem do que eu, mas parecia feliz com sua escolha de se casar precocemente, sem estudo nem profissão. Os gêmeos eram técnicos ambientais e trabalhavam ali na ilha. Ganhei um presente em nome dos três.

Minhas mãos estavam cheias quando meus colegas de trabalho se aproximaram. A loira meio metida era Priscila. Ela havia pintado o cabelo há pouco tempo e ficou estranho por causa de sua pele bronzada do trabalho na praia. Também era voluntária no projeto Tamar. Robson era o negro e seu trabalho como oceanólogo junto aos golfinhos era incrível. Luciano e Danila – morenos e atarracados – apesar de semelhantes em muitos aspectos não eram parentes. Trabalhavam como pesquisadores da fauna e da flora do arquipélago.

Alguém me ajudou com os pacotes quando reconheci André, Natália, Juliano e Talita, amigos da faculdade que haviam me enviado torpedos com felicitações, mas agora estavam bem na minha frente, sorrindo orgulhosos por terem me surpreendido. Não os via há muitos anos e quis saber tudo sobre eles enquanto entrávamos em casa. Moravam e trabalhavam ainda em Recife, em empresas privadas, como técnicos rurais.

Fiquei feliz ao ver os cômodos tomados por gente, vozes e risadas. O barulho dos copos e dos pratos, as conversas animadas. Era exatamente assim que gostava que minha casa ficasse, sempre cheia, pulsante, alegre e divertida. Repleta de vida. Afinal, era para isso que alugara aquela casa.

Guilherme voltou ao meu lado.

— Como arranjou esse imóvel? — lá estava o lado negociador de meu amigo.

Outros, que estavam próximos, voltaram-se curiosos para meu grupo que estava no centro. Também haviam elogiado o tamanho e a localização da minha casa. O jardim no fundo com mata preservada era o meu xodó. Todos os imóveis pertenciam ao governo de Pernambuco sendo proibida sua comercialização. Isso evitava a construção de mansões particulares e ajudava a preservar a natureza.

— Pesquisei bastante. Sabem que não é fácil achar uma boa casa nessa ilha.

— A estrutura é ótima. E apesar de ser antiga, está em ótimo estado — acrescentou

Guilherme.

— Mesmo sem reformas, não é — confirmei.

— O quintal é excelente e a vista nem tenho palavras.

— Você é uma privilegiada.

— Parabéns pela escolha.

Os comentários não pararam por aí nem os assuntos. Meus amigos de Recife deixaram escapar que haviam vindo de barco com Guilherme e me deram mais detalhes — ficaram escondidos lá. Era uma embarcação de passeio com aproximadamente vinte metros de comprimento e um convés superior. Fiquei doida de vontade de conhecê-lo. Então meu amigo havia prosperado mais do que quisera me contar.

Tia Margarida assumiu o papel de anfitriã ajudando a repor pratos e copos. A comida havia se multiplicado e demorei a entender que cada um trouxera algum prato entre doces e salgados. A bebida era variada. Marcel e Guilherme se revezavam como barman e por isso não tomei duas vezes o mesmo sabor de batida.

Meu irmão de criação dividia sua atenção entre os convidados me auxiliando. Cuidei para que todos pudessem trocar palavras comigo, conversando sobre assuntos que lhe agradassem. Respondia a todas as perguntas que me eram feitas e ouvia atentamente quando me contavam algo.

As horas passaram muito rápido. É sempre assim quando a gente se diverte. Ao contrário, se arrastam quando estamos tristes. Só percebi quando minha tia e a família vizinha se aproximaram para se despedir o quão tarde estava. Abri os presentes deles para agradecer devidamente e aproveitei para desvendar todos.

Após isso, meus colegas de trabalho também se foram. Acordariam cedo no outro dia.

Marcel foi com eles. Pareceu relutar por um momento, mas se foi ao chamado insistente de Priscila. Suspirei na porta vendo-os partir. Guilherme chegou por trás e me envolveu pela cintura. Mal percebi quando jipe arrancou depois disso.

— Quer ver o barco agora? — sussurrou em meu ouvido.

Concordei e deixamos os outros entretidos com minha tv e notebook. Caminhamos de mãos dadas até o porto enquanto conversávamos.

— Obrigada por tudo, Gui — cortei o assunto sem importância.

— Ainda nem te dei meu presente — piscou um olho para mim.

— Sei que você é responsável pela festa.

Ele não respondeu e parou a caminhada. Deu um tranco no meu braço me puxando contra seu corpo. Seus lábios encontraram os meus famintos, como me lembrava deles. Correspondi da mesma forma com um misto de desejo e gratidão. Seu presente sempre seria bom, muito bom.

— Vamos para o barco — murmurou em minha boca.

O porto era próximo, na baía de Santo Antônio, no extremo norte da ilha principal. Ancoradouro natural, um molhe de pedra foi construído para atracar navios de pequeno porte e se estendia a partir da encosta até o meio da baía em formato de L. Os maiores ficavam ancorados a cerca de quinhentos metros da praia porque uma embarcação grega afundara naquela área.

O Forte de Santo Antônio, que batizou toda a região, foi a primeira fortificação da ilha principal e já estava bastante arruinado. Restos do primeiro molhe construído durante a guerra para descarregar canhões ainda podiam ser avistados. Porém, atualmente abrigava somente embarcações de pesca e turismo. Ali nascia a BR 363 que, depois de atravessar toda a ilha em diagonal, terminava na Baía Sueste no lado do mar de fora.

Mas não foi o cenário nem as edificações históricas que vi naquele momento. O barco do meu amigo chamou minha atenção assim que avistamos o porto. Era diferente de todos que estava acostumada a ver ali, mais sofisticada apesar do tamanho semelhante a muitos que circulavam com turistas. Era mais novo também.

Guilherme me ajudou a embarcar e enquanto invadia vasculhando e fuçando em tudo, ele colocou o barco em movimento. Subi no convés superior e fiquei maravilhada observando o desenho das luzes que formavam as dimensões territoriais da ilha principal. Não nos afastamos muito e assim que parou, meu amigo se juntou a mim.

Deitamos calados contemplando o céu limpo e estrelado daquela noite fresca e pensei como havia sido boa a festa esperada, porém improvisada. A surpresa superou as expectativas. Guilherme fora incrível em cada detalhe. E até aquela oportunidade única de estar sobre o mar e sob as estrelas era obra dele.

— Obrigada de novo, Gui. Tudo está maravilhoso e seu barco é lindo.

— Você é linda e merece tudo de bom.

Eu me virei para ele com os olhos marejados. Não pensava o mesmo de mim mesma, mas fiquei emocionada com suas palavras que soaram tão sinceras. Engasgada, não consegui dizer mais nada e o envolvi em um abraço caloroso e um beijo apimentado. Acho que estava um pouco alterada pelo álcool, mas totalmente ciente de meus atos.

Minha pele queimava onde Guilherme tocava e beijava. Quanto tempo fazia que não vivia um momento como aquele? A ansiedade, o desejo e o tempo me confundiram entre a pressa e a degustação do prazer. Para que atrasar o fim? Para que alcançá-lo logo? Queria desfrutar com intensidade cada segundo e, ao mesmo tempo, que eles voassem e fizessem meu corpo chegar ao êxtase.

Pensei que a fome que me acometia era como um desejo inesperado por chocolate. Devorá-lo de uma vez para saciar logo a vontade ou saboreá-lo lentamente, prolongando o prazer que poderia me proporcionar? Comer de novo seria gula?

Meus pensamentos se perderam quando Guilherme, controlado por sua própria ânsia – que parecia semelhante a minha – entregou em meus braços seu corpo, reduto de prazeres carnavais infundáveis, que era meu primeiro e último presente daquele aniversário.

Nus, sob o céu azul-marinho pontilhado de cintilantes estrelas e sobre aquele mar plácido infinito que refletia a luz da lua e da civilização, nos entregamos um ao outro encerrando aquela noite de comemoração da melhor maneira que podia desejar: amando e sendo amada.

Algo remexeu em meu estômago naquele momento e não era fome. Sabia o que estava vindo. Apertei os olhos com força respirando fundo e compassado a fim de afastar aquela sensação que tentava me sufocar. A morte seria mais fácil do que enfrentar a dor que ameaçava me dilacerar.

Engoli ruidosamente e senti Guilherme se mexer. Abri os olhos e antes que ele pudesse me prender ou fazer perguntas que não queria responder, rolei para a beirada do convés. Precisei de um segundo apenas para me levantar e no instante seguinte estava voando. O impulso me levou mais longe do que imaginava ser capaz de alcançar.

O vento mais fresco do que meu corpo causou um arrepio sedoso enquanto o desconforto em meu estômago vibrava e crescia. Não demorou muito e a água escura e levemente gelada me encobriu totalmente. Não fechei os olhos enquanto afundava cada vez mais devido a força com que pulei. Era corajosa suficiente para encarar a escuridão de frente.

Seja bem-vinda!, cumprimentei-a enquanto meu corpo perdia a atração da gravidade e flutuava. Havia uma chance de que a dor fosse aplacada agora. Já estava acalmando, mas será que voltaria?

GOLFINHOS

ABRIL

Revirava a comida entediado, demorando-se mais do que o necessário na montagem de seu lanche. O cronograma do dia não o animava nem um pouco, mas sua mente não encontrava alternativas satisfatórias para que encontrasse uma saída agradável. Talvez simplesmente faltasse. Afinal, nada o obrigava a comparecer se não quisesse.

Um suspiro arrancou Marcel Vieira de seu devaneio.

— O que foi, mãe? – perguntou com uma voz monótona sem olhar para a senhora grandona na cabeceira da pequena mesa.

— Já faz um mês – lamentou-se Margarida com sua voz chorosa e baixa sem se preocupar em explicar mais.

Não era mesmo necessário. O rapaz sabia do que a mãe estava falando, afinal também estava pensando na mesma coisa. Será que ela podia ler seus pensamentos ou só estaria com a mesma saudade? Acreditava que estivesse sofrendo mais porque sempre estava tristonha, suspirando pela casa.

Era silencioso demais sem Suzane. Entediante. Na maior parte do tempo Marcel tentava não se contaminar com o desânimo de Margarida, mas às vezes era muito difícil, como agora, como hoje. Até mesmo o trabalho de biólogo no projeto Tamar não lhe dava boas perspectivas para que aquele astral mudasse.

Ao contrário, o lembrava mais ainda dela. A atividade como voluntário era algo que faziam juntos. Na verdade, ela praticamente o obrigara a participar. Surgiu um sorriso tímido em seu rosto com a lembrança. Estava mais do que acostumado a presença radiante e efusiva da irmã de criação. Estava habituado a rodeá-la, cercá-la por todos os lados. Vigia-la.

Uma careta distorceu sua face angelical diante do pensamento. Odiava essa palavra. Por mais que era exatamente o que fazia – principalmente por conta da obsessão de protegê-la que Margarida lhe inculcava desde muito cedo –, gostava mais de pensar que estava com ela, simplesmente. Como sempre esteve e como não estava mais.

Era sua vez de suspirar. Tinha que resistir ao impulso que o fazia se mover em direção a Suzane e tocar a própria vida. Bufou em pensamento para não atrair a atenção de Margarida. *Tocar a minha vida*, pensou com sarcasmo. *Que vida tenho?* Aos trinta e cinco anos, o que havia conquistado? A irmã mais nova tinha muito mais do que ele jamais teria.

Nunca fizera nada além de atender os caprichos exagerados da mãe e cercar de mimos

Su, como gostava de chamá-la carinhosamente. Mesmo a faculdade fora um período sem brilho em sua vida. Tinha uma ligação tão forte com aquela senhora – tão parecida com ele – e com a irmã, que nem da família realmente era, que não conseguia explicar.

Não tinha histórias para contar. Era reservado quando se tratava de seus sentimentos, porém era dado a pensamentos revolucionários e contraditórios que lhe garantiam uma boa dose de discussões. Gostava disso. A agitação, o calor do momento, era melhor do que o vazio. Sua vida, um vazio sem luz, um buraco escuro e frio.

Tudo bem, não era dado a dramas, por isso gostava de rir. Ria de quase tudo. Fazia piada de tudo. Brincava, divertia os outros e acabava se divertindo também. Gostava da maneira como as pessoas pareciam se voltar para ele quando sorria. Talvez porque seu riso fosse contagiante ou porque seus dentes eram brilhantes na cara grande e clara.

Não se considerava um homem atraente, apesar de já ter notado alguns olhares femininos. Fez outra careta ao se lembrar de um que nunca o interessaria. Na verdade, nunca foi atraído por nenhum e aí morava o maior problema: por quê? Não sabia, sinceramente, responder.

Talvez a ideia de ter que escolher o apavorasse. Lembrava-se muito bem dos anos colegiais e a tortura para se decidir em qual profissão se especializar. Acabara que Suzane fora uma grande influenciadora e ele meio que se deixou levar. Era difícil desistir de opções interessantes. Sempre havia mais de uma coisa que lhe agradava.

Muitos achavam que ele era uma criança grande, brincalhona, generosa e ingênuo muitas vezes. Mas por trás daquela aparência infantilizada, Marcel se considerava um homem maduro que perdera a infância muito cedo. Na verdade não tinha recordações de brincadeiras, inocência ou alegria juvenis. Só tinha lembranças de responsabilidades, seriedade e medo, muito medo.

Margarida vivia apavorada e por isso cercava, principalmente Suzane, de atenção e o tornara guarda-costas dela. Não tinha muitas lembranças anteriores a seus seis anos, mas se lembrava perfeitamente que, nessa idade, sua irmã era apenas um lindo bebê de olhos claros e pele branca.

Agora, mesmo sendo uma mulher independente, não conseguia se libertar dos velhos hábitos. Tinha saudades da época em que eram simplesmente amigos e irmãos. Eram mais felizes. Depois de adultos se tornaram quase estranhos – ou inimigos como Suzane fazia parecer com seu rancor e desrespeito. Como isso aconteceu?

Por um lado entendia bem a preocupação de Margarida, sua irmã sempre fora meio maluquinha, aprontava cada uma. Alguém precisava mesmo colocar um freio nela. Riu com as lembranças de suas fugas na infância e sua rebeldia na adolescência. Su não conseguia de fato magoar a família, apesar de que alguns momentos foram bem tristes.

Para desanuviar o clima, resolveu responder ao suspiro de Margarida.

— É, mas ela não morreu, então ligue para ela.

Sua voz era tranquila, mas mesmo assim a mãe se sobressaltou, provavelmente porque ele demorara tanto para responder que ela já não esperava que dissesse algo. Incapaz de falar, com o coração desbaratado, apenas murmurou um “hunhum”, concordando com o filho.

Estava imersa em seus próprios pensamentos. Ninguém concebia a tristeza que sentia. Para ela, era mesmo como se Suzane tivesse morrido e isso lhe doía duas vezes mais. Sentia falta de seu sorriso lindo, da forma como seus olhos brilhavam de entusiasmo, de sua voz grave de contralto, de vê-la saltitando feliz.

Por anos a vira murchar como uma flor, morrendo aos poucos. Onde estava aquele otimismo juvenil que a encantava tanto? Tentara de várias maneiras preservar o que a jovem tinha de bom, mas parecia que o universo conspirava contra seus anseios mais nobres. Porém havia um egoísmo por trás deles que nem Marcel podia imaginar.

Suzane era igual a sua melhor amiga Luise, a mulher com que convivera há muitos anos e quem lhe confiara um único desejo, uma missão que não fora capaz de cumprir. Seu filho não podia entender a dor dessa perda, de dever não cumprido, de ter os olhos longe de seu objeto de amor, fidelidade e esperança. Não sabia o que era perder quem se amava tantas e tantas vezes.

E não desejava isso a ele. Jamais! Por isso não fora capaz de lhe confidenciar toda a verdade. Seu filho era um menino brilhante, sempre tão maduro e sensato por trás da aparência de quem não se importava e das piadas inoportunas. Sabia que ele sofria, mas seria ainda pior saber tudo.

Margarida protelava, mas não havia como continuar escondendo a verdade. Se seus cálculos estivessem corretos – contados através dos aniversários de Suzane, impossível errar, portanto –, faltava apenas um ano, provavelmente menos. Fora covarde ao não prepará-los por querer protegê-los. O fato da filha de criação ter saído debaixo de seus olhos a incomodava muito.

Talvez o tempo voasse exatamente por isso. Talvez o perigo finalmente se aproximasse, ignorantes ou não. Então seria capaz de cumprir sua missão de vida? Espiou o distraído filho enquanto terminava a refeição. Ele era forte, suportaria a verdade com certeza. Sentia que já estava esperando por ela, afinal por qual outro motivo também não partira?

Comeram sem trocar mais palavras e Marcel saiu decidido a encarar suas obrigações mesmo contra a vontade. Na calçada, viu os gêmeos agitados na frente da casa vizinha e os cumprimentou. A resposta foi tão seca e desesperada que não resistiu e perguntou o que havia acontecido.

— Parece que algo grave mobilizou especialistas para a sede do IBAMA – respondeu

Leandro. – Vimos Suzane passar correndo há algum tempo.

Marcel mal esperou terminarem de falar e assim que ouviu o nome da irmã já estava em movimento.

A Enseada do Carreiro de Pedra em Fernando de Noronha era mais conhecida como Baía dos Golfinhos. Considerado o maior aquário natural do mundo, foi escolhido para o acasalamento e o descanso dos golfinhos-rotadores. A baía, assim como o arquipélago, fazia parte do PANAMAR – Parque Nacional Marinho – e o acesso pelo mar era proibido e limitado por boias e cordas. Pela terra era impossível devido a um paredão com cerca de sessenta metros de altura. Porém, um mirante natural permitia a observação dos golfinhos em companhia de profissionais do Projeto Golfinho-Rotador e de um binóculo.

O sol mal tocara a terra – era cerca de seis da manhã – quando Suzane Vieira chegou ao local no barco do IBAMA. Partira do porto Santo Antônio com mais duas pessoas da equipe. Percorrera quase todas as praias do mar de dentro até a baía, pouco antes da Ponta da Sapata, no extremo sudoeste da ilha principal. Trinta minutos fora o mais rápido que conseguira.

Robson, o oceanólogo que também era voluntário no projeto, a acordara. O centro de pesquisa mantinha constante vigilância sobre a espécie e naquela manhã o rapaz estava de plantão no mirante. O projeto possuía o apoio do Centro Golfinho-Rotador, do Centro Mamíferos Aquáticos e Ministério do Meio Ambiente.

Entraram na baía com os motores desligados para não espantar os golfinhos. Suzane e dois estagiários jovens e despreparados desembarcaram assim que o barco atracou. Tiveram que nadar alguns metros até a praia estreita onde Robson os aguardava. A emergência que a havia tirado da cama antes do raiar do sol jazia inerte aos pés do oceanólogo.

Suzane reconheceu os sinais assim que o viu. O golfinho-rotador havia sido arrastado pela maré até a praia, junto com os outros que se aproximaram para descansar, preso em uma rede de cerco para pescar atum. Esse tipo de acidente acontecia com frequência já que os atuns mantinham uma correlação de alimentação com os golfinhos.

Quando alcançou Robson, seguida de perto pela equipe – notou que havia algumas pessoas assistindo tudo do mirante –, o golfinho ainda não havia sido removido da água, mas restos da rede que outrora o ferira jaziam ao seu redor. Suzane teve ímpetos de chorar ao se debruçar sobre o animal muito quieto e nem se lembrou de cumprimentar o colega devidamente.

O golfinho tinha o corpo alongado assim como o focinho. Era adulto, media quase dois metros e pesava cerca de setenta quilos. Seu dorso era cinza escuro, flancos cinza claro e ventre branco. Porém havia vários pontos abertos por feridas, barbatanas cortadas – quase decepadas – cauda machucada e focinho sangrando. Lutara bravamente.

— Tudo bem, amiguinho, vamos salvar você – murmurou Suzane para o animal que

estava de olhos fechados enquanto repousava suas mãos sobre seu corpo ferido.

Seus batimentos cardíacos constantes garantiram à veterinária que ainda estava vivo. O orifício respiratório – respiradouro – estava intacto e se abria com um pouco mais de frequência que o necessário, no dorso próximo à cabeça. Suzane se preocupou que tivesse inalado água.

Seria impossível levar um animal daquele tamanho imediatamente até o centro, a distância seria muito para que suportasse. Os primeiros-socorros seriam feitos ali mesmo. Suzane, auxiliada pelos dois estagiários e Robson, deu início ao seu trabalho. Começou estancando as feridas para que o animal não perdesse mais sangue.

— Desculpe te acordar tão cedo, Su – puxou conversa Robson. – Sabia que era a melhor para um caso tão grave.

Sem erguer os olhos, Suzane falou em tom seco.

— Não tem problema.

Estava concentrada em salvar aquele golfinho, mas o colega não queria manter silêncio. Era tagarela demais para suportar ficar quieto mesmo em um momento tão tenso.

— Tinha que acontecer bem no meu plantão – lamentou-se. – Mas estou feliz por você estar aqui. Até consigo ficar aliviado. – Sorriu, mas não obteve nem um olhar da veterinária. – Como de costume, cheguei por volta das cinco e meia da manhã e sentei na cadeira de observação com meu binóculo. Procurei algum sinal longínquo dos primeiros golfinhos e depois me volvei para a costa a fim de conferir a baía. Foi quando o avistei. O sol estava erguendo e não pude ver direito o que era, porém descí imediatamente do mirante para observar de perto.

Suzane continuou imersa em seu trabalho, porém Robson não se intimidou e continuou narrando os pormenores daquele resgate.

— O dia nascia rápido e ao me aproximar pude definir o golfinho envolto na rede de emalhar. Estava muito ferido e muito quieto, porém logo percebi que ainda estava vivo. Liguei o mais rápido que pude para você, depois para o centro a fim de providenciarem o seu transporte com a equipe. – Bufou. – Provavelmente foi arrastado até a praia pela maré e pela tranquilidade dessas águas ele pode ter se ferido à noite. Essa demora me preocupa.

Robson observou o animal com seus olhos castanhos escuros imersos em grande tristeza. Suzane já o conhecia suficiente para imaginar sua expressão somente pelo tom de sua voz e por isso mesmo o achava muitas vezes pedante. Tudo bem que ela era sentimental, mas ver um homem daquele tamanho suspirar daquele jeito a fazia suspeitar de sua masculinidade.

Era um caso que lhe provocaria pranto se não precisasse se concentrar no que fazia como profissional a fim de salvá-lo. Para um homem, Robson era extremamente tagarela expressando sua opinião sobre tudo e todos mesmo quando não era consultado. Suzane realmente achava que ele amava o som da própria voz. Precisava extravasar sua revolta por isso.

— O canalha tirou os peixes e devolveu o golfinho com rede e tudo para o mar – disse.

— Sim e isso piorou o estado de nosso amiguinho já que não podia nadar.

Finalmente Suzane encarou Robson. Por que ele não ficava quieto? Não precisava de aulas sobre captura acidental de golfinhos. Já havia visto o suficiente. Queria apenas espaço e silêncio para que pudesse se concentrar em seu trabalho. Por que ele queria tanto chamar-lhe a atenção? Nem parecia um adulto.

Foi nesse momento que ela notou. Robson tinha o peito coberto por uma camiseta regata justa que marcava seus músculos proeminentes. Os braços negros compridos, grandes e fortes a fizeram divagar por um tema nada conveniente para a ocasião. A bermuda de tacetel clara também delineava seus músculos e revelavam coxas grossas com poucos pelos. *Tão sexy*, pensou.

Mordeu o lábio inferior a fim de travar sua língua ferina e seus pensamentos lascivos. *Acho que minha carência chegou ao extremo*, refletiu. Tudo bem que Robson era um homem atraente – também tinha uma queda, não, um ‘abismo’ por negros –, mas ele era muito complicado. E de complicada bastava ela mesma.

— Foi a mesma conclusão que tive – respondeu contrariando todos os pensamentos que lhe povoavam a mente.

Porém, seu tom firme fez o sorriso estampado no rosto de Robson desaparecer. Enquanto continuava o trabalho não interrompido, Suzane sentia o olhar do colega sobre ela, como se a analisasse. Ficou incomodada, mas preferiu não lhe lançar uma careta de desaprovação. Ignoraria a sensação desagradável.

Era fácil, quando queria, mergulhar em seu mundo imaginário e se desligar da realidade ao redor. Suas mãos, quando trabalhavam com algo familiar e cotidiano, podiam ser guiadas pelo hábito e não precisavam do comando integral de seu cérebro. Suzane se permitiu pensar agora que Robson finalmente se calara.

Em sua mente, a veterinária encontrava justiça para aquela criatura inocente e agonizante sob suas mãos. Quem o ferira e depois o atirara para morrer ganharia sua recompensa: tanta dor quanto a que forjara ao golfinho. Horas frias e solitárias abandonado, engolindo água, sentindo a vida se esvaír de seu corpo e preso por amarras que o feriam quando lutava para se libertar.

Sentia um ódio crescente em seu peito que chegava a lhe causar dor física. Odiava atitudes como aquela, tanto contra animais quanto em humanos, fosse por sua cor, credo ou opção sexual. Era revoltante a forma como algumas pessoas tratavam o semelhante e outros seres vivos. Será que nunca havia sentido dor? Ou queriam vingar a sua no restante do mundo?

Para Suzane nada justificava tal atitude. Era inumana. Porém alimentar aquela revolta e

sede de justiça só lhe fazia mal. Era como se aqueles sentimentos pesados pudessem destruí-la, implodindo seu coração e espalhando seus restos mortais em milhões de pedacinhos por aquela límpida baía.

Contrariando seus pensamentos de morte, à entrada da baía, onde a água invadia o recanto da encosta semicircular, os golfinhos-rotadores chegavam sem timidez, saltando fora d'água e batendo seus corpos na superfície de maneira distinta. Era uma forma de se comunicarem com outros do grupo. E era por causa dessa atividade aérea que ganharam o nome rotador.

Os pesquisadores já conheciam esse comportamento, assim como entendiam porque adotaram aquela baía. Os golfinhos-rotadores viviam em águas oceânicas, nunca adentrando em rios. Também eram raramente vistos em costas continentais. Normalmente buscavam abrigo em enseadas calmas de ilhas oceânicas, como Fernando de Noronha.

Por serem tropicais, buscavam áreas agradáveis nos oceanos Pacífico, Atlântico e Índico podendo percorrer até setecentos quilômetros. Nadavam sempre em grupo sociais ou familiares que variavam entre três e dois mil animais. O grupo familiar era liderado por uma fêmea mais velha. Os machos montavam guarda para protegê-lo.

O cenário ao redor de Suzane era de vida. O azul plácido da grande baía era mais escuro do que das outras praias devido a profundidade de suas águas. Cercada por grande vegetação, era totalmente preservada desde o descobrimento do arquipélago. As pedras eram mais lisas e negras devido à origem vulcânica e formavam um paredão alto e levemente côncavo.

Ergueu por um instante os olhos até o mirante natural e avistou-o coberto por árvores nativas. A grande pedra que servia de ponto de observação da baía estava repleta de pessoas. Porém uma se destacou na multidão que assistia ao resgate do golfinho. Uma pessoa grande e clara demais para passar despercebida.

Suzane manteve o olhar fixo por um tempo enquanto se encaravam firmemente. O que ele estava fazendo ali? Uma suspeita fez seus olhos brilharem novamente como quando tinha pensamentos mórbidos. Aquele sim estava sendo um péssimo dia. E para completar, mais um chato. *Eu não mereço.*

Desviou os olhos novamente para seu paciente. Os curativos cumpriram o papel de estancar o sangue do golfinho. Agora precisavam transportá-lo. O barco do IBAMA era devidamente equipado com um tanque grande o suficiente para transportar mamíferos aquáticos. Apesar de apertado, garantiria água bastante para mantê-lo hidratado.

— Façam exames de sangue para anemia e pneumonia. Alimentem-no por intubação gástrica até que tenha forças para comer alimentos sólidos – dizia Suzane enquanto auxiliava Robson e os estagiários a carregar o animal até o barco. – Provavelmente precisará de

medicamentos contra complicações pulmonares já que deve ter ingerido água. E também exames contra vírus, fungos e bactérias. Ele precisa ficar forte e saudável para voltar ao seu habitat.

Antes de descer do barco, Suzane se debruçou sobre o golfinho naquilo que parecia mais uma caixa cheia de água e o acariciou. Estava muito quieto, mas ela sabia que ainda vivia, apesar de muito fraco. Tinha esperança, por mais grave que fosse seu estado, que seria forte e suportaria o longo período de reabilitação que teria pela frente.

— Força, amiguinho. Você vai sair dessa. Eu te vejo em breve.

O sol estava alto e quente enquanto víamos o barco do IBAMA se afastar lentamente pela vasta enseada. Alguns golfinhos acompanhavam a embarcação, saltitando e emitindo sons típicos. Estariam cientes de que uma criatura da mesma espécie estava lá dentro? Não duvidava. Eram animais inteligentes e mantinham uma relação familiar forte.

A preocupação com aquele ser aquático me deixou de mau humor. Não concordava que estagiários fossem tratá-lo sem a supervisão de um veterinário experiente. Como Robson mesmo havia dito, era um caso muito grave, por isso recorrera a mim. Fiquei surpresa que o IBAMA aceitou meu auxílio sem contestar. Meu amigo deve ter sido bem convincente.

Estava tudo tão calmo. Não havia o som do motor, só as aves nas árvores ao redor e os golfinhos na baía faziam barulho, mas era agradável. Lembrei-me de quando, na minha adolescência, achava aquela ilha chata e parada. Faltava agitação, animação, civilização. Hoje entendia o propósito de mantê-la exatamente como Deus a havia criado.

Afg, minha adolescência fora chata. E pensar nisso fez com que me lembrasse daquele que estava me espionando lá em cima – e que havia me vigiado a vida toda. Será que pretendia me tratar como um objeto frágil para sempre? Esse fora um dos motivos que me fizera sair de casa.

Querida subir e confrontar Marcel. Aquilo tinha que parar definitivamente. Afinal, acabara de fazer vinte e nove anos – que lembrança triste tive naquela hora – e não precisava mais de babá. Teria que dar a volta perigosa através nas pedras para a praia do Sancho, do lado da baía, para pegar a trilha escada acima até o mirante.

Uma mão quente demais – e grande – me segurou pelos ombros quando dei o primeiro passo. Um arrepio involuntário percorreu meu corpo. Eu me virei para Robson, completamente ciente e afetada por sua presença tão próximo, tão provocante, tão... alto e forte. Meu Deus! O que estava acontecendo comigo?

— Aonde você vai? – perguntou com sua voz profunda e rouca.

Souu tão sedutora aos meus ouvidos. Outro arrepio percorreu meu corpo e fiquei contemplando aquela boca carnuda e vermelha, com os dentes muito brancos à mostra, em um sorriso tímido. Era tão apetitosa que podia me imaginar mergulhada nela e aquelas mãos, ferventes

e macias, percorrendo minha pele.

— Suzane? Você está bem?

Preocupada, sua voz era ainda melhor, porém o tom me obrigava a responder depressa. Precisava ser coerente. Afastei meus devaneios pervertidos.

— Sim, estou. Vamos voltar para o mirante?

Talvez se nos aproximássemos de outras pessoas afastasse aqueles estranhos e novos pensamentos. Porém, essa atração que sentia por negros nunca fora saciada e isso ficou martelando na minha cabeça. Como seria? Quente, sem dúvida. E se diante de tanta expectativa me decepcionasse? Achava que com Robson teria grande chance disso acontecer.

Fiquei confusa durante todo o difícil caminho até o topo do paredão. Não ajudava em nada o fato de Robson me tocar com frequência a fim de me auxiliar na escalada de uma ou outra pedra. Um gesto inocente que meu corpo interpretava ao contrário.

O desejo – ou seria a curiosidade? – só fez crescer. Queria correr para a praia deserta mais próxima e desvendar aquele corpo nu. Sua beleza, sua cor de ébano, suas formas, sua força, seu calor. A luxúria aumentou meus batimentos cardíacos. Podia ouvir a carótida pulsar bravamente no meu ouvido.

De repente, meu pé escorregou em um degrau da escada improvisada de madeira. Senti meus dedos arderem ao tentar segurar meu peso. Olhei para baixo, instintivamente, e me arrependi de imediato. Estava na metade do buraco estreito, espremida entre a rocha e a escada. Tive uma vertigem. Minhas vistas escurecerem.

Naquele instante, fui transportada para um cenário escuro e embaçado. Havia medo e era como se estivesse no fundo do mar, tentando buscar a superfície sem sucesso. E aquele cinza nebuloso era tão apavorante. Que horas seriam? O entardecer? Era por isso que precisava tanto emergir? Ou estaria sem provisão de oxigênio?

Fui despertada por Robson. Seu corpo me apertava contra a escada enquanto um braço enlaçava minha cintura apertado. Chamava o meu nome e pela proximidade zero entre nossos corpos, demorei ainda mais do que devia para me recuperar e conseguir lhe responder. Nem tive tempo de pensar na visão que acabara de ter. Cheguei ofegante ao mirante. Tinha um bom condicionamento físico e por isso Robson estranhou minha falta de ar.

— Suzane, você tem certeza de que está bem? – sua preocupação seria comovente se não fosse irritante.

Não, eu não estou bem, pensei. E a culpa é toda sua. Recuperando o fôlego, não ousei externar meus verdadeiros pensamentos. Afinal, que culpa ele tinha de ser gostoso? Não podia crucificá-lo por isso. Antes que conseguisse responder, uma outra voz, mais aguda e firme, aproximou-se por trás.

— O que houve, Suzane?

— Nada que seja da sua conta – consegui balbuciar com a respiração entrecortada.

— O que houve, Robson? – me ignorou Marcel.

Ele tinha esse hábito que me irritava. Segurei o ombro largo de meu colega para impedi-lo de responder. Virei-me com o olhar duro para ‘meu irmão’.

— O que está fazendo aqui? Por acaso veio me espionar? Acho que já sou bem grandinha para me virar sozinha.

Marcel gargalhou. Ele também tinha o costume de agir de forma inusitada, o que também me enraivecia. Estava prestes a perder a cabeça. Simplesmente não me pegou em um bom dia.

— Grande, Suzane? Você cresceu um metro desde que nasceu!

Essa era uma das piadas que me fazia lembrar de minha maldita adolescência e do meu ódio por aquela superproteção de meu irmão de criação.

— Prefiro ser pequena na estatura e ter cérebro.

Aquilo foi infantil, admito, mas precisava revidar na mesma moeda. Como nos velhos tempos. Foi ele quem começou, afinal. Sua risada estacou no mesmo instante.

— Agora me deixe em paz, por favor – disse me afastando e ao vê-los tentando me seguir, concluí. – Vocês dois!

Voltei para a escada a fim de descer até a praia do Sancho. Iria a pé para casa. Seria uma longa caminhada pela encosta recortada, mas precisava me acalmar e ficar sozinha. Meu mau humor batia na luz vermelha de perigo. Como Marcel havia tirado o dia para me irritar, me seguiu.

— Hei, Su, espere. Vim falar com você.

— Mas não quero ouvir.

— Não seja teimosa.

— Estou sendo? Ah, você acha?

A ironia era outra arma. Sempre me ajudava com respostas rápidas e impertinentes.

— A mãe pediu para você aparecer.

Estaquei. Golpe baixo. Marcel sabia que amoleceria se falasse na tia Margarida. Respirei fundo e me virei para encará-lo.

— O que você quer? – perguntei.

— Agora vai me ouvir?

Bufei e fiquei de novo de costas disposta a simplesmente ignorá-lo dessa vez. Nem minha curiosidade, sempre tão aguçada, me faria permanecer ali.

— Espere – reclamou Marcel correndo para me alcançar. – Você é pequena, mas anda rápido. – Lancei-lhe um olhar sinistro. – Desculpe, foi mal. Você anda com um péssimo humor, Su. Parece que sair de casa a deixou mais irritadiça.

Realmente tinha um humor instável, porém sempre fora mais alegre. Só ficava irritada na

TPM, principalmente com ele. Na maior parte do tempo aprendi a ignorar.

— Você que me irrita – retruquei firme. – Parece que não gosta de me ver bem.

— Ao contrário, me importo muito, por isso vim ver como está. Você sumiu.

Ri tristemente.

— Vai dar um de irmão mais velho e controlador agora? Ah, por favor. Já chega toda a tortura que você e tia Margarida me fizeram passar durante a infância e a adolescência. Só conquistei a minha liberdade quando fui para a faculdade. Por vocês, nem isso teria feito. Não se lembra?

Era verdade. Sempre fomos muito íntimos, melhores amigos. Era ele que intercedia por mim quando tia Margarida e sua superproteção se excediam. Quando era injusta com minha mãe de criação também. Sempre fui compreensiva, mas minha fase de rebeldia foi meio cega. Hoje via tudo de forma mais sensata.

Então de onde vinha tanta irritação? Talvez do fato de que Marcel estivesse certo. Porque ele me conhecia mesmo quando tentava esconder a verdade. Por ser tão transparente e sentimental. Por estar tão ausente quando queria estar sempre junto. Quando nossa amizade havia acabado? Sabia exatamente quando e por quê.

— Não sou mais aquela menina ingênua, Marcel – respondi com firmeza seguindo o mesmo tom de desdém. – Deixamos de ser amigos quando percebi o quanto você tentava me controlar.

— Nunca fiz isso.

— Nunca foi mandão?

Estava buscando seus defeitos em meio a tantas qualidades que admirava. Marcel era justo, atencioso com as pessoas próximas – apesar da indiferença que demonstrava com outros, como fizera antes com Robson – e de uma doçura e amabilidade que me comoviam. Sentia muita saudade de seu abraço reconfortante e quase me joguei nele agora.

— Não nego meus defeitos. Tenho vários. Eu a protegia porque me preocupava com você. Ainda me preocupo mesmo ciente de que cresceu. Eu me importo, Su.

Claro que ele não precisava me dizer aquilo. Eu sabia. Sua generosidade me convidava a derrubar a máscara e mostrar aquela menina ingênua e chorona que ainda existia – e berrava – dentro de mim. Só queria um colo. E uma voz que dissesse que estava tudo bem, que ficaria tudo bem. Queria que aquela angústia infundada desaparecesse.

— Tudo bem – disse vencida. – O que quer saber?

— O que tem feito? Por que não vai mais lá em casa? Está chateada com alguma coisa? Posso acompanhá-la?

— Que chuva de perguntas! – reclamei risonha, todo o mau humor sumiu diante de seu

visível interesse.

— *Quero saber tudo. Faz tempo que não conversamos.*

Caminhamos lentamente pela fofa areia da praia. Fiz um resumo sem me abrir muito. Ainda não havia me decidido se queria me aprofundar em um nível de intimidade. As péssimas lembranças do passado me bloquearam. Sabia que podia confiar, mas tinha medo.

Até hoje não entendia do que – ou de quem – Marcel e tia Margarida me protegiam. Ele podia fazer tudo, ir a qualquer lugar sozinho ou acompanhado, participar de atividades escolares, estudo em grupo, frequentar festas e bares. Nunca pude nada. Nem ir à praia sozinha sem meu guarda-costas particular.

Seria por Marcel ser bem mais velho ou por ser homem? Não sabia. Quando me irritava e gritava com ela exigindo que me explicasse essa diferença, ela se calava e me ouvia sem se defender. Minhas emoções borbulhavam e perdia a razão depois de tentar argumentar de diversas formas. Falei muita bobagem e a magoei muito.

Meu irmão me ajudava a voltar a raciocinar e pedir desculpas à nossa mãe, como costumava dizer. Porém também não sabia os verdadeiros motivos de tia Margarida. Dizia que ela era muito preocupada e que também havia controlado boa parte de sua adolescência, mas que não eu vira porque ele nunca fora de retrucar, a menos que tivesse um bom argumento.

Somente na faculdade provara álcool e festas pela primeira vez. Eu me sentia um peixe fora d'água, ultrapassada e boba. Depois que voltei de Recife, a situação ficou insustentável. A relação com tia Margarida se tornou pior, porém com menos rebeldia de minha parte e com Marcel mudara radicalmente.

Descobriria o que era a vida e o que eu queria dela. Simplesmente queria viver meus sonhos. Era pedir muito? Ah, retirando os sonhos como aqueles que pressagiavam tragédias. Não era a pessoa mais fria para receber aquele tipo de dom, Deus não havia percebido isso? O que me fez lembrar do novo flash, da velha visão, que não me abandonava.

Como começar as buscas se nem fazia ideia de onde seria? Belo dom tinha. Sem perceber o que fazia, estendi a mão e apertei de meu irmão. Era quente e sedosa. Pude, então relaxar um pouquinho dos últimos e angustiantes pensamentos. Era disso que precisava o tempo todo.

MERGULHO

MAIO

Suzane Vieira andava sem saber por onde. A escuridão a impedia de enxergar um palmo a sua frente. Água caía do céu, era muita e o som era amedrontador. Suas pernas queriam correr ao encontro de algo, mas o quê? O que elas procuravam que sua mente desconhecia? O que haveria naquele lugar escuro?

O som crescia conforme tentava correr naquele solo instável, pisando em falso e sentindo dores musculares, mas não podia parar, precisava chegar a tempo. Precisava alcançar antes que... o quê? Antes que o quê? Ela não sabia o que nem quem encontraria. Só um impulso a movia a prosseguir.

Nem chegara a questionar como estava ali naquele cenário desconhecido, atendendo a seu instinto. Não importava. Algo estava prestes a acontecer. Precisava impedir. Precisava salvar. Precisava... Era como se uma vida estivesse se perdendo, uma vida muito importante, talvez ligada a ela.

Mesmo que não tivessem nada a ver, só por ter conhecimento de que algo ruim aconteceria, se sentia responsável. A chance de mudar uma tragédia estava em suas mãos e não fugiria à responsabilidade. Se Deus lhe dera esse dom, havia um motivo. Portanto, faria o que estivesse ao seu alcance.

Motivada por esse pensamento ganhou novas forças em sua busca às cegas. Um trovão estremeceu o chão e um relâmpago rasgou o céu por um segundo. Nesse breve instante, Suzane pode ver a enorme queda d'água há alguns metros de distância e no grande e escuro rio uma chama se agitava descontroladamente.

Com um grito que ecoou por aquele vão na rocha, Suzane se ouviu em desespero, de volta às escuras, ciente de que chegara tarde demais. Percebeu uma claridade encobrir seus olhos e feri-los. Seu corpo e roupas úmidos incomodavam. Olhou ao redor piscando até se acostumar com a luz e se deu conta de que estava em seu quarto em Fernando de Noronha.

Fora mais um de seus sonhos reais – ou visões. E aquele cenário específico insistia em perturbá-la, dormindo ou acordada. Quando, com quem e onde aquilo aconteceria? O que significava o fogo na água? O que não estava enxergando naquela cena escura e desconhecida? O que precisava impedir?

Suara muito durante o sonho por isso acordara com a sensação de água pelo corpo. Estava extremamente quente apesar do final de outono. O vento soprava forte na janela, mas a

casa estava abafada. Perdera a hora? Seria meio-dia? Levantou da cama de uma vez e abriu a grande janela. A luz intensa do dia invadiu o quarto e o vento arrepiou seu corpo úmido.

O sol estava baixo no céu, comprovando que nascera há pouco. O vento deixou a temperatura mais amena, porém precisava tirar o suor do corpo e por isso resolveu tomar um banho.

Sua mente ainda estava confusa com o cenário obscuro que teimava em povoar sua mente há meses. Não conseguia compreender a mensagem, como das outras vezes, e isso a preocupava. Porém a repetição lhe garantia que ainda não havia acontecido. Mas por que não lhe era revelado mais detalhes? Pela insistência era muito importante.

Deixou a água cair. Fechou os olhos enquanto o jato jorrava com força sobre sua cabeça e escorria abundante pelas curvas de seu corpo. Era restauradora. Teve o poder de afastar aqueles pensamentos torturadores de sua mente. Sentiu-se limpa antes mesmo de se lavar.

Foi aí que uma ideia se instalou vinda de seu subconsciente. Uma atividade que adorava e que há um tempo negligenciara. Dedicar-se a tantos trabalhos estava aniquilando sua vida pessoal. Nada de lazer, nada de festas, nada de compromissos. Seu trabalho tornara-se sua vida.

Estava na hora de pensar um pouco em si mesma. Deu-se folga e relaxou ainda no chuveiro. Sorriu sentindo a água invadir sua boca entreaberta. Não pretendia negligenciar a natureza, por isso tratou de ser mais rápida no banho. Saiu alguns minutos depois com o destino certo em mente.

Vestiu um biquíni e no quarto ao lado abriu outro guarda-roupa. No móvel havia todo tipo de materiais de mergulho. Suzane pegou um par de nadadeiras, um cilindro de ar comprimido, um cinto de lastro, um regulador de pressão, um colete equilibrador, uma máscara e uma roupa isolante. Também separou lanterna, manômetro e profundímetro. Vestiu-se e partiu.

Sabia que àquela hora da manhã o porto estaria a todo vapor e que alguém poderia lhe dar uma carona até o local onde pretendia mergulhar. Enquanto caminhava, Suzane percebeu que o sol estava escondido pela alta concentração de nuvens e que o vento estava mais forte. Agradeceu por ele. Continuava abafado ainda mais com aquela roupa térmica.

Estava acostumada a carregar o cilindro, porém o calor tornou aquela curta caminhada mais difícil. Tivera o cuidado de escolher o mais carregado, queria realizar mergulho autônomo de até cinquenta metros de profundidade e o melhor lado seria o mar de fora. A visibilidade era boa nessa profundidade para vislumbrar o parque marinho.

Primeiro avistou os barcos e seu trânsito organizado entrando e saindo da baía de Santo Antônio. Depois viu os pescadores, os turistas, os guias, os vendedores, os fiscais e outros que faziam parte da algazarra costumeira do porto. Entre tantos rostos desconhecidos, Suzane ficou

feliz em encontrar amigos. Aproximou-se de um barco de pesca movido a motor.

— Hei, Antônio – chamou. – Pode me dar uma carona?

O vizinho de sua tia paralisou no meio dos preparativos para zarpar quando ouviu o chamado da jovem. Um sorriso tímido modificou seu rosto vincado.

— Pode subir, Suzane. – Virando-se para um tripulante pediu. – Ajude a moça.

— Obrigada – agradeceu passando para o rapaz tudo que carregava antes de aceitar uma mãozinha literal para pular para dentro do barco.

Não era grande, mas as pernas curtas da veterinária não ajudavam muito. Enquanto se acomodava em um canto desocupado com todo seu equipamento de mergulho, Antônio ordenou que removessem a amarra que prendia o barco ao molhe e moveram-se com cuidado para o mar. O pescador foi ao encontro de Suzane.

— Trabalho? – perguntou apontando para os objetos aos seus pés.

— Diversão – explicou sorrindo.

— Não acho que o tempo esteja bom para isso.

Suzane olhou para o céu e, apesar de muitas nuvens, continuava claro e ensolarado. As nuvens estavam brancas e flutuavam calmamente. O vento continuava soprando animado.

— Está vindo chuva – continuou o senhor vendo a veterinária perscrutando o clima.

— Não pretendo demorar – retrucou teimosa. – Deve chover só no final do dia.

Intimidado, Antônio se calou. Entreteve-se com os objetos para a pescaria por um tempo no qual Suzane se sentiu livre. Nada nem ninguém estragaria sua folga. Com um céu limpo como aquele, como o supersticioso acreditava que ela correria algum perigo? Odiava quando a tratavam como uma garotinha indefesa.

Já não era um homem falante, ainda contrariado, ficou taciturno. Evitou Suzane por um bom tempo. Prosseguiu sua rotina como se a veterinária não estivesse embarcada. Foi ela quem quebrou o silêncio quando notou a direção que o barco tomava.

— Antônio, tem como me deixar na Ponta da Sapata antes de pegarem alto mar?

O pescador pareceu surpreso e Suzane ficou em dúvida se foi pelo destino que ela solicitou ou porque se esquecera totalmente de sua presença. A resposta de Antônio foi apenas uma confirmação com a cabeça. A veterinária sabia que o local era propício para mergulhadores experientes. Ela já havia mergulhado lá.

A falésia rochosa acompanhada de mata nativa e não alterada pelo homem foi criando forma e se aproximando conforme o barco avançava. Região íngreme e desabitada, não era própria para banhos, porém muito visitada por mergulhadores. Logo pode avistar a abertura na rocha semelhante, de alguns ângulos, ao mapa do Brasil. Era chamado popularmente de portão.

Suzane ficou de pé e vestiu o cinto e o colete. Enquanto conferia o cilindro e os

equipamentos, Antônio se aproximou.

— Vai mergulhar sem nenhum cabo? – perguntou inseguro.

— Não se preocupe, Antônio, ficarei bem. A falésia é grande o suficiente para servir de referência – sorriu tranquilizando-o.

— Confia demais na visibilidade. Vai chover, menina. A água está agitada pelo vento e provavelmente não está tão transparente. Pode haver correntes fortes.

Suzane pousou a mão no ombro duro e magro do pescador. Continuou sorrindo compreensiva.

— Entendo sua preocupação, mas não precisa, mesmo. Olhe bem para mim – disse apontando para o próprio corpo. – Não é a toa que estou vestida como um soldado armado para a guerra. Cada equipamento desse vai garantir minha sobrevivência. Não estou confiando apenas em minha experiência.

— Ok – rendeu-se suspirando. – Mas tome muito cuidado.

— Tomarei – riu. – Estou pronta.

O barco desacelerou até parar.

Sentei na borda do barco e vesti a máscara. Antônio me encarava desaprovando minha aventura. Apenas acenei em despedida antes que viesse mais sermão. Joguei meu corpo para trás. A água me envolveu gradativamente enquanto submergia. Fechei os olhos por um segundo esquecida da máscara.

Virei-me com a velocidade alterada pela pressão da água e conferi os equipamentos por segurança. Três metros de profundidade. Ainda podia descer muito mais e aproveitar as belezas do parque marinho. Olhei para cima e a estrutura gigante da rocha na ponta da ilha principal era inconfundível apesar do desfoque do mar.

A água não me permitiu ouvir o motor do barco se afastando, porém a momentânea agitação me chamou atenção para a saída de minha carona. A volta seria longa, sabia. Talvez surgisse outra alma caridosa para me levar de volta ao porto. Por enquanto ainda possuía uma boa dose de gases para permanecer no mundo aquático.

Ali me sentia em casa. Bem que podia ser uma sereia, então não haveria limitação de profundidade para mim. Não era uma hora apropriada para pensar em seres mitológicos, porém a ideia foi tão natural quanto o cenário marinho a minha volta. Sob a água do mar havia um mundo diferente, colorido e cheio de vida.

Caracterizada por águas de alta transparência e salinidade baixa, as águas oceânicas do arquipélago possuíam baixa concentração de sedimentos, matéria orgânica, nutrientes e plâncton. A temperatura não era muito baixa, mas conforme descia e o sol ficava mais distante, caía.

Cardumes de atum, cângulo-preto, rêmora, assim como algas, recifes calcários e até uma

tartaruga e um golfinho passaram pela proximidade. Enquanto observava esses animais fui pega de surpresa pela aproximação de uma raia prego, porém ela passou direto sem me tocar. Logo pude avistar animais mais comuns em maiores profundidades, como polvos e esponjas.

Seria fácil ficar ali. A vida marinha era tão silenciosa e calma. Não havia problemas familiares nem emergências no trabalho. Só havia a beleza, a tranquilidade, a existência despreocupada e constante. Não havia empecilhos nem proibições ou opiniões. Eu era apenas mais um ser que nadava.

Esqueci de minha humanidade e deixei o peixe que havia dentro de mim aflorar. A água era tão clara e a densidade era tamanha que quase podia suportar meu peso. Nadei imitando os animais que encontrava. Para uma direção, depois para outra. Para baixo e para cima. Deixei minha mente vagar por momentos guardados com carinho. Foi aí que notei a ausência de meu ponto de referência. Onde estava a rocha?

Conferi imediatamente meu equipamento sentindo meu coração disparar. Precisava ter calma, consumir ainda mais oxigênio podia significar minha vida. Apesar de ainda poder emergir a qualquer momento. Estava há quarenta e cinco metros de profundidade e precisava realizar uma descompressão o mais depressa possível. Precisava da falésia.

Um som grave vindo da superfície fez a água estremecer. Espantei-me com a altura, apesar de ter mais sentido do que ouvido. Podia jurar que era um trovão. Virei para outro lado e nada podia ver ali. Estava escuro e provavelmente, o instinto me falava, a chuva chegava exatamente no lugar para onde deveria ir.

O risco havia submersa ou não, então melhor que não tivesse problemas com a descompressão. Seria bem pior. Os níveis de nitrogênio estavam elevados em meu organismo. Precisava descomprimir. Nadei contra a corrente que me levava na direção oposta, provavelmente para alto mar.

O esforço foi grande e muito mais lento do que deveria. Antes que pudesse alcançar a superfície, meu corpo amoleceu e minha mente não teve forças para me manter no mesmo ritmo. A confusão se instaurou e não sabia mais o que devia fazer. Senti muito sono e não pude evitar o desmaio.

Estava no passado, em um parque não muito longe de casa que Marcel costumava me levar para que pudesse me divertir. Ele já transitava pelo início da adolescência enquanto continuava uma moleca. Balançava, corria, escorregava, gangorrava e meu irmãozão aplaudia minhas proezas e me enchia de orgulho dos meus pequenos feitos.

— Continue, Su – sua voz gentil me incentivava. – Isso mesmo, garota.

Depois de alguns minutos que me distraí, busquei por meu irmão em toda a parte para que visse o novo brinquedo no qual ia me aventurar, mas onde estava ele?

— Marcel! Marcel!

Chamei, chamei e não obtive resposta. Estava em pânico, com vontade de chorar, quando o vi conversando com uma garota da mesma idade que ele.

— Ah! – exclamei revoltada. – Te achei! Por que não está olhando para mim?

Com raiva, peguei a primeira pedra que encontrei – nem reparei o quão grande ela era – e a atirei em sua direção, acertando em cheio sua cabeça. Minha boa mira rendeu um sangramento assustador que fez meu irmão gritar. Eu me aproximei rindo, feliz da vida por ter conseguido, mesmo sem querer, atingi-lo.

— Benfeito, benfeito – pulava de alegria ao me aproximar.

Mas, quando vi a quantidade de sangue que jorrava do ferimento, comecei a chorar desesperada, acompanhando os gemidos de dor de meu irmão.

— Não quero que você morra – choramingava em meio às lágrimas.

Tia Margarida foi chamada, os pais dos coleguinhas tentaram estancar o sangue e, por fim, fomos todos para o hospital de carona. Na emergência, Marcel levou sete pontos.

Naquele dia descobri o que era o ciúme.

Acordei ao mesmo tempo em que o jato de água saía de minha boca e pulmões fazendo minha garganta arder. Havia me afogado, reconheci imediatamente, e a desorientação me fez lembrar dos gases do cilindro de ar comprimido. Provavelmente estava com a doença da descompressão. Merda!

Ainda estava na água? Mal conseguia abrir os olhos, estava tudo embaçado e escuro, mas não havia mais máscara. Estava frio, muito frio e era como se facas afiadas me fêrissem constantemente. Havia morrido? Ah, tia Margarida e Marcel iam apontar o dedo para mim e dizer: agora você entende por que a protegíamos tanto?

Era uma paspalha mesmo. Culpa do Antônio que ficou chamando o mau agouro. Estava indo tudo muito bem. Tinha a situação sob controle até aquele maldito trovão. Espera aí. Trovão? Estava apenas chovendo, percebi. Sob as palmas da minha mão reconheci a pedra áspera e molhada da falésia.

— Ufa! – suspirei aliviada em voz alta. – Não morri.

— Não, mas devia te matar!

Virei-me de imediato para a esquerda, de onde a voz vinha. Eu a havia reconhecido, mas não pude acreditar em meus ouvidos. Precisava confirmar com meus olhos. Contrastando com o cenário cinza chumbo acima, o rosto claro e os cabelos loiros eram brilhantes como o sol. Meu sol. Estava ficando até mais quente ali. Acho que era consequência dos gases.

— O que você pensava que estava fazendo, Suzane, mergulhando sozinha sem nenhum suporte? – bravo, exclamou Marcel. – Você enlouqueceu?

Pronto, de volta ao mundo real. Obrigada pela recepção amistosa. Com raiva nem respondi e tentei me levantar. Uma tontura me fez parar no meio da tentativa. Droga, ainda não poderia me livrar daquele sermão.

— *Fique bem quietinha aí – disse pressionando as mãos grandes e pesadas sobre meus ombros me forçando a deitar. – Se não tivesse te encontrado, você estaria morta agora. Então você pode esperar mais um pouco para se levantar, por favor?*

— *Agora resolveu ser gentil? Acha que não sei que o Antônio foi correndo te contar o que eu estava fazendo? – retruquei mal-humorada me sentando.*

— *Antônio? – perguntou enquanto me ajudava a me apoiar em uma rocha. – O que ele tem a ver com isso?*

Ih, falei demais. Tremia de frio e queria um lugar seco. Na falésia não tinha muitos lugares cobertos, porém mais para dentro havia vegetação fechada. Não vi em parte alguma mais ninguém. Como ele havia chegado ali?

— *Como me encontrou? – perguntei bruscamente o encarando de novo.*

Ele riu aquele riso espontâneo e infantil que me levava de volta a outra época.

— *Sempre te encontro, esqueceu?*

Como poderia? Quantas vezes na infância e na adolescência tentei fugir de casa ou pelo menos fazer as coisas sozinhas sem um guarda-costas a tira-colo e nunca consegui? Quantas vezes Marcel me encontrou antes mesmo de chegar ao destino que pretendia alcançar?

— *Como? – perguntei de forma inocente tentando encontrar uma resposta antiga. – Como sempre consegui essa façanha?*

Marcel deu de ombros antes de me responder.

— *Não sei. Talvez seja por causa da ligação forte que temos.*

Aquela sensação absurda me tomou novamente e sabia que precisava fugir, escapar daquela rede sedutora, retomar a razão com urgência. Ela não era certa, porém meu irmão de criação não ajudava muito com aquele papo meloso. Não ajudava em nada, principalmente, aquela mão quente que teimava em tocar algum ponto de minha pele. Era tão errado.

Por que não podia ser certo? Por que não tinha direito à felicidade? Afastei o pensamento rápido antes que a dor viesse de novo. Aquela dor aguda e insuportável que me fazia duvidar de que seria capaz de continuar vivendo e que me tentaria a buscar refúgio de volta no mar. Tentei me erguer devagar, buscando o equilíbrio.

— *Acho que tem mais a ver com a sua bisbilhotice. Dá para deixar que eu viver a minha vida em paz?*

— *Ok, por nada, madame ‘eu sei me cuidar sozinha’. – Também se levantou, mas não seguia meus passos cambaleantes. – Só me responde uma coisa: como pretende ir embora?*

Como ele podia ser tão doce e ao mesmo tempo tão irritante? Por que ainda conseguia gostar dele? Tudo bem, ele havia salvado minha vida e estava sendo ingrata. Por que ele não podia entender meus sentimentos? Estavam tão escondidos assim? Droga, que continuassem lá! Mas bem que ele podia entender. Queria ardentemente que ele pudesse compreender.

— *Como você veio? – perguntei me voltando para ele ignorando a confusão em minha mente.*

— *De jipe – respondeu sorridente andando ao meu encontro.*

Passou os braços por minha cintura e pernas me erguendo em seus braços com naturalidade. Ia protestar, mas me deixei estar. Ele estava tão quente, tão acolhedor que podia mergulhar em seus músculos e me afogar em seu perfume. Observei seu perfil másculo e firme com um quê travesso tão peculiar que me fez sorrir.

— *Marcel – chamei e ele virou os olhos quentes e claros para mim que cintilaram em um segundo de expectativa –, obrigada. – Apenas sorriu de volta e me senti segura.*

Como acontecia tantas vezes nos últimos meses, Marcel precisava saber se Suzane estava bem e por isso usava de espionagem para conseguir satisfazer esse desejo tão básico e tão certo, mas que a irmã não aprovava mais – apesar de que Su nunca aprovara, mas hoje em dia era muito pior. Tinha um instinto de que ela fugira dele também ao sair de casa.

Procurou por ela em seus lugares de hábito e se espantou quando não a encontrou em nenhum deles. Quando um trovão agitou o céu, um pressentimento ruim o sobressaltou. Com a mente focada em encontrá-la, vagou pela ilha o que pareceu uma eternidade. A chuva começou a cair pouco tempo depois o deixando ainda mais desesperado.

Uma sensação estranha o incomodava. Fazia um tempo que não a sentia. Aconteceu algumas vezes quando teve que encontrar Suzane depois de uma fuga ou briga. Era como um instinto que lhe dizia que caminho seguir para encontrá-la. Como já havia dado certo antes, deu ouvidos a ela novamente confiante de que chegaria até a irmã.

Espantou-se quando se afastou mais e mais de áreas habitadas. Pensou que ela pudesse estar na baía dos Golfinhos ou na praia do Leão pela distância que estava tomando da Vila dos Remédios, mas se surpreendeu quando aquele mesmo guia interno o fez passar direto pelos caminhos que o levariam até esses dois destinos.

Entrou em choque quando avistou a falésia gigante na Ponta da Sapata. Era para lá que precisava ir. Então soube o que ela estava fazendo. A chuva forte dificultava sua visão enquanto avançava o máximo que podia pela trilha antes de ter que deixar o jipe. Caminhar embaixo daquela chuva não era atrativo.

Ao final da trilha, abandonou o carro e correu pelas pedras escorregadias procurando

avistar Suzane. A água normalmente calma daquele lado do mar estava agitada por correntes marítimas devido à tempestade e Marcel tremeu de medo, vasculhando a extensão que seus olhos podiam ver a procura de sua irmã.

Foi um alvoroço de bolhas que lhe chamou a atenção em um ponto da água e sem pensar duas vezes, se jogou no mar. Em poucas braçadas, fortes e rápidas a favor da corrente, encontrou o corpo desmaiado de Suzane. Emergiu para retirá-la de debaixo da água e lutou contra a correnteza de volta para a falésia.

Colocou-a sobre a pedra primeiro e depois saltou para fora d'água. Retirou seu equipamento de mergulho e iniciou o trabalho de primeiro socorro para tirar a água de seus pulmões e fazê-la voltar a respirar. Ela era tão pequena, tão frágil, por que teimava em ser imprudente? Mais do que nunca ela precisava dele.

— Vamos, Su, respire! – ordenava a cada compressão em seu peito.

Foram minutos angustiantes, porém, ao final de uma respiração boca a boca, a água que estava em seu peito saiu e Suzane começou a tossir, abrindo os olhos ao mesmo tempo. *Obrigado, Senhor*, rezou o rapaz sorrindo e se afastando para que ela se recuperasse primeiro antes de vê-lo.

A discussão que se seguiu foi previsível e prazerosa para Marcel. Significava que Suzane estava bem. E cada palavra e reação irritada dela o fez sorrir internamente. Só não esperava ver a intensidade de sua gratidão enquanto a carregava até o jipe. Seus passos quiseram vacilar e um tipo de sensação que não compreendia e, há um tempo o incomodava, voltou a palpitar.

Qual a maneira mais fácil de fugir daquilo que não entendia e por isso mesmo temia? Conversando amenidades. E foi o que fez. Caçou de Suzane enquanto aquela sensação apenas ficava abafada.

— Por nada, senhora ‘não preciso de ninguém’ – e riu maroto.

— Impressão minha ou tirou o dia para desfazer todos os meus estereótipos? – respondeu Su também sorrindo entrando no clima descontraído por alguma razão que ele ficou curioso em conhecer.

Mas guardou sua curiosidade para si mesmo enquanto a repousava sobre o banco do passageiro e a ajudava com o cinto de segurança.

— Acho que posso fazer isso sozinha – ficou de repente séria e incomodada.

Preferiu não forçar a barra e a deixou com o dispositivo. Deu a volta no carro e se sentou ao lado da moça séria e compenetrada. Tentou brincar durante o caminho, porém Suzane não se soltou mais e acabaram em silêncio. A tensão e o *frisson* da eletricidade circulando no carro de um corpo para outro, um vai e vem irritante que pairou entre eles durante todo o trajeto.

Marcel pensou no que estava perdendo, o que aquele instinto estranho queria lhe dizer,

porque havia algo gritando agora, mas não conseguia entender. Um misto de dor e alívio o inundava enquanto espiava a pequena mulher ao seu lado, a roupa de mergulho colada no corpo esbelto e firme, os cabelos úmidos e curtos bagunçados.

Aquele instinto de proteção de pegá-la em seus braços e mantê-la segura palpitava em todo seu corpo. Não lhe fazia bem ficar longe dela. Sentia-se meio louco quando ela não estava diante de seus olhos. O que isso significava? Provavelmente se acostumara a protegê-la e esse sentimento estava tão enraizado que não se sentia completo sem ele.

Ainda estava pensando nisso quando parou em frente de casa e se virou para Suzane a fim de ajudá-la a sair do jipe. Surpreendeu-se ao vê-la carrancuda, todo o bom humor se fora para sempre. O que ele havia feito de errado?

— O que foi? – perguntou ele.

— O que viemos fazer aqui? – vociferou a jovem. – Achei que estivesse me levando para casa!

Demorou um segundo para entender o que ela estava querendo dizer, porque para ele ali era sua casa. *Ah, mas não era mais dela.* Isso o deixava triste. Nem pensara qual caminho devia tomar, sua cabeça estivera longe durante o percurso, só agora estava ciente de que agira de maneira natural e automática.

Não tiveram tempo para qualquer ação, Antônio saiu da casa vizinha e se aproximou com dona Regina, preocupado.

— Você está péssima, menina. O que eu te disse? – acusou o pescador.

Aquilo constrangeu e muito a moça repreendida e Marcel tentou descer do carro para tirá-la de lá, mas ela suplicou com um olhar para que arrancasse. Sem saber o que fazer, o rapaz vacilou tempo suficiente para que Margarida percebesse o alvoroço e saísse curiosa de casa. Pronto, a carranca de Suzane aumentou e muito enquanto cruzava os braços sobre o peito, despeitada.

Os jovens não precisavam explicar. Os vizinhos contaram sua versão da história deixando Margarida desesperada. A mulher não precisou de ajuda para arrancar Suzane do carro e vasculhar cada centímetro de seu corpo em busca de ferimentos que não existiam. Enquanto a arrastava para dentro de casa, a moça encarou o irmão cinicamente, balbuciando inaudivelmente.

— Obrigada, Marcel!

JUNHO

Tia Margarida já havia ligado algumas vezes, mas Suzane se recusava a atender. Encolhida no canto do sofá, agarrava às próprias pernas engolindo os soluços que a sufocavam. Estava cansada daquela casa, de viver sozinha, do silêncio, mas temia ceder se atendesse àquela ligação. Temia fraquejar e voltar atrás.

Não confiava em si mesma. Ouvir a voz da tia, seu carinho e atenção e até um inocente convite para almoçar lá poderia ser demais para seus nervos. Pela insistência, Suzane sabia que Margarida já estava preocupada e que talvez não demorasse muito para aparecer sem avisar. Desde o dia vergonhoso de seu mergulho na Ponta da Sapata não os via.

Contara os dias. Trinta se passaram desde então e aquela contagem só a fizera se sentir pior. Estava errada em desaparecer, em não atender ao telefone, em amar quem não devia, em insistir naquela solidão forçada. O mundo estava errado. Sentia que poderia enlouquecer a qualquer momento enquanto as lágrimas escorriam abundantes.

Nesse tempo, o trabalho não conseguira distraí-la. Suas telas permaneceram intocadas. Comida era pouca e rara. Não sentia vontade de nada. Não queria ser arrancada de seu sofrimento. Continuar se torturando era uma forma de punição. Estava errada e precisava arcar com as consequências de suas escolhas.

O telefone continuava tocando. Apertou os ouvidos tentando abafar o som. Nem se dava mais ao trabalho de conferir a bina. Muitos já haviam ligado. Robson, Guilherme, Priscila, Talita, Marcel e Margarida. Não importava. Logo eles cansariam e não se preocupariam mais. Então ficaria livre para curtir sua solidão.

As lembranças de sua infância retornaram com força em flashes insistentes e que só pioravam seu estado. Fora a época mais infeliz de sua vida. Não tinha pai e sentia falta dessa representação, porém tinha um irmão mais velho insuportavelmente protetor. Também não conhecia sua verdadeira mãe, mas tia Margarida valia por duas pelo cuidado extremo com ela.

Não fora uma criança levada, mas desde muito cedo a tristeza a acompanhava e a mantinha por vezes quieta e isolada. Sempre fora muito perceptiva e quase tudo lhe afetava diretamente. Por que não tinha pai? Por que não podia brincar na praia como as outras crianças? Por que tia Margarida se recusava a falar de sua verdadeira mãe? Eram tantos por quês!

Outros acontecimentos mexiam com ela. Por que existiam tantas crianças que passavam fome? Que eram abandonadas? Que não tinham roupas novas para vestir? Que não tinham

dinheiro para comprar os materiais escolares ou brinquedos? Por que crianças morriam? Será isso que acontecera com seus verdadeiros pais?

Foi depois de encarar tantos fatos ruins que começou a mergulhar em um mundo imaginário que era bonito e ensolarado. As pessoas sempre sorriam e se tratavam com carinho. Todos eram belos e tinham vidas semelhantes, ninguém era melhor ou tinha mais que o outro. Ali crianças não morriam nem seus genitores.

Em seus sonhos, conversava com os pais. Cada dia tinham uma aparência diferente, parecido com um ou outro adulto que admirava. No entanto, eram sempre belos e demonstravam constantemente seu amor por ela. Tia Margarida e Marcel, por mais que não aceitasse sua superproteção, sempre estavam em seus lindos pensamentos porque também os amava.

Fora em uma manhã na qual acordara muito cedo que descobrira um segredo da tia. Levantara ainda sonolenta procurando alguém desperto pela casa. Ao passar pelo quarto de Margarida a viu segurando uma caixa nas mãos com vários objetos que não conseguiu identificar. Ficou escondida até descobrir onde ela escondia já que nunca soube de sua existência antes.

Na primeira oportunidade assim que a tia e o irmão a deixaram sozinha, a pegara e pudera desvendar esse mistério. Uma caixa de sapato comum com lembranças de um passado antigo e não esquecido, porém nunca comentado. Como a criança curiosa que já era, tinha que conhecer aqueles segredos.

Aquela lembrança, despertada de repente, fez com que fosse procurar da tal caixa. Desde a mudança não a via, mas sabia que a havia trazido consigo escondido de tia Margarida. Foi até o guarda-roupa em seu quarto e a encontrou no fundo do maleiro muito bem camuflada.

Ao abri-la, a memória daquele primeiro encontro surgiu com mais força. A Suzane criança precisou de uma escada para alcançar o esconderijo da tia. Depois de muita dificuldade – que contornou com a ajuda de outros objetos –, conseguiu a façanha de pegar a caixa. Nela havia duas cartas com letras diferentes, flores secas e uma pedra.

A primeira carta era de um homem que assinou como Adriano. Pelo conteúdo romântico, Suzane deduzira que se tratava do pai de Marcel. Não encontrou mais nenhuma pista sobre seu paradeiro. Era apenas uma declaração de amor eterno, nada além. Dobrou-a novamente e depositou-a de volta na caixa.

Desdobrou a próxima folha de papel.

Quase entrou em choque. Falava sobre amizade, mas o que a paralisou foi a assinatura. Luise. Sua mãe. Perdera as contas de quantas vezes releu aquela carta cheia de carinho, em tom de despedida e com um único pedido: cuide dos meus filhos. Filhos? Suzane tinha irmãos? Onde eles estavam? Onde?

Não tivera coragem de tocar no assunto com a tia, por mais que estivesse se correndo de curiosidade. Fizera uma cópia de cada palavra da carta da mãe que acabara decorando de tanto reler. Mas ainda faltava um objeto e esse tivera que pegar sem deixar substituto. Tia Margarida nunca percebera sua ausência ou sempre soube com quem estava. Suzane não sabia dizer.

A pedra era única demais para encontrar outra no arquipélago. Acostumada a ver rochas de origem vulcânica, ou seja, negras e disformes, ficara encantada com a delicada e transparente pedra que estava na caixa. Só podia ser de outro lugar, talvez de sua terra natal. Foi em uma pesquisa na biblioteca que descobrira seu nome: pedra-da-lua.

Por incrível que parecesse, seu brilho era sedoso e translúcido. De um branco incolor era a melhor definição de sua cor. Estava na forma encontrada na natureza, pura e singela. Em sua pesquisa descobrira que era um cristal de quartzo ligado ao amor, ao controle das emoções e à intuição. Espantara-se com as palavras adivinhação e clarividência que apareceram nos textos.

Agora, vinte anos depois daquela descoberta, Suzane se dava conta de duas coisas. Primeiro que, a partir daquele dia começara a ter sonhos estranhos, visões de acontecimentos trágicos que não conseguia impedir ou reconhecer com nitidez a tempo de fazer alguma coisa. E segundo, fora depois de encontrá-la que começara a escrever poemas e pintar.

Talvez não tivesse nada que ver com a pedra, mas talvez sim. O que importava mesmo era que, em contato com ela agora, Suzane parou de chorar e nem percebeu. Suas emoções se acalmaram e ganharam a proporção correta, sem exageros. Ainda estava triste e sozinha, mas isso não lhe causava um sofrimento de morte como antes.

Sua mente, com enorme clareza, passou a olhar para aqueles sentimentos como desnecessários e contornáveis. Bastava atender aos telefonemas ou retornar-lhes. Bastava passar o dia ao lado de sua família e à noite sair com seus amigos. Bastava se destrancar para a vida.

Sentiu até desejo de reler as antigas e sombrias palavras de sua mãe na cópia e com um sorriso nos lábios se deu conta de que aquelas linhas sempre estiveram em seu coração, acompanhando seus passos e suas decisões. Não se esquecera nem de uma vírgula. Sua mãe fora uma mulher amável e preocupada com seus filhos, constatou emocionada.

Estaria na hora de conversar com Margarida sobre aqueles objetos? Provavelmente sim. Só não entendia porque a tia nunca tomara a iniciativa. Teria que fazer novamente a mesma pergunta que fizera em toda sua infância e adolescência? Teria que colocá-la contra a parede para saber a verdade sobre seus pais e seu passado?

Ficaria muito arrasada se soubesse que Suzane havia mexido em seus segredos? Outra dúvida surgiu. Até onde Marcel saberia? Estaria no escuro tanto quanto ela ou seria a única? Ao contrário do que deveria, aquele pensamento não a perturbou. Levantou-se, tomou um banho

rápido, se arrumou e enquanto ligava para a tia, saía de casa.

O dia fora muito bom e agradável ao lado de tia Margarida e Marcel. Em família, como outro qualquer. Apesar da preocupação e da desconfiança quanto ao meu insistente 'estou bem, tia, é sério', minha mãe de criação fez tudo para me agradar, desde minha comida preferida até café enquanto estávamos no sofá. Adorei cada minuto.

Marcel fora o irmão e amigo de sempre e quebrou o clima de cara com seu bom humor. Amava esse lado dele tão gentil e doce, falando baixo e me chamando sempre de Su. Gostava tanto do apelido, achava o som parecido com um sussurro carinhoso. Su. Seu rosto de menino permaneceu iluminado com um sorriso espontâneo que lhe era tão natural.

— Você se lembra como a Suzane se lambuzava com suco de groselha? — começou ele já gargalhando com a lembrança como quando éramos crianças. — Voltava do colégio sempre com os lábios manchados. No início a mãe pensava que ela estava sangrando.

E uma nova onda de seu riso espontâneo encheu a sala em companhia de Margarida. Achei graça, mas fingi que estava indignada e totalmente disposta a contra-atacar.

— Pelo menos não saía pela rua com maionese e catchup na cara. Lembra, tia, Marcel nem conseguia esconder que comera cachorro-quente escondido. — Foi minha vez de gargalhar.

O clima ficou tão brincalhão que comecei a esperar pela guerra de comida na mesa. Como podíamos ser tão bobos?

— E a vez que você tentou pular o muro, mas devido a sua grande altura — sua ironia estava presa nos olhos —, não deu conta e ralou os dois joelhos. Como sempre, teimosa. — A gargalhada agitou todo seu corpanzil.

Prendi o riso e tentei segurar uma carranca, acredito que totalmente sem sucesso, ainda assim, fingi estar brava com ele.

— E aquela vez que você subiu em uma árvore para roubar fruta no vizinho — Margarida tentou conter o sorriso nesse ponto, porém foi falha — e se engalfinhou com o arame farpado. Perdemos as contas de quantos pontos você tomou.

Ria tanto que minha barriga doía. As cicatrizes de Marcel eram quase transparentes em sua pele muito clara. Duvidava que ele mesmo pudesse encontrá-las hoje.

— Tudo bem, crianças — interrompeu tia Margarida —, estão empatados por enquanto. Agora a que vou contar remete a vocês dois.

Nós dois chamos fingindo temer o que ela diria, mas ainda assim continuou nenhum pouco intimidada.

— Teve uma vez que cheguei em casa e encontrei os dois chorando abraçados um no outro e Marcel conseguiu contar que havia perdido a paciência com você, Suzane, e havia lhe batido, porém, se arrependera em seguida e como não conseguiu acalmá-la, tratou de chorar

junto. Juro que tive que me segurar para não rir de vocês naquela hora.

Rimos e continuamos brincamos na sala até percebermos que tia Margarida cochilava sentada. Coitada, estava acostumada a acordar muito cedo e já estava tarde. Para não perturbá-la mais, me despedi prometendo voltar no dia seguinte e Marcel se ofereceu para me acompanhar até em casa. Justificou o gesto dizendo que estava sem sono.

Caminhamos com tranquilidade pelo curto caminho que separava as nossas casas na vila. Meu irmão nem fizera menção de pegar o jipe, o que achei muito bom. No arquipélago, carros eram limitados e, na verdade, pouco necessários. Úteis apenas para percorrer os extremos da ilha principal, porém havia meios menos poluentes como barcos e ônibus urbano.

Depois de um tempo em silêncio, no qual avistamos minha moradia, resolvi falar de um assunto menos leve. Estava na hora de saber algumas verdades, já que o clima ameno na casa da tia não dera oportunidade de tocar no assunto que estava pulando em minha mente de cinco em cinco minutos.

— Marcel, o que você sabe sobre seu pai? — perguntei suavemente.

O rapaz pareceu um pouco perturbado e chocado com minha repentina pergunta e por isso demorou mais do que precisava para me responder. Permaneci silenciosa, segurando a ansiedade e quase certa de que não receberia uma resposta, muito menos satisfatória. Suspirei arrependida por tocar no assunto se estivesse fazendo-o sofrer.

— Muito pouco — disse com a voz baixa —, mas por que isso agora? — E brincalhão acrescentou. — O que está passando aí nessa cabecinha?

Conhecia aquele tom. Ele estava tentando desviar a própria tensão jogando a atenção de volta para mim. Sabia que aquele assunto o perturbava, mas estávamos no mesmo barco. Por que relutar em compartilhar comigo? Aquela espontânea alegria era o que mais admirava nele, mas não queria que se escondesse atrás dela. Eu era tão transparente. Isso era injusto!

Fui direta apesar de suspeitar que me repreenderia pela façanha. Conteí toda a história da caixa. Não omiti nenhum detalhe. Ele ouviu tudo sem interromper. Chegamos à varanda da minha casa e se sentou na cadeira de frente à lua cheia que formava um rastro de luz no mar adiante.

— Posso ver? — perguntou pensativo.

Balancei a cabeça mordendo o lábio inferior. O que estava fazendo? Perturbando meu querido irmão de criação com minhas dúvidas? Além da caixa, peguei duas taças e uma garrafa de vinho tinto. Seria uma noite de revelações e sentimentalismo e chorar com ele seria bom. Quem sabe o álcool o ajudasse a se libertar?

Quando me viu de volta, um sorriso maroto mudou repentinamente sua feição.

— Pretende me embriagar para arrancar meus segredos?

Pus a caixa sobre seu colo e enquanto enchia as taças, fingi espanto.

— *Você esconde algo de mim? Não acredito! Pensei que fôssemos amigos.*

Ele riu largamente enquanto pegava a taça cheia que lhe oferecia. Antes de abrir a caixa, tomou um bom gole do vinho. Sorri enquanto me sentava e bicava minha taça sentindo o líquido invadir meu corpo e esquentá-lo. Marcel entrara rápido no clima. Gostava disso nele.

Silencioso, tirou e avaliou cada objeto da caixa com calma e cuidado. Demorou mais tempo na carta do tal Adriano provavelmente com a mesma suspeita que eu. Seria a primeira vez que tinha um contato direto com o pai? Não, pensei. Era mais velho e provavelmente o havia conhecido, talvez tivesse até lembranças dele.

Começava a ficar nervosa com seu silêncio e por isso acabei com minha taça muito rápido enquanto a de Marcel permaneceu esquecida e abandonada em um canto. Estava tão envolvido com os objetos do passado que não tive coragem de interrompê-lo para satisfazer minha ansiedade. Reabasteci-me de vinho.

— *Minha mãe me mostrou essa carta há muito tempo – sussurrou depois de um suspiro. – Quando contou que não éramos irmãos de verdade. Quis ver para conferir se era a mesma.*

— *Você se lembra dele?*

— *Muito pouco. O que me marcou mais foi o seu sorriso enquanto fazia aviãozinho comigo. Ele me amava muito. Eu o fazia feliz.*

Engoli em seco emocionada, mas tentei manter o foco.

— *Sabe o que aconteceu com ele?*

Balançou negativamente a cabeça antes de tomar outro gole generoso.

— *Não, ela não contou. Acredito que meu pai e sua mãe foram as pessoas mais importante de sua vida. Ela não consegue falar sobre eles.*

Terminei a segunda taça de vinho antes de colocar minhas ideias no lugar. Aquilo fora uma péssima tentativa de saber mais. Meu irmão de criação estava tão no escuro quanto eu. Porém, ele havia tido acesso ao conteúdo daquela caixa honestamente, diferente de mim. Engoli a raiva. Lá estava de novo a diferença com que Margarida nos tratava.

Talvez fosse pelo fato de Marcel ser seu filho legítimo e eu apenas uma responsabilidade que lhe pesava na consciência, uma promessa antiga feita a uma amiga morta. Aquilo não souu agradável nem a mim mesma. Mais uma taça de vinho cairia bem. Não podia ficar muito alta, senão começaria a falar demais.

— *E essa pedra? – perguntou Marcel me trazendo de volta ao mundo real. – Não existe menção dela nas cartas. O que significa?*

— *Também não sei, mas não resisti e peguei. Acho que não é tão importante já que sua mãe nunca sentiu falta dela. – Dei de ombros.*

Olhou para a pedra-da-lua por muito tempo, girando-a entre os dedos, procurando

alguma coisa que eu nem imaginava. Sorria feito boba olhando os reflexos que o satélite natural emitia através do cristal de quartzo enquanto ele a movia. Eram coloridos e de uma beleza única.

— Ela parece com você – disse de repente ainda olhando para a gema.

Levei um susto e o encarei. Do que estava falando? Ele riu quando viu minha expressão.

— É transparente, bonita e ... e ...

— E o quê? – perguntei rindo alto com sua indecisão.

— E muito branca! – foi a vez dele gargalhar.

Soltei minha mão com o máximo de peso que consegui sobre seu braço forte apesar de ter certeza de que nem faria cócegas.

— Olha quem fala! – exclamei fingindo raiva.

Rimos como quando crianças. Nesses momentos pensava que ele parecia nunca ter crescido. Mas às vezes isso irritava um pouco. Talvez tivesse amadurecido cedo demais e ele que realmente era feliz por ser livre e autêntico. Deixara a preocupação tomar conta de meu sossego e não tinha paz há muito tempo.

Tomei a pedra-da-lua da mão dele sentindo o calor que seu corpo emanava. Era tão atraente que me esqueci de recostar na cadeira e mantive o tronco para frente o mais perto possível dele. A lembrança daquela manhã na Ponta da Sapata, da sensação de seus braços em volta do meu corpo, veio como um soco.

Primeiro a surpresa depois o que me pareceu entendimento traduziu o olhar que me lançou. Tive a sensação de que o momento que esperei por tanto tempo finalmente chegou. Marcel estava há dois palmos de distância, bastava estender o braço que o tocaria. Bastava um gesto e realizaria o grande anseio de minha alma.

Não importava mais o que poderiam pensar. Queria e iria beijá-lo. Merecia saber como era nem que fosse para descobrir uma ilusão adolescente que apenas persistiu pela falta da prova concreta. Precisava saber se aquele sentimento era apenas uma confusão ou se era real.

Já podia sentir seu perfume quando vi seu olhar mudar. Seu cenho franziu e ele pigarreou. Chocada, paralisei há centímetros de seu rosto e seu hálito acariciou minha face enquanto falava apressadamente.

— Acho que já está na hora de ir embora. – Levantou-se quase em um pulo e saltou com suas longas pernas abrindo distância entre nós antes de partir tão rápido que juraria que estava correndo. – Boa noite!

Sabia que sempre estaria pronto para me salvar, sempre estaria ao meu lado, sempre me amaria ainda que fosse apenas como irmão mais velho. Então me rendi àquela sina triste de amar e não ser correspondida. Pior, de amar e poder ser vista como uma criminosa por conta desse amor. Teria crime mais injusto?

Corria, mas não parecia distante suficiente. O que quase acontecera ali? O que estivera prestes a fazer? Seria loucura demais acreditar que aquela maldita pedra fosse enfeitiçada? Onde estava com a cabeça? Suzane era sua irmã, pelo amor de Deus!

Estava tão revoltado, se sentia tão sujo como nunca se sentira em toda sua vida. Mas se lavar não resolveria, se sentia imundo por dentro. A mente poderia exalar agora um odor fétido. O que pensariam se soubessem onde seus pensamentos – e quase suas atitudes – foram parar? O que sua mãe acharia? Ficaria horrorizada, não tinha dúvidas.

Mas então por que ainda desejava tanto ter se deixado levar como se aquele momento fosse esperado por tanto tempo? Por que esse pareceu, de repente, o grande desejo de seu corpo, um anseio que não sabia que existia? Por que, Deus, nunca havia olhado para outras mulheres? Jamais teria cogitado aquele absurdo.

Rompeu a entrada da casa assustando Margarida que se ergueu do sofá em um salto sonolenta. Não parou para responder suas perguntas, correu direto para o banheiro, trancou a porta e vomitou.

JULHO

Os Quatro Elementos

*Queria ser a TERRA e que você fosse uma árvore
para que assim suas raízes se fincassem em mim
e se nutrissem com tudo o que tenho para oferecer.
Queria receber a chuva depois de deslizar em você
como lágrimas jamais choradas...*

lágrimas que, na realidade, nunca receberei.

*Queria repousar sob a sombra de sua copa
e receber feixes de luz por entre as folhas.*

*Queria receber sua folhagem no outono
como se fosse um cobertor a me aquecer nas noites frias.*

*Queria ser o AR e poder estar em toda parte,
no céu, no mar, na terra, no subsolo,
só para estar sempre onde você estiver.*

*Queria fazer parte de sua vida como uma
necessidade que se não for suprida leva à morte.*

*Queria acariciar seu corpo como uma brisa
e agitar seus cabelos ao vento por pura molecagem.*

*Queria suster as nuvens no firmamento
e talhá-las com seu nome...
um nome que não ouse pronunciar.*

*Queria ser a ÁGUA e poder proporcionar
vida, força e equilíbrio a sua existência,
participando de sua garra e força de vontade.*

*Queria poder ser regida pela lua
e deixar a maré encobrir as rochas,*

*pedras que se interpõem entre mim e você.
Queria ser maleável e possuir tentáculos
para que pudesse me encaixar ao seu redor.
Queria ser um rio, um rio que corre para o mar,
assim como queria correr para você.*

*Queria ser o FOGO e incendiar você de desejo,
este indelével desejo que jamais se acaba,
mas que se modifica com o tempo.*

*Queria ser esta chama eterna que arde
e penetra fundo o ser no delírio da paixão.*

*Queria ser o amor e invadir seu coração de manso,
como a fumaça de um incêndio que ultrapassa barreiras
e te intoxicar de prazer para ser somente meu.*

*Queria que fosse como o próprio amor o é:
o problema e a solução; o começo e o fim.*

*Queria ser humana e ser ao seu lado completa,
unindo-me a você como parte de sua vida e de sua carne,
entregando-me de corpo, alma e coração sem medo.*

*Queria poder compartilhar o riso espontâneo
ou derramar o pranto mais sentido em seus braços.*

*Queria errar só para ter a certeza do seu perdão
em um olhar sem censura nem acusação, só amor.*

*Queria olhar em seus olhos e antecipar um desejo seu,
recebê-lo com um sorriso ou apenas ouvi-lo em silêncio
e à noite velar seus sonhos com a certeza de acordar feliz.*

*Queria que fôssemos somente eu e você,
simplesmente assim.*

Suzane Vieira

20/07/2011

FESTIVIDADES

AGOSTO

Marcel Vieira não via Suzane há meses, desde aquela noite... estranha. A saudade sobrepujara seu horror há muito tempo. Ainda não entendia o que havia acontecido, o pecado que quase cometeram. Quando foi que sua irmã deixou de ser a ingênua garotinha que ele protegia e se tornou uma mulher atraente e sensual? Não sabia dizer, só a notara naquele instante.

Que pecado?, questionou-se mentalmente. Mesmo que para todos os efeitos estivesse correto, eles não eram irmãos de verdade. No entanto, a fuga não fora covardia, e sim sensatez. Nada poderia mudar aquela realidade agora, lavrada em documento. Antes que aquilo virasse um escândalo na pequena vila, Marcel se negou a ceder àquela tentação.

Parecera-lhe, naquele momento, que um imã o levava para mais perto de Suzane e o pior que ela não fugira. Talvez não tivesse entendido o que estava prestes a acontecer ou também o quisesse. *Não, não, Marcel, não se iluda com um absurdo desse*, falou para si mesmo. *Você nunca fez o tipo dela.*

Apesar dos esforços exagerados de dona Margarida, Marcel se recusava a procurá-la. E Suzane também não fizera questão de se manifestar durante todo esse tempo nem por telefone nem no trabalho voluntário, onde regularmente se esbarravam. Nem no aniversário de sua mãe no mês anterior aparecera. Ao mesmo tempo em que se sentia aliviado, também se culpava.

Enquanto Suzane se enclausurava, o rapaz tinha que suportar o choramingo insistente de Margarida. Amava a mãe, mas era exagerada, emotiva e se magoava fácil. E as tentativas da irmã de se ver livre da vigilância acirrada da senhora a deixava triste e preocupada. Mas dessa vez, o filho não dava ouvidos, mesmo quando uma data importante fora negligenciada. Ele a levava para jantar com os vizinhos e ela fingira estar feliz.

Suzane escapava por entre os dedos e Marcel a invejava por isso. Não era seu plano morar com a mãe aos trinta e cinco anos. Mas Margarida não tinha mais ninguém e prezava muito o ambiente familiar. Não podia simplesmente deixá-la como a irmã havia feito. Era responsável pelo bem-estar da mulher que lhe dera a vida.

Não entendia a insistência da mãe em preservar a qualquer custo a integridade física e moral de Suzane a ponto de mantê-la trancada dentro de casa na juventude. Tudo bem, ele sabia que na concepção da senhora a casa sempre seria sinônimo de segurança, mas excedera com a irmã e por isso ela forçara passagem pela primeira brecha que encontrou.

Tudo começara com a faculdade. Os cinco anos que Suzane estudou em Recife foram

os piores com relação a oscilação de humor de Margarida. Durante a semana ela ficava chorosa e lamurienta e nos finais de semana, quando a estudante voltava para casa, até o semblante da mulher se alterava de alegria.

A própria Suzane mudara muito a partir dessa nova etapa de sua vida e Marcel culpava o amigo Guilherme. O bioquímico havia lhe apresentado uma vida com muita farra e não aprovava isso. Não era careta, porém a irmã pulava de cabeça nessa fase e considerava o cuidado que tiveram com ela o grande responsável por sua falta de limite.

Sentia ciúmes e dúvidas do amor de sua mãe pela irmã de criação. Não conseguia entender a diferença de tratamento. Tudo o que era relacionado à Suzane ganhava proporções maiores na mente de Margarida, enquanto pouco ou quase nada sobrava para ele. Às vezes era extremamente enfadonha, porém nunca a desrespeitou ou maltratou.

Os sentimentos descontrolados da mãe pioraram com a saída definitiva de Suzane de casa no início do ano. Atormentar Marcel com suas reclamações era cotidiano agora. Margarida não admitia que a veterinária buscasse sua própria independência e partira sem se importar com a ‘dor no coração’ que lhe estava causando – palavras da senhora no dia em que ela fora embora.

Marcel a ouviu suspirar ruidosamente na mesa do café da manhã e se preparou para ouvir mais uma rodada de lamentações.

— Sua irmã não se importa mais comigo – e suspirou novamente remexendo a colher na xícara.

Sorvendo em um gole só o que restava do café, Marcel se ergueu arrastando os pés da cadeira sobre o piso. Em uma passada estava ao lado da mãe que nem ergueu o olhar para ele. Beijou-lhe a testa antes de se despedir.

— Vou para a praia do Leão, mãe. Tenha um bom dia.

— Vá com Deus, meu filho – respondeu a senhora em um sussurro.

Margarida não encarou a tristeza do filho. Como fazê-lo entender que deveria procurar por Suzane, não por ela, mas por si mesmo? Estava sendo omissa como mãe e perdendo a essência de quem era por medos infundados – ou não. Precisava tomar coragem para dizer... mas como? Onde? Quando? Não fazia ideia.

O dia estava convidativo do lado de fora e o biólogo deixou a mente livre de suas preocupações anteriores. Para chegar ao seu destino, precisou tirar o jipe da garagem. Teria que atravessar a ilha principal na diagonal no sentido sudoeste. A praia ficava de frente ao mar de fora e era responsável por oitenta por cento da desova de tartaruga marinha no arquipélago.

Por uma estrada de terra, saiu da Vila dos Remédios, atravessou o bairro Floresta Nova, passou pelo aeroporto e a vila desabitada do Sueste. Logo depois do grande Açude de Xaréu estacionou em uma área sombreada da sede do Tamar, projeto voltado para a preservação da tartaruga marinha no qual era voluntário.

Desceu do jipe e se aproximou do grupo de cerca de dez pessoas que se preparavam para ir até a praia alguns quilômetros adiante.

— Bom dia – cumprimentou a todos.

Alguns responderam de imediato, porém a loira que estava distraída se voltou iluminada ao reconhecer sua voz. Foi ao seu encontro antes que alcançasse o grupo.

— Oi, Má – forçou uma intimidade que não tinham. – Sozinho de novo?

O tom de Priscila não agradou a Marcel.

— Suzane anda muito ocupada. Muitas responsabilidades.

— Desde o início da temporada de desova que ela não aparece.

O sorriso estampado naquele rosto e o interesse súbito por Suzane o fez se sentir desconfortável. Que interrogatório era aquele?

— Em janeiro ela assumiu o cargo no Ministério do Meio Ambiente, era de se esperar que tivesse menos tempo para o trabalho voluntário.

— Ah, sim, claro – respondeu Priscila com um meio sorriso forçado.

Marcel enxergou o que estava óbvio. A bióloga tinha inveja de Suzane. Sua irmã de criação sempre fora alguém que amavam ou odiavam. Ela tinha o dom de despertar esses dois sentimentos antagônicos nas pessoas ao seu redor. Era muito batalhadora, corria atrás do que queria e tudo o que se propunha a fazer realizava com paixão.

Sua competência e determinação só podiam atrair convites como o que recebera do governo do estado. Tinha tremendo orgulho do que ela alcançara nos últimos anos. Destaque, reconhecimento e realização de um sonho. Sua sensibilidade não fora afetada pelo profissionalismo. Prova disso era seu talento artístico em forma de poemas e quadros.

Apressou o passo com nítida repulsa pela falsidade da colega. Nem a considerava uma boa bióloga, muito menos uma amiga. No entanto, ela insistia em ficar ao seu redor e por isso o seguiu pelo caminho de terra batida. O loiro a ignorou enquanto notava a presença de Robson. Não gostou. Lembrou-se de quando o vira com Suzane. Afastou a lembrança rapidamente.

Logo o grupo alcançou uma bifurcação e continuou no sentido sudoeste enquanto o outro morria na Ponta das Caracas que separava a grande Praia do Leão da Baía de Sueste. A caminhada não era puxada e estavam acostumados àquele trajeto apesar do sol forte. Marcel estava protegido com um boné de aba larga e muito protetor solar.

Enquanto caminhavam, as ruínas do antigo Forte do Bom Jesus do Leão, com treze canhões semienterrados, tornavam-se cada vez mais nítidas. Passaram por elas e alcançaram o ponto mais alto considerado mirante natural da praia. Lá embaixo avistaram a grande pedra que lembrava um leão-marinho deitado e que emprestava seu nome à praia.

Ao seu lado, a formação rochosa Morro da Viuvinha lhe fazia companhia entre as águas

do mar. Chegaram até lá embaixo através de um atalho em meio às rochas escuras e à mata nativa. A areia muito branca surgiu e outras belezas naturais como piscinas e esguichos se revelaram. Após as dezoito horas, a entrada de ilhéus era proibida naquela área, por causa daquele trabalho.

A tartaruga-verde era a única espécie que desovava em Noronha. O trabalho do projeto visava coletar dados como aspecto geral, dimensões, peso e marcá-lo com um anel metálico na pata direita para ser devolvido ao mar. Das oito da noite às seis da manhã, outra equipe era responsável pela observação e contagem dos ovos.

O grupo foi dividido em dois. Um iria para o mar a fim de buscar tartarugas a serem marcadas ou monitoradas e o outro conferiria os ninhos. Marcel estava no grupo que enfrentaria as ondas e Priscila não perdeu tempo em se oferecer para ser sua parceira de marcação. O loiro revirou os olhos insatisfeito, mas não recusou sua companhia.

— Su amaria estar aqui agora – pensou alto enquanto se atracava com a grande tartaruga.

Priscila, que só assistia seu esforço, sorriu, porém era mais parecido com uma careta.

— É, tem razão – resmungou revirando os olhos, seu tom irônico. – Ela ama as tartarugas.

— Sim – retrucou Marcel ofegante enquanto carregava o espécime até a areia. – Por isso se tornou veterinária, mas estava me referindo ao mar.

— Ah – a resposta da bióloga foi quase inaudível enquanto prendia o anel na pata do animal imobilizado pelo colega.

Permaneceram em um silêncio abençoado para Marcel permitindo que seus pensamentos continuassem em Suzane. Nos últimos meses pensara demais na irmã de criação. E quanto mais tentava entender por que, mas confuso ficava. O que a vida estava fazendo com eles? Bagunçou o relacionamento estreito que tinham.

O que seria dali para frente? O que deveria fazer? Conversar com Suzane sobre o assunto? Esperar esfriar e fingir que nada aconteceu? Por Deus, o que podia fazer? Não queria perder a amizade e a confiança de sua irmã de criação, mas como olhar em seus olhos da cor do mar sem que a cena daquela noite lhe povoasse os pensamentos?

— É – suspirou de repente Priscila.

Marcel havia se esquecido completamente de sua presença enquanto carregava a tartaruga de volta ao oceano. Virou-se para ela espantado e os olhos da moça, comuns e sem brilho, estavam atentos a cada movimento que fazia. Tentou sorrir para ele, mas não conseguiu agir naturalmente. O loiro voltou a procurar tartarugas ignorando-a de novo.

— Suzane é mesmo estranha – a moça soltou um risinho fraco quebrando o silêncio. – Mas você já sabe disso, afinal são irmãos.

— Não somos irmãos! – respondeu mais rude do que pretendia.

Não consegui conter sua revolta. Aquela mulher o estava provocando desde quando a encontrara. Saíra de casa em busca de paz e ainda não a havia alcançado. Acostumada à sua gentileza habitual, Priscila demonstrou surpresa com a reação calorosa de Marcel.

— Não? – espantada perguntou sussurrando.

Se pudesse, o biólogo teria se espancado agora. Poucos conheciam a verdade sobre o parentesco entre eles, porém não era um segredo. Marcel só queria manter Priscila afastada e ao participá-la daquela informação, estreitava a intimidade entre eles.

— Não de sangue – respondeu naturalmente como se não fosse importante.

Sentiu o desconforto que provocou na intrometida. Sorriu discretamente virando o rosto para que não notasse. *Vamos, diga alguma coisa agora*, pensou sarcástico. Não esperava por essa e ficou satisfeito por tê-la deixado sem resposta.

— Ah – gemeu Priscila. – Pensei que ela fosse sua irmã biológica, apesar de não serem parecidos.

Esperava que finalmente se calasse. Quem pensava que era para falar mal de Suzane para ele? Que direito achava que tinha para isso? Marcel ainda era irmão, para todos os efeitos, e poderia falar da bipolaridade, do sumiço, do trabalho exagerado, da farra sem limites dela. Ele podia. Ela não. Sentiu ímpetos de esganá-la por sua maldade.

Afastou aqueles pensamentos e se lembrou que aquele mês guardava grandes festividades e que em alguns dias seria aniversário da ilha. Além da programação voltada para os costumes locais, também haveria o dia de Nossa Senhora dos Remédios. Os ilhéus estavam em polvorosa. Ninguém faltava a essas festas. Suzane com certeza estaria presente.

— Achei que nossas diferenças físicas deixava claro o contrário! – devolveu irônico encerrando a conversa, satisfeito com seus pensamentos.

Gostava das festividades religiosa e de aniversário que aconteciam todo agosto no arquipélago. Eram belas, coloridas e transmitiam mensagens bonitas como fé e patriotismo, sentimentos que faziam parte da essência de ser humano. Mas tinha que admitir que apreciava uma pitada de misticismo. Era um tema que me chamava a atenção. Eu e minha versatilidade.

Era curiosa e fazia pesquisas sem propósito na internet. Até mapa astral já havia feito. Sabia tudo sobre meu signo, ascendente, astro regente, elemento, estrela, bem, a lista não tinha fim. Até sabia qual seria meu par ideal, porém não concordava. Certas coisas até que batiam.

Era grata por distrações inúteis quando algo estava me consumindo, como agora. Meu problema tinha um nome, um rosto, uma voz, um corpo... Ser rejeitada por Marcel naquela noite – quase repudiada – me fez chorar por alguns dias. Eu me deixei levar pela atração e entreguei

meus verdadeiros sentimentos por ele tão bem escondidos até então.

Pior do que me revelar por impulsivo foi descobrir que não era recíproco. A fuga, a falta de contato, até mesmo deixar de vê-lo me espreitando aonde ia, me entristeciam. Era como se não nos conhecêssemos, não tivéssemos uma história e até uma vida juntos. Por mais que essa palavra – juntos – não fosse da maneira que sonhava. Verdadeiros estranhos.

Eu me iludira com um amor proibido e impossível, existente somente em meus sonhos mais remotos. Jamais saberia como seria ficar com ele. E como agravante perdera o amigo e irmão que tinha em Marcel. Mais do que isso, meu protetor. Vários homens poderiam me atrair e passar por minha vida, mas nenhum o substituiria em importância.

O que seria de mim agora sem ele? Que esperança havia de ser feliz se ao lado dele era meu único caminho, ainda que continuássemos apenas irmãos? Ao mesmo tempo em que queria desesperadamente encontrá-lo, morria de medo de ver algo diferente em seus olhos. Não desejava encarar minha ruína em seu reflexo.

Enquanto caminhava pela grande festa armada pela Prefeitura na Vila dos Remédios – com direito a palco para shows, feiras de artesanato e um imenso bolo ao lado de barracas de comidas típicas com frutos do mar –, esbarrava em conhecidos. Em uma comunidade tão pequena, mesmo atolada de turistas, isso não era muito difícil.

Lá estava o trio musical, como costumava brincar. Era engraçado ver os gêmeos sempre juntos, como de costume, acompanhados por Vanessa. Podiam ser taxados como um triângulo amoroso sem medo de pecar. Ri por dentro da piada.

Mesmo sendo idênticos, não sentia dificuldade em reconhecê-los. Havia crescido com eles e, apesar de dona Regina vesti-los com roupas iguais, conhecia as sutis diferenças no tom de voz, na desenvoltura de um e na pinta de nascença do outro. A partir da adolescência ficou mais fácil porque eles passaram a se vestir cada qual conforme sua personalidade.

Leandro era mais solto que Leonardo, provavelmente por isso estava de casamento marcado enquanto seu gêmeo mal conseguia manter uma relação estável. Foi ele quem me notou primeiro e acenou da barraca de doces. Vanessa estava de cabeça baixa escolhendo seu preferido. Estava perto demais para tentar escapar.

— Olá, como estão? O cumprimentei resignada.

— Bem e você? – respondeu Leandro enquanto os outros prestavam atenção depois de acenarem timidamente, – Anda sumida.

— É – estremecei de desgosto e acrescentei sem graça. – Ocupada, sabe, muito trabalho.

Meu sorriso amarelo deve tê-lo convencido a mudar de assunto rápido.

— Começaremos a distribuir os convites no mês que vem, não é, amor? – chamou a atenção da noiva.

Vanessa parou de mastigar o bolo no momento em que olhamos para ela visivelmente

constrangida. Como seria aquela mulher tímida vestida de noiva entrando na igreja? Não consegui formar uma ideia clara na minha cabeça. Só vendo mesmo.

— É em dezembro? – perguntei.

A noiva balançou a cabeça confirmando enquanto voltava a mastigar. Leonardo nem abriu a boca e notei que não olhava diretamente para mim. Lançava olhadelas furtivas de canto de olho evitando o contato direto. Que pessoa estranha. Ou seria eu que estava tão distante que não os conhecia mais? Estaria também diferente para eles?

Avistei Robson e o usei como desculpa para escapar daquela cilada. Caminhei sorrindo até o negro sexy e sem conteúdo – ainda assim muito atraente – que me avistava naquele instante. Estava em frente a uma barraca de artesanato e somente quando cheguei perto o bastante notei que havia algumas bijuterias. Interessei-me imediatamente.

— Oi, Suzane, quanto tempo não nos vemos! – cumprimentou o oceanólogo.

— Hum – resmunguei distante. – Oi. Verdade.

Estava distraída. Entre meus dedos um par de brincos de flores brancas tão delicado, fiquei encantada. Percebi a mão de Robson vasculhando algo na bancada que ele fez questão de me mostrar. Eram bijuterias idênticas, porém as flores eram azuis, um tom doce e agradável. Eu o encarei a fim de entender o que desejava.

— Esses combinam com seus olhos.

A gravidade com que falou aquilo me deixou desorientada por alguns segundos. Fiquei perdida na profundidade de seus olhos enquanto nos encarávamos. Ele estava sério, porém seu olhar era carinhoso. Aquela atração que sua pele me provocava bateu com força de novo e cheguei a cogitar provar daquela tentação, pelo menos uma vez.

Não havia dúvidas de que minha carência afetava meu raciocínio, mas me deixei levar. Queria ser seduzida por sua voz, acariciada por suas mãos, beijada por sua boca. Por que não? Era solteira e desimpedida e ele também e pelo que notei naquela indireta, despertava seu interesse.

Precisava parar de ser ridícula e me sentir com remorso como se estivesse sendo infiel. Devia fidelidade a quem? A um amor impossível? A um amor proibido? Pior ainda, a um amor rejeitado? Meu coração era um tolo. Já havia perdido muito tempo da minha vida. Estava na hora de casar, constituir família e aquietar.

Fazia muito calor, porém estava úmido. Transpirava demais. Sua mão me tocou enquanto me entregava os brincos e permaneceu onde me encontraram. Era quente, muito quente. Percebi sua mão livre erguendo em direção ao meu rosto e, ciente de sua intenção, não fugi. Ao mesmo tempo seu tronco se aproximava e se inclinava sobre mim.

Um vulto passou atrás de Robson desviando minha atenção. Era claro demais e

contrastava com o corpo a minha frente. Entrei em choque ao encontrar aqueles olhos claros, brilhando com certa fúria, a uma distância muito pequena. Estremeci ao ver ao seu lado a loira falsa.

Meus olhos se estreitaram quando Priscila tocou em Marcel tentando tirá-lo do transe em que se encontrava. Tive ímpetos de estreitar o espaço entre nós e dar-lhe logo uns tapas. Aquele homem era meu. Nossa, esse pensamento foi bastante possessivo, mas era assim que me sentia e tinha mesmo direitos sobre ele. Mais do que ela com certeza.

Apesar da agressividade de minha mente, não me movi. Nem havia percebido que Robson se afastara deixando minha visão desobstruída. Ainda estava por perto provavelmente tentando entender ou traduzir o rosto furioso de meu irmão de criação que se considerava – e sempre fora – meu protetor. Isso tanto eu quanto Robson podíamos compreender.

O que ninguém esperava foi o que aconteceu. Pisando duro, Marcel se aproximou em passadas largas demais. Mesmo encarando fixamente meu colega, foi a mim que dirigiu a palavra com rudeza.

— O que significa isso, Suzane? – esbravejou.

— Isso o quê? – joguei de volta no mesmo tom.

Seu olhar me penetrou fundo, gelado, diferente dos olhos quentes e cálidos de Robson. Estremeci.

— Você e ... – oscilou indicando com a cabeça o oceanólogo – ... e esse aí! – cuspiu.

Fiquei espantada e confusa. Era tudo novo demais. O que estava acontecendo?

— O que é isso, Marcel!? Que modos são esses?

— Eu que deveria dizer isso a você, se agarrando com qualquer um no meio da festa – berrava enfurecido. – Onde está com a cabeça? Perdeu a vergonha?

Era uma pessoa calma até que pisasse no meu calo. Tudo tinha limite.

— Cala a boca! – explodi. – Quem você pensa que é para me difamar desse jeito? Você anda para cima e para baixo com uma piriguete!

Ouvi Priscila chiar. Se a carapuça tinha servido, minha explosão fora válida.

— Não ando com ninguém, já você...

Vi a bióloga se encolher e sair de fininho. Robson também não estava mais ali e não queria estender aquela discussão descabida. Tremia de nervoso. Aquilo não me fazia bem e sabia que depois me arrependeria de cada palavra e ato impensado daquele momento. Porém, ainda não estava dando ouvidos à razão.

— Estou vivendo a minha vida e você vá viver a sua!

Era a rainha do drama, portanto, um grand finale se fazia necessário e, claro, a última palavra tinha que ser minha. Por isso, me virei de costas, e saí o mais rápido que pude. Mais tarde a raiva deu lugar as lágrimas e com elas a nova onda de solidão e agonia. Não bastava ter perdido

um irmão e um amigo, também perdera seu respeito. Isso sim era humilhante.

SETEMBRO

O grande dia finalmente chegara e estava uma pilha. Andava de um lado para o outro da grande varanda onde meus quadros estavam expostos. O Palácio de São Miguel, com sua arquitetura colonial, possuía dois andares, muitas janelas e uma imensa varanda que rodeava todo o prédio, tanto no piso inferior quanto no superior.

Uma escada de pedra dava acesso à sede do governo local e às principais secretarias do estado de Pernambuco que prestavam serviço em Noronha. Ao redor, um imenso jardim o cercava, assim como palmeiras e canhões que preservavam a história do lugar. O palácio estava localizado no centro histórico da Vila dos Remédios.

Desde o começo do ano frequentava com assiduidade aquele lugar após ter sido convidada a fazer parte da equipe de profissionais selecionada pelo Ministério do Meio Ambiente no arquipélago. Fora uma honra e um privilégio. Quando meu chefe soube da exposição, conseguiu logo a autorização para que pudesse realizá-la no prédio.

Enquanto aguardava a chegada dos convidados não conseguia ficar parada. Passava por cada quadro para conferir sua posição. Queria que tudo estivesse perfeito. Os últimos meses – mesmo tristes, acabaram me ajudando na criação das telas – foram de muito trabalho e estava ansiosa para saber a opinião do público.

Seria a primeira vez que outros, além de familiares e amigos, veriam meus quadros. Meu pânico era compreensivo. Guilherme Rocha andava atrás de mim enquanto fazia a última vistoria. Ele chegara cedo para me oferecer todo o apoio necessário nesse momento especial, mas não adiantaram de nada suas palavras de conforto.

Escolhera um mês agitado para a exposição. Vários eventos comemoravam datas importantes para o distrito como o Aniversário do Parque Nacional Marinho, instituído para preservação das espécies e considerado patrimônio da humanidade pela UNESCO.

A competição de regata que atraía turistas de todo o país e até mesmo estrangeiros também acontecia naquele mês. Ainda a Semana da Preservação da Fauna e da Flora organizado pelo Ministério do Meio Ambiente – ou seja, mais trabalho para mim. E, mais para o final do mês, o Dia Nacional do Turista que promovia eventos especiais.

Com tudo isso acontecendo ao mesmo tempo, como Guilherme queria que ficasse calma? Era perfeccionista. Queria que tudo saísse como o planejado e me organizava em cada detalhe para alcançar esse feito. Ser nervosa, como ele dizia, não estava certo, na verdade era exigente.

— Calma, Su. — disse pela vigésima vez. — Está tudo perfeito. Sente-se e espere, por favor.

Como podia me sentar? Não, não podia. Precisava me mover, me sentir útil, me manter ocupada para que minhas mãos e pernas tremessem menos. Sorri discretamente ao olhar minha assinatura ao final de uma tela. Ainda bem que não precisaria assinar nada agora. Do jeito que estava, seria incapaz de compor uma letra legível.

Ao alcançar a entrada, parei e conferei a visão geral. Em sua maioria os quadros tratavam do tema mar, minha inspiração constante. Porém era retratado de inúmeras maneiras e cores, influenciados pela vista a partir da varanda da minha casa. Um tom alaranjado de um fim de tarde ou azul escuro com o luar tingindo-o com um rastro branco.

Havia poucos com outra temática, porém carregavam em si algo do mar que traduzia em suas linhas. Um olhar com iris claras e brilhantes — que reconheceria em qualquer lugar — refletindo em sua luz o mar azul. Uma rocha respingada de espuma. Um céu cheio de nuvens se estendendo no horizonte ao fim da água plácida.

Eu era o mar. Às vezes calmo, às vezes bravo. Outras avançando e depois recuando. Era regida pela lua e suas fases diziam muito sobre a instabilidade do meu humor. Possuía a imensidão composta por pequenas gotas. Um imenso mar de complicações e sentimentos difíceis de entender.

Assim como meus versos, os quadros traduziam de alguma forma meus sentimentos e os últimos, pintados nos meses anteriores, tinham a silhueta irreconhecível de um homem, distante, de costas, quase apagado. Aquela era a representação mais real de minha solidão, de meu amor não correspondido. E Guilherme o havia notado.

— Quem é o homem nos quadros? Você o repetiu várias vezes.

Por que era tão observador? Porém seu tom presunçoso denunciava sua opinião. Até onde ele pensava que povoava meus pensamentos?

— Quem imagina? — perguntei de volta na esperança de ouvir o que já supunha.

— Alguém especial? — deu de ombros como se não tivesse importância.

Ri e o deixei no vácuo quando avistei os primeiros convidados. Respirei fundo e me posicionei para recepcionar a todos e orientá-los sobre a exposição. Fui cortês e breve. Estava nervosa demais para falar muito. Guilherme acompanhou os primeiros a entrarem como um prestativo guia.

Era inquestionável sua solicitude. Essa mania de querer agradar a todo mundo era benéfica quando não irritava. Apesar de me passar o maior sermão quando chegou mais cedo por não atender seus telefonemas, seu bom coração não pensara duas vezes antes de me ajudar. Devia uma a ele. Não, devia muitas.

Talvez estivesse demorando muito nos cumprimentos. Mal finalizava com um grupo já vinha outro. E foi nessa toada ininterrupta que me deparei com colegas de trabalho, amigos, vizinhos e família. Como sempre, tia Margarida me deu um de seus apertões de ursa e, ao

contrário do que esperava, não reclamou do meu sumiço.

— Nossa, minha filha, você está muito magra. Aposto que não está comendo direito. — Olhou por cima de mim para as telas enfileiradas. — E trabalhou demais também. Olha a quantidade de tela inédita que tem aqui. Desse jeito vai ficar doente.

— Estou bem, tia — respondi sorrindo, não era dia de me irritar —, não precisa se preocupar.

Seu carinho foi um presente em um dia turbulento. Precisava de um respiro e nada melhor do que colo de mãe para me acalantar. Porém não pude curtir-la por muito tempo. Marcel se aproximou mais timidamente e como tia Margarida nos conhecia, nos deixou a sós com a desculpa de que havia avistado Regina junto aos quadros.

— Oi. — Meu irmão de criação tinha as mãos enfiadas nos bolsos como quando não sabemos o que fazer com elas.

— Oi — respondi e limpei a garganta para tentar deixar minha voz mais firme e menos trêmula. — Que bom que veio.

— Nunca deixaria de comparecer.

Seus olhos pareciam complementar a frase que seus lábios não pronunciaram. Apesar do que aconteceu entre nós. Baixei os olhos e respirei fundo antes de falar de novo.

— Fico feliz em saber disso.

Sinceramente, não importava o que havia ou não acontecido, nossas brigas, as palavras rudes que me lançara na última vez que nos vimos. Já havia esquecido há muito tempo. Assim que ergui minha cabeça do travesseiro no dia seguinte. Ficara apenas a saudade e a certeza de que ele não queria mais me ver. Agora descobri que estava errada quanto a isso.

— Desculpe por... pelo que... — tentou dizer.

— Tudo bem, também te devo desculpas — interrompi. — Vamos esquecer tudo, está bem? Havia dito algo errado? Seus olhos ficaram perplexos e tristes enquanto dizia a última frase.

— Não se compensa erros assim — disse baixinho.

Suspirei. Marcel era o tipo que gostava de panos limpos. Preferia ignorar e esquecer o que me causava dor. Era covarde nesse quesito e ele corajoso em enfrentar seus erros de cabeça erguida. Mas tomar a decisão era sempre difícil para ele. Tive que reconhecer o esforço que estava fazendo por mim.

— Podemos combinar de conversar qualquer dia desses? — perguntou.

Eu me encolhi. Tive medo. O que ele diria nessa conversa? Acabaria de vez com minhas esperanças, pressupunha. Preferia mesmo esquecer e jamais ouvir as palavras que tornariam minha dor real e definitiva. Não queria mais conversar sobre aquilo. Mas como fugir?

— Tudo bem – sussurrei derrotada.

Marcel se afastou quando percebeu outros se aproximando e fiquei perplexa e temerosa. O restante do dia passou como uma névoa. Agi no automático e nem sei como tudo terminou. Nem como fui parar em casa nem quando Guilherme se despediu de mim com um caloroso beijo. Não tenho mais nenhuma lembrança daquele dia.

Eu me sentia vazia como um céu sem lua. Não, como um mar sem lua, sem guia. O que faria agora? Recuar? Avançar? Quebraria minhas ondas nas rochas? Aumentaria a faixa de areia? Não sabia. A anestesia foi tão grande que nem sabia mais o que pensar a uma altura da madrugada.

O som do mar batendo nas pedras da praia foi a última coisa que ouvi antes de adormecer.

Adquirira uma tela. Era uma das maiores que Su pintara. Nunca a havia visto antes, o que lhe dizia que havia pintado no período em que estiveram separados. O que lhe chamou mais a atenção foi o cenário – apesar de constante em sua obra – era a réplica perfeita do mar da varanda da casa dela. Podia até imaginar-se sentado na cadeira ouvindo o som das ondas.

Já vira aquele momento antes, naquela noite que não ousava nominar. Estava clara com uma lua brilhante iluminando o horizonte azul-marinho. As rochas e as árvores eram vultos escuros que recortavam o céu pontilhado de estrelas. Porém, um vulto humano se destacava no quadro: um homem andando apressado de costas. Sabia quem era.

Havia um tom de tristeza naquele quadro. Um tom de despedida que também o deixava pensativo. O que Suzane queria lhe dizer? Comprou com a intenção de desvendar aquele mistério, porém surgiram muitas teorias. Ela estava dizendo adeus para o irmão, o amigo ou o amor? Tudo dependia da representação do vulto.

Não conhecia os verdadeiros sentimentos da irmã de criação quanto a ele. Só sentia sua tristeza através daquele quadro e isso o deixava arrasado. Precisava tomar coragem de lhe dizer o que pensava e sentia, assim como ela havia arranjado um jeito de expressar os seus. Precisava dizer que se importava, que queria vê-la feliz, que não queria magoá-la.

O que acontecera com ele nos últimos encontros? Estava confuso e desorientado. Ao vê-la com Robson fora pior que encarar Guilherme, mesmo sabendo que ele já ficara, muitas vezes, com Suzane. Marcel sabia que com bioquímico era apenas uma amizade colorida, sem futuro. Porém com o oceanólogo, poderia ser a tentativa de construir uma relação estável a dois.

Mas por que sentia aquela dor quando pensava nisso? Tinha que se sentir feliz já que não gostava de Guilherme. Mas Robson? Não, ele também não era bom o bastante para ela. Suzane merecia mais. Merecia alguém que a amasse como ela era, a compreendesse, a ouvisse e lhe oferecesse

um ombro quando quisesse chorar.

Foi fácil imaginar essa pessoa. Mais fácil do que gostaria. E foi pior porque já não sentia que era tão errado. Talvez fosse mesmo o cara certo para ela e que tinha todas as qualidades que enumerara acima. Não se gabando, mas a consciência se formou naturalmente. Bastava agora vencer a indecisão.

Fora bastante difícil se aproximar dela na exposição, mas não podia deixar de prestigiá-la. Era um dia importante e em meio a suas próprias dúvidas, arranjara coragem para lhe dizer aquelas palavras de reconciliação. Há muito que não estava mais chateado com ela, mas ainda lhe faltara forças para um passo definitivo.

Era mais fácil falar do que fazer, concluiu infeliz.

OUTUBRO

Mais um mês se passou e Marcel não reforçou o convite da conversa. Fuga era a palavra que definia melhor sua atitude. Queria deixar para o acaso. Quem sabe eles não se esbarravam por aí? Mas isso não aconteceu. Soube do sucesso da venda dos quadros de Suzane. Não sobrara nenhum sequer. Estava feliz pela irmã ter seu talento reconhecido.

Precisava tomar uma decisão definitiva quanto aquela situação. Não podiam continuar assim. Eram adultos ou duas crianças? Marcel achava que o que mais os atrapalhava era o parentesco forçado que tinham devido a mesma criação. Mas aquilo começava a ficar ridículo. Sentia-se como um adolescente diante de seu primeiro e impossível amor.

E não era o que aquele amor seria? Amor? O que significava aquele pensamento? Realmente amava Suzane? Do jeito romântico ou só como irmã? Estava confuso, perdido, indeciso, insuportavelmente estressado com aqueles pensamentos sem saída. Tinha gana de conversar com sua mãe para buscar uma luz.

Por que não tinha um amigo com quem conversar e desabafar sobre suas dúvidas? Chegara a conclusão de que sua vida sempre esteve ao redor da mãe e da irmã e que, fora o trabalho, não fizera mais nada por si mesmo. Que vida afinal de contas tinha além das paredes de sua casa? Por que não podia dar uma chance a si mesmo?

Podia ser feliz, namorar, sair para beber com os amigos. Revoltado consigo mesmo, até chegou a achar a atitude de Suzane mais sensata que a dele. Ela sim sabia viver. Ele era apenas um chato filhinho da mamãe responsável.

Saiu de casa disposto a virar aquele jogo naquela noite quente. Convidara Priscila para jantar e passou na casa dela para buscá-la. Foram a um restaurante e comeram frutos do mar, seu prato preferido. Conversaram animados a noite toda desanuviando a cabeça de Marcel por algumas horas.

Ao final daquele encontrou se sentiu infeliz porque tinha que voltar para casa sozinho, ainda vazio, e também porque percebeu que criou expectativas erradas na cabeça da colega. Agora precisava arcar com as consequências. Ao deixar a moça em casa, ela se aproximou sem pudor.

— Foi uma noite incrível, querido. Prometa-me que repetiremos a dose.

Sem saber o que dizer, apenas balançou a cabeça e sorriu com a timidez que lhe era característica em momentos de intimidade. Por isso costumava satirizar. Sempre era mais seguro

brincar. Priscila talvez tenha interpretado aquilo como um incentivo e tomando seu rosto entre as mãos, o beijou com vontade.

Durante o incidente, o rapaz não soube bem o que fazer. Aquela boca era desesperada demais. Priscila mordida seu lábio inferior e o puxava com força. Quase sentia sua pele rasgar com a violência. Suas mãos avançaram por seu corpo vulgarmente e ele travou desnorreado. A moça então sentiu a estátua sob si e se afastou.

— Fiz algo errado? – perguntou confusa.

— Sinto muito – respondeu o loiro. – Mas acho que estamos indo rápido demais. Que tal sermos somente amigos?

A bióloga saiu sem se despedir batendo com força a porta do carro. Marcel estremeceu com a pancada como se tivesse recebido um tapa na cara. Estava se sentindo um caco e merecedor de todas as afrontas que ela com certeza esbravejava dentro de si agora. Arrancou logo com o carro para longe de sua própria desgraça.

Cometer erros ao tentar corrigir outros era um bom sinal de seu estado mental. O que estava fazendo? Não fazia ideia e depois de tanto pensar, chegou a um veredito. Precisava se acertar com Suzane, só assim a sua cabeça voltaria a funcionar corretamente. Escolhera a exposição porque seria público e uma desculpa com força suficiente para fazê-lo ter coragem.

Mas ao final daquela conversa, teve suas dúvidas. Não marcara data, deixara a moça perturbada e estava ainda pior. Quando conseguiria botar tudo para fora de verdade? Provavelmente nunca. Em seu íntimo, e envergonhado consigo mesmo, constatou que era um covarde indeciso e idiota.

Afinal de contas, o que queria? Mergulhar fundo naqueles olhos azuis – naquele mar inesgotável de amor e companheirismo –, naquela boca vermelha e reduto de promessas calorosas, naquele corpo pequeno, frágil e sedutor onde o seu seria um cobertor que a protegeria enquanto a amasse infundavelmente.

Incesto. A palavra berrava em sua cabeça e brigou consigo mesmo diante do preconceito que a sociedade lhe inculcava. Não seria incesto. Não eram irmãos de sangue. Aquele desejo não era pecado. *Marcel, chega de inatidade, está na hora de tomar as rédeas de sua vida. Vá ser feliz com aquilo que você conhece.*

Aquela manhã começou como outra qualquer apesar de ser especial para ele. Como de costume, foi para a Praia do Leão com os outros voluntários. Desde aquele encontro desastroso, Priscila o tratava com profissionalismo e estava feliz com isso. Esperava que durasse. Não era nada bom para ele uma mulher invejosa e mesquinha por perto. Queria o oposto: altruísta e generosa.

Quase paralisou no meio do movimento ao constatar que esperava, há muito tempo, por

uma mulher que já conhecia e amava. E isso só o deixou mais em dúvida. Como vencer o preconceito de uma sociedade para viver um amor? Como decidir sem ter certeza dos sentimentos da outra pessoa?

Nesse lampejo rápido, Marcel teve consciência do porque nunca se interessara por outras mulheres de verdade para pensar em ter um relacionamento sério e duradouro. Sua preocupação sempre fora Suzane. Imaginou-se deixando uma namorada esperando enquanto corria atrás de sua irmã de criação. Não haveria relacionamento que persistisse a isso.

Riu sozinho ao pensamento chamando a atenção de Priscila que não estava muito longe, mas ainda se ligava a sua presença. Fingiu não perceber e introspectivo prosseguiu em seus afazeres automaticamente. Por isso não percebeu quando alguém se aproximou causando certo alvoroço. Depois de um tempo, se viu trabalhando sozinho e virou-se a procura dos outros.

Não viu ninguém. Em vez de pessoas, encontrou dois oceanos, azuis e brilhantes, presos nos seus. Os cabelos negros agitados pelo vento constante teimavam em encobrir aqueles lindos olhos que tanto almejava devorar. Enquanto andava, seu corpo miúdo ganhava graça e molejo. Suzane nunca pareceu tão sexy com seu vestido curto e esvoaçante. Marcel prendeu a respiração.

Precisava vê-lo. Por mais que aquela conversa não seria exatamente o que esperava, a ansiedade de encontrá-lo, olhar em seus olhos, vê-lo sorrir com aquele rosto angelical e juvenil, e ouvir sua voz macia e agradável se tornara uma necessidade irresistível. Naquela manhã, atendi à impulsividade e fui à Praia do Leão. O timing foi perfeito.

Conhecia toda a agenda de Marcel e naquele dia da semana sempre ficava disponível para o projeto Tamar. Era fácil encontrá-lo quando queria. Os colegas ao redor me faziam mil perguntas, mas somente aqueles olhos castanhos tinham a minha atenção. Claros e doces, estavam presos em mim de uma forma que me envolveram como um carinho.

Seus cabelos dourados cintilaram como um pequeno e radiante sol. Ele era tão grande e ao mesmo tempo tão gentil. Seus braços brancos e fortes se destacavam na camiseta cavada e desejei que me envolvessem em um abraço apertado. A maturidade o havia deixado mais sexy, porém seu rosto passava a mesma ternura da juventude.

Conhecia aquele homem e não importava quanto tempo passasse. Meu coração reconhecia o dele e se completava em sua presença. Só olhar seu rosto já me deixava alegre e arrancava a ansiedade do meu peito. Ainda havia esperança de ser feliz. Meus pés sabiam o caminho para encontrar a felicidade.

Parei a apenas um passo de seu corpo ciente do calor que emanava dele. Seus olhos estavam a cerca de trinta centímetros acima da minha cabeça, porém presos nos meus. Sorri e senti que não precisava dizer nada. Havia entendido como se pudesse ler minha alma, mas ele

resolveu quebrar o silêncio e o encanto entre nós.

— Veio reassumir seu posto? — perguntou sério.

Parecia meio abobalhado, talvez surpreso com a minha aparição.

— Sim — respondi simplesmente deixando o sorriso crescer em meu rosto. — Feliz aniversário.

A surpresa repuxou seus olhos e arreganhou sua boca. Não esperava por isso, era evidente. Será que achava que eu tinha esquecido? Jamais poderia.

— Obrigado — sussurrou por fim se debruçando para receber meu abraço. — Fico feliz que tenha vindo me parabenizar.

Meu gesto chamou a atenção dos demais que logo nos cercaram e o roubaram de mim. Eu me afastei meio tonta, o calor de seu corpo retido no meu. O que fora aquilo? Sua voz parecia vazia, sem vida. Será que estava na verdade infeliz por se aproximar de mim? Ou em ter que retomar um assunto que não o agradava? Não queria aquela conversa também e claro que nem tocaria nela.

Avistei Robson e acenei para ele a fim de ser educada. Vi Priscila ao seu lado, parecia que formavam uma dupla nas atividades. Nunca os imaginara juntos, mas até que combinavam. Nem achei uma pena perder a chance de prová-lo. Estava decidida a conquistar Marcel e precisava descobrir como. Por isso precisava me afastar das tentações e me reaproximar de meu alvo.

As equipes se reagrupavam e notei que Marcel vinha em minha direção. Estaria sem par? Meu lugar ainda estava reservado ao seu lado? Pretendia perguntar quando sua voz se ergueu um pouco devido a distância. Levei um susto.

— Por que olha tanto para Robson? Você está afim dele?

Demorei alguns segundos para traduzir aquele tom e então entendi. Tive que segurar o riso. Como não enxergara aquilo antes? Era tão óbvio. Resolvi executar o plano bolado naquele instante.

— Não é de se jogar fora apesar da falta de conteúdo em seu cérebro — ri baixinho. — Só não sei se suportaria ficar ao seu lado enquanto não estivesse com a boca ocupada, se é que me entende.

Vi seu rosto claro ficar vermelho de raiva. Pegara muito pesado? Não queria brigar com ele no dia de seu aniversário, mas não resisti. Por fim, ele se controlou e não discutiu comigo, mas se calou, talvez para se vingar de mim. Recebi seu silêncio com alegria e fiquei examinando suas expressões enquanto brigava mentalmente consigo mesmo. Aquilo tinha tudo para dar certo.

— Está sem par? — perguntei inocentemente mudando de assunto.

Sua resposta positiva veio apenas de um breve sinal de cabeça. Passamos o restante do

dia trabalhando como antigamente. Puxou poucos assuntos e sempre interessado no que eu andava fazendo. Ele me fez falar mais e fazia perguntas quando o silêncio ficava insustentável. Não resistia a um clima pesado, sempre tentando amenizar. Falei sobre o ministério, sobre os golfinhos-rotadores, sobre meus escritos e pinturas.

Tive que fazer algumas perguntas também, porém ele me confirmou apenas o que já imaginava. Sua rotina não mudara em nada a não ser pela minha ausência, fato que ele não citou. Também perguntei de tia Margarida e esse foi o assunto no qual se demorou mais comparado aos outros.

Apesar de ser transparente, era melhor do que ele em tocar aquilo naturalmente. Talvez porque não guardasse mais mágoas nem dúvidas. Talvez porque seus sentimentos finalmente comesçassem a ficar mais claros para mim. Talvez porque o conhecesse o suficiente para saber a luta interna que travava para tomar a decisão mais difícil de sua vida.

Porém, estava completamente disposta a ajudá-lo com isso. Sorri satisfeita com esse pensamento. Podia ter o amor da minha vida e também minha família de volta. Podia ser feliz outra vez e não pretendia perder tempo. Minha mente tramou em silêncio enquanto minhas mãos se moviam.

Ao final das atividades na praia, pedi carona para Marcel e o surpreendi ao dizer que queria ver tia Margarida. Sua expressão curiosa denunciou as milhares de perguntas que gostaria de fazer, porém ficou calado. Também pareceu contente com minha decisão, percebi por seu discreto sorriso.

No carro, a tensão aumentou como se houvesse uma energia estática entre nós. As lembranças da última vez que entrei no jipe, do calor do seu corpo junto ao meu, da pequena distância que havia entre nossos lábios me sobressaltou e senti meu sangue entrar em ebulição.

Os sentimentos dentro de mim tinham facetas estranhas. Ora ferviam, ora pingavam. A tormenta e a calma. E quando eles estavam mais salientes, como naquele momento, não era mais dona de meu corpo, que ousava latejar por seu toque.

Bastava estender a mão. E uma força de vontade imensa era necessária para segurá-la no lugar. Não, Suzane, não faça isso. Não agora. Primeiro o cerque, se certifique de que está certa, depois dê o bote final. Sorri com as analogias de meus pensamentos.

Marcel estava caindo em uma armadilha e nem sonhava com isso. Não era errado tentar seduzir o próprio irmão? Não, ele não era meu irmão. Era o homem da minha vida e precisava dele – em meus braços, em minha cama, ao meu lado, sempre.

Só soube que havíamos chegado porque o jipe parou de chacoalhar. Marcel não se moveu do lugar, nem eu. Virei-me para olhá-lo, suas mãos apertavam furiosamente a direção mesmo com o carro desligado. O que ele estava pensando?

Seus olhos se voltaram para mim torturados e temi que ele fosse despejar asneiras sobre mim. Mas como me desvencilhar de seu olhar tão atraente? Estava presa naquela teia invisível e morria de medo de que meu plano nem tivesse chance de ser colocado em prática.

Provavelmente avisada pelo som do automóvel, tia Margarida saiu da casa para nos receber efusivamente e fiquei muito aliviada por ter aquela conexão cortada e me ver livre para dar andamento ao próximo passo. Nem tive tempo de me virar. Minha mãe de criação abriu a porta do jipe e me arrancou do carro me apertando em um abraço.

Meu irmão saiu do seu lado rindo alto. Gostaria de matá-lo por aquilo se fosse possível, mas o que aconteceu em seguida, nenhum de nós dois esperávamos e perdemos a compostura por completo. Tia Margarida não deixou Marcel escapar e o agarrou com um dos braços em um abraço coletivo. Fiquei espremida entre os dois corpanzís, aquecida e feliz.

Lágrimas rolaram de minha face e eu soube que era bem ali que queria permanecer e nunca mais me afastar. Margarida também se emocionou externando toda sua saudade com seu próprio choro alegre. Éramos novamente uma família. Feliz? Talvez com ótimos momentos. Incompleta, cheia de defeitos. Mas nunca poderia negar que éramos uma família.

Minha, quer dizer, nossa mãe nos arrastou grudados para dentro de casa como se tivesse medo de nos perder, como quando éramos crianças. Ri em meio as lágrimas e vi Marcel olhar para mim de uma maneira diferente. Pareceu contente só por ter rido. Teria tamanha influência sobre sua felicidade? Tão grande quanto a que ele tinha sobre a minha? Ou estaria confundindo tudo?

O coro de parabéns que nos assustou ao abrir a porta me tirou de meus devaneios. Agora era hora da festa surpresa de meu irmão que havia planejado sorrateiramente mais cedo.

Seu aniversário de trinta e seis anos e nem achava assim tão importante. Tinha tantas preocupações ultimamente que nem pensou em comemorar. O surgimento de Suzane nem o alertou sobre o que estava por vir. Aquela altura nem se lembrava mais que dia era hoje. A festa surpresa foi um quê a mais que tinha certeza, era responsabilidade de Su.

Tramara tudo às escondidas com Margarida e fizera os dois felizes de uma só vez. Como não amar aquela garota, por mais instável que fosse? Era única, aquela maluquinha, por isso a admirava e adorava tanto.

Tinha como ser mais feliz? Marcel acreditava que não. Ou talvez sim. Porém, aquela noite, foi a mais alegre de sua vida até aquele momento. Cercado de amigos – que eram mais da irmã do que dele –, da família e dos vizinhos que eram quase da família também, se sentira completo, como se nada mais faltasse.

Ver Suzane se emocionar – chorando de felicidade e soltando seu riso espontâneo –

enchou seu peito de uma sensação de prazer indescritível. Não havia reparado que o humor dela o afetava tão diretamente, assim como quando os sentimentos da mãe oscilavam.

Não tinha mais nenhum arrependimento naquele instante. Era exatamente assim que queria viver. Era ao lado delas que queria permanecer. Para que se aventurar por outros caminhos sendo que já vivia no melhor lugar do mundo?

Ao final da noite, despediu-se de todos os convidados alegre e ouviu Suzane se despedir de tia Margarida fazendo várias promessas. Seu coração inflou de alegria porque sabia que dessa vez ela cumpriria tudo o que estava dizendo. Não sabia de onde vinha essa certeza, talvez da esperança.

Não resistiu e cedeu a seu lado cavalheiro oferecendo-se para acompanhá-la até sua casa. Queria estender aquele momento e queria dizer tudo o que estava engasgado em sua garganta, que saltaria para fora a qualquer instante.

Ao se ver sozinho com ela, não conseguiu dizer nada. Uma trava parecia estar atravessada em sua boca o impedindo de falar. O som dos passos no chão foi o único por algum tempo, mas logo Suzane o quebrou contagiada com a alegria que ainda estava estampada em seu rosto.

— Foi muito legal, não é? – perguntou, mas não deu chance para que ele respondesse. – Precisava ter filmado a sua cara. Será que ninguém gravou nem no celular? – E riu faceira. – A tia Margarida é muito boa também, fingiu que apenas havia nos ouvido e nos arrastou para a festa surpresa.

Sua empolgação o contagiou e riu também. E nos passos seguintes, já estavam a varanda da casa de Suzane e seu tempo de enrolação havia se esgotado. Parou diante dela no degrau mais baixo, enquanto ela subia no piso superior. Seus olhares ficaram no mesmo nível. Mergulhando fundo naquela azul, Marcel tomou coragem para falar.

— Obrigado, Su, esse foi o melhor aniversário que tive.

A veterinária ficou séria por alguns segundos se recuperando do alvoroço de seus sentimentos diante da intensidade das palavras o biólogo. Engoliu em seco antes de responder.

— Não foi nada. Você fica me devendo uma. – Sorriu abertamente e lhe deu um soco no ombro, brincalhona.

Marcel riu de volta, um riso fraco e tenso, e se inclinou sobre ela fazendo seu coração disparar a milhares de batidas por segundo. Ficou muito parada, o olhar fixo nele, tentando traduzir o que esperar daquela iniciativa.

Perdeu seus olhos de vista quando ele desviou o rosto para lhe beijar a bochecha direita. Apertou os olhos a fim de guardar aquele inocente e carinhoso gesto de seu irmão. Foi breve, mas traduziu todas as palavras que Marcel não ousou pronunciar.

Suzane o viu se virar, tímido, e partir. Porém, dessa vez, não assistiu aquele cenário

repetitivo com tristeza, mas sim com esperança.

DISTRAÇÃO

NOVEMBRO

Meu plano estava dando certo. Agindo com naturalidade, retomei a convivência com minha pequena família de forma constante, porém imprevisível. Nunca estava disponível quando eles queriam, mas sempre aparecia inesperadamente, surpreendendo os dois. Aliás, para tia Margarida, nunca parecia uma surpresa. Era como se ela pudesse ler minha mente.

Seu humor andava alegre e ela fazia questão de incentivar minha aproximação de Marcel. Estaria ciente dos meus sentimentos? Seriam tão óbvios assim? Então ele também estaria enxergando? Meu irmão de criação estava mais brincalhão do que de costume e não entendia por quê.

Naquele final de semana Guilherme apareceu sem avisar – o que era bastante comum – mudando meus planos. Fiquei grata internamente porque estava ansiosa para ver Marcel e talvez estragasse o resultado final de minha trama. Porém, quando se aproximou de mim com todo seu charme, evitei seu beijo gentilmente como se não tivesse percebido sua intenção.

Meu amigo carregava embaixo do braço uma prancha de bodyboard e como o tempo estivesse bastante convidativo, vesti um biquíni, uma canga e um chapéu de abas largas – coloquei uma tela embaixo do braço – e partimos para a Praia da Conceição no buggy que ele alugou.

Situada há apenas duas praias de distância, ao sopé do Morro do Pico, era uma das maiores do arquipélago e muito procurada por ter fácil acesso e ondas propícias, na maré alta, para a prática de surf. A praia ganhou esse nome pela existência do Forte de Nossa Senhora da Conceição, no século XVIII, transformado em hospital no século passado.

De um lado o pico se assomava coberto por mata nativa e do outro uma fileira de coqueiros mantinha o tom natural da praia. As ondas quebravam com força na areia não muito longe de onde estava instalada sobre minha canga. Guilherme não perdeu tempo e partiu com sua prancha para o mar.

Sabia que seria uma ótima oportunidade para pintar e, enquanto meu amigo se aventurava em manobras arriscadas deitado sobre a prancha, me perdia entre o que via e o que pintava em minha tela em branco. O tempo bom convidara outros ilhéus e até turistas para a diversão e alguns me olhavam curiosos enquanto me entretinha com o pincel e as tintas.

A prática de bodyboard era fascinante e muitas vezes Guilherme desaparecia em um tubo branco de espuma do mar para reaparecer alguns segundos depois sorridente e com o cabelo molhado. Sorria e acenava de volta para ele demonstrando estar atenta a seu exibicionismo. A

necessidade que ele tinha de ser admirado podia satisfazer.

Ele até se arriscou a manobras aéreas que achei perigosas demais, girando no ar em um ângulo de trezentos e sessenta graus ou terminando o giro sobre a crista da onda. Meu coração disparou inúmeras vezes com medo de que aquilo não terminasse bem. Porém, mesmo que não fossem perfeitas, Guilherme finalizava o movimento seguro e sorrindo.

O quadro estava quase pronto quando ele se aproximou com o cabelo pingando e só não o agitou para me molhar por causa da tela. Fiquei com vergonha quando ele se virou para ela a fim de conferir o trabalho. Olhou por um bom tempo antes de dizer alguma coisa, o que me deixou mais nervosa ainda.

— Nem dá para ver meu rosto – reclamou.

Gargalhei, confiante. Como ele se amava. Resolvi cutucar sua autoestima.

— Havia coisas mais bonitas para pintar.

Com a boca aberta de indignação forçada, ele me ameaçou.

— Vai se arrepender do que disse.

E se atirou sobre mim, esfregando o corpo e o cabelo molhados por toda a parte.

— Não, por favor! – implorei rindo muito.

Ele me prendeu contra a areia, me subjugando.

— Diga a verdade, que não existe nada mais belo nessa praia do que eu.

— Mentira! – retruquei entre risadas.

— Ah é. Agora não adianta implorar. Ninguém vai te salvar.

Erguendo-se, me pegou no colo com certa facilidade – o que não era impressionante devido ao meu tamanho – e caminhou pela pequena extensão de areia até a água. Nesse instante soube o que ele havia reservado para mim. Tirei o chapéu da cabeça e o atirei na areia antes de fingir pânico.

— Não, por favor! Não sei nadar. Isso é tentativa de assassinato.

— Você precisa ser punida pela mentira que disse só para me fazer infeliz – retrucou. –

Agora vai ver o que é bom.

Mal terminou a frase e me atirou na água que lhe batia acima dos joelhos. Fingi me debater para que ele sentisse algum remorso, mas não adiantou muito. Com um sorriso malicioso, mergulhou me puxando no segundo seguinte para debaixo d'água. Suas mãos me apertavam com destreza e certa sensualidade. Era fácil ceder a sua pegada.

Era mais do que errado sentir atração por ele enquanto lutava para conquistar quem amava. Mas meu corpo tinha vontade própria. Era mais fácil resistir quando ele não me tocava daquele jeito. Tinha comigo que além de se divertir nas ondas de Noronha, Guilherme viera na intenção de me seduzir e não partiria sem alcançar esse feito.

Entristeci por sempre ter sido uma conquista fácil para ele, mas não era bem assim que

via. Sempre fora uma via de mão dupla. Ele queria. Eu queria. Nós queríamos. Então por que não? Mas naquele dia parecia tão mal-intencionado, o que tornou a brincadeira uma armadilha ardilosa para mim. Precisava escapar.

Emergi buscando ar e Guilherme me acompanhou ainda com as mãos envolta da minha cintura, me prendendo. Mal havia dado a primeira aspirada e ele se aproximou com a intenção nítida de me beijar. Tive que pará-lo. Com as mãos espalgadas em seu peito, sob a água, o detive.

— Não, por favor – pedi séria.

— Por quê?

— Eu... bem... – me atrapalhei.

— Ah – percebeu ele sem graça me soltando. – Você está com alguém.

— Não – me apressei em dizer e o brilho de esperança em seus olhos me fez me arrepender. – Ainda não.

— Você se apaixonou – riu ele como se fosse piada.

— É tão óbvio assim? – perguntei perturbada.

— Você é tão transparente quanto essa água, Su – e riu mais frouxamente.

Fiquei irritada e o ignorei, partindo com dificuldade de volta a praia. Ele me agarrou pela cintura me puxando contra seu corpo. Estremeci com o choque, uma reação bem idiota para se ter naquele momento. Senti sua excitação ao apertar os dedos contra minha pele.

— Que tal uma despedida? – sussurrou no meu ouvido irresistivelmente.

— Despedida? – respondi perdida.

Com destreza, me girou de frente para ele, colando meu corpo ao seu. Seus olhos caramelos arderam em chamas que me incendiaram por dentro de expectativa. Droga. Meu corpo o desejou mais do que pude prever. Sem me dar tempo de pensar mais, colou sua boca na minha e me entreguei inevitavelmente.

Ao mesmo tempo em que me beijava com ardor, suas mãos disparavam por cada centímetro do meu corpo criando um caminho de prazer. Eu me distraí de tal maneira que, durante o tempo que aquele longo beijo durou, me esqueci completamente de onde estava, surda até para o som do mar contra as pedras.

Guilherme parecia mais consciente do local público do que eu e interrompeu o beijo mesmo contra a vontade para dizer sem fôlego.

— Vamos para um lugar mais reservado.

Enquanto saíamos da água, a tontura que aquele agarrão me provocara passava e tomava consciência do que estava acontecendo ao redor. No início da praia, paralisado de choque, reconheci o corpanzil de Marcel. Seu rosto estava torturado e meu coração acelerado doeu em meu peito. Não queria que ele tivesse visto aquilo.

Parei no meio da caminhada e mantive meus olhos presos nele em uma súplica silenciosa de perdão. Nosso contato não durou muito. Marcel baixou os olhos tristonhos, deu meia volta e saiu da praia com rapidez enquanto o via desaparecer. Guilherme me chamou da praia enrolado estrategicamente em uma toalha.

Atendi seu chamado ciente de que não haveria mais atração que me fizesse cair em seus braços de novo. Com os olhos abertos ou fechados, o rosto triste de Marcel permaneceu fixo em minha mente me impedindo de ver qualquer outra coisa. E agora? Eu o havia perdido para sempre?

Pisava duro, o coração mole, raiva e dor se misturando em um corpo grande demais e com muito espaço para ambos. Queria matar ou morrer e se sentiu um imbecil por estar dando tanta atenção aos sentimentos, ainda mais tão antagônicos. Afinal de contas quem eram as instáveis em sua casa?

Não queria acreditar no que acabara de ver. Suzane parecia tão desligada do mundo fora aquele que criaram em seu lar, uma família feliz e unida, de todas as maneiras possíveis. Como agora ela estava nos braços de outro com tanta facilidade? Era mesmo um idiota capaz de repudiar uma mulher por amor àquela ingrata e sem...

Cortou seu pensamento raivoso. Não tinha coragem de ofendê-la, nem mesmo mentalmente, no calor da fúria. Só tinha raiva pelos papéis estarem invertidos. Não era ele o homem naquela história? Exigiu a si mesmo que parasse com aquela mentalidade machista e antiquada. Cada um se guiava conforme sua própria cabeça.

Se Suzane sentia atração por outro homem, o que havia de errado nisso? Nada. Ela era solteira e desimpedida. *E é por sua culpa, seu lerdo*, xingou a si mesmo. Por que não conseguia se decidir? Já não era mais pelo que pensariam, porque aquele amor que saltara de repente ao seu peito era forte o bastante para vencer os preconceitos.

O que o fazia ter medo era sua própria insegurança. Era por essas atitudes dela, tão claras uma hora e tão equivocadas em outro momento, que não conseguia ter certeza. O que estava esperando? Que ela dissesse com todas as letras: Marcel, eu te amo, me beija logo! Mas isso não aconteceria. Ele teria que arriscar e era essa sua batalha interna.

Chegou em casa e rompeu porta adentro fazendo Margarida segui-lo preocupada. Não era o tipo de mãe que deixava o filho em paz. Mesmo que fosse um adulto de trinta e seis anos. E isso só piorou a situação de Marcel. Entrou no quarto e fechou a porta esperando que isso a fizesse recuar.

Pensou errado. Era claro que ela não se afastaria. Suspirou enquanto a mãe abria a porta e o seguia até a cama, sentando-se ao seu lado. Ficaram em silêncio um longo tempo e o rapaz

fingiu que ela não estava ali, mantendo-se preso em seus próprios pensamentos. Torturando-se, esbofeteando-se, ofendendo-se por ter deixado seu verdadeiro amor escapar.

— Filho – começou a falar Margarida, compassada –, confio no adulto que se tornou e me entristece que não tenha formado a própria família. Sei que fará a escolha certa e ficarei feliz se você estiver feliz, mesmo que para isso tenha que seguir seu próprio caminho.

Levantou-se afastando-se de um confuso Marcel. O que ela queria dizer? Havia percebido a atração entre ele e Suzane e agora jogava uma indireta sobre uma possível desaprovação àquele enlace? Ou seria exatamente o contrário, um incentivo para que se decidisse? Não saberia dizer e não estava disposto a perguntar.

Um suspiro lhe avisou que Margarida ainda estava ali. O que mais ela pretendia lhe dizer? E por que hesitava? Isso lhe chamou a atenção.

— Em breve, algo grande acontecerá e você precisa estar próximo de sua irmã durante esse momento.

— Do que está falando, mãe? – quebrou o próprio silêncio.

— Na hora certa lhe contarei tudo – e se retirou do quarto.

Que Margarida fosse a rainha dos mistérios era inegável. Mas de onde saíra aquilo? A solidão e a nostalgia estariam afetando a sanidade mental de sua mãe? Até parecia que o mundo ia acabar. Bufou. Podiam falar o que quisessem, mas ele sabia que sua matriarca jamais acreditara nisso. *Será?*

Pensou em todos os segredos que ela guardava a sete chaves. Pouquíssimo dissera sobre seu pai. O porquê ele não estava ali ou a presença de Suzane órfã, continuavam incógnitas que nem a revolta na adolescência de sua irmã fora capaz de desvendar.

Mas não seria ele a tentar arrancar isso dela nem hoje nem nunca.

DEZEMBRO

Era o dia do casamento de Leandro e Vanessa. O casal havia aparecido em minha casa no mês passado para me levar o convite e me chamar para madrinha. Fiquei lisonjeada e depois em choque quando me disseram que Marcel seria meu par. Isso havia acontecido pouco depois daquele desastroso dia na praia com Guilherme.

Esse havia desaparecido, provavelmente ofendido com minha recusa. Tinha um ego grande demais para aceitar meu não. Achava melhor assim. A fuga sempre fora minha melhor arma. O que não conseguira aplicar com Marcel por mais vergonha que tivesse. Tia Margarida apareceu com ele logo depois do convite visivelmente eufórica.

Marcel, apesar de evitar me olhar diretamente, foi o rapaz brincalhão de sempre. Chegou a me irritar algumas vezes. Tudo ele achava graça, tudo ele fazia piada, tudo ele brincava e arrancava altas gargalhadas de minha mãe de criação. Por que só eu não via graça nenhuma? Por que eles tinham que estar tão eufóricos quando estava perdida?

Andava de mau humor, confesso. Meus planos haviam ido por água abaixo e aqueles dois riam da minha cara sem piedade. Estava infeliz e insatisfeita. Se Guilherme aparecesse na minha frente naquele instante com certeza o crucifixaria. Fora tudo culpa dele. Estava tudo indo muito bem até ele aparecer.

Meus dias passaram normais e entediantes até aquela noite quente e úmida de dezembro. Nem as visões me perturbaram. A igreja de Nossa Senhora dos Remédios estava decorada e cheia de convidados. Era pequena e mantinha sua arquitetura da época colonial. Nervosa, aguardava no topo da escadaria ao lado de um Marcel sorridente e brincalhão.

O noivo estava em transe e suava frio. Leonardo também seria padrinho com a irmã da noiva, Valéria, com quem tinha muito pouco contato. Mas de cara avaliei que a mais velha era mais bonita do que a mais nova. Os pais dos noivos, de ambos os lados, estavam ansiosos e engratados, e Antônio parecia visivelmente desconfortável.

Sorri. Não devia ser fácil para um pescador vestir terno e gravata. Já dona Regina estava alegre com um vestido brilhante que arrastava no chão. O cabelo impecável preso em um coque no alto da cabeça. Tia Margarida conversava animadamente com a vizinha desejando ver seus filhos casados um dia também. Revirei os olhos.

Ficava muito mais a vontade com minha roupa de mergulho do que com aquele vestido de pano fino e esvoaçante e aquele salto alto que acabava com meus pés. A cabeleireira também

puxara meu cabelo para trás com muita força para prendê-lo no moicano feminino e os grampos estavam me dando dor de cabeça. Seria uma noite infernal.

Marcel me espiava o tempo todo pelo canto do olho e aquilo estava me incomodando também. O que ele queria me dizer? Por que não dizia logo? Estava tentando me deixar louca de raiva? Pois estava conseguindo. Não era muito difícil com o humor que estava. Troquei o peso sobre os pés para aliviar a dor e ele continuou a caçoar do coitado do Leandro.

Não era uma mulher vaidosa e talvez por isso não chamasse a atenção dos homens. E, quando me arrumava como naquela ocasião, os olhos masculinos não saíam de cima de mim. Estaria muito ridícula? Exagerada? Esperava que não. Era tímida demais, não gostava de chamar atenção para mim.

Baixei os olhos para o chão e tentei não pensar mais em mim. Afinal, aquela não era minha noite. Se um dia me casasse, queria algo totalmente diferente do tradicional. Bem mais simples, bem menor, talvez um luau na praia entre amigos e familiares. Estaria descalça, definitivamente, e com um vestido de praia. Bem à vontade.

Um carro parou no meio fio junto à escada e o alvoroço começou. A noiva havia chegado. Os músicos foram avisados e finalmente a procissão até o altar começou. Marcel me ofereceu seu braço e o aceitei. Estava quente e firme apesar da quantidade de pano sobre seu músculo. Eu o apertei instintivamente.

Antes de darmos o primeiro passo, finalmente me encarou nos olhos. Eles arderam de uma forma incompreensível para mim. Marcel desviou rápido demais para que pudesse traduzir seus pensamentos. Ele me guiou pela pequena nave até um dos lados do altar onde o padre esperava todos entrarem.

Durante o restante do tempo só tive consciência do corpo de Marcel junto ao meu, de sua respiração, de seu calor, de seus olhos me espiando de quando em quando. Nem vi quando os noivos se beijaram após os votos. Só percebi que Marcel caminhava atrás deles e me levava consigo, segurando com certa força meu braço junto ao seu.

Lá fora me soltou tão rápido que me senti perdida e abandonada.

— Vocês estavam tão lindos! – exclamou tia Margarida como a mãe coruja que era.

— Nós não éramos os noivos, mãe – brincou Marcel rindo dela.

Estremeci involuntariamente. Senti os olhos alegres de minha mãe de criação pousarem sobre mim antes de responder ao filho.

— Não, é verdade, mas ainda assim continuam lindos.

Ele riu à vontade dessa vez e então finalmente entendi. Meu irmão de criação usava de seu bom humor para esconder algo que o perturbava. Sempre fora assim. Como não havia entendido antes? Que boba fui. Estava na minha cara o tempo todo e não enxerguei. Cheia de novas esperanças, acompanhei minha família até o local da recepção.

A partir de minha compreensão, a noite se tornou extremamente agradável. Tudo dependia de como olhava ao redor. Comi, bebi e até dancei – de salto quinze – sem reclamar. Inclusive a primeira dança foi estimulada por tia Margarida que praticamente nos obrigou a ir para a pista.

Foi difícil não me perder em seus braços. Marcel também não tinha palavras – nem piadas – para quebrar o clima e se deixou levar. A música não parecia ter fim enquanto nos balançávamos ao seu ritmo e, no entanto, terminou cedo demais. Senti que não queria me deixar, mas o noivo se aproximou de nós.

— Minha amiga de infância me concede uma dança? – perguntou.

Tive que lhe dar. Enquanto dançávamos, meus olhos buscaram por Marcel enquanto ele se movia com pouca graça pela pista com Vanessa nos braços. Avistei Leonardo e Valéria se arriscando também. Até tia Margarida arranjara um par. Era amigo de Antônio, viúvo. Sorri ao ver tantos pares se divertindo. Uma noite de amor só podia dar alegria aos demais.

Nossos braços – de Marcel e os meus – se encontraram novamente e não se largaram mais o restante da noite. Não dissemos nada um para outro, porém nossos olhos mergulharam em nossas almas e traduziram cada palavra não dita. Sorria com timidez quando a gravidade de seu olhar se fixava por tanto tempo ao meu.

Havia uma resolução neles e ao mesmo tempo temor. Seus lábios se agitavam, às vezes, como se fosse dizer algo, mas não chegavam a se abrir de verdade. Também não tinha vontade de estragar aquele momento com palavras. Talvez fosse único e queria me iludir com meus próprios sonhos. A realidade poderia ser decepcionante.

Poucos permaneceram até o final. Tia Margarida se aproximou para se despedir dizendo que partiria com os vizinhos e exigindo que nos divertíssemos porque éramos jovens. Depois de nos beijar, ordenou que Marcel me deixasse em casa em segurança e lhe piscou um olho. Fiquei coçando de curiosidade. Pareceu que havia algum tipo de combinação entre eles.

Meu irmão de criação desviou a cabeça escondendo seu rosto de mim por alguns segundos. Em seguida, virou os olhos para os meus com um sorriso sem jeito e deu uma olhada ao redor. Estava se preparando para me dizer alguma coisa, pude sentir.

— Quando quiser ir, é só me avisar.

Sua voz soou mais grave do que o normal e imediatamente pensei que a hora de ter alguma privacidade havia chegado. Talvez sozinho ele finalmente tivesse coragem de me dizer o que tentara a noite toda. Temia saber, mas depois do que tia Margarida dissera, estava ardendo de curiosidade.

— Então vamos – respondi muito rápido.

Ele pareceu surpreso, porém se recuperou rapidamente e segurou firme minha mão

enquanto caminhávamos para fora do lugar. Achei que quando estívéssemos longe de todos, a solitaria, porém não o fez e também não disse nada. Seus dedos seguravam firmes os meus que se perdiam em seu calor.

A caminhada foi curta e bela. A noite estava clara e brilhante. Sempre perdia o fôlego quando parava na varanda de casa. Era um privilégio ter acesso diário àquele cenário paradisíaco. Era a pessoa mais sortuda do mundo. Sem perceber, escorei meu corpo junto ao dele.

Passou o braço por meus ombros nus em um afago inocente enquanto contemplávamos boquiabertos o horizonte. Suspirei ruidosamente chamando sua atenção para mim, mas não desviei meus olhos daquele espetáculo.

— É tão lindo! — exclamei maravilhada.

— Sim, como você — murmurou.

Meus olhos o encararam surpresos. Havia ouvido direito? Uma intensidade diferente destoou sua voz. Um calor apaixonado. Precisava aprender a ler seus lindos e brilhantes olhos que me fizeram me perder. Porém não disse nada de novo. Pareceu nervoso e indeciso.

Apesar desses sentimentos antagônicos, sentia que ele tentava me dizer com os olhos o que não conseguia com a boca. Eles disparavam entre meu olhar e meus lábios, enquanto se mordiam como para conter-se. Que agonia era aquela? Deve ter percebido minha dúvida o que fez com que baixasse os olhos desistindo.

Toquei seu queixo o obrigando a me olhar novamente e eles estavam surpresos e ansiosos. Sua boca cerrada em uma semissorriso encantador me fez ceder a um ímpeto antigo. Sem pensar, puxei com leveza seu rosto para mais perto do meu e me ergui nas pontas dos pés para que nossas bocas se encontrassem.

Em choque, Marcel não me deteve, mas também não fugiu nem me ajudou. Deixei nossos lábios se tocaram suavemente, em um encontro tímido e sem brilho. Como um teste. Era macio e agradável. Nossos olhos abertos se encontraram e vi que, apesar de estar surpreendido, gostara também.

Foi o bastante para mim. Em um movimento rápido girei o corpo para ficar totalmente de frente para ele, passei minhas mãos por sua nuca e o puxei com força para baixo a fim de grudar sua boca na minha com vontade. Abri meus lábios e forcei passagem com minha língua entre os dele.

Em um segundo, seu corpo reagiu à minha paixão. Suas mãos me apertaram contra ele e sua boca seguiu minha vontade com o mesmo ardor. Naquele instante, soube que ele também me amava e me queria, e que nos últimos meses tentou fugir desse sentimento, porém estava desistindo agora.

A decisão fora difícil e precisara de um empurrãozinho meu. Muito típico dele ter dificuldade em tomar decisões. Sempre precisava de ajuda. Sua sorte era que nos conhecíamos

bem e que tinha uma percepção aguçada. Era extremamente observadora e fora capaz de entender nas entrelinhas o que pretendia me dizer com todas as letras.

Estava em júbilo. Fechei os olhos para me entregar aquele momento tão esperado e um lampejo surgiu em minha mente. Uma imagem totalmente contrária. Escura e chuvosa. Dava medo. Abri os olhos e a imagem sumiu. Percebi a emoção e o envolvimento de Marcel no beijo e afastei aquela estranha sensação.

Foquei-me em seu corpo, em seu sabor único, em suas formas esculturais. Era exatamente aquele aroma que buscara em toda a minha vida. Como previra, aquele homem era muito melhor do que qualquer outro que provara. Estava realizando um sonho juvenil, porém a maturidade lhe dava mais peso e importância.

Precisava provar mais, por inteiro, então dei passos cautelosos para trás trazendo-o comigo. Marcel se deixou guiar às cegas enquanto abria a porta da sala sem parar de beijá-lo. Quando ela cedeu, puxei-o com força para dentro e a bati com o salto atrás de nós. Sem perder tempo, ataquei os botões de sua camisa.

Sentindo minha urgência, procurou o zíper do meu vestido nas costas e o desceu devagar, com sensualidade, causando um arrepio onde seus dedos me tocavam. Larguei sua camisa na porta da sala enquanto minha roupa escorregou no corredor a caminho do quarto. O cinto e a calça ficaram no batente antes de me jogar de costas na cama e puxá-lo para cima de mim.

Foi mágico, intenso, ininterrupto. Nossas bocas só se desgrudaram para encontrar outras partes de nossos corpos enquanto arfávamos em busca de ar. As mãos não se afastaram espalhando arrepios e carinho por onde passavam. Procurei manter os olhos abertos em boa parte do tempo para assistir seu rosto belo enquanto nos amávamos.

Prolongamos ao máximo todas as sensações que nos provocávamos para que não acabasse. Precisávamos compensar uma vida inteira, precisávamos nos amar a noite toda, conhecer cada centímetro, cada gesto que dava prazer ao outro. Precisávamos conhecer aquilo que ainda não conhecíamos um do outro: a paixão.

Uma hora o fim foi inevitável. Tão longo e envolvente, tão profundamente intenso, que senti cada célula de meu corpo vibrando de prazer. Estremeci enquanto fechava os olhos apertando com força os dedos envolta do braço de Marcel. E nesse instante, me vi novamente naquele cenário obscuro de morte.

Durou apenas um segundo, mas pude ver tudo em câmera rápida, com uma nitidez assustadora. Estava nas cataratas do Iguazu, embaixo de uma chuva intensa que caía no rio em sintonia com o som forte e pesado da cachoeira. Uma mulher ruiva corria até a beira d'água e tive medo do que viria depois.

Uma luz iluminava o rosto da mulher, mas repentinamente se apagou. Assustada, tentei

correr para encontrá-la, tentei gritar, mas não pude. Apenas assisti a cena seguinte como uma espectadora impotente. A mulher jogou algo na água que se acendeu pouco antes de tocá-la. Em seguida, ela se jogou no rio escuro e agitado sumindo de minhas vistas.

Com a força do pensamento, estava na beira do rio vendo o cabelo vermelho da mulher se agitar na água escura junto com a inesperada luz que ela buscava. De repente, sua cabeça foi jogada contra uma pedra e abri os olhos gritando em desespero. Encontrei um Marcel atônito e assustado me encarando com pavor.

— Desculpe – sussurrei ofegante. – Tive uma visão muito nítida agora.

— Eu sei – respondeu ele em um murmúrio. – Também vi.

Marcel não podia acreditar na própria indecisão. Tinha certeza que a queria, então por que fora tão difícil tomar a atitude, avançar o passo, dizer as palavras? Era como se uma trava o impedisse de falar, de pronunciar as letras que o fariam o homem mais feliz do mundo. Enfim, Suzane fora mais esperta do que ele esperava e tomara a iniciativa.

Não havia mais medo. A alegria sobrepujava o acontecimento inexplicável. Iam e voltavam feito baratas tontas, inebriadas, perdidas e sem saída. Sentiam-se bobos de tanta felicidade e evitavam deixar de se tocar como se isso garantisse que não estavam sonhando. O toque da realidade.

Amanheceu nublado e, sem sono e cheios de dúvidas, se levantaram para tomar café da manhã. Suzane vestia apenas uma camisa longa que lhe cobria até o meio da coxa e Marcel ficou de cueca. Continuava quente e abafado como o verão no nordeste é.

Mudaram de assunto durante a refeição, entretendo-se com uma conversa mais leve e repleta de brincadeiras e provocações. Não havia nada de estranho no amor deles. Intimidade era algo que já tinham, não foi difícil agir com naturalidade.

Suzane estava com medo e ao mesmo tempo radiante. Medo de que aquilo acabasse, medo da visão que tivera. Radiante por estar vivendo finalmente sua história de amor, satisfeita por ter conseguido ver com nitidez aquela visão e feliz por Marcel estar ao seu lado naquele momento difícil.

O que intrigava era: como foi que ele conseguiu ver com ela? O fato de ter acontecido durante um momento tão íntimo, de entrega e de fusão teria algo a ver? Nenhum dos dois tinha a resposta para isso e deixaram o assunto um pouco de lado depois de trocarem suas impressões sobre a cena. Afinal, não tinham ideia de quem era aquela mulher.

A campanha tocou e, esfuziante, Suzane se levantou fugindo das mãos de Marcel brincalhona. Abriu a porta sem se preocupar em ver antes quem estava do outro lado. O sorriso sumiu de seu rosto e a vergonha tomou conta.

— Bom dia! – exclamou alegremente Margarida com uma assadeira enorme nas mãos.

E foi entrando. Marcel tentou se esconder, mas a mãe o viu e lhe mandou, rindo, se vestir para comer o saboroso bolo que trouxera. Arranjou um espaço para sua assadeira na mesa e se sentou. Foi seguida por uma perdida Suzane que não sabia o que fazer.

— Sente-se, minha filha – disse Margarida apontando para uma cadeira vazia. – E pode tirar essa cara de espanto da minha frente. Estou feliz por vocês terem finalmente se acertado.

A senhora grande e afetuosa sorriu amavelmente enquanto Marcel entrava na cozinha de cabeça baixa e com a roupa de festa cobrindo o corpo da cintura para baixo.

— Ah, trouxe umas roupas para você, meu filho – disse Margarida enquanto cortava um pedaço do bolo. – Estão na sacola em cima do sofá.

Os dois jovens se encararam assustados. O que estava acontecendo ali? Margarida comeu um pedaço inteiro do bolo antes de falar novamente. Os filhos não tiveram coragem de abrir a boca.

— Vocês dois ficaram mudos? – perguntou por fim.

Suzane tomou coragem para falar e resolveu desviar a atenção da senhora da situação constrangedora em que estavam.

— Tia, precisamos contar uma coisa.

— Não se preocupe, por favor – interrompeu Margarida. – Sei muito bem o que aconteceu aqui e estou muito feliz! Não preciso dos detalhes.

A veterinária revirou os olhos com a interrupção e o biólogo sorriu tristemente. Ainda estava muito constrangido.

— Não é sobre isso que vou falar, tia – voltou a explicar meio impaciente. – Tive uma visão muito clara.

Contou todos os detalhes, omitindo a parte picante de como chegara a ela mesmo quando falou que Marcel também tinha visto.

Margarida mudou enquanto a filha de criação falava até que sua expressão caiu em uma tristeza profunda. Seus olhos marejaram. Suzane ficou preocupada e por isso se calou novamente. O que afinal ela saberia sobre a ruiva da visão?

— Sabia que não poderia esconder a verdade para sempre. Mas que pena que tudo veio à tona em um dia que deveria ser apenas de felicidade, meus filhos. No dia em que suas almas finalmente se encontraram – suspirou ruidosamente. – Bem, talvez isso tenha colaborado para que a verdade surgisse. Pelos meus cálculos, o tempo está se esgotando mesmo. Mais cedo ou mais tarde teria que dizer tudo a vocês.

Desviando os olhos dos dois jovens atônitos, sorveu um longo gole de suco com grande naturalidade apesar de aparentemente ter ficado abatida com a lembrança. O coração de Suzane disparou. Que verdade causaria tamanho sofrimento a sua mãe de criação?

Margarida limpou a garganta e começou a narrativa mais importante da vida dos dois jovens:

— Foi há quase trinta anos que essa história começou, data que marca nossa vinda para cá. Você vai entender, Suzane, que fiz tudo o que pude para cumprir minha tarefa, mas que mesmo assim fui falha – sua voz vacilou e sumiu. – Porém, vou começar algum tempo antes, quando sua avó Rosa previu o surgimento do mago negro e o nascimento dos escolhidos. – Seus olhos baixaram para a mesa com visível pesar. – Isso foi na nossa terra, um lugar de difícil acesso, escondida dos humanos comuns: o Coração da Natureza.

PARTE II
HÁ TRINTA ANOS

PRÓLOGO

Nunca pensei que depois de quase trinta anos minha vida teria uma reviravolta tão grande. Com essa idade tinha certeza de que saberia quem era e o que queria da vida. Depois da narrativa de Margarida descobri que não sabia absolutamente nada.

Achava que não havia maior importância do que minha busca insana por um amor não correspondido. Que tola e medíocre era. Havia sim algo muito maior do que eu – uma pequena lua girando descompassada e fora de órbita. Agora havia um mundo, com sua força gravitacional, me puxando e me prendendo à sua trajetória. Tinha por que me mover.

Independente de todo absurdo narrado com paixão por tia Margarida, sabia que já havia tomado uma decisão dentro de mim. Não importava mais como andava minha vida pessoal, profissional e familiar. Havia nascido para cumprir uma missão muito maior do que esses pequenos problemas. E se tinha recebido um dom que me auxiliaria em minha jornada, o usaria conforme a minha vontade.

Talvez seria difícil conseguir o controle sobre algo que não fazia ideia de como dominar. Porém tentaria – ou morreria tentando – já que outras vidas estavam em jogo. Não mediria esforços para reunir aqueles que nunca deveriam ter se separado. Essa agora passaria a ser minha missão de vida. E se ainda assim fracassasse, saberia que pelo menos havia tentado.

Poderia, enfim, morrer com a consciência tranquila.

JARDIM

PRIMAVERA

Com um clima sempre ameno, sem períodos de chuva ou seca, o grande jardim pulsava, vibrante, colorido, repleto de vida. A passagem do tempo era contada pelo movimento do sol na abóbada celestial em um tom azul constante salpicada de flocos de nuvens brancas. À noite, a lua e as estrelas convergiam luz natural enquanto um orvalho aromático cobria a vegetação.

O Coração da Natureza não se parecia com nada que existisse do lado de fora das paredes invisíveis e mágicas. Nenhuma beleza natural, por mais fantástica e preservada, não se comparava ao esplendor daquele lugar que em si era a essência da criação divina e a mãe de tudo que existia na Terra. Era dali que o planeta nascia e renascia em suas muitas eras, há milhares de anos.

Margarida ergueu os olhos claros e suspirou novamente ao avistar, ao norte, a Montanha da Nascente que limitava a cidade. Seu cinza chumbo salpicado de mata verde e seu cume tocando o céu de forma gigantesca. Mesmo à distância, era preciso erguer a cabeça para olhar o ponto mais alto recortado contra o azul acinzentado. Naquela direção, era a única vista.

A Montanha da Nascente era a maior e a primeira formação rochosa do jardim. Seguindo a vista a oeste, pontas menores, porém constantes, formaram uma cordilheira que picotava todo o azul de cinza e verde, irreverente e belo. Era impossível ver além das rochas, o que dera origem ao apelido Cordilheira dos Suspiros.

Ao sul, Margarida via o Rio Prata – que nascia de uma bica fina na montanha e cruzava toda a cidade – se alargando ao fim para formar um grande lago de águas plácidas e transparentes. Era impossível ver a extensão do alagamento, porém as águas continuavam correndo para o leste, em uma curva abrupta, e se embrenhavam na mata fechada como um túnel escuro a partir dali.

A Floresta dos Espíritos, como conhecida, era grande e intocada. Margarida, como a grande maioria, não havia se aventurado por ela apesar de não haver perigos reais. Por mais que aquela mata estivesse em toda a parte, naquele ponto ela se fechava tornando impossível avistar por entre os galhos. Poucos conheceram seus segredos, porém todos sabiam que seres míticos viviam lá.

Essa era a vista geral que se tinha de qualquer ponto do jardim. Fora nesse lugar inócuo e cheio de vida que Margarida nascera. Correndo os olhos pelos extremos, comparou seu território ao de uma cidade de médio porte. Vasta, plana como um vale entre montanhas frondosas. Um

rio que o cortava ao meio. Um cenário perfeito difícil de imaginar quando não se via com os próprios olhos.

Não havia nada tecnológico. Não existiam máquinas nem estradas nem grandes edificações. Tudo era primitivo, porém belo e encantador. A vida simples de Margarida em sua casinha de pedras cinzentas – como na época medieval – no centro de uma clareira aberta naturalmente na vegetação e cercada de um jardim natural era um conto de fadas.

Colhia frutos direto das árvores que se espalhavam erratically em volta da casa, guardando-os em uma cesta de palha repousada em seu braço. Trabalhava sorrindo enquanto lançava olhares ao redor. Não se cansava de observar aquele cenário por mais que já estivesse mais do que acostumada com sua beleza.

Só havia duas construções, evidentemente erguidas pelos homens, que sempre a impressionavam por sua magnificência e grandiosidade. No centro do jardim, não muito longe de sua moradia – onde o rio começava a se alargar –, uma ponte rústica ligava uma margem à outra. Era bastante larga, côncava e perfeitamente preservada, apesar de sua aparência antiga.

Construído em uma ampla planície, na frente da floresta densa, um imenso templo em pedra, que lembrava um castelo forte e impenetrável, se erguia encobrendo parte da vegetação alta. Também cercado por uma infinidade de flores e árvores menores, era uma fortificação gigantesca capaz de abrigar cada morador da cidade. Havia um parque infantil que misturava pedras e madeira ao lado do castelo. Era desse lugar que um homem saía agora.

Margarida parou à sua espera sorrindo. Não sabia ao certo quanto tempo se passara desde que se tornara adulta. Muito menos há quantos anos estava com o companheiro Adriano, para quem acenava freneticamente enquanto vinha ao seu encontro. O tempo não era algo importante em um lugar onde sua passagem era sutil e sem sobressaltos.

— Oi, amor – cumprimentou o homem alto se debruçando para beijá-la.

— Oi – respondeu uma deslumbrada Margarida depois do carinho. – Como foi? – perguntou apontando para o castelo de pedra com um aceno breve de cabeça.

— Muito bom – sorriu de volta com seu sotaque latino característico. – O mestre Rafael me fascina. Tudo aqui me fascina. – E seus olhos se voltaram de novo para Margarida fazendo-a corar sob a pele clara.

Adriano viera do mundo comum, sobrevivente de um terremoto na América Central. Em sua outra vida fora lavrador em uma plantação de frutas. O terremoto abrira uma passagem para aquele mundo no qual literalmente caíra. De todas as pessoas que conhecera do outro lado – família e amigos – só ele fora parar ali. Primeiro ficara confuso, depois encantado. Nem cogitara a ideia de voltar.

Margarida ficara lisonjeada ao saber que tivera uma parcela nessa decisão. Ele usara uma palavra que não existia no dialeto local, mas a moça conhecia o espanhol. O que o tempo

infinito não poderia proporcionar? Adriano a pedira em namoro e sem graça ela lhe explicara que não existia nada assim ali nem casamento. Havia a escolha e a convivência, que seriam o compromisso.

Entraram na pequena habitação – sem cômodos e pouquíssimos móveis e utensílios – onde o pequeno bebê, fruto da união dos dois jovens, aguardava seu alimento. Marcel herdara apenas os lábios grossos e as sobrancelhas largas do pai. Talvez o jeito metódico e sério demais quando falava algo importante. Mas toda sua expansividade era de Margarida. E sua aparência clara e dourada também, contrastando com o bronzeado natural de Adriano.

Um dialeto universal – uma língua antiga – era falada e preservada naquela cidade, um dos ensinamentos de Adriano no templo. Margarida não se atrevia a pronunciar aquela linguagem especial do lado de fora do Coração da Natureza. Devia permanecer em sigilo.

Depois de alimentar o filho, a jovem loira se despediu do companheiro na entrada de casa. Adriano partiu para trabalhar com os outros no estudo das árvores frutíferas. Ficava sozinha com o filho em um período do dia já que seus pais – guardiões-coletores – realizavam sua missão fora do Coração há alguns anos.

Não que eles fossem displicentes ou não a amassem, só acreditavam que cada um tinha seu destino para cumprir e que não precisavam ficar cercando-a de mimos e atenção – e Margarida se tornara uma pessoa totalmente oposta com a família que construíra ao lado de Adriano e de Marcel. Antes de vê-lo sumir entre a vegetação, um riso vindo da ponte lhe chamou a atenção. Gustavo, a criança de cerca de dois anos, brincava com o irmãozinho, Alexandre, que estava no colo da mãe.

— Olá, Margarida, como está? – cumprimentou a mulher morena e bonita.

— Muito bem e você, Ana?

Marcel se agitou em seu colo com a aproximação das outras crianças.

— Bem também. Adriano já foi ao trabalho?

Margarida gesticulou confirmando e rindo das palavras da moça. Ainda estavam se adaptando ao Coração. Ana, os filhos e o marido Eduardo foram trazidos por seus pais – inclusive foi a última vez que teve notícias deles – depois de sobreviverem a uma enchente na África. O novo casal trabalhava com os animais no mundo de fora. Tornaram-se amigos quase que imediatamente e os homens iam juntos para as atividades.

As mulheres soltaram os bebês no gramado para que pudessem brincar. Gustavo saltava feliz ao redor dos dois menores que ainda engatinhavam. Animais domésticos, como cachorros e gatos, se juntaram a farra das crianças. Pássaros e borboletas voaram ao redor como se também estivessem felizes como aquelas vidas jovens e inocentes.

Os animais viviam livremente, mas se concentravam nas montanhas e na floresta

fechada. Não havia criações ou cercados, apenas alguns de estimação, principalmente ao redor das casas com crianças. As aves passeavam pelo céu infinitamente belo e os animais aquáticos saltavam na correnteza suave do rio. Na parte alagada concentravam-se os animais maiores, devido a profundidade. Era um espetáculo para qualquer criança. Elas amavam.

Desde que se tinha por gente, Margarida se lembrava da mulher que atravessava a ponte nesse momento. Hoje havia uma nuvem espumosa em sua cabeça no lugar dos longos e rebeldes cabelos ruivos de antigamente. Com tristeza vira o tom impressionante de vermelho desbotar ao sabor inexpressivo do tempo. Era a evidência mais clara de morte para ela até então.

Com seus olhos sempre verdes e brilhantes no rosto pálido e flácido, Rosa conhecia o peso da responsabilidade. Sua boca tinha um formato de botão de flor e já tivera uma cor mais viva, mas seu sorriso continuava se abrindo como o desabrochar repentino. Havia esperança quando se trabalhava em prol da vida.

A mulher outrora ruiva acenou serenamente ao passar por Margarida e Ana. Fora sacerdotisa, uma espécie de líder espiritual – cargo que a única filha Luise herdara. O sacerdócio era uma dádiva e um grande encargo. Escolhidos periodicamente pela própria natureza e dotados de talentos especiais, sabiam a verdade como se tivessem uma ligação direta com a essência de cada pessoa.

Também eram responsáveis pela chave – o cristal multicolorido – que abria o portal para o outro mundo. Nenhuma outra criatura tinha permissão – ou poder – para usá-la. Em troca, a natureza lhes dava o domínio sobre os quatro elementos. Hoje fazia parte do hall de mestres do templo por ganhar o respeito daquela sociedade única.

A sacerdotisa cumprira sua função ao lado do companheiro Cravolino que a acompanhava naquele momento – como todos os dias. Enquanto podia prever o futuro, ele podia ver o passado de uma pessoa apenas com um olhar. Era muito útil com novos moradores e completava um ao outro na relação duradoura que tinham.

Luise era a melhor amiga de Margarida. Herdara os olhos verdes da mãe e os cabelos de ébano do pai. Em aspectos de personalidade, era bem parecida com Cravolino e Rosa ficava feliz por isso. De séria e exigente bastava ela naquela família. A moça andava bem atrás deles e ao avistar a casinha da amiga, acenou efusivamente.

Rosa tinha orgulho da mulher gentil que a filha se tornara, mas redobrava sua preocupação sobre ela por ser a última de uma linhagem apenas de sacerdotes. Ela se apaixonara pelo estudioso e inteligente Pedro, guardião de conhecimentos ilimitados sobre o céu. Ficara encantada com tudo o que ele sabia sobre os astros. Eles passavam horas admirando o firmamento estrelado sem necessidade de artefatos tecnológicos por terem uma visão excelente, como todos que viviam ali.

– Continue andando, Luise – ordenou Rosa com sua voz baixa e grave.

A moça revirou os olhos, mas não desobedeceu à mãe que não era contra a amizade das jovens, mas cuidava da educação da filha pessoalmente, não a deixando com os outros mestres no templo como todos. Mesmo agora que ela era adulta e a nova sacerdotisa, não tirava os olhos dela. E a filha não se importava de verdade se Pedro estivesse com ela.

Caminharam rumo à Montanha da Nascente. Através de um túnel no sopé da montanha, adentraram-na. Sob seus pés, o sussurro constante do Lago Azul – subterrâneo e de águas calmas e transparentes. Bastava tomar o caminho que descia para o interior da montanha para se deliciar em seu frescor.

Seguiram em frente, sempre subindo pelo túnel longo e natural até alcançar um grande salão, lugar considerado sagrado e perfeitamente redondo. Era ali que se abria a passagem para o outro mundo. No centro da vasta galeria – em cima era possível perceber uma cavidade onde luz de fora adentrava – havia algo parecido com um altar de pedra. Dele cores irradiavam e dançavam nas paredes quando tocado pela luz.

Rosa sempre se maravilhava ao adentrar ali, apesar de ter feito isso diariamente por anos incontáveis. Naquele momento, ia apenas como instrutora, mas ainda assim era inquietantemente lindo. Chegou mais perto para vislumbrar novamente o objeto sobre o altar que provocava aquele arco-íris de cores nas paredes cinzentas.

Um cristal, do tamanho de um coração adulto, repousava sobre uma espécie de ornamento rústico de madeira, perfeitamente quadrado, onde folhas e flores frescas nunca morriam. A pedra translúcida e incolor, apesar de seus reflexos coloridos, cintilava com força, iluminando o ambiente. Seu formato arredondado nas extremidades e levemente alongado no centro, deixava-a desproporcional. Pontas agudas saltavam desgovernadas lhe emprestando uma aparência menos frágil.

A mecânica do portal era bem simples. Só saía e entrava quem o sacerdote ou sacerdotisa autorizava com a chave. Por isso, se alguém quisesse apenas dar uma volta lá fora, esse líder espiritual tinha que saber para onde e por quê. Essa pequena cidade devia ser preservada, permanecer pura e intocada. Por isso, era cercada por uma magia antiga que a tornava invisível e intransponível.

Havia uma alternativa mais complexa. Apesar de o portal ser único do lado de dentro do Coração, no outro lado poderia se abrir em qualquer um dos lugares escolhidos pela natureza. Uma vez por ano, aleatoriamente, um dos portais espalhados pelo mundo comum se abria. Se algum guardião perdido tivesse a sorte de estar por perto, teria sua chance de retornar. Se não, só com a chave e um sacerdote poderia abrir um portal específico.

A mestra vidente não conseguia traduzir todas as sensações que a assaltavam quando

entrava em contato com aquela pedra. Era uma mistura de tranquilidade, potencialidade e agilidade. Era a perfeição, o equilíbrio, a base das energias que fluíam pela cidade. Aquela era a pedra fundamental, a base daquela pequena sociedade. Nem podia imaginar aquele mundo sem ela.

Um arrepio lhe passou pela espinha. *Mau presságio*, detectou espantada.

A população de humanos não era grande, e circulava despreocupadamente enquanto as duas mães cuidavam de seus filhos. Era composta por pessoas especiais, em sua maioria resgatadas em grandes tragédias naturais lá fora. Os poucos que nasceram ali se destacavam devido à pele muito alva. Esses nunca tinham visto a luz do sol sem o filtro da magia que cercava o Coração. Outros, mesmo nascidos, possuíam influência genética em seu organismo.

Organizavam-se segundo seus dons e capacidades e era para as atividades que lhes foram designadas que se moviam agora. Alguns eram especialistas em construir, outros amavam plantas. Havia aqueles que se davam bem com os animais e outros que se interessavam pela vida externa. Poucos eram natos defensores, guerreiros de alma. E havia o líder, aquele que mantinha a ordem e a organização do cotidiano.

Esse passou mais agitado, se destacando entre os grupos que naturalmente se dividiam cada qual em sua especialidade. João devia mesmo estar muito ocupado. De temperamento forte, um líder nato, recebia ordens diretas dos sacerdotes. Era chamado de primeiro-guardião e, com sua companheira, Mariana, tinha um único filho, Francisco, um pré-adolescente.

A natureza não lhes dera outros, porém o homem prosseguia no cumprimento do seu dever ainda vigoroso, apesar dos cabelos apresentarem a cor cinza característica da meia idade. Ambos tinham as peles alvas e levemente enrugadas. Mas estavam sem o filho, que só lhes dava dor de cabeça, por sempre estar se escondendo por aí.

O primeiro-guardião pretendia começar o treinamento de Francisco para que pudesse assumir seu posto mais tarde. Não era dado a exageros, mas como o observador natural que era, sentia o ar da mudança se aproximando e não queria esperar de braços cruzados, mesmo sem saber exatamente o que viria. Era extremamente prático e ágil.

Todos os outros moradores eram considerados guardiões da natureza e seguiam as regras ditadas há muito tempo, repassadas pelo primeiro-guardião. Acima de tudo, foram escolhidos para preservar e manter batendo o coração que garantia o ciclo da vida no planeta. Cada um desempenhava seu papel segundo seu talento peculiar.

Entre os mais velhos, os sábios, mestres eruditos que carregavam nos ombros uma quantidade absurda de anos, estava Rafael. Possuíam um conhecimento vasto carregado de

experiências e vivências próprias. Era um dos instrutores nos salões do Templo do Conhecimento, onde passava para os mais jovens o que sabia sobre a vida no planeta. Normalmente eram esses ‘professores’ que identificavam os talentos quando ainda crianças.

Apesar do não controle de natalidade, a população de crianças no Coração não era grande. Ali a natureza se encarregava de manter a ordem e o equilíbrio de toda a vida. Ao alcançar a maturidade, os guardiões paravam de crescer e podiam viver séculos até os primeiros vestígios de velhice despontarem.

Além dessas instruções básicas – era uma enciclopédia ambulante – também portava outros conhecimentos de origem obscura. Considerado grande mago – ainda maior que os outros mestres –, detinha poderes inimagináveis mesmo para o sacerdote mais velho e experiente. Conhecia truques e magias tão antigos quanto a própria Terra.

Sem dúvida, era o mais antigo de todos os seres dali. Provavelmente era tão antigo quanto o próprio Coração. Acenou para Margarida enquanto acompanhava as crianças maiores na entrada do Templo de volta aos estudos. Mesmo com um nome de anjo, tinha aparência de bruxo. A barba longa e branca, os olhos tenazes e vívidos, um sorriso invisível sob o bigode comprido. A cabeça decorada com um chapéu pontudo e uma capa longa e escura que lhe cobria o corpo magro. Um cajado de aparência antiga que usava para se apoiar apesar de andar perfeitamente ereto completava sua aparência inusitada.

Rafael amava o que fazia, tanto para as crianças, quanto para a natureza. Estava preparando os futuros guardiões, que dariam continuidade ao trabalho hoje realizado no Coração. Dos adultos que circulavam na cidade, quase todos haviam passado por suas instruções, poucos – alguns adultos relutantes como Ana – preferiram outros mestres.

Margarida fora uma aluna muito dedicada, mas murchara um pouco ao descobrir que seu talento era apenas de defesa. Depois disso, passou a fazer tudo o que lhe pediam, mas não sentia necessidade de aprender além do básico. Tinha uma grande admiração por tudo que Rafael sabia, mas não se imaginava em seu lugar.

O mago se lembrou da jovem com carinho. Com certeza seu talento ainda seria de grande valia, ela que não entendia isso. Acreditava na perfeição da natureza, mesmo em um mundo que vagava cada vez mais para um abismo. E isso o fez se lembrar de fazer uma visitinha mais tarde a Florestas dos Espíritos. Sua experiência lhe dizia que algo novo estava para acontecer.

– Confesso que esse mago me dá calafrios na espinha – murmurou Ana para Margarida com medo de que a super-audição de Rafael captasse suas palavras.

– Por quê? – espantou-se Margarida.

Ana deu de ombros e não explicou. Era por isso que Margarida não gostava do mundo lá fora. Eles deturpavam tudo. Como alguém poderia ter medo de um ancião tão meigo e carinhoso

como Rafael? Sua barba branca e aparência desgastava só lhe diziam o quanto de conhecimento podia lhe proporcionar. Uma vida eterna ao seu lado não seria suficiente para aprender tudo.

Durante a infância e a adolescência – e alguns adultos introduzidos de repente àquela vida –, os guardiões recebiam instrução, conhecimento e treinamento intelectual e mágico desses idosos gentis e eternos. Mesmo com a cabeça branca e a pele enrugada, mantinham o astral e o vigor da juventude nos olhos e no humor. E sabiam fazer divertir as crianças com seus truques. Margarida se lembrava muito bem de quando tivera que frequentar aquela escola especial.

Ainda se lembrava do curto período de sua vida no qual tivera que frequentar o templo a fim de aprender. Aprendia muito rápido e não eram necessários exames ou anotações. Uma vez dito bastava para que seu cérebro registrasse para sempre. Fora em uma manhã de testes de talentos que o seu fora descoberto.

Rafael criara um método seguro para as crianças a fim de descobrir suas habilidades. Era bem simples. No primeiro, tinha que mover objetos da forma que conseguisse. No segundo, tentava impedir que fosse movido pelos coleguinhas. E para a terceira etapa só ia quem não passava nas primeiras.

Arrasada, Margarida viu a maioria de seus amiguinhos passarem nas duas fases daquele jogo e, acompanhada de mais outro, que era Pedro, permaneceu para a última etapa. O garoto demonstrou apenas grande interesse pelo céu quando perguntado sobre o que mais gostava e o mago determinou que seria um cientista.

Na vez da menina, ela se encolheu de receio. O que sobraria para ela? Costurar? Fabricar cestos? Por que seus coleguinhas tinham dons bacanas e divertidos e ela não? Rafael a olhou por alguns instantes antes de lhe fazer uma pergunta muito simples.

– Margarida, querida, qual é o seu maior desejo?

Essa foi muito fácil para a jovem.

– Ser uma guerreira.

– E se não puder lutar?

Aquela pergunta a pegou desprevenida e teve que pensar por alguns instantes.

– Tentarei proteger quem puder.

Depois daquilo, a menina desconfiou que, de alguma forma, o mago já sabia qual era seu dom. Aquilo não pareceu uma descoberta para ele, e sim para ela. Fizeram um teste com o jovem Pedro, que ainda estava de lado, e confirmaram o talento da jovem. Não era como um escudo, era como uma barreira gigante e impenetrável. E ela nem precisava fazer força para ativá-lo. Quem estivesse ao redor de seu ‘campo magnético’, estaria protegido.

Os sacerdotes e os magos eram os humanos que tinham coragem – e até prazer – de

vaguear pela Floresta dos Espíritos. Ali encontravam aqueles que desencarnaram por algum motivo – decisão de partir ou alguma rara tragédia. Os espíritos dos guardiões continuavam no Coração a fim de iluminar o caminho dos que permaneceram. Principalmente por esse motivo não se importavam em se infiltrar na mata fechada.

Ao final daquele dia, Margarida viu o mago Rafael se despedir das crianças na entrada do templo e partir direto para a floresta. Havia outros seres naquela mata que passeavam livremente pela cidade. Não havia porque ter medo ali, e por isso as míticas criaturas que lá viviam eram sempre avistadas fora de sua área comum, compenetradas e atarefadas. As crianças eram as mais encantadas com elas. Mas Ana ficava sempre cabreira quando as via passar. Margarida ria muito de seu medo infundado.

Gnomos, que gostavam da terra e das plantas sempre troncados e velhos, passaram roçando a coxa de Ana que se encolheu. As ondinas, muitas vezes chamadas de sereias, bateram a cauda na superfície do grande lago respigando água brilhante em quem estivesse por perto, além de encantar com sua música, sobressaltando a mulher ao lado de Margarida.

Mesmo as salamandras, com seu poder sobre o fogo, eram belas e pacíficas, apesar de mais arredias e dessas, a morena ficava o mais distante possível. Os silfos, com suas asas que lembravam anjos, habitavam no topo da montanha, altos e fortes, e nunca pareciam envelhecer. Eram criaturas que fascinavam até a medrosa da amiga da loira.

Outros seres se aventuravam mais. Pequenas fadas borboleteavam por entre as flores, às vezes nos jardins naturais das pequenas casas, com seu rastro de luz colorida. Duendes corriam de uma planta baixa a outra brincando. Elfos eram mais comuns nas copas das árvores, mais próximos do céu, com suas orelhas pontudas e suas lindas canções. Driades, velhos e ranzinzas, protegiam as árvores como guardas. Era, sem dúvida, um lugar encantado, repleto de beleza, paz e magia que Margarida tinha orgulho de viver todos os dias.

Os moradores da cidade não tinham por que se arriscar além de suas fronteiras. Havia o que comer, o que vestir – podiam ser bastante talentosos e criativos com o algodão natural e plantas e com as habilidades excepcionais de alguns guardiões –, onde morar, com quem conviver, o que aprender, uma vida longa demais e muita felicidade. Para que renegá-la a fim de viver em um mundo imperfeito, com um corpo limitado e uma existência muito curta? Era muito mais comum gente entrando do que saindo. E isso fazia mais sentido para Margarida.

Não havia plantio. Comiam o que as árvores lhes davam. Não havia necessidade de um grande consumo de alimentos. Parte da energia que recebiam para sua existência vinha do próprio lugar, que se infiltrava nas veias, nos ossos, nos músculos e lhes dava força extra. Também não sentiam muito sono. As casas eram mais para terem alguma privacidade e para os novatos que não estavam acostumados ao ritmo diferente dali.

As crianças chegavam perto do normal não fossem suas habilidades incomuns que

surgiam cedo. Brincavam, corriam e gargalhavam. Eram, junto com os idosos, quem mais dormiam. Sobretudo os que mais comiam. Porém, como não havia cozinha nem fogão, era tudo natural, colhido direto do pé. Não existiam guloseimas.

Havia uma paz especial ali. Margarida podia sentir no sopro do ar em seu rosto. Era algo a que estava acostumada. Sentia como se nada pudesse quebrar aquele encanto etéreo. As crianças correndo descalças pelo gramado sempre verde atrás de uma borboleta, rolando no chão com um cachorro e nadando com os peixes no rio era a tradução da felicidade para ela. Eram livres. Não havia tristeza nem dor nem medo.

Até as horas passadas no Templo do Conhecimento com as pessoas mais antigas daquele lugar não era monótono. A magia tornava tudo interessante e os feiticeiros tinham prazer em diverti-los enquanto ensinavam. A turminha mais levada era composta pelos mais velhos. Entre eles estavam Marcel, os irmãos Alexandre e Gustavo, e Francisco.

A vida ali era tão boa que poucos se rebelavam e desses Margarida tinha tristeza de se lembrar.

PROFECIA

VERÃO

Margarida só tinha consciência do passar do tempo por causa das fases do pequeno Marcel. Já andava e falava, quer dizer, corria atrás das outras crianças. Aprendia depressa e era adorável, rosado e com covinhas nas bochechas quando ria. E ria o tempo todo. O som de seu riso espontâneo se espalhava no ar como bolhas de sabão ao vento.

Luise, sempre que podia, passava tempo com a amiga e ao redor de seu lindo filhinho. O brilho de seus olhos denunciava o anseio de sua alma. A natureza ainda não havia lhe dado filhos. Brincava e ajudava Margarida a cuidar de Marcel. Pedro sempre a encontrava lá. Também Rosa, que a obrigava a voltar a algum estudo que estivesse ministrando no momento.

A personalidade mista da amiga fascinava Margarida. Luise era determinada e firme quando era preciso; dócil e carinhosa quando desejava. Era o tipo de pessoa que sabia bater e assoprar. Prezava pelo conhecimento e era ávida por saber mais. A loira tinha certeza que a atração por Pedro surgira primeiro por seu interesse pelo espaço.

A moça era tão especial, e aprendia tão depressa, que Rosa e Cravolino se aposentaram da função de sacerdotes ainda em plenas condições de exercê-la. Perceberam que Luise era capaz de cumprir esse papel melhor que os dois juntos. E não se decepcionaram. Além de dedicada, a jovem tinha um quê própria com sua personalidade única que a tornava completa.

Aquele dia começou diferente da perspectiva de Margarida. Rosa e Cravolino passaram por sua casinha em uma tensão palpável. Com um breve aceno de cabeça, o casal a cumprimentou e seguiu adiante rumo ao Templo do Conhecimento para as atividades diárias. Quase que o andar deles era sincronizado.

Nunca vira duas pessoas tão diferentes viverem em tamanha sintonia. O que um sentia estava estampado no rosto do outro. Eram a unidade mais disforme que conhecera. De um lado a liderança de uma mulher pronta para a ação e do outro, a reflexão e o pensamento constantes do homem. Entendeu que ambos se completavam. Ele a ensinava a pensar antes de agir e ela, a agir mais rápido depois de pensar.

Somente quando a amiga apareceu, um tempo depois, trocaram algumas palavras rápidas. A jovem sacerdotisa também estava com pressa.

– Ai, Margarida, meus pais estão tão estranhos. Conheço minha mãe. Teve algum pressentimento, talvez até alguma visão, mas ela não quis me contar. Ficou de segredos com meu pai e com Pedro. Vê se pode, o incluíram nesse segredo e me deixaram de fora? Não é justo!

A mãe de Marcel não conseguiu rir muito abertamente. Provavelmente algo que ocorreria do lado de fora da cidade estava agitando Rosa e Cravolino. Era sempre tenso quando uma tragédia acometia o mundo comum. Porém a intrigava o fato de terem dividido a informação com um estudioso e não com uma sacerdotisa em primeira mão.

Não gostava nem de imaginar qual seria a nova tragédia e o novo alvo da natureza. Há algum tempo que essas manifestações vinham acontecendo com maior frequência que antes. E o trabalho de todos era descobrir por que e quais seriam suas consequências. Por mais que João os liderasse no trabalho, eram os mestres que aconselhavam e os sacerdotes que decidiam.

Com um abraço na amiga, e breve perguntas sobre Marcel, Luise foi para o salão do portal. Adriano saiu de casa fazendo aviãozinho com o filho. Estava atrasado, se Margarida pudesse marcar o tempo, porém não importava. Tudo naquele dia não tinha acontecido como de costume mesmo. Uma coisa a mais, outra a menos não faria diferença. E ali ninguém marcava a hora.

– Eu te amo, meu filho – sussurrou o homem dando um beijo estalado na testa da criança.

Colocou-o no chão do jardim para brincar e foi abraçar a mulher. Margarida ruborizou apenas com sua aproximação. O jeito que ele a olhava sempre lhe causava aquele efeito. Era intenso demais.

– Pelo menos tenho esse poder – riu o companheiro para a moça.

Margarida limpou a garganta antes de responder e sua cor natural foi surgindo sob a pele fina.

– Do que está falando? – perguntou mudando o foco.

Adriano enlaçou sua cintura esbelta com ternura, em um abraço relaxado.

– Do meu dom de deixá-la desconcertada e ruborizada como uma adolescente.

– Para! – Margarida deu um tapa muito fraco em seu peito forte. – Você ainda vai descobrir um talento importante para ajudar o Coração da Natureza.

O companheiro bufou.

– Duvido muito. Há quantos anos estou aqui? Acho que acontece mais com pessoas que nasceram ou chegaram ao coração mais jovens. Já era adulto quando vim.

Sorriu de uma maneira encantadora e ela correspondeu deslumbrada. Como o amava.

– É melhor não ter nenhum – balbuciou meio desconexa tentando formular a frase devagar – do que ter um talento chato como o meu.

Terminou de falar com uma careta tão estranha. Mista, meio sorriso, meio disforme. Adriano não resistiu a gargalhar diante de sua dúbia máscara e se inclinou para relaxar os músculos de seu rosto com beijos.

– Não seja boba – disse ao pé de seu ouvido. – Jamais trocaria seu talento para ter um. Você devia dar mais valor a si mesma. – Apertou-a mais forte. – Tenho orgulho de minha companheira e seu poder de proteção. Sempre a mantereí por perto, só por garantia.

E riu novamente tocando-lhe os lábios com os seus. Despediu-se com um “eu te amo” murmurado e quando se virou, avistou o casal de amigos.

– Bem na hora – cumprimentou Eduardo enquanto Ana fazia o mesmo com Margarida e os pequenos Gustavo e Alexandre corriam para brincar com Marcel no jardim.

– É, me pegou de saída – respondeu Adriano. – Pelo menos podemos ir juntos dessa vez. Margarida segurou o riso, que correria solto por causa da expressão animada do amigo de seu companheiro. Ela podia jurar que ele bateria palmas de felicidade como uma criança.

As mulheres viram os parceiros seguirem o caminho comum até seu trabalho com os animais ou a vegetação, normalmente nas florestas. Como era muito vasta, nem faziam questão de saber em que ponto estavam trabalhando dessa vez. Tinham as crianças para cuidar. A loira constatou que ela e a mulata ao seu lado eram uma das poucas mulheres que não faziam outra coisa a não ser cuidar dos filhos.

Quando solteira, Margarida ainda participara das atividades cotidianas do Coração, praticando os ensinamentos que obtivera no templo, mas nunca se decidira por nenhuma área. Ana também, quando chegou por ali, já carregava consigo os dois pequenos “trabalhos” como gostava de brincar sobre os dois meninos. Porém, os dois companheiros eram bastante animados com as atividades e trabalham incansavelmente.

– Desculpe, Ana, mas tive que conter o riso por causa da alegria de Eduardo quando Adriano o chamou para as atividades.

– Ele está deslumbrado com a cidade e com o estilo de vida. Sempre chega em casa contando o que fez ou o que aprendeu. Sabia que ele já entrou na Floresta dos Espíritos?

Margarida não tinha medo de lá, mas preferia não se aventurar. Ficou espantada com a coragem do amigo.

– Voltou transformado e ainda mais dedicado à causa dos guardiões – prosseguiu. – Deve ter visto algo muito especial por lá que mexeu muito com sua mente. Ele não compartilhou comigo. Disse que é uma experiência individual que todos deveriam experimentar.

Por mais que tenha ficado impressionada, a ouvinte não cedeu à tentação e à curiosidade. Preferia curtir seu jardim ensolarado do que aquela floresta escura. Seus túneis também deviam conter segredos milenares que não a atraíam de verdade. Preferia viver e estudar. Talvez por isso não tenha escolhido uma função além de mãe – que lhe fora dada pela natureza.

Já havia se esquecido dos problemas que afligiam Luise e seus pais mestres quando João

passou arrastando pelo braço o jovem Francisco, agora um adolescente em treinamento. O rapaz estava ensoitado e levava uma grande bronca do pai enquanto era guiado para casa. Prestou atenção.

– Que vergonha, meu filho. Você não é mais criança. Já entende que precisa estudar, é para isso que nascemos. Até os menores ficam felizes no templo. Por que não consegue?

– Eu gosto, pai, mas hoje queria mergulhar no Lago Azul.

João bufou, por mais que usasse sua autoridade como pai, jamais agia com brutalidade e desrespeito com o jovem.

– Tudo bem, meu filho. Você pode se divertir todo o dia no lago, mas não na hora em que devia estar estudando. Não quero que minta mais para mim. Precisa ser responsável e dividir corretamente seu tempo.

Francisco não parecia muito satisfeito, mas resignado com as palavras gentis do pai. Margarida e Ana os viram sumir após uma árvore rumo à casinha onde viviam. Não ficava muito distante dali. Mariana também trabalhava nas atividades dos guardiões costurando as roupas que usavam e não monitorava os passos do filho.

As mães discutiram sobre o futuro, como seus filhos seriam dali uns anos, que talentos seriam despertados neles, qual seriam seus papéis no Coração. Enquanto os viam brincar unidos e despreocupados, imaginavam o que o destino reservaria a eles. Inclusive Francisco. Sabiam que nada era por acaso e que a natureza escolheria e capacitaria os melhores sempre.

Mas eles ainda eram jovens demais para se preocuparem com isso. O ritmo era lento ali e demoraria muito para serem realmente importantes. E mesmo quando estivessem prontos, não haveria nada para deixá-las em pânico toda vez que saíssem de casa. A vida ali sempre continuaria tranquila.

De repente, Pedro surgiu na ponte e cruzou o rio com agilidade, trazendo na mão uma folha de papel escura – o tipo de papel que produziam ali. Mal lhes acenou em cumprimento. Rumou para o Salão do Portal e aquela sensação que a assaltou mais cedo, cutucou-a novamente.

– Ana, você reparou que o dia começou normal, mas que está ficando cada vez mais estranho?

– Não, por que acha isso?

Margarida fez um resumo sobre o que presenciou antes de sua chegada. Ana não ficou apreensiva, apenas tristonha porque provavelmente novas vítimas de tragédias, como ela mesma, seriam trazidas para ali em breve. Ficaria feliz pelos sobreviventes, mas sabia, por experiência própria, das perdas que teriam que enfrentar por aquele privilégio.

Desde o dia anterior Pedro estava muito perto de entender, através do posicionamento das estrelas no céu e embasado em um livro antigo, qual seria a nova mudança no universo.

Aquele trabalho estava longe de ser previsão do futuro. A movimentação dos astros, a morte e o nascimento de estrelas, apontavam sempre o quanto a vida era cíclica.

O cientista queria saber se estavam próximos do fim de um ciclo. Acreditava que a natureza já estava dando sinais de que sim através do colapso do clima e tentava confirmar no espaço se isso era verdade e exatamente qual seria a transformação. Pela manhã, a resposta ficou mais do que clara, depois que juntou todos os pontos de sua pesquisa.

A Era de Aquário, que traria união, fraternidade, confraternização, paz e valores humanos, se aproximava. O espírito de solidariedade e de preservação do meio ambiente traria equilíbrio emocional aos homens e ao planeta. A Era mais esperada em milênios por todos os estudiosos que já passaram pelo Coração e que deixaram suas pesquisas arquivadas na imensa biblioteca.

Aquele período tornaria possível expandir os conhecimentos escondidos há tanto tempo ali no Coração para o restante dos humanos. Nessa nova Era estariam mais propícios a compreensão e a ouvirem a mensagem que eles aprendiam ali desde o início do planeta Terra. Não representava ação, mas garantia a execução do plano em prol da natureza que elaboraram.

Era o momento perfeito. Sua mente ágil e eficaz começou a traçar planos. Poderia ir para o lado de fora e, acompanhado de outros guardiões, disseminar a informação pelos quatro cantos do planeta. Com certeza um trabalho longo que duraria anos, mas não importava. Estava disposto a dirigi-lo.

Luise. Seria e não seria um problema. Ela entenderia, mas como ficaria a saudade, a separação, o tempo e a distância que o alteraria e a ela não? Ela continuaria linda e doce, jovem e gentil, cuidando do Coração da Natureza com seu talento nato. Ela nascera para aquela função. Era perfeita. E ele viria os anos passar mais depressa na cor dos cabelos e nas rugas dos olhos.

Mas era preciso. Sempre poderia voltar. E não precisaria terminar a vida do outro lado. Daria certo, com certeza. Olhou pela janela do templo e viu que já amanhecera. Estava na hora de falar com os mestres e se aconselhar quanto às novidades e planejamentos. Depois falaria com a companheira.

Levantou-se da mesa rústica coberta por livros e papéis e saiu da sala fria de pedra, percorrendo o grande corredor e foi direto para o grande salão onde tinha certeza de que encontraria os mestres que procurava. Rosa estava apreensiva e Cravolino espelhava sua expressão.

– Bom dia, mestres.

– Bom dia, meu jovem – respondeu apressada a senhora ruiva. – Estávamos aguardando suas novidades.

– Sim, e tenho ótimas notícias.

Com a empolgação diante da própria descoberta, Pedro fez um resumo sobre o resultado do estudo e a sugestão de solução que propunha. Enquanto falava, viu os olhos de Rosa se desfocarem e se interrompeu na expectativa. Cravolino também percebeu e aguardou espelhando a companheira inerte.

Um grito rompeu de sua garganta em algum momento da visão que somente ela via, assustando os dois espectadores. Provavelmente toda a edificação, ou até mesmo a cidade, havia ouvido aquele gemido. O companheiro estendeu a mão para tocá-la e no mesmo instante seu horror foi substituído por palavras desconexas.

– Antes da Era de Aquário chegar, um traidor se levantará entre nós com sede de sangue. Haverá dor, lágrimas e morte. O espírito se retirará da Terra. No Coração reinará o gelo por três décadas. Congelado, o Coração da Natureza não terá forças para renovar e reconstruir tudo que foi destruído pela ignorância do homem. E, no verão, o que for velho perecerá para que a nova Era seja instaurada na Terra e o Coração renasça.

Os olhos da vidente focaram-se novamente e o silêncio imperou em seus lábios. Ainda estava horrorizada com que vira naquela visão e tentava absorver a tragédia que sobreviria ao seu amado planeta. O apocalipse? O fim do mundo? Como seria possível? Não estavam trabalhando corretamente? Quem seria o traidor? Por que não o vira?

– Rosa, o que você viu? – questionou o companheiro.

A mulher engoliu em seco e narrou resumidamente quase tudo o que vira.

– Vi uma profecia ligada à Era de Aquário. Haverá um traidor que usurpará a função da sacerdotisa mais poderosa do Coração e vai causar todas as desgraças das palavras que desferi agora. Mas haverá uma saída. Uma única saída.

Houve tensão enquanto aguardavam que Rosa concluísse o pensamento.

– Os quatro elementos.

– Como assim? – perguntou Pedro.

– Quatro protetores nascerão com o poder dos quatro elementos e eles serão capazes de libertar o Coração do congelamento ao fim dos trinta anos terrenos porque quando a Era de Aquário começar, será no dia de um alinhamento planetário.

– O que multiplicaria o poder dos quatro – completou Cravolino.

– Sim, e abrirá o portal para os guardiões que forem banidos por não concordarem com o traidor. Precisamos garantir que essas quatro crianças sobrevivam. Não haverá como sabermos quem é o traidor até que se manifeste. Portanto...

– Ele conhecerá a profecia – interrompeu o companheiro novamente.

Outro silêncio pesado entre os três. Dúvidas, questionamentos e receios se instauraram como nunca antes. Ali nunca tiveram motivo para desconfiar de ninguém, mas a partir de hoje

isso mudaria. Pedro estava pensativo e refletia sobre as palavras da mestra quando um estalo se fez em seu cérebro.

– Rosa, a sacerdotisa mais poderosa do Coração...

A mulher não precisou responder. Estava explícito em seu rosto torturado. O cientista não tinha mais porque permanecer no salão do templo. Saiu desembestado até chegar à casinha que dividia com a companheira. Não a encontrou lá. Correu para o salão do portal – no caminho passou em frente à casa de Margarida – e lá estava ela.

Sentada, concentrada em algo, mas contente. Porém não foi suficiente para acalmá-lo.

– Luise, você está bem?

Pedro se agachou ao seu lado e a abraçou meio desajeitado.

– Sim – abriu um sorriso enorme e cintilante antes de concluir. – Estou grávida.

OUTONO

Foi impossível esconder a profecia de todos. Em questão de instantes, o salão onde estavam foi cercado por toda a pequena população do Coração da Natureza. Mas Rosa podia omitir a parte mais traumática. Não importava se uma ou centenas de pessoas morreriam. Importava que o planeta todo fosse pulverizado.

Essa catástrofe – o fim do mundo – Rosa dividiu apenas com o companheiro – sua outra metade – e a pessoa em quem mais confiava naquele lugar: o mago Rafael. Aquele segredo ficaria guardado e a ex-sacerdotisa faria tudo que estivesse ao seu alcance para preservar os quatro elementos e garantir que aquilo nunca acontecesse.

Portanto, para que apavorá-los? A ignorância seria sua única segurança. Enquanto isso, vigiaria dobrado a fim de prever quando o traidor se levantaria e os protetores estariam a caminho. Ainda não entendia bem como aquilo podia acontecer, mas estaria preparada quando começasse porque estava totalmente obcecada e absorvida pelo assunto.

Mas a paz não voltou a reinar tão de imediato, como a mestra esperava. Muito pouco tempo depois daquela fatídica manhã, o competentíssimo primeiro-guardião João se sentiu obrigado a tomar providências em preparação à profecia e, além de orientar os guardiões quanto à vigilância redobrada e treinamento intenso, incluiu seu filho e herdeiro, Francisco.

O adolescente, que amava a paz daquele lugar vivo, e havia se aventurado por todos os cantos sem medo de nada – nem sequer dos espíritos que habitavam a floresta – teve pavor pela primeira vez. Compreendeu que provavelmente dali três décadas ele estaria liderando os guardiões da natureza contra o maior inimigo que o Coração poderia enfrentar.

Talvez por inexperiência ou pela falta de um aprofundamento e seriedade com o compromisso de todos que habitavam aquele lugar, não importava, o fato era que Francisco não se sentia pronto. Não sabia o que era a morte, mas já havia ouvido algumas histórias sobre as tragédias ocorridas do lado de fora.

Sempre achara que ali estaria seguro para sempre e que poderia simplesmente se divertir e viver uma existência longa, feliz, sem receio de nada. Achava exagerada a obsessão do pai em ensinar-lhe sua função como guerreiro em um lugar tão pacífico e acolhedor. Jamais imaginaria que seus temores tivessem algum fundamento um dia. Um dia próximo demais.

Trinta anos era muito pouco tempo para quem estava acostumado à eternidade. Três décadas estavam logo ali. Francisco não queria liderar um maldito exército, contra um traidor

poderoso em um momento profético. Por mais que estaria fazendo a coisa certa pelo lugar que tanto amava, não queria vê-lo se acabar tendo que lutar por sua sobrevivência.

O que fazer agora? Não queria conhecer a morte, muito menos destruir a imagem do lugar perfeito que conhecia. Seu conto de fadas de verdade. Aquele lugar perfeito que humanos comuns só viam em livros, ele podia tocar, sentir e ver todos os dias. O ar era puro, a terra fértil e macia, a água cristalina e até o fogo era agradável e nada assustador.

O rapaz sabia que só havia um lugar onde não poderia ser encontrado. Mesmo diante dos riscos frequentes, decidiu fugir e viver do lado de fora do Coração. Não ficaria ali para vê-lo se acabar. Continuaría de uma maneira ou de outra mesmo sabendo que era uma viagem sem volta e que nunca mais pisaria ali novamente.

Para sua sorte, no dia seguinte o portal se abriu aleatoriamente, como costumava fazer todo ano. E apenas com a roupa do corpo, Francisco escapou de seu pai novamente, rumando direto para o Salão do Portal. Na entrada da montanha parou para observar – e registrar em sua mente – a última imagem de seu amado local de nascimento.

Deixou o Coração com um aperto no peito, sem olhar para trás novamente, e cruzou o portal de uma vez, um adeus silencioso e muito curto preso em seus lábios, retido em suas lágrimas e na saudade que já sentia de tudo e todos. Era o fim de um sonho real e o início de uma vida infernal, um pesadelo.

João e Mariana demoraram quase o dia todo para sentir falta do garoto. Sumir era sempre normal quando se tratava de Francisco. Ele era especialista. Porém, quando a noite começou a cair, as buscas partiram para lugares que não costumavam encontrá-lo, porém sem sucesso algum. O desespero dos pais mobilizou o restante da população.

Não havia mais onde procurar e já estavam repetindo os locais quando Rafael descobriu o que havia acontecido com o garoto ao contatar os silfos. Luise confirmou que a passagem estava aberta. Então chegaram à conclusão mais óbvia e triste. Mariana quis ir atrás do filho, mas foi impedida por João com uma frase dura em tom de ordem e mágoa.

– Essa foi a escolha dele.

A noite finalmente chegou sobre a cidade e o portal se fechou. A chance de reencontrar o filho se foi. Nunca saberiam em qual dos portais Francisco saíra. Sabiam que a probabilidade não estaria a seu favor em uma busca. A mulher ficou magoada por muito tempo, culpando o companheiro pela fuga do filho. E João se concentrou no trabalho com todas suas energias.

Diante de toda aquela confusão, a única distração de Rosa eram os netos. Luise – que tanto sonhava em ser mãe – gerou um filho por ano. A primogênita era uma linda menina pálida de cabelos de fogo que nasceu no final de dezembro. Contrariando todas as opções da avó coruja, a mãe de primeira viagem a chamou de Tamires.

Luise não se cansava de olhar para a linda e pequena bebezinha que aninhava nos braços

o tempo todo. Reparou em cada detalhe e perfeição de seus membros, na textura de sua pele, de seus olhos e orelhas, a até decorou onde estavam manchinhas de nascença. Achou engraçado o formato triangular incomum da marca no bracinho de Tamires.

Pedro também estava feliz e espantado com a herança genética de sua filha. Não imaginava que pudesse ter filhos ruivos. E para confirmar seu espanto, o segundo filho, nascido depois de um ano no final de janeiro, também tinha o cabelo acobreado. Esse Luise deixou que o companheiro escolhesse o nome e foi chamado de Lucca.

A nova mãe ficou admirada com a beleza de seu segundo filho. Ficou dividida entre cuidar das duas crianças e sua função de sacerdotisa, mas como a mulher especial e determinada que era, tirou de letra. Também notou uma manchinha de nascença nas costas do filhinho. Era o mesmo símbolo, porém estava ao contrário e com um traço no centro.

Quando Lucca nasceu, Tamires já dava os primeiros passos e Margarida foi de grande ajuda cuidando da pequena enquanto ela brincava com Marcel. Rapidamente, com seu jeito acolhedor, o pequeno loirinho auxiliava a mãe no cuidado com a nova amiguinha, a quem adotou de imediato. Até chegou a menosprezar as velhas companhias.

Na verdade, Gustavo e Alexandre estavam mais ativos no templo. Ana cedera aos pedidos do filho mais velho, mesmo o achando ainda muito pequeno para estudar, e o levou ao mestre Rafael, que gentilmente o aceitou em sua turminha mais jovem e demonstrou toda sua paciência com as milhares de perguntas da criança.

O mais novo não queria desgrudar do irmão, então Ana ficava com ele no parquinho enquanto o mais velho estudava. Só mesmo aquele pequeno divertimento para fazê-lo se esquecer de Gustavo pelas horas que o garoto precisava para aprender. Porém, quando o via sair do Templo, quase faltava voar para chegar até ele.

O mais velho ficava todo falante contando a novidade que aprendera naquele dia. Ana estava maravilhada com a capacidade de aprendizado de seu filho e com o entusiasmo de uma criança que deveria apenas brincar. Não evitou pensar em Francisco e naquele contraste gritante entre o filho do primeiro-guardião e o seu, que nem nascido ali era.

Talvez esse fosse o segredo: quem vinha de fora parecia valorizar mais porque sabia o que era viver do outro lado, em um mundo cheio de dificuldades, limitações e tragédias. Ali, realmente, era o paraíso e aquela nuvem que ameaçava engolir o Coração a afligia bastante, mas aprendera a confiar nos mestres e sacerdotes apesar de seus receios.

Mais um ano se passou e a única novidade foi o nascimento do terceiro filho de Luise e Pedro em fevereiro. O garoto era lindo e tinha os olhos azuis turquesas únicos. Os cabelos pretos e os traços do rosto com covinhas eram muito parecidos com os da mãe. Ficou encantada com a marquinha – já a procurava, afinal todos os outros tinham – em sua perna. Também um

triângulo, mais parecido com o de Tamires, porém cortado.

Lucca era muito apegado a Luise e preferia acompanhá-la até o portal do salão do que ficar brincando com Tamires e Marcel na residência de Margarida. Então a amiga da sacerdotisa acabou ajudando a cuidar do pequeno bebê Nicolas – esse era o nome que Pedro escolhera para o mais novo. A loira ficara encantada, a cada dia que passava, com a semelhança entre a criança e a amiga.

Margarida também desejava ter mais filhos, porém já se considerava mãe postiça dos adoráveis filhos de Luise. Eram crianças tão diferentes, únicas e encantadoras. Não conseguia explicar, mas sentia um imenso desejo de tê-las por perto, sob sua vigilância e proteção. Até Rosa, neurótica com os últimos acontecimentos, andava mais às voltas dos netos onde quer que estivessem.

Pedro insistia em sua pesquisa e só não saíra para cumprir seus planos mundo afora por causa dos filhos. Não queria deixar Luise sozinha com as crianças, também queria vê-los crescer e ensinar-lhes o que pudesse antes que aquela maldita profecia se cumprisse. Chegou a ter raiva da companheira por engravidar em um momento tão inapropriado.

Mas sabia que não era justo culpá-la. Se a natureza quis assim, deveria se resignar. Haveria algum plano destinado a eles, com certeza, em algum momento do futuro. Amava demais os três filhos e não os trocaria para ter de volta a vida pacata de antes. Era uma confusão bastante prazerosa. Sua pequena escadinha.

Estava preocupado com o destino do Coração, por isso não parava as pesquisas. Se ao menos conseguisse algo novo que os ajudasse. Guardou as palavras da profecia consigo para tentar desvendar algo que não estivesse tão claro. Alguma saída mais efetiva. Conversava diariamente com Rosa e Cravolino sobre isso.

Foi em uma dessas tardes de reuniões longas e maçantes que os três foram interrompidos por Luise para uma notícia – que não deveria ser, mas foi – nova. Estava grávida de novo. Imediatamente, Rosa perdeu o foco de sua visão e alguns segundos depois anunciava o que mais aguardavam.

– Está chegando – sua voz soou séria e assombrada. – No outono.

Aquela foi uma gestação inquietante. Os preparativos eram tantos que muitas vezes Luise ficava desorientada. Pedro aumentou a vigilância sobre ela, abandonando seus estudos por hora. Passou todo o tempo que pode com seus filhos e os cercou de todo o amor e carinho que podia, inclusive o bebê que ainda nasceria.

Aquela grande e feliz família estava com sua estrutura emocional abalada. O medo era quase paralisante, mas usou toda sua força de vontade para vencê-lo e prosseguir a vida, atentos a qualquer mudança no cenário. A tensão era uma massa grotesca e pegajosa ao redor deles, uma névoa cinzenta, escura e sufocante.

Rosa queria ter asas e proteger a filha e os netos com elas. Queria criar algum tipo de barreira de proteção para deixá-los a salvo ainda que não sobrevivesse... Uma luz se acendeu em sua mente, uma ideia que com certeza seria a melhor de todas. Margarida e seu dom de proteção podiam ajudá-la.

Partiu direto para a moradia da jovem, deixando Luise aos cuidados do companheiro e do pai. Não precisou bater à porta. Margarida a sentiu chegando e, preocupada, já correu para encontrá-la.

– Aconteceu alguma coisa? – recepcionou a jovem aflita.

– Sim – foi direto ao ponto Rosa contando rapidamente sobre o presságio. – Preciso de sua ajuda para protegê-los.

– Mas e a senhora e seu companheiro? – questionou Margarida ao constatar o sacrifício da mestra.

– Não importa. Só preciso que os mantenha seguros.

Depois que conseguiu a promessa da melhor amiga da filha de que os protegeria com a própria vida, Rosa voltou pensativa diante de outro detalhe que rodava sua mente. Por que ainda não vira quem seria o traidor? Com medo de que seus poderes estivessem enfraquecidos pela idade, foi procurar o conselho do velho ancião que fora seu mestre outrora e hoje era um amigo.

Rafael a aguardava em um dos salões frios do Templo. Sua sabedoria milenar lhe causava espanto. Ele não tinha o dom da premonição como ela, mas tinha uma sagacidade que pegava o teor dos acontecimentos no ar pouco antes de chegarem a ele. Somente quando viu o rosto da senhora percebeu que o assunto era mais sério do que o anúncio de mais um neto a caminho.

Rosa desfiou seu rosário ininterruptamente enquanto, com a paciência característica de seu tempo de vida e com uma expressão atenta de quem absorvia cada detalhe da narrativa, o velho mago a ouvia plácido. Sua expressão mudou apenas no final, com a surpresa de que a data já estava confirmada.

Demorou alguns segundos refletindo para responder. A mestra estava acostumada com aquilo. Rafael jamais pronunciava uma palavra sequer se não tivesse certeza do que dizer. Nunca trocava os pés pelas mãos ou se enganava. Mesmo aflita, ao vê-lo tomar parte de seu infortúnio – que além de seu, era de todos – deixou o alívio tomar conta. A solução viria, com certeza.

– Não há o que temer quanto a seu talento, cara mestra – começou a falar com tranquilidade. – Duvido muito que seja alguma falha sua. Talvez esse futuro ainda precise de uma peça no quebra-cabeça para ser totalmente desvendado. Na hora certa será revelado, não se preocupe.

A ex-sacerdotisa saiu do templo mais leve com a sensação de que, de algum jeito que

ainda não podia ver, tudo daria certo no final. O importante para ela era manter sua filha, seus netos e os protetores, que também não sabia ainda quem eram, seguros. O mago a ajudaria a descobrir. Talvez até a própria Luise descobrisse como sacerdotisa poderosa que era.

O tempo passou muito mais devagar na perspectiva da mestra. E cada pequeno passo que avançava no futuro, mais cega e amedrontada ficava. Onde estava sua vidência? O futuro estava tão silencioso, estaria morto? Rosa entendeu que, se aquela profecia se cumprisse, não haveria mais futuro para ver ou viver. Estaria tudo acabado para sempre.

Olhava os netos e não conseguia imaginá-los não existindo, ainda que ela mesma já tivesse partido. Aquele mundo precisava sobreviver. Aqueles crianças eram a prova de que o futuro precisava ser ansiado, esperado e conservado, mesmo que fosse longe de seus olhos que tudo viam. Deveria existir por eles.

Nem conseguia imaginar um mundo sem sua filha, sem seus netos, sem seu companheiro, aquele Coração parado, sem bater. Seria a maior tragédia que o mundo vivenciaria e estava impotente, com as mãos atadas diante de uma profecia macabra e sem sentido. Nem sabia para que lado ir já que não conhecia o inimigo, nem o salvador – no caso, os salvadores.

Porém, o outono chegou e, com ele, o medo tornou-se monstruoso. Podia acontecer a qualquer momento agora, assim como o fim da gestação do quarto filho da sacerdotisa. Ao pensar aquilo, um rosto toldou a visão de Rosa. A face de alguém a quem confiava a própria vida. Por que surgira assim tão repentinamente?

Permaneceu o dia todo junto à família da filha, voltando para casa ao entardecer, lindo, como sempre. Com um suspiro cruzou a porta e se deparou não só com seu companheiro, mas com o amigo de todos os tempos, seu conselheiro. Sorriu para ela, mas sua expressão enrugada permaneceu impassível.

– Rosa – anunciou o mago Rafael em resposta a seu sorriso –, preciso conversar com vocês.

Era noite quando duas coisas aconteceram ao mesmo tempo. A sacerdotisa começava a sentir as dores do quarto parto. Em meio à felicidade de dar à luz mais um filho, com lágrimas nos olhos que escorriam por suas bochechas, a jovem exigiu.

– Por favor – implorou agarrando o companheiro e a amiga ao mesmo tempo –, chamem a mamãe!

Margarida não saía mais de perto de Luise há meses, depois da conversa com Rosa e esse não era o momento de se afastar. Por isso, Pedro partiu a fim de atender seu pedido, mesmo aflito diante do momento inoportuno. Queria estar ao lado dela como sempre estivera nos outros partos.

E enquanto a linda filhinha do casal – que imediatamente Luise chamou de Suzane – nascia gritando o pranto do início da vida, o guardião estudioso do céu encarava a morte pela primeira vez. Na habitação que pertencia ao casal de mestres, pais da atual sacerdotisa, jaziam apenas dois corpos inertes, frios e sem vida.

MAGIA

INVERNO

O parto durara muito pouco, como se a pequena Suzane quisesse chegar logo ao mundo. Luise nem se cansou tanto como nos outros. Aquela criança era especial, viu logo e fez questão de se levantar do leito para limpá-la e também descobrir os detalhes em suas dobrinhas que a fariam única.

Em seu peito encontrou uma manchinha parecida com a dos outros filhos, mas era idêntica a de Tamires, porém na posição invertida. Ficava exatamente no centro, sobre o coraçõzinho da bebê. Apesar de ser parecida com Nicolas fisicamente, notou logo que seus olhos eram mais claros, quase brancos.

– Nossa, Luise, Suzane se parece muito mais com você do que Nicolas – afirmou Margarida.

Embalava a pequena nos braços cantarolando e pensando que Pedro já deveria ter voltado para conhecer sua nova filha enquanto ouvia os comentários da amiga. Estava pensativa, mas não era isso que a intrigava. As marcas, Luise tinha certeza de que já as havia visto antes.

Mas onde? Onde vira símbolos parecidos com aquelas manchinhas de nascença? No momento em que Pedro rompia a entrada da pequena habitação, a sacerdotisa entendeu o recado que a natureza lhe dava há muito tempo. Viraram-se um para o outro ao mesmo tempo e falaram juntos.

– Sei quem são os protetores.

– Já começou, seus pais... – mas o guardião se interrompeu ao ver a criança nos braços de Luise.

Pedro tomou Suzane nos braços enquanto ouvia Margarida pronunciar seu nome. Achou lindo. Distraído com a paz daquele momento mágico – ser pai –, deslumbrou-se com a pequena pessoinha que era metade sua e Luise – porém era muito mais ela pelo menos na aparência –, e se esqueceu completamente do problemão que teriam que enfrentar.

– Nossos filhos, Pedro – voltou a falar Luise chamando-o a realidade.

– Estão bem? – afligiu-se de repente o guardião voltando os olhos para a companheira.

– Sim, por enquanto – respondeu ela e prosseguiu com sua descoberta. – Eles são os protetores.

Foi com espanto que o guardião ouviu o anúncio. Fazia todo o sentido.

– Esses símbolos que nasceram com eles representam os quatro elementos – concluiu

quase irritado. – Era tão óbvio! Como não percebi antes?

Pedro não precisava de nenhum acréscimo para acreditar. Só podia ser verdade agora se recordava do significado dos signos. Apertou os olhos em desespero e se lembrou de sua própria convicção no nascimento de Nicolas sobre a possível missão daquelas crianças. Só que sua mente, por mais avançada que fosse, não compreendera a abrangência daquele pensamento.

Aquele futuro estava muito além do que podia imaginar ou aceitar. Mas se seus filhos, que tanto amava, haviam nascido predestinados aquele futuro incerto e recheado de morte, o que mais poderia fazer a não ser protegê-los até que estivessem prontos para cumprir sua missão? Virou-se para Margarida sem perder mais tempo, entregando-lhe Suzane depois de um beijo na frente.

– Por favor – implorou para a amiga da companheira –, pegue os quatro e fique nas passagens do templo até o meu chamado. Precisamos escondê-los antes que o traidor se revele. Não sei se Rosa já havia previsto, mas agora não saberemos mais.

Foi aí que Luise compreendeu o que o companheiro tentara lhe dizer ao chegar. Fios grossos de lágrimas escorreram de seus olhos. Resignada, abraçou a amiga e a filha caçula em um único gesto e as beijou vertendo ainda mais pranto. Depois se despediu um por um dos três filhos maiores, que já andavam e também choravam copiando a mãe.

Não se estendeu para não perder as forças da missão que deveria cumprir agora. Apertou a mão de Pedro e partiu rumo à casinha dos pais. Despediu-se deles com carinho prometendo voltar para enterrar seus corpos e visitar seus espíritos na floresta sombria. Não se demorou muito, algo gritava em seu peito para encontrar de uma vez aquele que causara toda aquela desgraça.

Na ponte, pediu aos elementais em pensamento que reunissem os guardiões no salão principal do templo o mais rápido que pudessem. Luise conhecia o nome do sentimento que a afligia, por mais que fosse a primeira vez que o sentia. Era ódio, raiva, sede de vingança. Fechou os olhos enquanto se acalmava, não queria ser controlada por sentimentos tão negativos.

Enquanto a população convergia para o templo foi fácil misturar Margarida e as crianças entre eles. Escondidos na multidão. A tensão era uma presença forte onde quer que se olhasse, portanto não seria complicado desviá-los e fazê-los sumirem sem que ninguém notasse. Já não os observavam agora, quem diria lá dentro.

A despedida de Adriano foi dolorosa mesmo com a promessa de que se veriam novamente e em breve. Margarida temeu pela vida do companheiro e quase implorou para que se escondesse com eles. Ao vê-lo abraçar o filho, não conteve o choro e se agarrou a todas as pessoas que tanto amava e estavam ameaçadas de uma forma que nem compreendia. Não queria perdê-los.

Sem demora, o pedido da sacerdotisa foi atendido e o salão estava lotado quando o

último o adentrou. Pedro e Adriano estavam ao lado de Luise, e Eduardo, Ana, João e Mariana formavam a primeira fila. A sacerdotisa não tinha nenhum pronunciamento a fazer, só precisava saber de uma única coisa. Portanto, foi direto ao ponto.

– Qual de vocês é o traidor? Manifeste-se de uma vez por todas!

Sua voz soou com fúria e um vento feroz soprou através das aberturas gradeadas no alto do salão. Uivou furiosamente enquanto a sacerdotisa sentia a força mística dos quatro elementos tomarem conta de seu ser. Pode perceber que, a chave repousada há quilômetro dali, também irradiava um grande poder. Desejou tê-la consigo, até mesmo para protegê-la.

O ar que circulou no salão através da ventania esfriava absurdamente. Pedro olhou para cima e viu, além da abertura, o céu lentamente se tornar cinza e triste. O congelamento do Coração estava começando também. Respirou fundo e se preparou para o que estava por vir. Sob sua blusa de algodão cru, os infindáveis anos de pesquisa sobre o céu estavam reunidos e preservados.

E se não sáisse dali vivo? Esperava que sim. Talvez não fosse tão ruim e conseguissem manter-se seguros. Afinal, uma única pessoa jamais seria párea para todos os guardiões juntos. Ninguém ficaria do lado de um traidor dos mestres, dos sacerdotes, da própria natureza. Seria impossível. Com essa fé, contava que sua missão lá fora seria iniciada o mais breve possível.

O burburinho, enquanto esperavam, foi crescendo de tal forma que ninguém percebeu a pessoa que se movia desde lá do fundo do salão até a frente, aproximando-se de onde estava a sacerdotisa e seu companheiro estudioso. Ao contrário de todos, os olhos verdes e brilhantes de Luise se focaram nele assim que o viu se mexer no meio da multidão.

E naquele instante ela soube. Dor e raiva se misturaram àquela descoberta infame. Como a pessoa mais sábia e mais antiga daquele lugar podia se voltar contra ele? Contra os humanos, tudo bem, a sacerdotisa podia até tentar compreender, mas contra a natureza, um homem que a vida inteira só trabalhou em prol dela? Era inacreditável!

O mago Rafael olhou para a jovem sacerdotisa envolta pela força mística dos quatro elementos com pena e ao mesmo tempo com uma admiração que beirava ao temor e à inveja. Uma mistura bem estranha. Temor porque vira o jeito absurdo que Luise absorvia o conhecimento e a magia. Inveja porque, mesmo diante de tanto esforço e tempo, não conseguira chegar perto de administrar os elementos como ela fazia agora.

– Por quê? – perguntou a sacerdotisa antes que ele chegasse muito perto.

O mago compreendeu a que a jovem se referia e respondeu secamente.

– Eles não concordaram com minha proposta e estavam dispostos a me impedir. – Luise ia retrucar quando Rafael ergueu a mão e continuou. – Você não sabe de nada, criança. Fiz o que foi preciso.

O vento se tornou mais bravio, envolvendo todos no salão de forma assustadora. O frio aumentou e incomodou um pouco os resistentes corpos dos guardiões, mas permaneceram firmes aguardando o comando do primeiro-guardião enquanto a sacerdotisa tentava controlar novamente a destemida raiva que se revoltava em seu peito.

Não houve, na verdade, ordem. João tomou as dores de Luise e, espelhando sua fúria, avançou contra o mago. Desabou no segundo passado, bem diante do inimigo, se contorcendo violentamente até paralisar desacordado. Pedro correu até ele para se certificar de que estava com os batimentos cardíacos quase nulos.

– O que você fez? – berrou contra Rafael.

Para proteger o amigo, e por se considerar mais preparado para lutar, Adriano interveio e avançou do outro lado pensando em ter vantagem da distração do mago. Mas só conseguiu dar quatro passadas antes de cair também desacordado. *Isso definitivamente não vai terminar bem*, concluiu Pedro em pensamento se voltando para Luise com olhos desesperados.

A sacerdotisa compreendeu o recado e antes que mais alguém se ferisse, captou os quatro elementos que já estavam ao seu redor e canalizou essa energia gigantesca contra aquele homem. Sua concentração foi tamanha que não notou a retirada gradativa dos guardiões que, sem líder, temeram pela própria vida. Os fracos.

Ficaram apenas aqueles que ainda acreditavam no poder da sacerdotisa escolhida para guiá-los e protegê-los, e na chegada dos protetores proféticos que, enfim, acabariam com aquela Era gelada que se iniciava agora. Viram o poder dos quatro elementos crescer e encher todo o salão, preenchendo cada espaço mínimo de vida, força e magia.

Aquela áurea colorida, composta das energias elementais, envolveu a todos, mas apenas uma pessoa seria atingida. Mas ao tocar o mago, algo estranho aconteceu. Como uma fumaça dispersada, Luise viu a força se dissolver lentamente tentando galgar o espaço de volta entre seu alvo e sua origem.

Como? Como estava se desfazendo? Luise ainda sentia emanar de si todo o poder que era capaz de administrar, o que não significava pouco. Aquela energia seria capaz de derrubar com rapidez qualquer guardião, por maior que fosse sua resistência. O que faria com um homem que nunca fora guerreiro como aquele mago?

Então sua ficha caiu. Nunca fora guerreiro, mas era o maior conhecedor de magia daquele lugar. Provavelmente conhecia ciências e feitiços que nem sonhava que existiam. Porém, isso não a abateu, só a fez insistir e buscar extrapolar seus próprios limites físicos e psíquicos. Respirou fundo e forçou ainda mais.

Ao vê-la falhar, outros guardiões recuaram receosos. Talvez estivesse na hora de ajudar em vez de fugir, mas se a pessoa mais poderosa daquele lugar estava tendo dificuldades com o

magos, o que eles poderiam fazer? Não fugiram, mas foi difícil controlar o medo e a ânsia de correr dali.

Pedro se assustou quando viu sua companheira se esforçar além de sua capacidade para atingir Rafael. E se fosse demais para ela? O que seriam deles? Sem sacerdotisa, guiados por um homem mesquinho, capaz de qualquer coisa, até mesmo trazer morte ao lugar onde se gerava a vida, para que seus planos malucos e incompreensíveis se cumprissem. E quais seriam eles, afinal?

Para o guardião, o desejo de ser o soberano daquele lugar estava pulsando na mente do mago. Só a essa solução chegava. A inveja tingiu seus olhos diante do poder e do comando de Luise. Ela era o coração, a vida daquele lugar. Como um homem sábio e conhecedor de quase tudo, se sentia no direito de herdar aquela função, ainda que a natureza não o tivesse escolhido.

Usurpador? Sim, era assim que o via. E a única garantia que aquilo pudesse ter fim, um dia, era seus filhos permanecerem vivos. Sem pensar mais, Pedro correu deixando todos para trás. Buscou nas passagens secretas por Margarida e as crianças. Estava na hora de chamá-los para partir. Precisaria voltar a tempo de auxiliar Luise e avisá-la para abrir o portal.

Era demais para a sacerdotisa. Horrorizado, Eduardo constatou que ela precisava de ajuda, não aguentaria aquela força brutal contra seu esforço sobre-humano. Notou que ela minguava lentamente e que em breve seria mais uma caída ao chão. E com ela, as esperanças também partiriam. Deu um passo a frente e se interpôs entre eles decidido.

Foi nesse instante que viu qual era a arma usada pelo mago. Atrás do velho manto de Rafael, um pequeno ser se escondia depois de dar uma espiada rápida na movimentação. Eduardo o reconheceria a quilômetros, com seus cabelos escuros, sua pele morena e seus olhos negros e profundos. Uma intensidade que o deslumbrara desde o dia de seu nascimento.

– Gustavo – sussurrou incrédulo.

Seu filho mais velho já falara sobre seu talento que o mestre descobrira sem querer. Eduardo se arrependia de não ter lhe dado mais atenção. Nunca imaginara que seu dom pudesse ter uma potência tão grande, era só uma criança. Mas seu filho sempre fora tão intenso. Isso deveria influenciar de alguma forma, pelo que já observara nos demais guardiões.

Ao mesmo tempo em que sentia um orgulho imenso por ver um filho poderoso, sentia-se infeliz. Onde errara? Onde estivera quando deveria vigiar e cuidar do filho para conhecê-lo melhor, assim como seu novo talento, seus anseios e planejamentos? Por que ele estava ao lado do mago, auxiliando-o, quando deveria fazer exatamente o contrário?

Não havia dúvidas de que aquela força que minguava o poder de Luise vinha de Gustavo. Não precisava de super poderes para saber disso. Estava claro. Incapaz de se defender ou pensar eloquentemente, Eduardo se deixou ficar entre o fogo cruzado e foi atingido

rapidamente. Isso era bom. Não queria mais presenciar seu fracasso como pai e apagou com esse pensamento.

Ana percebeu o que acontecia somente quando viu o marido desfalecer aos pés do mago. Correu para ele tentando protegê-lo, mas o fez em vão. Eduardo não respondia mais. Chorando, se virou para o mago a fim de encarar o causador de sua infelicidade. Seu coração se partiu duas vezes quando reconheceu o filho querido ao lado de seu inimigo.

– Meu filho, vem com sua mãe – estendeu o braço para alcançá-lo.

O imenso amor que sentia por sua família a apunhalava inúmeras vezes. Dedicara-se demais por Gustavo para receber aquela traição em troca. Sentiu-se culpada. Cederá aos pedidos do filho para se tornar pupilo do mago. Estivera certa em ter arrepios do velho. Agora queria apenas tirá-lo dali, mas ao se aproximar, foi atingida fatalmente e com mais rapidez do que o marido.

O pequeno Alexandre assistiu aquela cena paralisado na primeira fila onde sua mãe o deixara. Ninguém parecia notar o pequeno que se horrorizava com a primeira tragédia que presenciava em sua curta vida. Virou-se para o irmão, a quem admirava ainda mais que aos pais, e tentava entender, em sua mente infantil, o que tudo aquilo significava.

Gustavo estava descontrolado. De alguma forma, aquele dom lhe saíra completamente do controle. Não sabia o que estava fazendo nem como. Nos treinos escondidos que o mago lhe dera nas noites em que fingia dormir, não chegara perto daquela magnitude. Nem mesmo sabia direito como direcionar aquilo para alguém, muito menos desejaria acabar com os próprios pais.

Não importava que fossem ausentes. Ele os amava. Como então parar? Percebeu que, quanto mais agitado estava, mais desgovernado ficava. Aquilo era tão assustador, mas queria muito agradar o mago, só não entendia por que machucar pessoas. Não queria ferir ninguém, nem tia Luise, nem tia Rosa, nem tio Cravo. Mas como dizer não a seu mestre?

Em tantos milênios assistindo o mundo se refazer dos cacos em que era deixado, Rafael aprendeu a ser menos espiritualizado e mais prático. Quando viu Luise ganhar tanto conhecimento e poder com os quatro elementos, pensou que aquilo não estava certo. Não dava para confiar que a moça seria a melhor.

Aquele garoto, que o admirava tanto, caíra do céu em suas mãos. Sem querer, no primeiro dia em que pisara no templo, o mago descobriu seu dom depois que o viu proteger o irmãozinho no parque de algumas criaturas que quase o atingiram acidentalmente. Ele os dera sem os tocar, com a força do pensamento. Pelo gesto de defesa, deu para perceber o que pretendia.

Aproximar-se dele não foi difícil. Depois precisou convencê-lo de que seu dom era importante e que deveria tentar expandi-lo. O garoto queria fazer tudo para agradá-lo. Ficou

impressionado e até sentiu grande amor por ele. Tratava-o como o filho que nunca tivera. E se seus planos dessem certos, seria seu herdeiro por direito.

Afinal, estava fazendo tudo aquilo pensando no futuro, não no agora. O Coração congelado não seria de grande utilidade. Mas seu enfraquecimento era uma oportunidade para reverter a situação e traçar seu plano até o fim. Por que Rosa e Cravolino não entenderam o que pretendia? Era tão simples e melhor para todos.

Agora estava diante daquela que era a mais poderosa daquela cidade, uma mulher mirrada e enfraquecida pela magia que despejava sobre ela, ligada ao poder de dividir e fragmentar energias que o jovem Gustavo possuía. O mago aprendera a controlar o poder do garoto, mas precisava dele para que funcionasse. Precisava que ele se permitisse ser usado.

Depois dela, encontraria seus filhos. Quando dizia que ninguém conhecia nada, estava mais do que certo. Desde o nascimento da primeira filha de Luise soube que eram os protetores. Tamires era o fogo, Lucca, a terra, Nicolas, o ar e Suzane, a caçula que nascera hoje, a água. Estava tão claro. Mas primeiro, os mais poderosos, as crianças seria fácil demais com seu novo poder.

Enquanto isso, Pedro encontrava Margarida com a pequena Suzane no colo sozinha. Quase teve um ataque. Foi logo tranquilizado ao saber que todos estavam escondidos muito perto dali e que Marcel a ajudava a vigiá-los. O rapazinho se mostrava esperto, sabia todos os esconderijos do lugar. Estavam seguros.

Não havia tempo. O guardião apenas ordenou, até sem educação, que Margarida fosse para o portal com as crianças.

– Vá o mais rápido que puder e não olhe para trás em hipótese alguma. Irei ao encontro de vocês mais tarde e Luise abrirá o portal. Agora vá, Margarida!

Enquanto a via se afastar correndo ao encontro do filho e dos protetores, Pedro segurou o terror que o afligia. *Eles vão ficar bem, eles vão ficar bem*, repetiu como um mantra mentalmente. O mago estava muito ocupado naquele momento para persegui-los. Diante dessa constatação, ele mesmo saiu em disparada dali, usando sua velocidade sobre-humana.

Em um estalar de dedos estava de volta ao salão principal praticamente vazio, não fossem os corpos caídos entre Luise e Rafael, o próprio mago e duas crianças. Aquele cenário de horror o paralisou. Sua companheira estava quase estirada ao chão derrotada – só não estava ainda porque tinha uma força de vontade gigantesca. Porém não resistiria muito tempo mais.

– O portal! – berrou em um último pedido a ela, de repente mais preocupado ainda com a única esperança que lhe sobrava.

Sabia que Luise se sacrificaria por seus filhos, pela natureza, pelo que era melhor para os

outros. Mas aquilo ainda lhe doía demais e não sabia o que deveria fazer. Naquele segundo de hesitação, enquanto Luise parecia ler seus pensamentos através de seus olhos aflitos, eles se despediram de uma maneira silenciosa, profunda e inesquecível.

– Não – sussurrou a jovem enquanto via que Pedro não pretendia deixá-la e implorou. – Vá!

Com dificuldade, ergueu-se do chão. Era visível seu sofrimento e Pedro hesitou mais um pouco. Luise suspendeu as mãos e os olhos para o teto do salão, fechou-os, respirou fundo e uma energia diferente ganhou o ambiente, tornando-se uma entidade no salão. Era rosada, porém firme e constante e vagueou para fora do templo seguindo até o salão do portal.

O companheiro já vira aquilo antes, porém de uma distância bem menor. Ficou impressionado com a magnitude do poder de Luise, mesmo enfraquecida. Sabia que aquela última imagem dela o perseguiria para sempre, porém não havia outra alternativa. Ainda que se sentisse o maior traidor por virar as costas e partir, o fez.

Mas não sem sentir uma dor cruciante apertando seu coração. Nem ousou pensar que não a veria mais, apesar de que o músculo sangrando no centro do seu peito já sabia. Nem se atreveu a ter esperanças de que conseguisse escapar e reencontrá-los. Aquelas seriam dores que multiplicariam a já insuportável que dilacerava seu corpo.

De repente, uma explosão de luz eclodiu no salão do portal se expandindo pelos corredores e escapando pelas aberturas da Montanha da Nascente como chamas coloridas. Em pânico, sem saber o que pensar, Pedro usou novamente o sobrenatural para alcançar a única saída do Coração, onde provavelmente seus filhos já passaram para um mundo mais seguro que aquele.

Luise não suportava mais. Aquilo estava minando suas forças, sua vontade, que sempre fora tão extraordinária. Que magia era aquela? Quantos dos seus haviam sucumbido àquela energia! Seus pais, seus amigos e agora ela mesma. Chega! Não permitiria que mais ninguém morresse. Ficara aliviada que os guardiões se retiraram do salão e a deixaram sozinha com o mago.

Quando notou que Pedro também não estava lá, ficou muito menos tensa. Seus filhos ainda poderiam ter um pai se ela falhasse. Pensando neles, ela sabia que precisava reservar uma energia para abrir o portal pela última vez. E depois ele estaria fechado para sempre. Teria que ser o bastante para que os guardiões, seu companheiro, amiga e filhos pudessem escapar ilesos.

Preocupando-se com essa reserva, só precisava de um sinal para saber que chegara o momento. Resistiu o máximo que pode sem consumir aquele pequeno resquício do poder que se esvaía dela. E o olhar de Pedro, a despedida mais dolorosa de sua vida, foi o bastante para saber que chegara. E até aquela experiência – a morte – não lhe apavorava, uma mulher ávida pelo

conhecimento. Estava pronta para passar por mais essa etapa.

O reino gelado começaria a partir do momento em que seu coração parasse de bater. Afinal, a natureza estava sincronizada com sua pulsação. Tum tum tum. Continuaría batendo até que fosse o bastante. Já podia sentir o frio tentando enregelar suas entranhas. *Só mais um pouco, Luise*. Contou cinco segundos antes de surpreender até mesmo o experiente mago.

Um suspiro, uma batida de coração e então cada célula de seu corpo se desfragmentou em milhões de partícula de energia que, ligada à chave, causou uma explosão mística e poderosa. O primeiro a se partir foi seu coração e ele não voltou a bater depois disso. Os segundos seguintes pareceram durar uma eternidade, suficientes para que pudesse sentir a vida lhe escapando.

Suficientes para que a vida fugisse para um lugar mais importante do que seu corpo.

Missão cumprida. Do alto da torre de vigilância de sua fortaleza – que fora apenas um templo voltado ao conhecimento até então –, o mago Rafael contemplava o reino da mudança. E que mudança! O cenário exuberantemente colorido agora estava em tons de cinza. A primeira camada de gelo começava a se formar deixando tudo brilhante, reflexivo e claro. E aquilo só lhe dava a ideia visual do que desejava.

Alguns guardiões covardes, que não conseguiram escapar pelo portal a tempo, haviam se ajoelhado aos seus pés e implorado para servirem-no. Achou a cena tão cômica que permitiu. Também ficara com os dois órfãos, Alexandre e Gustavo. Cuidaria deles e os prepararia para a continuidade do reino perfeito que pretendia construir.

Ainda estava cansado. Não imaginara que precisasse se esforçar tanto para derrubar Luise. Estava impressionado com sua demonstração de poder. Com certeza, aquela fora a batalha mais dura que enfrentara em uma vida longa demais para ser medida. E no fim, quando achara que estava acabado, ela ainda teve força para se erguer uma última e majestosa vez.

Aquilo fora mesmo extraordinário. Como um fissurado por dons, sentia-se infeliz por não tê-la descoberto e, com isso, ter a chance de desvendar suas nuances e abrangência. E a conexão física e sobrenatural que um sacerdote tinha com a natureza, só compreendeu naquele momento em que ela abriu o portal daquela distância.

Por que um poder daquele não fora lhe dado? O que fizera de errado para não ser merecedor? Estudara, trabalhara, sempre em prol da natureza e do bem maior. Ganhara o respeito e a admiração de todos, inclusive dos escolhidos pela própria natureza, mas não ganhara nada dela em troca por seus milênios de dedicação.

Agora estava na hora de mostrar o quanto sua experiência poderia fazer pelo bem maior, inclusive de si mesmo. Aquele era só o começo. Teria trinta anos para se preparar e o

grande dia chegaria para compensar sua paciência e sagacidade. Estaria preparado e, por fim, seria ovacionado por sua magnífica ideia.

Ainda tinha os protetores para se preocupar, apesar de não acreditar que sobreviveriam. Enfim, teria três décadas para se preparar para eles também. Era um homem precavido e não caçoaria do destino. Ele seria bem capaz de trazê-los de volta só para que tivesse a oportunidade de concluir seu plano perfeito em todos os aspectos. Sorriu.

Sob seu reinado, não haveria muitas regras. Somente uma: participar dos preparativos. Ou então...

ARQUIPÉLAGO

Margarida segurava as lágrimas com força para que não saltassem de seus olhos. *Apenas corra, apenas corra!*, ordenava a si mesma, já que sua vontade era dar meia volta. A pequena Suzane em seus braços chorava, provavelmente com fome, mas não podia parar agora. Precisava encontrar as outras crianças nas passagens secretas sem estardalhaço.

Sentia vontade de gritar por eles, mas não podia atrair a atenção. Aquela tinha que ser uma fuga, não um anúncio em alto e bom som. Encontrou os dois menores primeiro, onde Marcel disse que os esconderia. Estavam abraçados e choravam baixinho, assustados. Em seguida, encontrou o filho e Tamires.

Enquanto corriam, cruzaram uma abertura que mostrou uma breve cena do salão principal do castelo vazio. O destaque, que ficou na mente de todos, era Luise aos pés do mago, subjugada e enfraquecida. Margarida desesperou-se. Precisava chegar ao portal antes que o mago viesse atrás das crianças.

Sabia que estavam assustadas e com medo, mas ela mesma não conseguia ter calma, como transmitir tranquilidade a elas? Preferiu apenas chamá-las de quando em quando para se certificar de que a estavam acompanhando e que corriam o máximo que suas perninhas podiam.

A corrida não chegava perto da capacidade física que a jovem possuía, mas não podia deixá-las para trás, por mais que não pudesse carregar todas de uma vez. Marcel estava silencioso e segurava nas mãos dos meninos menores a fim de ajudá-los, acompanhado de perto da pequena Tamires que queria proteger os irmãos mais novos.

Alcançaram o salão pouco antes do assustador clarão que os cegou e os deixou em pânico. Margarida ouviu as crianças gritarem e, perdida, começou a chamá-los desesperadamente, tateando às cegas. Em um esbarrão Marcel se chocou contra ela, enquanto corria desbestadamente à procura da mãe.

A força foi tão grande, que a desequilibrou e deu vários passos para trás a fim de manter-se em pé, um braço segurando Suzane, o outro, o filho. Foi aí que, repentinamente, percebeu água. Muita água. E começou a afundar rápido demais. Procurou deixar as duas crianças acima da superfície. Então seus pés tocaram o chão e pode ver que não era tão fundo para um adulto.

Voltou à calma suspirando ruidosamente e observou em volta. Estava em um imenso rio de alguma terra desconhecida. O portal fora aberto entre duas ilhotas à beira d'água e havia uma terra muito clara ali perto, com montanhas escuras encobrindo o cenário ao fundo. Havia uma floresta nativa e preservada.

Com alívio, passou a verificar a condição das crianças. Foi aí que percebeu a ausência dos outros. Desesperada, se voltou para o portal e gritou pelo nome de cada um, tentando procurá-los na água, sem sucesso na busca já que estava com as duas mãos ocupadas. Teriam seguido-a? Ou ainda estariam no salão? Resolveu que voltar não faria mal nenhum.

Quando deu um passo em direção da energia colorida que ainda emanava do local, como uma estrela tragada pelo buraco negro, a luz se fíndou em um estalar de dedos e a escuridão tomou o local por apenas um segundo. No instante seguinte, somente o cenário infinito do encontro entre o azul da água e o azul celeste podia ser visto além daquele ponto.

O portal estava fechado, talvez para sempre. Estava sozinha com apenas um dos protetores que prometera vigiar com a própria vida e o filho de seu ventre. Onde estaria Pedro? Ainda no salão? Vivo? Morto? Com as outras crianças? *Ai, o que aconteceu? O que vai ser de mim? O que vai ser do Coração e do planeta sem os protetores?*

As preocupações de Margarida se acentuaram em um desespero mudo, mas precisava sair da água. Levou as crianças para terra firme. Minutos se passaram. Com a mão na cabeça e a outra tentando fazer Suzane parar de chorar, esperou que alguma coisa acontecesse. Marcel, ao seu lado, estava muito quieto, apenas reclamara de fome uma vez, mas fora ignorado e não insistira mais.

Falhara em sua única missão, lamentava-se. A única missão de sua inútil vida. Sentia-se tão miserável. Perdera todos que mais amava, aqueles que confiaram nela, e esse sofrimento fora em vão porque sua missão estava incompleta e não encontrava uma saída para mudar esse *status*.

Estava sozinha, em um mundo que não conhecia, com duas crianças, talvez em um lugar sem vida humana. Como viveriam, como os alimentaria? Não trouxeram nada consigo. Absolutamente nada. Não sabia fazer nada. Não tinha ideia de como agir a partir de agora e enquanto ouvia o bebê chorar, teve vontade de finalmente ceder ao pranto.

Um brilho que lhe ofuscou as vistas lhe chamou a atenção. Vinha junto com a água que se aproximava da terra naquele momento, em um vai e vem constante. Algum objeto refletia a luz do sol em seu rosto. Abismada, viu uma pedra transparente repousar sobre a areia carinhosamente, como se a estivesse deitando ali. O que era? Sentia algo tão familiar, mas nunca a vira antes.

– Marcel, pegue a pedra para a mamãe antes que a água a leve de novo.

O pequeno loirinho se ergueu batendo a terra clara do corpo e pegou a pedra entre os dedos, obediente. Levou-a direto para a mãe sem muita curiosidade. Não tinha nada que uma criança podia se interessar. Nem cor. Era de um branco opaco, transparente. E a energia que emanava dela lembrava alguma coisa do Coração da Natureza.

– A chave – reconheceu depois de pouco tempo de análise. – Mas como? Parece um fragmento dela. Deve ter se partido devido ao poder daquela explosão.

De uma forma que não entendeu, Margarida teve a esperança fragmentada como aquela pedra, brilhante e preciosa. Aquele pedacinho do mundo mágico que era a essência da vida no planeta significava muito. Talvez Pedro pudesse encontrá-los. Talvez pudesse senti-lo, como costumavam se encontrar no Coração. Talvez não demorasse muito.

Margarida se permitiu esperar. Aquela pedra só podia ser um sinal positivo de que seu mundo continuaria, de que os protetores e sua família também estava bem, seus amigos, o próprio Coração. Ousou até ir além e convencer a si mesma que até a morte dos dois mestres havia sido fruto de sua imaginação diante do medo.

Porém a noite chegou. Não fazia ideia de quanto tempo aguardara. Nada aconteceu e ainda precisava encontrar um lugar para dormir. Foi aí que ouviu um som novo e alto muito próximo. Quando olhou, viu algum tipo de veículo de transporte que flutuava sobre a água e de onde o som rouco e constante vinha.

Aquilo pareceu magia para ela, mas se lembrou que eles mesmos, lá no Coração, tinham alguns conhecimentos técnicos para fabricar engenhocas. Ali do outro lado também deveria haver. E limitados como os humanos comuns eram, precisariam muito mais desse tipo de componentes do que ela precisava do lado de lá.

Acenou tentando chamar a atenção das pessoas que conversavam descontraídos. Pareciam nem notá-los. Eram cegos? Percebeu que talvez estivesse longe e escuro demais para que pudessem enxergar bem, se aproximou da beira d'água puxando pela mão um Marcel sonolento e faminto. O movimento em terra firme, sempre vazia, finalmente lhes chamou a atenção.

Margarida identificou a língua que falavam assim que ouviu a primeira palavra de suas bocas. Era o português, mas o sotaque era bem carregado o que não facilitou a descoberta de sua localização. A geografia não ajudava muito também.

– Olá, senhores, por favor, podem nos ajudar? – pediu a jovem estrangeira tentando imitar sua linguagem.

Os homens magros e queimados do sol forte a olharam assustados. O mais velho falou primeiro.

– A senhora não é daqui, pelo que percebi. Está perdida?

Com a agilidade de sua mente, Margarida refletiu e sem saber como se explicar melhor, devido a falta de preparo, concluiu que o melhor seria pisar em terreno seguro.

– Sim.

Mas não seria assim tão simples como ela imaginou.

– Qual o nome de sua pousada? Podemos levá-la até lá.

E agora? Qual seria sua única saída? Fingir que não havia compreendido.

– Hum?

O homem olhou para os outros e tomou sua decisão voltando-se para a jovem com as duas crianças.

– Tudo bem, minha jovem, vemos isso depois. Acho que você e as crianças devem estar cansadas e famintas agora. Meu nome é Antônio e o seu?

Foi com alívio que a loira respondeu. Agradeceu pelo bom coração do homem e aceitou sua ajuda para subir na embarcação. Provavelmente eles a avaliaram como uma estrangeira perdida. Talvez ali fosse um lugar turístico. Isso era bom. Uma cidade isolada ou apagada seria difícil para que Pedro pudesse encontrá-los. pensando bem, não era tão bom assim.

Ouvindo a conversa deles depois de se acomodar em um cantinho do barco agarrada às duas crianças, percebeu que estiveram todo o dia trabalhando no mar – ainda não tinha ideia da imensidão daquelas águas apesar de descobrir que aquilo não era um rio – pegando peixes e agora estavam voltando para casa.

O chão da embarcação estava repleto de uma grande variedade de animais aquáticos que Marcel observava com curiosidade, volta e meia perguntando para o senhor que os acolhera os nomes de cada um. A curiosidade de criança ganhou a simpatia de seus auxiliares que não se importaram em responder. Suzane dormia, finalmente, devia estar cansada de tanto chorar.

Desembarcaram no porto, na ponta da costa recortada, um lugar fascinante para a inexperiente Margarida. Outros veículos como aquele estavam ali. Observava tudo com seus olhos de águia em um silêncio solene. Marcel lhe segurava o tecido da roupa como se estivesse com medo de se perder novamente naquele mundo tão novo e diferente do que estavam acostumados.

Caminharam muito pouco até uma vila cheia de casas parecidas, porém com quase nada em comum das que habitavam do outro lado. O chão era cinza escuro, não gramado como no Coração. Ainda assim, árvores e plantas brotavam aqui e ali. Margarida não entendia como elas podiam crescer em um lugar tão artificial.

Pararam em frente a uma das habitações e Antonio os convidou a entrar com um gesto simpático ao mesmo tempo em que chamava por alguém.

– Regina, venha aqui, querida, temos visita.

Uma mulher, não muito mais velha que Margarida, porém acima do peso, levemente bronzeada pelo sol, surgiu com duas adoráveis crianças a tira colo. Elas eram idênticas. Dois garotos menores que Marcel. Já havia visto algo assim no Coração, mas não era comum. Gêmeos. Sorriu para as crianças morenas e bonitas, dos cabelos escuros e olhos arregalados e

curiosos.

Antonio explicou resumidamente quem eram e o que supostamente havia acontecido, sem entrar em nenhum detalhe já que não havia conseguido nada com a moça. Porém a mulher demonstrou grande compaixão e não quis saber mais nada. Pôs-se logo a oferecer-lhe banho, comida e pousada, caso preferissem procurar pela manhã.

Aquela foi uma longa noite insone. Precisava decidir a história que ia contar ao amanhecer. Pensou que talvez só parte da história, meio deturpada pela realidade dali, pudesse passar, mas depois descartou qualquer vínculo com o Coração. Era melhor manter segredo total sobre isso. Manteve a pedra segura, guardada sempre consigo, em uma dobra de sua roupa.

Aquelas roupas sintéticas eram estranhas, mas tinham bolsos, o que agradou muito Margarida. Ela não tinha muita coisa consigo. Além do fragmento da chave, havia duas cartas. Uma lembrara de pegar quando saíra de casa e ainda tinha a flor seca e morta entre as folhas do papel amarelado. Era de Adriano, sua primeira carta de amor. A outra era um bilhete deixado às pressas por Luise na manta que envolvia Suzane. Passou muito tempo tentando se lembrar em que momento fora escrito, mas chegou à conclusão de que realmente não presenciara.

Quando o novo dia surgiu, Margarida já tinha sua história pronta e contava com o fato de ser considerada estrangeira para justificar a narrativa curta e direta que despejou sobre seus anfitriões.

– Nossa embarcação naufragou na costa, nem sei se meu marido e nossos amigos sobreviveram, mas consegui nadar com as crianças até a praia – havia aprendido o nome correto da terra clara à beira mar – e não tenho onde ficar.

Por mais estranho que pudesse parecer que aquela jovem franzina tivesse salvado duas crianças de afogamento nadando em um mar revolto, foram convencidos pela emoção. Aquela estranha e seus filhos estavam fragilizados e não precisavam ouvir uma palavra de sua boca para saberem disso.

Ficou decidido que ficariam até que outros sobreviventes – ou corpos – do naufrágio fossem encontrados e receberam ajuda de toda a vizinhança hospitaleira. Com o tempo e a falta de notícias sobre a tragédia, Margarida decidiu se estabelecer e recebeu novo auxílio para encontrar uma casa para sua pequena e mutilada família.

Nesse período descobriu que estava no Brasil, em um arquipélago chamado Fernando de Noronha, há trezentos quilômetros do continente. A única ilha habitada era a principal, onde a Vila dos Remédios fora erguida. Era o único lugar habitado e movimentado, por mais que todo o acesso fosse controlado e ordenado. Havia uma população pequena.

Foi fácil se sentir em casa, mesmo ciente a todo o momento que faltavam várias peças importantes naquele jogo da vida. A saudade jamais aplacou, apenas se tornou um elemento fixo em seu coração. E por mais que as lembranças estivessem vivas em sua memória – as

recordava todos os dias com medo de esquecer-las –, não conseguia falar sobre elas.

A mentira que narrou para os estranhos que se tornaram amigos únicos e leais, logo virou verdade. Repeti-la constantemente transformou os fatos em realidade de forma que era cada vez mais natural contá-la. E foi com essa mentira que Suzane e Marcel cresceram. Novos documentos foram forjados e para todos os efeitos legais, eram irmãos, filhos de Margarida Vieira.

A única obsessão que não a deixava: a culpa. Os anos passaram implacáveis, modificando física e rapidamente a Margarida franzina e bela de outrora e a transformando em uma mulher robusta e comum, de meia idade. E durante esse tempo, apesar de perder contato com a magia que havia no Coração, ainda espiava o pedaço da chave do portal e as cartas, mesmo que sua esperança já estivesse morta.

Acreditava que todos estavam mortos. Adriano, Luise, Pedro e os três protetores que deveriam estar sob sua vigilância. Que outra explicação poderia haver para não terem recebido nenhuma visita? Pedro e Luise jamais descansariam enquanto não reunissem todos os filhos. Eles os amavam demais. E só os deixaram porque era o melhor para eles.

A culpa lá de novo. Como conseguira falhar tão brutalmente? Ansiosa, mesmo ciente de que não faria diferença nenhuma para o Coração, quadriplicou sobre Suzane toda a preocupação e proteção que podia, colocando inclusive seu filho para ajudar a vigiá-la. Não queria perdê-la de vista por um só segundo. Não conhecia os planos do mago. E se ele a encontrasse?

Quando a rebeldia de Suzane começou – após contar-lhes que não eram irmãos –, não foi difícil aceitar seus insultos calada, o pior mesmo era não poder amarrá-la ao pé da mesa para impedi-la. Estudo, faculdade no continente, balada com os amigos. Era uma angústia muito pior do que qualquer mãe podia viver. E dava graças a Deus pela ajuda sempre presente de Marcel.

Esse tinha o dom, claro, de seguir, encontrar, rastrear. Logo Margarida descobriu que ele podia achar Suzane onde quer que ela estivesse e, portanto, o fazia segui-la frequentemente. O pobre rapaz não tinha vida social. Vivia em função de sua mãe e irmã, mas nunca reclamava. Era gentil e altruísta e nisso ela via Adriano.

A vergonha da grande falha que cometera, a tristeza em ter que pronunciar uma verdade que era tão dolorosa que só de lembrar já lhe feria e o comodismo fizeram com que Margarida adiasse um dia após o outro a conversa que responderia todas as perguntas berradas de Suzane e silenciosas de Marcel.

Quando a filha saiu de casa, a senhora entendeu o que se passava em seu coração. A jovem podia muito bem tentar esconder, não se abrir com ela por estar magoada por tantos anos de prisão, mas Margarida a conhecia muito bem e Suzane sempre fora muito transparente. No coraçãozinho da protetora da água nascera o amor que ela considerava não correspondido.

Quase que Margarida se intrometeu várias vezes disposta a proporcionar felicidade aos dois jovens. Marcel podia ser distraído quando se tratava de perceber pequenas sutilezas, mensagens não concluídas, olhares e suspiros. Mas ela percebeu logo o que acontecia com a filha postiça e, portanto resolveu apenas aproximá-los, já que a moça saíra de casa para evitá-lo.

Na manhã seguinte ao casamento, Margarida não teve escolha diante da insegurança dos dois queridos sobre o que sentiam, seus dons e sua origem. Ainda mais porque os sonhos proféticos de Suzane, ao longo dos anos, apenas se acentuaram e passaram para visões mesmo acordada. Porém, quando ela viu uma ruiva, a mãe teve novamente esperança.

O prazo para a profecia se cumprir já estava se esgotando, portanto, não havia mais tempo para manter mentiras antigas e necessárias. Estava na hora da verdade e esperava que os filhos tivessem sensibilidade suficiente para compreender seus motivos, principalmente agora que já era uma senhora idosa e cheia de manias. Ainda lhes daria liberdade para escolherem seu caminho, ainda que estivesse totalmente confiante na versatilidade.

PARTE III
OUTONO DE 2012

PRÓLOGO

A sensação do calor na minha pele era boa. Que saudade! A brisa soprou no meu rosto, sacudindo os fios descoordenados dos meus cabelos curtos. Aquela sensação não era uma lembrança, era real. Ainda havia vida fora de minha cabeça atormentada e das quatro paredes de meu quarto. Havia luz, sol e maresia. Havia cor, nada era cinza. Nem a noite.

Mas agora era dia e estava em pé na varanda de casa, apreciando uma vista que amava, mas que não via há meses. Estava deslumbrada de novo. Aquele cenário me cativou do mesmo modo que da primeira vez. Aspirei profundamente o aroma salgado e fresco que trazia consigo as peculiaridades daquele lugar, o meu paraíso na terra.

Não importava o resultado daquela incursão. Sabia que o próximo passo seria meu e estava ansiosa por ele. Queria viver aquele momento mágico que me faria melhor, que me deixaria preparada para o grande evento. Meu trigésimo aniversário estava chegando, porém não seria com tristeza que o receberia e sim com ansiedade.

Sabia o que aconteceria durante aquela noite e apertei a pedra-da-lua que agora estava pendurada no meu pescoço ainda fria e sem vida. Um presente daquele que me mostrou o quanto se importa com minha família, com minha história... comigo.

Sorri. Estava pronta para ele também. Estaríamos juntos, mesmo que fosse nosso fim.

SURPRESA

Aconteceu tanta coisa nas últimas semanas. Março começou cheio de expectativas. O alinhamento planetário aconteceria no final do mês e o grupo de guardiões e protetores estava agitado. Suzane Tosquini Vieira estava feliz e bem-disposta. Procurava compensar o tempo perdido. Monopolizou sua irmã mais velha Tamires Tosquini do Valle assim que voltaram da malograda viagem ao Espírito Santo. A chama que vira sob as cataratas do Iguaçu em uma visão nítida e angustiante poucos meses atrás eram seus cabelos impressionantemente vermelhos.

Pessoalmente, Tamires era ainda mais linda. A irmã caçula tinha muito orgulho dela e de sua decisão de seguir aquele caminho apesar dos sacrifícios que tivera que fazer. Deixara para trás um marido em quem não podia mais confiar, uma filha pequena e a melhor amiga, a pequena família que construiu enquanto desconhecera sua verdadeira.

A tira-colo trouxera o cunhado Alexandre do Valle, o homem que lhe ajudou enquanto era marcada a fogo. O lindo e misterioso moreno em quem passara a confiar por seus conhecimentos intrínsecos sobre o lugar para onde estariam voltando em breve. Apesar de ter ido à Vitória com o grupo, voltara para Foz do Iguaçu a fim de cumprir uma promessa feita a Tamires. A ruiva aguardava ansiosamente seu retorno todos os dias.

Suzane também estava impaciente para conhecer a todos melhor. Estivera tempo demais deitada naquela cama, frágil e incapacitada. Também queria treinar como os outros fizeram com a ajuda de Alexandre, mas Marcel Vieira não queria que ela aprendesse a lutar. O loiro – que agora assumia como seu namorado, ou melhor, o amor da sua vida – era protetor demais com ela. Quem tinha paciência para lhe dar algumas lições era Lucca Gonçalves Tosquini, o ruivinho tímido.

Fora o segundo que encontraram em janeiro daquele ano, no Pantanal sul-matogrossense. Apesar de ter abandonado a família adotiva que o amava de verdade e o emprego dos sonhos como arqueólogo, fugira de Corumbá jurado de morte pelo rico fazendeiro e pai de sua ex-noiva, uma mulher cheia de si que o rapaz abandonou no dia do casamento.

Com ele estava a silenciosa e gravidíssima Mainá Kadiwéu, uma espécie de alma gêmea de seu irmão. Mesmo com a evidente adoração que externava pela índia, não fora dele que escutara todos os detalhes daquela história improvável e extremamente linda. Em uma promessa para salvar-lhe a vida, o pai e cacique da tribo a havia prometido ao filho da terra. Suzane não resistia a um romance.

É isso a levava de volta a Alexandre. Tinha que admitir que o amor que o rapaz votava por Tamires – brigando com o irmão mais velho para protegê-la de suas insanidades e até

mesmo deixando-o para trás, sua única família, para seguir a ruiva – a sensibilizara. Era romântica demais para que aquilo não mexesse com ela. Quando ele voltaria?

Enquanto o esperavam – Marcel não admitiu, mas também se sentia mais seguro com Alexandre por perto –, tiveram uma surpresa. Era um final de tarde e Suzane treinava com Lucca no grande quintal ao fundo da casa. Tamires e Mainá assistiam, porém ambas estavam com as mentes bem longe dali. O loiro resmungava contra as lições da namorada.

Antes que a campainha tocasse, todas as cabeças se viraram para frente da residência – menos a da baixinha e da índia. Aquilo a irritava muito. Por que não era igual a eles? *Calma, Suzane, em breve*, disse a si mesma. Não tinha dons sobrenaturais ainda, porém podia atender ao chamado, afinal era sua casa.

Correu até a entrada abandonando o treinamento. Os outros a seguiram intrigados mesmo sabendo de quem se tratava e Suzane lutou contra a curiosidade para verificar com seus próprios olhos. Era irritante também depender deles para obter alguma informação. Poxa, que tipo de vidente ela era?

Ao abrir a porta, a veterinária paralisou surpresa. Ela não precisava de nenhum sentido extra para saber quem era aquela mulata bonita de olhos quentes. Já a vira em suas visões, assim como o rapaz alto, forte e extraordinariamente lindo, de olhos turquesa, tentando se esconder atrás da mulher sem sucesso. E a semelhança a assombrou mais uma vez tanto quanto a ele. Se ainda tivesse alguma dúvida de que eram parentes, naquele momento se defez.

– Nicolas Bertoldi e Lara Costa – sussurrou Suzane sem acrescentar o Tosquini ao final do nome do irmão.

Não resistiu ao sorriso quando o casal foi surpreendido por suas palavras e trocaram um olhar. A baixinha mal podia acreditar no destino que os trouxera ao arquipélago. Quando voltara da capital capixaba, Tamires e Marcel deixaram claro que Nicolas não acreditara em sua história e se recusara a acompanhá-los, isolando-se em uma bolha segura – sua bela ilha de ar. Suzane também sabia que a mulata era um deles, a primeira-guardiã, bisneta do mesmo João da história que sua tia lhe contara em dezembro.

– E você deve ser Suzane – deduziu Lara e se inclinou para abraçar a veterinária.

– Sim, por favor, entrem – convidou a anfitriã dando passagem após o gesto de intimidade.

Nicolas parecia contrariado e não abriu a boca. Acomodou-se em um canto do sofá e agarrou a mão da namorada. Suzane pensava no porquê de não ter previsto aquilo. Por fim, deu de ombros. Sabia que suas visões ainda eram bastante falhas e que tivera algum sucesso anteriormente devido a concentração exagerada. Há semanas não se esforçava para ver alguma coisa. Já havia aceitado que um de seus irmãos não estaria presente, por isso mesmo estava

focada em seu treinamento intensivo para compensar essa ausência.

Lara começou a falar assim que todos se acomodaram na grande sala. Ainda assim, era pequena comparada à quantidade de pessoas que a casa recebia nos últimos meses. Aquilo agradava e muito Suzane. Enquanto a mulata falava, constatou com um sorriso bobo no rosto que havia um pedacinho de cada canto do Brasil em seu lar. Vários sotaques diferentes. Prestou atenção em sua pronúncia.

– Devem estar curiosos por estarmos aqui depois do que aconteceu em Conceição da Barra – começou ela analisando os rostos ao seu redor se referindo à sua terra natal, na região norte do Espírito Santo, onde seus pais ainda viviam. A tensão e a curiosidade eram palpáveis no ar. – Somente depois que vocês foram embora do literal é que soube o que estava acontecendo. Nicolas não me contou, mas meu avô sim. Tentar dissuadi-lo a mudar de ideia quanto sua escolha foi impossível – deu uma olhada de canto para Nicolas como uma mãe que repreende um filho. –, então permiti que refletisse um tempo e o ajudei a se adaptar aos sentidos extras, como a audição e a visão aguçadas, coisas que comecei a viver naquelas semanas também.

O rapaz ao seu lado mantinha a expressão indecifrável e a analisava cuidadosamente enquanto falava. Suzane gostaria de perguntar a Tamires o que ele estava sentindo ou a Lucca o que ele estava pensando. Também sabia que, como acontecia com ela mesma, o dom de Nicolas era intuitivo. Era mais como sentir o que estava por vir, uma distorção interessante de suas premonições. Sorriu ao se lembrar que ele ganhava a vida com esse talento na capital do Espírito Santo, onde vivia, como consultor executivo.

– Não localizamos mais a água-marinha e sei que isso os preocupa. Também me angustia bastante – deu de ombros. – Talvez juntando nossas forças possamos encontrá-la.

Foi instintivo. Tamires agarrou com força o delicado anel em seu dedo, assim como Lucca. A ametista da ruiva e o ônix do pantaneiro não eram da pedra original. Aquela era apenas uma solução provisória que Alexandre conseguira enquanto procuravam pelas chaves certas. Suzane apertou com força a pedra-da-lua em sua mão. Era a única agora. O que fariam no alinhamento?

– Vocês vão se espantar ao saber – riu Lara chamando a atenção de todos de volta a sua narrativa. – que foi decisão de Nicolas vir para cá. – E o olhou carinhosamente. – Só no avião ele me falou quem eram e que moravam aqui. E assim que fizemos o *check in* na pousada, o convenci a procurá-los. – Encarou-o enquanto continuava falando para uma plateia silenciosa. – Ele precisava vê-los. Vocês são sua verdadeira família.

Suzane sabia a que ela se referia. O pai adotivo de Nicolas morrera quando ele era adolescente e o deixara sozinho com uma mãe nada amorosa, ciumenta e amargurada. Nisso fora mais feliz. Nunca poderia acusar tia Margarida de não amá-la. Só de amá-la demais. Sorriu

sozinha ao pensar na mulher imensa tão diferente fisicamente, mas com uma alma tão parecida com a sua.

Como o silêncio persistisse, os ouvintes mergulhados nos próprios pensamentos, Lara continuou seu monólogo.

– Queria acrescentar que, mesmo diante da evidente recusa de Nicolas em participar dessa batalha – o rapaz citado revirou a expressão em uma careta que chegava a ser cômica. –, me ofereço para ajudar.

O semblante de Nicolas mudou para uma dor sufocada ainda olhando fixamente para a mulata. Ela o encarou de volta, um sorriso presumido nos lábios. Sua voz saiu rouca quando ele falou.

– Você sabe que estarei onde você estiver.

A profundidade daquelas palavras disse muito sobre Nicolas. Suzane compartilhou a dor do irmão. Mesmo sendo a primeira vez que o via pessoalmente, ela o conhecia há algum tempo, desde que o viu em suas visões. Esteve acompanhando seus passos no último mês. Era o tipo de homem que as mulheres usavam. Sua aparência e liberdade em relacionamentos não as deixavam se aprofundar. Mas Lara havia vencido aquela barreira de uma forma definitiva, pelo que pode ver.

– Estou contando com isso – respondeu a primeira-guardiã e seu sorriso presunçoso aumentou.

Aquilo tornou o clima mais leve. Até o resistente Nicolas se rendeu, mas muito pouco. Tamires abriu aquele sorriso cintilante que desnorтеava a todos e se levantou da poltrona. Caminhou direto para Lara que se ergueu para abraçá-la.

– Sejam bem-vindos – sussurrou a ruiva. – Todo apoio é importante. Obrigada!

– Bem, o que estavam fazendo quando os interrompemos? – riu Lara, seu entusiasmo contagiando o grupo. – Não queremos atrapalhar, não é, Nicolas?

Ele se levantou muito rápido, provavelmente aguardando ansiosamente por essa deixa para fugir dali. Marcel deixou seu sorriso torto se manifestar e se posicionou atrás de Tamires. Suzane conhecia aquela expressão, pretendia provocá-lo.

– Estávamos treinando. Gostariam de ver?

A veterinária revirou os olhos para o loiro. Era o único do grupo – até Mainá tentara, sem sucesso, aprender alguma coisa – que só participava das sessões de treinamento para observar e palpitar. Alexandre fora mais compreensivo do que Marcel merecia. Volta e meia Tamires explodia com ele e lhe falava umas boas verdades ou o lançava contra a parede. A ruiva gostava disso. Suzane, mesmo sem poder treinar com os elementos, praticava golpes.

Lara se mostrou no controle da situação aceitando o convite com uma animação que Nicolas não compartilhava. Ainda assim ele seguiu o grupo até o fundo da casa. Marcel procurou

ficar por perto para ver suas reações e Suzane também não resistiu uma olhada em sua direção quando avistaram o imenso jardim natural.

Nicolas estacou subitamente em choque. No centro do quintal, onde uma grande área não estava coberta por árvores nativas, havia um imenso símbolo desenhado com pedras vulcânicas da ilha. Uma estrela com linhas contínuas de cinco pontas contornada por um círculo. Nas formas geométricas criadas pelo desenho caberia facilmente uma ou duas pessoas em pé. Lara não percebeu, ou fingiu não notar, a hesitação do namorado.

– Ah! – exclamou a mulata impressionada. – Um pentagrama gigante!

Aquilo talvez tenha sido demais para Nicolas. Sem dizer palavra, se virou e voltou pelo caminho que tomaram. Foi seguido por quase todo mundo que tentou em vão fazê-lo parar. Ignorou todas as vozes e manteve os passos firmes e rápidos. Suzane pensou: *Por que ele não usa a velocidade sobrenatural? Teria alcançado a rua muito antes.* Deu de ombros sorrindo. Talvez não fosse muito longe. Talvez só quisesse afastar a imagem da mente.

Ao abrir a porta em um ímpeto de saída da casa, Nicolas finalmente parou, fazendo o grupo que convergia em sua direção estagnar tenso atrás. A maioria relaxou no segundo seguinte ao perceber quem era. E a voz aguda quebrou o silêncio.

– Nossa senhora, Su, você havia me dito que Nicolas era parecido com você, e quando você era pequena se parecia muito com ele também, mas não me disse que ele era tão bonito!

Marcel foi o primeiro a gargalhar alto. Os outros se soltaram também, até Lara não se conteve. Nicolas ficou tão desnorteado que não teve nenhuma reação. Parecia pensar em algo.

– A senhora me conheceu quando criança? – perguntou de repente fazendo as risadas cessarem de imediato.

Como só Margarida Vieira sabia fazer, foi entrando expansivamente, conversando com as mãos em uma voz exageradamente alta e amistosa. Quase empurrou o rapaz para passar com seu corpanzil.

– Claro, meu jovem, te peguei no colo. Você era um bebê tão bonitinho, com covinhas nas bochechas. – Para ilustrar o que dizia, apertou-as com força deixando marcar vermelhas na pele clara onde a barba não a protegia e se voltou para os filhos. – Trouxe a janta para... – hesitou – *dez?*

– Não precisava se preocupar, tia – aproximou-se Suzane para ajudá-la com as travessas.

Como atraído por um imã, Nicolas girou de volta para dentro da casa, seguindo os passos de Margarida. Seu rosto parecia evidentemente perturbado com uma ponta de curiosidade. Marcel tirou outros objetos dos braços da senhora.

– Deixa que Su e eu cuidamos disso, mãe. – Fez um rápido sinal para Nicolas e Lara,

que se aproximara do rapaz. – Por que a senhora não faz sala para as visitas?

A inteligente senhora entendeu o recado e convidou o casal a se sentar. Seria uma noite longa, ainda mais porque Margarida sempre se estendia nos detalhes e nos sentimentos que lhe assaltavam quando narrava uma parte saudosa de sua vida, que estava interligada com os protetores dos quatro elementos e o Coração da Natureza.

A partir daquele dia, Nicolas e Lara passaram a frequentar a casa assiduamente. Margarida conquistou a confiança dos dois com sua narrativa sincera. O rapaz finalmente aceitou que não estava louco e que existia um mundo invisível para os humanos comuns, o lugar de onde viera. A moça estava exultando e feliz com a providencial aparição da senhora.

Lucca e Mainá se concentraram tanto em si mesmos nesse período que quase passavam imperceptíveis. Isolados, mantinham longas conversas silenciosas nas quais o ruivo lia os pensamentos da índia. Suzane desconfiava que naquele nível de intimidade a indígena se abria de uma forma inexplicável. Sentiu uma pontada de raiva ao se lembrar de todos os estímulos que tivera que dar para que conseguisse lhe arrancar sua história. E provavelmente editara.

As respostas do arqueólogo eram mais expressivas mesmo que sussurradas e monossilábicas. Aquele diálogo não era meloso e sim preocupado. Suzane sabia que para eles não importava mais a vida que deixaram no Pantanal: trabalho, família, amigos, tribo, ex-noiva, ex-sogro assassino. O centro de seu mundo era o pequeno ser que crescia no ventre de Mainá e que já tinha um futuro incerto.

Suzane tentara ver o futuro do bebê, mas não encontrara nada. Talvez por ele estar envolto pela presença constante da mãe ou por ainda não ter vida própria. Ou fosse por sua vida ainda depender de escolhas externas. Não sabia explicar. Então lhe ocorreu uma ideia. Nicolas podia ver se intuía alguma coisa. Foi perguntar a ele.

– O que você tem a dizer sobre o bebê de Mainá?

– Desculpe, o quê disse? – espantou-se o rapaz. – Que tipo de pergunta é essa?

– Como funciona seu talento? Precisamos de sua ajuda – corrigiu-se a veterinária afoita.

Lucca e a índia se aproximaram deles quando o ruivo ouviu o nome da companheira, mesmo à distância.

– Bem, é mais como uma intuição sobre alguma ideia que me é apresentada. Não prevejo o futuro, só consigo sentir se algo vai dar certo ou não, mas preciso conhecer os caminhos, os meios, para intuir. Entendeu?

Suzane pensou por algum tempo, Lucca trocou outro olhar com Mainá e foi ela quem falou.

– Quando aceitei meu destino de ser prometida ao filho da terra, sabia que teria que segui-lo para onde fosse. Sabia que a maternidade, enfim, seria minha missão, mas aconteceu antes do alinhamento planetário. Lucca é contra que eu vá com vocês por ser uma simples

humana, mas não poderia ficar pelo motivo que já apresentei e porque meu filho é especial de alguma forma que ainda não compreendo. Sinto que ele precisa nascer no Coração da Natureza. Preciso saber se estou correta quanto a esse sentimento.

Nicolas não precisou tocar na índia para saber a resposta para aquilo. Suzane o viu piscar e seu rosto passar de atordoado para leve em um segundo. Ficou curiosa para saber como funcionava aquele dom. De Lucca e Tamires era muito simples. Bastava encarar nos olhos. O dela era uma imagem que obstruía o que estivesse em sua visão no momento. O que faria seu irmão ter certeza?

– Você está certa – respondeu por fim. – Assim como aconteceu quando me veio a opção de vir para cá, senti uma brisa suave tocar meu rosto. – Isso explicava a piscada. – Caso não fosse uma boa ideia, sentiria um vento forte. Vejo como alguém me soprando a resposta. Talvez um ser mágico que não posso ver.

Seu riso encheu o ambiente de esperança. Era tão gostoso de ouvir e tão inédito. Até Lara pareceu surpresa. Talvez ele andasse muito taciturno no último mês. Agora parecia tão de bem com a vida quanto o jovem espirituoso que sempre fora. Provavelmente esse era um lado dele que estava escondido há muito tempo.

Os olhos de Mainá se encheram de água e Lucca a abraçou emocionado. Beijou seus cabelos, seu rosto e sua boca com delicadeza tamanha que até parecia que ela era frágil, mesmo sendo claramente robusta e forte. Com certeza fora feita para viver e suportar aquele momento mesmo no estado em que se encontrava e totalmente humana.

Eu te disse, Lucca. Não tenho dons como vocês, mas é meu filho. Nasci para gerá-lo.

– Sim – respondeu o ruivo aos pensamentos da índia.

E não poderia te deixar. Como ficaria aqui sem saber o que está acontecendo com você?

– Você tem razão – fungou o rapaz. – Também morreria de preocupação.

E se você não voltasse? Eu...

– Shi... vai ficar tudo bem.

Vamos ficar juntos, mesmo que...

– Juro!

Nicolas assistiu aquilo com um uma expressão estranha. Os outros já estavam acostumados ao silêncio da índia. O discurso que ela fizera a pouco fora algo raro. Apesar de sua contida fala, era uma mulher coerente. Pelo que contara a Suzane, desde a adolescência se preparara para ser digna de Lucca. Estudara em escolas comuns e até fizera faculdade. Sabia falar quatro línguas fluentemente. A veterinária ficara fascinada pela indígena.

– Nicolas – Lucca se virou para o irmão sem afastar Mainá –, você pode dizer se essa missão é suicida – todos, inclusive ele, se encolheram diante da palavra prática e direta do ruivo –

ou temos alguma chance?

– A pergunta está formulada errada – cortou Lara tensa. – Pelo que vi, Nicolas precisa de uma pergunta menos específica. Mais como um pensamento que vem a mente sem que o forcemos, entende? – Parou alguns segundos para pensar como fazê-la corretamente. – Será que essa missão terá o resultado esperado?

Todos se encolheram novamente enquanto esperavam pela resposta. Era uma pergunta ambígua se ela estivesse pensando em um resultado negativo. Provavelmente não daria certo. Antes que o capixaba pudesse dizer alguma coisa, Marcel interrompeu com uma nova ideia.

– Será que vamos vencer?

Sua voz demonstrou sua ansiedade ao fazer uma pergunta mais curta e bem menos específica, porque vencer não excluía baixas. Outra encolhida do grupo.

– Isso não vai dar certo – resmungou Tamires.

– E se apenas deixássemos Nicolas de sobreaviso? – sugeriu tia Margarida até então silenciosa em um canto. – Quando uma ideia lhe despertar alguma coisa, ele nos fala.

Era o mais sensato, por mais que todos estivessem ansiosos. Dispersaram-se cada um para uma atividade diferente e Nicolas se sentiu aliviado. Aquela pressão não lhe agradava. Por que não perguntavam à vidente? Ela poderia dizer com mais clareza, ou não? Sabia muito pouco sobre aquela gente que era sua família, constatou. E será que queria saber mais? Depois de um momento pensando, decidiu que sim.

Aproximar-se de Suzane foi fácil e ela foi detalhista em narrar sua vida. Percebeu que tinham outras coisas em comum além da aparência. Eram pessoas criativas. Porém, acrescentou mentalmente, era muito mais livre do que ela, presa e amarrada a uma busca insana pelo amor. Porém procurou compreendê-la ao máximo. Viu algumas semelhanças com a senhora que lhe contara a história de seus pais e que já se tornara sua tia também.

Lucca fora mais difícil. O rapaz estava sempre acompanhado pela índia de uma forma que o constrangia só de pensar em interromper. Em uma manhã na qual completaria apenas cinco dias que estavam ali – para ele parecia uma vida inteira –, encontrou o ruivo sozinho na mesa do café da manhã. Lara correu para o treinamento que assumira com entusiasmo junto com a empolgada Suzane. Tamires não parecia interessada sentada na varanda, os olhos distantes.

– Bom dia – cumprimentou ao se sentar à mesa farta.

– Bom dia, Nicolas – respondeu o ruivo muito sério.

Repensou sua decisão. Talvez estivesse incomodando o pantaneiro. Não parecia muito amistoso. Porém, como grande observador que era, percebeu que nunca parecia muito entusiasta. Talvez esse fosse o jeito dele. Resolveu ir direto ao assunto.

– Queria pedir desculpas por não ter acreditado em você lá em Conceição da Barra. – A

cidade, no litoral norte do Espírito Santo, era o paraíso de Nicolas. Fora lá que ele descobrira e ridicularizara a verdade sobre quem era. – Sou realista demais para que pudesse acreditar naquilo tudo. Foi impossível para mim naquele momento.

– Tudo bem – deu de ombros –, mas duvido que seja mais realista do que eu – retrucou com uma sobrancelha erguida, uma tentativa mal sucedida de humor. – É sério, entendo. Você tinha uma vida estruturada, era difícil acreditar em algo além dela. Diferente de mim. – Suspirou. – Por mais que me considerasse feliz, a minha maneira, me sentia deslocado lá no Pantanal. Via nos rostos tão diferentes do meu o óbvio: não pertencia àquele lugar. Tentei ter uma vida normal e não fiz escolhas corretas, admito.

Nicolas imaginou aquele homem ruivo e alto em uma cidade tipicamente de morenos e baixinhos. Era até difícil conceber a imagem. Podia entendê-lo.

– Quando Tamires me encontrou na aldeia de Mainá, foragido de um quase casamento fadado à infelicidade e sofrendo a passagem, não tive dúvidas de nosso parentesco. Seria impossível encontrar uma pessoa tão parecida comigo e não enxergar que éramos irmãos. Por outro lado, também estava mais preparado para ouvir nossa história, creio eu. De certo modo, Mainá já havia me sensibilizado.

Essa parte já era mais do que esperada, com todo o sentimento e cumplicidade que tinham. Nicolas nunca havia visto um amor assim. Afinal, o que tinha com Lara fora construído com o tempo. Mas não podia duvidar da sinceridade e intensidade do que Lucca e Mainá sentiam. Assistia a declarações silenciosas de amor e companheirismo todos os dias. Era fácil acreditar em um amor sem tumulto, com um encaixe perfeito baseado em compreensão mútua quando olhava para eles.

– O que há com ela? – perguntou Nicolas apontando para a mulher inerte na frente da casa.

– Isso foi muito mais difícil para Tamires do que para qualquer um de nós – respondeu em seu mesmo tom monótono. – Ela tinha uma vida perfeita, um marido que a amava e uma linda filha. Deixá-los não foi sua única perda. Ela descobriu que ele sempre soube de nossa verdade e escondeu dela de propósito, com medo de perdê-la. O nome dele é Gustavo.

– Ah! – exclamou Nicolas ao se lembrar da história que tia Margarida havia contado sobre a criança que ajudara o mago negro a acabar com sua mãe.

– Sim, esse Gustavo. O irmão dele, Alexandre, veio atrás dela para oferecer seu apoio. Você deve se lembrar dele. – Incapaz de falar, Nicolas apenas balançou a cabeça. – De Vitória, ele partiu de volta à Foz do Iguaçu buscar Sofia para se despedir de Tamires antes de partirmos para o Coração da Natureza. Faz tanto tempo que ele foi e não mandou notícias. Ela está impaciente e preocupada. Tem muita confiança que vá cumprir sua promessa com sucesso, ao

contrário de Gustavo, que provou não ser digno dela. Por isso ela teme que eles possam estar em algum tipo de confronto. Os riscos são grandes e Gustavo tem bastante influência e dinheiro.

Deixaram as palavras calarem fundo em um silêncio pesado. Ambos pensaram em fatos opostos. Nicolas se condoeu pelo sofrimento da irmã e Lucca se sentiu sortudo novamente por ter sido escolhido por Mainá e tê-la por perto com seu filho no ventre. Não conseguia se imaginar na situação de Tamires. Não conseguia conceber a dor que ela estaria sentindo com aquela separação cheia de percalços que atormentavam sua paz de espírito. Enlouqueceria.

Uma pequena comoção vinda da varanda os sobressaltou. Foi baixa, porém com seus sentidos extremamente aguçados, ouviram claramente. Enquanto se perguntavam se Tamires havia escutado a conversa e, por isso chorava, perceberam outra voz feminina que não reconheceram. Levantaram-se praticamente juntos e convergiram para a varanda.

Encontraram a ruiva há alguns metros da casa com uma mulher loira e cheinha, e uma criança espremida entre os dois corpos em um abraço sufocante e terno. A ruiva chorava copiosamente beijando as duas enquanto a outra murmurava palavras de saudades. A pequena garotinha de cachinhos castanhos choramingava sem parar a palavra ‘mamãe’.

O grupo de espectadores aumentou e permitiram que a emoção também os tocasse. Por isso, demoraram a perceber o rapaz alto, moreno e lindo há várias passos das mulheres com um sorriso presunçoso no rosto. Alexandre do Valle estava intacto, ao que tudo indicava, e satisfeito por ter cumprido sua promessa a Tamires acompanhada de uma surpresa.

– Você está bem? – perguntou de repente a ruiva, a voz embargada.

– Pelo amor de Deus, Tamires, sou durona! – respondeu a loira.

Ambas riram em meio às lágrimas.

– Sei que é, Carol – respondeu se afastando um pouco para olhar seu rosto e tomou a filhinha nos braços como um bebê. – Não me leve a mau, adorei que você tenha vindo, mas o que você está fazendo aqui?

– Ah, você achou mesmo que Alexandre ia conseguir sair de Foz sem mim? Jamais permitiria que ele sequer tentasse!

– Estou muito feliz por isso. – Olhou para Alexandre com um sorriso carinhoso. – Obrigada.

O rapaz fez o sorriso desaparecer do rosto com o tom profundo na voz da mulher. Não disse nada em resposta, apenas balançou a cabeça uma vez e entrou na casa carregando a bagagem. A criança nos braços de Tamires exigiu sua atenção e a ruiva observou os olhinhos escuros e curiosos da filha que tanto se parecia com os do marido.

– Mamãe, quando papai vem passear com a gente?

O que Alexandre teria falado para Sofia? Como Gustavo reagira? Tamires engoliu em seco e Carolina resolveu salvá-la.

- Seu pai vem em breve, querida – acariciou sua cabeça.
- Carolina, foi muito ruim? – perguntou Tamires.
- Muito, mas foi uma grande lição para ele – respondeu a loira com um bico.
- Por favor, não me esconda nada – exigiu a ruiva.

Carolina Silva olhou rapidamente em direção à pequena criança que prestava atenção nas duas mulheres antes de falar de novo.

- Ele ainda não sabe onde – respondeu de forma vaga.
- E como você entrou nessa história?

– Mantinha vigilância sobre Sofia, principalmente, depois daquilo. – Carolina se referia ao ataque de Gustavo contra ela a um mês exigindo saber o paradeiro de Tamires. Ele não poupava a força bruta para tentar conseguir o endereço. Gustavo ardia de ciúmes por causa do irmão caçula, desconfiava que ele estivesse com a mulher. – Estava na cobertura com a babá quando Alexandre apareceu. Demorou, mas consegui convencê-lo a me trazer. Gustavo chegou em casa antes de sairmos. Não sei bem como conseguimos escapar, confesso.

Tamires engoliu em seco. Sabia do que Alexandre era capaz com seu dom misterioso, mas também conhecia o potencial do marido. Aquilo tinha sido uma luta feia e Carolina provavelmente não presenciara tudo, o moreno conseguiu poupá-las da pior parte. Teria que conseguir esses detalhes com o cunhado depois. Agora só queria matar a saudade da melhor amiga e de sua linda e adorável filha.

Naquela noite, Carolina conheceu e conversou com todos sobre suas vidas e talentos e ficou fascinada com a família de sua amiga. Sofia passou de colo em colo, conquistando a todos com seu sorriso encantador e ingênuo. Depois que ela adormeceu, o mundo parecia pulsar com uma nova esperança, tanto para Tamires quanto para seus três irmãos. Eles acreditavam que aquela pequena tinha direito a um futuro e fariam o possível e o impossível para que assim fosse.

Nicolas vira em choque a maneira como Alexandre observou Tamires o restante do dia. Havia alguma coisa ali além de amizade e percebeu que Lucca editara o principal tumulto na vida da irmã. Seu cunhado estava visivelmente apaixonado por ela. Não se preocupou em ser educado e falar com ele nem demonstrou interesse por vê-lo ali. Só tinha olhos e ouvidos para ela.

Com um sinal muito discreto, a ruiva finalmente olhou para o cunhado depois de desejar uma boa noite à Carolina que estava cansada da longa viagem e dormiria com Margarida e Sofia. Sem dizer nada, saiu da casa e Alexandre a seguiu também silencioso. Tamires não parou na varanda e ele a acompanhou a certa distância perdido em pensamentos que torturavam seu rosto. Ela não precisou olhar para trás para ter certeza de que estava bem atrás dela.

Caminharam para o norte passando pelo Centro Histórico, na costa, e subindo pelo

caminho íngreme de pedras no estilo pé-de-moleque da época colonial. Uma imponente edificação se erguia contra o céu escuro no fim da lomba. A vegetação viva já havia tomado parte das paredes de pedras. O lugar não ficava muito distante da casa de Suzane.

A entrada branca do Forte dos Remédios era fantasmagórica na escuridão. Tamires passou por ela sumindo no buraco escuro e Alexandre entrou alguns segundos depois. Encontrou a ruiva no ponto mais alto guarnecido pelo céu. Apenas uma mureta castigada pelo tempo era a proteção contra uma queda nas rochas da praia lá embaixo.

À frente, a água do mar se fundia à noite densa. Dali era possível ver quase todas as praias do mar de dentro e, conseqüentemente, o que estivesse vindo. A imagem de Tamires de costas recortada contra o céu, seus cabelos de fogo dando vida aquele cenário em tons de cinza, fez Alexandre estacar à distância para admirá-la.

Entendia a privacidade que ela queria para conversar. Naquela casa poucas pessoas não seriam capazes de ouvi-los ainda que sussurrassem. Apenas temia o que tinha a lhe dizer. Temia que de algum modo pudesse afastá-la. Aquelas semanas longe dela foram angustiantes e dolorosas para ele. Ela não se virou para olhá-lo quando começou a falar.

– Não tenho palavras para lhe dizer o quanto sou grata por ter cumprido sua promessa, que encheu meu coração de alegria e esperança, mesmo diante das conseqüências que acarretaria. Não me arrependo de tê-la conseguido de você, ainda que não tenha lhe pedido. E sei que não se arrepende de tê-la feito e cumprido. – Nesse momento voltou-se para olhar em seus olhos. – Mas preciso saber tudo o que aconteceu.

O moreno não se aproximou e perscrutou o rosto da cunhada a fim de encontrar o motivo verdadeiro por trás daquela pergunta. Estaria preocupada com ele ou com Gustavo? Pelas palavras anteriores, tendia a pensar que com ele, porém o fato de ter escondido o rosto enquanto falava lhe dava dúvidas sobre isso.

– Gustavo tentou me agredir ao mesmo tempo em que exigia saber o que estava fazendo lá. Ele me acusava de saber onde você estava e de trai-lo mais uma vez. Ele nem suspeitou da verdade que me levava ali, apesar de ter pego Carolina implorando para que a trouxesse até você. Precisaria usar meu talento para conseguir confundir-lo, então fiz com que Carolina e Sofia entrassem em uma espécie de transe para não verem o que aconteceria caso não conseguisse segurá-lo. Gustavo estava mais forte, com certeza se preparara. Ficou descontrolado quando viu os olhos da filha se apagarem – a ruiva estremeceu ao imaginar a cena –, mas sabia que ela estava bem, apenas fora de foco. Ela não merecia assistir aquilo.

Tamires balançou a cabeça concordando. Ela mesma já perdera o controle na frente de Sofia. Fora por causa disso que descobrira que ela também tinha um dom. Era estranho olhar para aquele início. Era tão fácil manter o foco agora. Sentia como se tivessem passado anos, não apenas meses.

– Não obtendo a resposta que queria, Gustavo resolveu usar magia, a mesma força que a atingiu no parque, porém eu era mais forte e estava preparado. Impedi que me alcançasse e lhe mandei uma boa dose de ilusão. Ele brigou com um holograma meu enquanto saía do apartamento com Sofia e Carolina. Não fui capaz de deixá-la, com certeza ele a perseguiria e com sua loucura tão acentuada, duvido que ele não pudesse matá-la dessa vez.

A ruiva se encolheu diante da ideia. Mesmo com uma narrativa editada – tinha certeza que Alexandre não contara muitos detalhes – ficou satisfeita. Melhor mesmo não saber mais. Não importava. Aquela vida estava muito distante de sua realidade agora. Sofia estava segura, assim como sua amiga. Gustavo poderia explodir de raiva. Então, por que ainda doía? Por que ainda havia espaço em seu coração para amá-lo? O que precisava fazer para esquecê-lo?

Encarou o cunhado, o homem que verdadeiramente se importava e que fizera o improvável por ela nesses meses. Uma pessoa que entrara em seu coração de fininho. Não imaginava mais um mundo sem ele. Seu mundo sem ele. Alexandre passara a ser essencial sem perceber. As últimas semanas sem receber notícias foram torturantes. Não só pela missão que ele fora fazer, mas por ele. Também se preocupava com seu destino.

– Obrigada, mais uma vez – sussurrou engasgada. – Obrigada por estar aqui, vivo. Quero que saiba que você se tornou muito importante para mim. Não só pela vantagem que nos oferece, mas também por sua amizade incondicional. Jamais serei capaz de agradecer devidamente.

O moreno caminhou até ela devagar como se analisasse sua reação a cada passo. Parou bem diante dela, seu perfume invadiu seus pulmões e o atordoou, como sempre. Que saudade daquela sensação. Queria dizer que sabia uma forma de agradecer, mas não devia forçá-la a nada que não quisesse. Ao mesmo tempo, seu corpo gritava pelo dela. Ergueu a mão e acariciou seu rosto antes de falar com intensidade.

– Seja feliz, assim também ficarei.

Seria fácil, como já acontecera antes, beijá-lo. Mas ao contrário do que imaginara, Alexandre não se inclinou sobre ela. Algum tipo de frustração a sobressaltou. Era o que seu corpo queria. Era o que *ela* queria. Constatou, nesse instante, que o caminho que tomara não tinha mais volta. Então, por que não? Em um impulso ergueu os braços e os passou ao redor de seu pescoço duro puxando sua cabeça para baixo. Suas bocas se uniram com fome. Ele nem pensou em recuar apesar da surpresa em seus olhos.

Suas grandes mãos desvendaram com a mesma ânsia de antes – no carro em Vitória quando teve a chance de provar muito pouco daquela mulher – as curvas voluptuosas de seu corpo. Que saudade, que desejo, que loucura! Sua pele sedosa era bálsamo para seus dedos, seus lábios um elixir dos deuses. Era impossível resistir a ela. Como conseguira ficar tanto tempo

longe? Em que mundo insano vivia que não satisfizera aquele desejo que o consumia?

Tamires sentiu seu corpo ceder naturalmente. Sua cabeça anuviada com a força de um desejo maior do que outro que sentiu na vida. Era dolorosa aquela ânsia enquanto forçava passagem por suas veias, alcançando seus músculos e queimando sua pele. Mas o prazer de sentir aquele homem tão inteiro em seus braços, ofegando, pulsando e querendo-a era a melhor experiência que podia ter naquele momento.

Suas mãos enroscaram em seus cabelos escuros, acariciaram aquele peitoral largo e firme, apertaram os músculos torneados daqueles braços por dentro da camisa. Alexandre parecia ter tentáculos em vez de mãos. Seu corpo queimava inteiro ao seu toque furioso em busca de mais pele e menos roupa. Em meio a uma respiração entrecortada, enquanto o moreno beijava sua mandíbula descendo para seu pescoço de forma irresistível, Tamires sussurrou:

– Quero você.

Alexandre parou de beijá-la e se voltou para encará-la, seus olhos brilhavam excitados quando respondeu em um murmúrio intenso.

– E eu preciso ter você.

Era possível que um corpo exultasse de alegria? Tamires descobriu que sim. No segundo seguinte estavam novamente se beijando com ferocidade, as mãos arrancando as roupas um do outro ao mesmo tempo, uma confusão de pele, arquejos e tecidos para todos os lados. Fez questão de admirá-lo e senti-lo nu, seu corpo moreno brilhando à luz do luar, perfeito como a escultura de um deus, porém quente como o desejo, saboroso como o prazer e irresistível como o pecado.

A felicidade tinha um nome: Tamires. Cada parte do corpo de Alexandre confirmava essa afirmação, enquanto boquiaberto contemplava aquela deusa a quem adorava. Não podia existir uma mulher mais bonita do que ela. Seu corpo nu era ainda mais deslumbrante do que coberto pelo mais caro vestido. Estava atordoado com a força dos sentimentos que o açoitava ao estar, finalmente, junto dela, de corpo, alma e coração.

O melhor era saber que ela estava ali porque queria. Nenhum tipo de artifício ou sedução fora responsável por sua decisão. Tamires o desejava e essa realidade fazia seu coração exultar, sua mente tamborilar e seu corpo gemer de prazer. Nenhuma vida, por mais longa que fosse, seria capaz de apagar de sua boa memória cada detalhe daquela noite, cada pormenor que compunham aquela mulher esplêndida, cada palavra que ela lhe dissera. Estava feliz por nunca ter desejado outra a não ser ela. Somente a ruiva merecia esse tipo de entrega.

Usando a velocidade própria de quem era, Alexandre estava em toda parte. Tamires, extasiada, experimentou um jeito de amar novo e sobrenatural. Cada segundo passando mais devagar do que deveria, estendendo o prazer de cada beijo, de cada toque, de cada movimento. A língua quente e firme daquele homem vagava por trilhas imaginárias em seu corpo arrepiado

que respondia a cada novidade com uma ânsia nova e intensa.

A experiência de amar e ser amada na forma sobre-humana jamais poderia ser concebida por seu antigo cérebro. Eles jamais sobreviveriam à bomba atômica daqueles sentimentos, tão simultâneos, tão ferozes, tão intensos e tão certos para aqueles corpos. Era uma sensação quase extracorpórea. Cada uma ganhando distinção, intensidade e vida próprias implodindo em diversos lugares.

Com as mãos espalmadas contra a mureta de pedra, Tamires o sentiu invadi-la de uma forma humana e quente, porém a sensação que o acompanhou foi desconhecida. Rápida e lenta. Frágil e forte. Profundo e superficial. Era tudo ao mesmo tempo. E quando seu corpo completava o círculo daquele estímulo, ainda estava faminto por mais. Era incansável. Uma noite seria curta demais para que se satisfizesse de Alexandre.

Distraída e desconectada do mundo material – submersa em um mundo de prazer e fantasia em que o sobrenatural também amava –, a ruiva não viu quando uma luz branca, um cone brilhante, surgiu no céu partindo-o na vertical, há poucos quilômetros dali. Despontava entre as estrelas da constelação de peixes e morria atrás de uma formação rochosa em uma praia próxima.

ANIVERSÁRIO

Fora um dia longo e cheio de emoções. A comoção foi geral com a volta de Alexandre, mesmo que o próprio recém-chegado se mantivesse distante. Nem tive tempo de destrinchá-lo com minhas milhares de perguntas. Também não parecia muito a fim de conversa. Seus olhos ficaram em Tamires o tempo todo. Achei aquilo tão fofo que preferi não incomodá-lo.

Apesar de toda minha consciência quanto ao que estava por vir, ninguém parecia se lembrar que no dia seguinte seria meu aniversário de trinta anos. Não me importei, afinal aguardava ansiosamente por essa data, mas não era por causa dos cumprimentos. Na manhã seguinte seria igual a eles e essa noite seria solitária enquanto passasse pela transformação.

Um arrepio subiu por minha espinha enquanto caminhava pelo corredor até meu quarto. Alegara cansaço e fora para cama antes da meia-noite, coisa rara para mim. Marcel pareceu compreender, talvez o único ligado suficiente para saber o que pretendia. Seu olhar foi uma promessa de que estaria comigo naquela hora.

Mas o que ele poderia fazer por mim? Apenas sorrira e me afastara ouvindo-o discutir as acomodações com os que permaneciam na sala. A casa era grande, mas começava a ficar pequena. Provavelmente, alguém teria que dormir na casa de tia Margarida. Ouvi Marcel sugerir que Carolina e Sofia fossem para lá, achei adequado, ela poderia protegê-las. Foram as primeiras a partir.

Depois do banho, constatei que Tamires e Alexandre haviam desaparecido e ouvi Nicolas e Lara se despedirem. Lucca e Mainá também foram para o quarto que dividiam. Mesmo com uma audição normal, pude escutar os passos de Marcel no corredor vindo para nosso quarto. Apertei os olhos tentando evitar aquela conversa, mas dividei que conseguiria.

Ele se deitou na cama tão silenciosamente que só percebi quando seu corpo se encaixou ao meu em conchinha. Seus dedos enlaçaram os meus depois de passar o braço protetoramente ao redor do meu corpo.

– Su, não se preocupe, estarei aqui – sussurrou em meu ouvido e beijou minha nuca.

Eu me segurei para não desabar. As lembranças que tinha da passagem de cada um deles – Tamires queimada, Lucca apunhalado e Nicolas sufocado – não eram agradáveis. Será que por meu elemento ser água, me sentiria afogando? Não era uma sensação boa de imaginar, muito menos de vivenciar.

Apertei os olhos de novo forçando uma tranquilidade que não sentia. Não falei nada para que minha voz não denunciasse meu medo. Esperei, os minutos se arrastando, minha ansiedade aumentando, o som da noite permanecendo inalterado. Concentrei-me no ponteiro do relógio na

cabeceira de minha cama que marcava os segundos, os minutos e as horas monotonamente.

O tempo parecia sereno conforme passava, os barulhos não me atraíam mais, nem os ouvia. Eu me volvei para meu corpo, procurando alguma mudança, esperando a dor, mas nada aconteceu. Que estranho. Quanto tempo havia passado? Já seria meia-noite? Será que fora para cama muito cedo?

Abri os olhos, mas nada mudou também. A noite estaria tão densa? Não identifiquei nem o interruptor fluorescente. O que estava acontecendo? Com alívio pensei em Marcel ao meu lado, bastaria chamá-lo. Porém não encontrei minha voz. Não sabia como aconteceu, mas não sentia mais seu corpo junto ao meu. Teria cochilado e não percebi? Estaria sonhando?

Tentei me mexer. Nenhum músculo respondeu. Tentei ouvir o som do mar, a respiração de Marcel enquanto dormia, o relógio. Não havia nada. Pisquei os olhos furiosamente e de nada adiantou. O que estava acontecendo? Onde estavam meus sentidos? E o meu corpo? Senti uma onda de desespero, porém ela rodava furiosamente na minha cabeça. Queria gritar.

Marcel! Por favor! O que adiantaria gritar em minha mente? Ninguém podia me ouvir: A única pessoa que podia prever esse momento era eu mesma. Marcel!, choraminguei novamente. Talvez ele percebesse que estava parada demais. Talvez ele sentisse que havia começado. Estaria em vigília durante todo o tempo de minha passagem?

Mas se estivesse, o que poderia fazer para amenizar minha angústia? Nada. Eu me resignei àquela sina constatando que era melhor do que a dor. Se pudesse suportar até que terminasse, ficaria tudo bem. Mesmo que estivesse consciente o tempo todo. Não havia sono. Era como se minha consciência vagasse no nada sem fim.

O nada era consciente demais. Mesmo sem corpo, ainda podia sentir, pensar, me preocupar, amar, ter ansiedade. Estaria a pedra-da-lua acesa? O outono havia começado, mas quando seria o alinhamento? Pedro Tosquini – meu pai – dissera que seria no início da estação. Havia apenas dez dias para março acabar. Como saberia quando estava acontecendo?

Algo me dizia que saberia, assim como os outros sentiam a presença das pedras e dos guardiões. Marcel com certeza poderia sentir na hora que começasse. Isso seria importante para nós. Afinal, por quanto tempo o portal ficaria aberto?

Ainda havia a pergunta e a preocupação mais importante: como abriríamos o portal? Segundo tia Margarida, as pedras na verdade eram pedaços de uma chave única e somente ela poderia abrir a passagem para o Coração da Natureza. No momento só tínhamos uma parte de quatro. Não seria suficiente.

Tínhamos muito pouco tempo para encontrá-las e estava contando que minha transformação fortalecesse meu dom e fosse mais forte e capaz de cumprir meu papel naquilo tudo. Tinha consciência de que todos eram importantes, mas sem mim, não seria completo. Eles

precisavam de mim. E estaria pronta quando chegasse a hora.

Já estava claro para mim o quanto esses momentos eram individuais, nenhum deles fora igual ao outro. Mas imaginava o que esperar. Por isso, não conseguia deixar de questionar o fato de estar acontecendo tão diferente. Apesar de que meu corpo deveria estar se preparando para isso há um tempo sem que tivesse percebido.

Quando Tamires viera morar conosco, conseguiu uma receitinha com tia Margarida para ajudar a me fortalecer. Andava muito fraca pelo exagero na vigilância. Meu corpo frágil não suportava a força da magia que invocava constantemente. Porém usara toda essa energia extra para encontrar Lucca e Nicolas.

Somente quando houve a decisão de voltarem de Vitória, sem insistir com Nicolas, decidi parar de forçar. Foi aí que a energia vinda dos elementos místicos que tia Margarida mantinha ao meu lado começaram a fazer algum efeito na minha regeneração. E foi por isso que pude estar em pé na varando quando eles chegaram de viagem.

Minha transformação estava acontecendo há muito tempo, porém meu corpo fora muito castigado, isso justificava o fato de meus sentidos não terem melhorado em nada. E também explicava porque no meu aniversário, em vez de ser despertada, estava sendo transformada, passando pela última fase que me faria como eles.

Hei, espera aí. Quem disse que não previra isso? Claro que sim. Não fora para a cama mais cedo sabendo o que aconteceria comigo à meia-noite? Como isso ocorreu assim, tão inconscientemente? Talvez meu talento já estivesse atuando de uma nova forma e nem havia percebido por estar tão fissurada em aprender a lutar. Afinal, era intuitivo.

De repente, senti um anseio por bocejar, mas não podia mover a boca. Um entorpecimento tomou conta de minha mente como se estivesse cansada, sonolenta, oca, vazia. Um arrepio me invadiu de uma maneira estranha. Um mau agouro. Em vez de pensamentos, sensações diferentes me atingiram.

A janela estava aberta? Estaria ventando? Senti frio. Cada vez mais frio. Do fresco, ao congelamento de forma gradativa, porém constante e rápida demais para que pudesse acompanhar com meu entorpecimento. Meu corpo, outrora ausente, agora era uma massa de gelo fria, exalando fumaça, estralando e rachando enquanto esfriada mais e mais.

A temperatura abaixo de zero faria meu queixo tremer, mas ele estava duro e imóvel. Pontadas agudas percorreram o que pareceu a extensão do meu corpo enquanto o sangue congelava em minhas veias. Estava claro para mim, tanto quanto o gelo. Aquela era minha morte.

Mas não queria morrer. Aquilo era muito pior do que previra. Enquanto espasmos percorriam meus músculos, lutava contra o congelamento. Ia morrer, mas não podia. Não tinha esse direito. Onde estava Marcel? Onde estava tia Margarida? Cadê todo mundo para me salvar

do frio?

Por que ninguém ouvia meus gritos? Ou meus dentes batendo? Estava sozinha? Onde estava? Perdida, decerto. Em uma água turva, onde não conseguia me mover adequadamente, isenta de sentidos e de ação, enquanto era congelada viva. Aquele bloco de gelo seria meu túmulo eterno.

Com horror, percebi que as pontadas, afiadas como facas me rasgando por dentro, perfuravam cada vez mais fundo, vindas de todas as direções de meu corpo e correndo para um único ponto dele, meu coração. Esse teimava em bater, mas já não conseguia com o mesmo ritmo. Ele também estava parando.

Tum-tum, tum-tum.

Bateu um pouco fora do ritmo antes de ser atingido brutalmente. As milhares de facas o golpearam de uma vez fazendo-o parar. Arquejei com a dor e sabia que mesmo que pudesse externar de verdade aquele grito, seria tão engasgado quanto um estrangulamento. Apenas o último sopro de ar sairia dos meus pulmões.

E água gotejaria de meu coração, da marquinha mínima de nascença entre meus seios. Água e sangue, se não estivesse congelado em meu peito para sempre, uma pedra fria e imóvel. Onde estava o calor dos sentimentos? Do sangue circulando pelos órgãos? Seria uma estátua sem graça eternizada. Quem ia querer me ver? Quem se importaria comigo?

Meu coração não batia mais, porém o gelo passou de espumoso para uma pedra fria tão lentamente, que dessa vez pude perceber as nuances das rachaduras se partindo em milhares de cortes constantes, arrepiantes e dolorosos. Seria essa a verdadeira sensação de um coração partido?

Poderia um coração – ou mesmo uma vida – sobreviver a milhares de pedaços como o meu se partia agora? Duvidava. E enquanto tentava canalizar minha mente para um lugar longe daquele órgão, tão vital para minha existência, não encontrava saída para o que provavelmente estava chegando. Também não encontrava distração alguma.

Seria apenas eu e aquela dor até o fim.

Esperei o que pareceu tempo demais para que a morte chegasse. Já não era para ter acontecido? A dor foi uma companheira cruel e volátil, ora atormentando o músculo frio em meu peito, ora vagando por minhas veias como se procurasse uma saída. O que estaria procurando? O que estaria acontecendo dentro de mim?

O frio diminuía muito mais devagar do que chegara, mas já era uma boa notícia. Ou não? Devia me preocupar? Devia me desesperar? Quantas horas havia lutado contra a incoerência para pelo menos me manter lúcida já que não conseguia me mover ou gritar? Que utilidade teria senão me enlouquecer?

Seria forte o suficiente para suportar. Apesar disso, tive inveja da dor de meus irmãos. Eles ainda puderam pedir ajuda, mesmo que inútil. Puderam sentir o companheiro ao seu lado. Tamires conseguiu lutar com Gustavo. Lucca ouviu as canções indígenas de Mainá. Ah, verdade, Nicolas também estivera sozinho, como eu. Lara não sabia de nada até então.

Era uma privilegiada. Todos estavam há alguns passos de distância. Seria por isso que não podia chamá-los? Que natureza insana era essa que proporcionava tamanho tormento para seus protetores? Não conseguia entender, não podia aceitar, queria desistir da vida. Seria mais fácil, mais simples, mais justo.

Que sentido haveria em passar por aquela dor? Nenhum. Não havia um bom motivo na terra que o justificasse. Era insanidade pensar que sim. Como pudera esperar tão ansiosamente por aquilo? Devia estar louca! Agora só queria morrer e isso também me era negado.

A dor me torturava e tornava meus pensamentos incoerentes até mesmo para que pudesse traduzi-los. Só precisava de um alívio, um pequeno e frágil fio de esperança no qual pudesse me agarrar com todas as minhas forças. Seria pedir muito? Achava que não. Quanto sofrimento mais para o fim definitivo?

Ouvi o som do gelo trincando e tentei me encolher, pareceu que fui bem-sucedida. Esperei a dor que deveria acompanhar a rachadura. Outras partes do meu corpo estariam se quebrando além do meu coração? Então me lembrei da marca de nascença entre meus pequenos seios. Parecia com um triângulo de ponta-cabeça. O símbolo da água.

Outro barulho, perto demais, chamou minha atenção. Um suspiro? O que estava acontecendo ali? Onde estava mesmo? Um rangido, mas parecia tão distante. Não tive certeza. E uma voz. Uma voz? De quem? Quem estaria tão perto do meu tímulo? Estaria se despedindo de meu corpo frio e inerte? Tive maior urgência em gritar, dizer que ainda estava viva, mas me contive. Não acreditava que teria sucesso em meu chamado.

Senti um toque, uma carícia tão leve que não tive certeza se era pele ou brisa. Era boa. Quis sorrir. A morte podia ser prazerosa de alguma forma. Um novo rangido. Eu me concentrei naquele som. O que seria, afinal? E então outros sons começaram a povoar minha mente. Uma respiração, uma voz, um carro, água fervente, chuveiro, televisão, rádio. Pude ouvir tudo!

Com espanto, constatei que não estava morrendo. A transformação estava acabando. Talvez até já pudesse me mexer e falar. Antes de tomar qualquer atitude, preferi vasculhar meu corpo em busca do gelo, da dor. A distração fora tamanha que não vi que esquentara, a dor era uma lembrança no centro do meu peito, um batimento cardíaco descompassado.

Estava viva e tinha certeza de que estava melhor. Gostei muito da brincadeira com a audição, então procurei por todos os sons que pudesse ouvir. Alcancei o mar nas rochas, as aves no céu, uma conversa de um vizinho, a muvuca dos pescadores no porto. Pelo que diziam, percebi

que estava amanhecendo.

Passara toda a noite inerte e acordada, no entanto, nunca me sentira tão bem, tão forte, tão descansada. Enquanto meu coração voltava a bater, aquecendo meu corpo, podia sentir uma energia fluindo por minhas veias junto com o sangue, jorrava com a força da água na torneira aberta ou o jato de um chuveiro ligado. Podia sentir com clareza meus músculos e ossos mais rígidos.

Com certeza minha visão também estaria melhor. Nunca tive problemas com ela, mas adoraria poder enxergar o que não podia antes. Abri os olhos. Estava na mesma posição que deitei na noite anterior e vi o criado-mudo ao lado da cama com meus objetos pessoais. Meu relógio marcava cinco horas da manhã. Ainda estava escuro, mas podia enxergar tudo com os mesmos detalhes, como se tivesse luz, mas meio acinzentada.

Fiquei maravilhada. Aquilo era muito melhor do que imaginara e valera a pena cada dor que sentira. Agora era uma lembrança ruim, um passado que, literalmente, me fizera mais forte, mais capaz. Queria sentir a pedra-da-lua agora. Queria vê-la brilhando. Voltei meus olhos para o móvel ao lado da cama, onde a deixara para dormir mais confortável.

Todos os objetos estavam lá, menos ela. Que estranho. Teria colocado em outro lugar? Sentei na cama e notei que estava sozinha. Marcel deve ter levantado enquanto mudava. Coitado, ele merecia um pouco de descanso, um café da manhã, um pouco de privacidade, para ser simplesmente humano.

Olhei para o criado-mudo do lado dele da cama e estava ainda mais vazio do que o meu. Virei de ponta-cabeça para procurar embaixo da cama. Nada. Ai, meu Deus, onde estava a pedra? Em resposta a minha pergunta retórica, simplesmente vi. Meus olhos se desfocaram do cenário comum de meu quarto e então soube.

A visão durou apenas alguns segundos, mas como em um filme, vi o fim daquela história. Ainda estava em choque, paralisada sobre a cama, olhando um ponto qualquer sem realmente ver quando Marcel voltou ao quarto. Ao me avistar naquela posição, correu para meu lado denunciando a preocupação em seu pedido de explicação.

– Suzane, meu amor, o que aconteceu? Está sentindo alguma coisa? Está começando?

Coitado, mal sabia ele que já havia acontecido. Associei rapidamente – minha mente também estava mais ágil – que só podia ver o que previra quando estávamos juntos porque nossos dons se complementavam. No geral, só podia rastrear uma energia a qualquer distância que estivesse. Percebera uma nova e por isso deduzira que estava me transformando. Minhas conjecturas duraram menos de um segundo e Marcel nem percebeu minha hesitação. Não tínhamos tempo a perder agora.

– Sei quem está com as pedras – respondi apressadamente. – Ele está nos esperando no portal. Vamos.

Era impossível não notar a energia que emanava do alinhamento direto para a única passagem que nos levaria de volta ao Coração da Natureza. Minha preocupação anterior fora desnecessária. Mesmo com o sol rompendo no horizonte, era fácil ver da varanda de casa o cone vertical branco que rasgava o azul-marinho ao meio. No céu, reconheci a constelação de peixes e os cinco pontos em uma linha perfeita. Percebi que só viamos os planetas depois da Terra e a sua potência parecia vibrar no ar a nossa volta.

Não sabia para onde apontava, mas como conhecia bem aquele lugar, imaginava aproximadamente o local. Enquanto Marcel informava Lucca e Nicolas – com suas inseparáveis companheiras –, avistei tia Margarida – acompanhada de sua pequena comitiva – e Tamires que se aproximavam de lados opostos. Minha irmã estava atordoada e apressada e Sofia se debatia no colo de Carol apontando para a energia poderosa.

O que teria acontecido? A ruiva leu a indagação em meus olhos e desviou-os de mim focando em sua amiga e filha. Quase fiquei ofendida. Porém, se ela não queria conversar, respeitaria. Olhei novamente para a direção de onde ela viera e percebi que podia ser o caminho do forte, mas também podia ter ido ao porto. Ficaria curiosa até que quisesse me contar. Afinal, agora estávamos ocupados.

– Senti a energia e vim correndo – disse tia Margarida ao se postar ao meu lado.

– Nem pensar, a senhora não vai – retrucou Marcel atrás de mim.

– Tia, prevejo uma batalha – acrescentei. – Não será uma boa ideia a senhora ir.

– Como não? Acha que vou ficar de babá enquanto meus filhos correm perigo?

Aproveitando a deixa, Carolina também bateu o pé que iria de qualquer jeito, mesmo que tivesse que segui-los e Sofia não quis desgrudar do pescoço de Tamires. Minha irmã suspirou ruidosamente e aceitou diante da exigência de que ficariam sempre atrás. Marcel se aproximou de mim e de tia Margarida cedendo. Vi que Nicolas apertou a mão de Lara e Lucca, de Mainá.

Partimos em direção à luz andando como um grande grupo liderado por mim e na retaguarda a mais velha. Além da ponta Cacimba do Padre pude ver exatamente onde o portal estava. A luz branca do cone convergia entre os dois morros irmãos, na beira d'água. No mesmo lugar onde tia Margarida dissera que saímos há trinta anos. Na pequena faixa de areia quatro pessoas complementavam o cenário de minha visão.

Encarei o belo homem à frente do pequeno grupo e franzi o cenho. Tamires confiara nele e me fez confiar também. Agora sabia que ela estava errada. Ele podia estar acompanhado por mais três, mas éramos sete. Porém, eles tinham as chaves. Vira tarde demais o quão perto o perigo

estivera. Não dava mais para mudar esse futuro. Teríamos que enfrentá-los. Evitaríamos que o apocalipse sobreviesse ao planeta no final do ano nem que perdêssemos nossas vidas na tentativa.

Vi Tamires travar os dentes. Estaria tão frustrada quanto eu, supus e até se culpando. Nunca a culparia. Corri os olhos pelo grupo e vi a mesma expressão em todos os rostos. Não havia dor em ninguém, nem em Carolina, totalmente humana, mas bastante sensível para perceber o que se passava ali.

Tamires fez a amiga parar há uma grande distância e passou Sofia para ela. Caminhou até nos ultrapassar, já que não havíamos parado de avançar, e estacou antes que se afastasse demais de nós ou se aproximasse do outro grupo composto por homens com capas escuras e capuzes sobre a cabeça. Os três da ostentavam sorrisos maliciosos atrás do moreno alto que mantinha sua expressão impassível, talvez pelos anos de prática. A falsidade sempre fora sua arma?

– Onde estão as chaves? – a voz de minha irmã soou furiosa ecoando nas pedras.

Com certeza o enfrentaria pessoalmente se tivesse a chance. Consideraria sua luta. Não achava uma boa ideia, mas a pergunta era justa. Ao meu lado, Marcel contraiu os músculos se preparando para socorrê-la caso fosse preciso. A mesma reação reflexa moveu Lucca, Nicolas e Lara. Eu me concentrei no monstro à minha frente. Sabia exatamente o que aconteceria a seguir, mas ainda me dava a mesma revolta.

Ele também deu alguns passos à frente, mas parou antes de chegar muito perto da ruína. Talvez algo em sua expressão o fez estacar. Afastou o capuz para trás revelando à luz da manhã nascente – a quem ainda não pudesse ver – seu rosto esplêndido. Agora aquela beleza me dava náuseas. Queria ver se o rosto de minha irmã refletia o meu. Podia apostar que sim.

– Tamires – sua voz sedutora soou com a mesma calma de sempre –, podemos fazer um acordo. Vocês ficam aqui e nós voltamos para lá com a chave e, pronto, fim da história.

– Não faço acordo com canalhas, Alexandre. Você devia me conhecer melhor.

Um arremedo de sorriso mexeu muito de leve sua boca.

– Deveria mesmo. – Ficou sério novamente e acrescentou. – Sinto muito por isso, mas você pode voltar conosco se quiser, e Sofia, claro. – Um sorriso maior e muito galanteador repuxou seus lábios. – Adoraria continuar o que começamos na noite passada. Aliás, desculpe por te deixar sozinha no forte, tinha um assunto importante para resolver antes do nosso reencontro.

Meu estômago revirou e vi o tronco de Tamires dobrar em espasmos de náuseas. As últimas palavras do moreno me explicaram a ausência deles na hora em que fui dormir e porque Tamires vinha da direção do forte pela manhã. Demorou alguns segundos para que minha irmã conseguisse responder, mas a resposta já estava tão clara que o sorriso presumido de Alexandre desaparecera.

– Jamais. Prefiro morrer.

– Se prefere ficar – respondeu duro e com firmeza –, sinto lhe informar que realmente

morrerá. – Virou as costas de forma dramática e repôs o capuz.

Que homem frio. Até ontem se dizia apaixonado por ela! Como pude me deixar enganar assim?

– Não de morte natural, pressuponho. – Insistiu Tamires, agora sob controle, ainda que a fúria fizesse seu corpo vibrar esporadicamente.

Alexandre parou e se voltou para ela novamente com olhos profundos e intensos.

– Nunca a machucaria.

– Está mentindo! – gritou com uma revolta diferente em sua voz.

Queria entender o que ela estava vendo. Olhei para Lucca na esperança de ter alguma resposta em sua expressão e não me enganei. Estava entre espantado e descrente. Então os sentimentos e pensamentos do canalha confirmavam suas palavras. Haveria amor verdadeiro em seu peito?

– Sabemos do que é capaz – disse ao mesmo tempo em que dei um passo à frente para me juntar a Tamires entrando em seu jogo de verdade e mentira. – Aposto que seu poder é muito maior do que nos mostrou.

Enquanto falava percebi que o nosso grupo se posicionou mais perto, os homens nas pontas, as mulheres no meio. Em contrapartida, os três guardiões negros cercaram Alexandre com a ferocidade mascarando seus rostos.

– Intuíu corretamente, Suzane – respondeu o rapaz sem sorrir. – Quero que saiba que nunca te subestimei, apesar de todos ao seu redor acreditarem que você era frágil. Sempre soube do seu enorme potencial e agora vejo que não estava errado.

O que era aquilo agora? Estava me bajulando? Queria que me voltasse contra minha família?

– Não vai funcionar o que quer que esteja planejando – respondi de forma direta e seca.

Ele ergueu as sobrancelhas incrédulo como se tivesse dito algum absurdo.

– Nunca falhei, minha cara, e não será dessa vez. – Havia presunção em sua voz, mas continuava irritantemente calma e ponderada. – O mais difícil foi encontrar Gustavo. Essa foi minha primeira missão. Demorou alguns anos até localizá-lo em Foz. E qual não foi minha surpresa ao reconhecer um elemento, adormecido ainda, mas claramente um dos quatro protetores. Gustavo fingia que não sabia e eu fingia que não havia percebido. Com ele, menos sempre era mais.

– Tudo não passou de missão? – retruquei revoltada. – Nunca houve amor de verdade?

Finalmente alguma reação, porém não a que esperava ver. Alexandre riu largamente e vi a raiva crescer em Tamires. Pensei que ela fosse explodir a qualquer momento. Estava ficando avermelhada.

– *Desculpe te decepcionar, Suzane – se interrompeu para outra gargalhada –, pobre romântica. Ninguém te ensinou que o amor não existe, não é?*

Meu grupo era feito por laços de amor. Cada pessoa da minha família sabia, com a vida de cada célula de seu corpo, o que era amar outra pessoa. Só alguém incapaz de amar poderia afirmar algo tão monstruoso. Se ainda havia alguma coisa que valia a pena nesse mundo era o amor.

– *O que você estava pensando, Suzane? – continuou voltando à seriedade. – Que um dia acordei, olhei para Tamires e, como em um passe de mágica, passei a amá-la? É claro que não! Se o amor funcionasse assim, seria a maior decepção do universo. Talvez isso explique a alta taxa de divórcio nesse mundo.*

Tamires já estava rangendo os dentes. Tinha certeza que o atacaria em breve.

– *Então o que foi? Só um jogo de sedução para chegar até todos os protetores e a chave? Alexandre pareceu chocado com minha suposição.*

– *É claro que não. Esse tipo de amor romântico, almas gêmeas e destino não existe. Mas a atração entre energia semelhantes, sim – explicou como se desse aula a uma turma de adolescentes. – Nunca tive a intenção de ficar com ninguém, mas quando Tamires foi despertada, uma atração irresistível me levou para ela. Apesar de tudo, sou homem e ela é uma mulher linda, e nossas energias se completaram com perfeição.*

Pobre Tamires, encurvou-se em outro espasmo de náuseas, me virei para socorrê-la moralmente. Sua expressão era um misto de dor e raiva. Meio assustadora de ver. Tive pena de uma forma carinhosa. Constatei, para meu espanto, que sua beleza fora sua ruína. Primeiro com Gustavo, agora com Alexandre. Por que fora presenteada com essa maldição?

– *Não olhe assim para mim, Tamires. Estou sendo sincero. Eu me sinto extremamente atraído por você, ainda agora, de uma forma que não sei explicar. Nunca me senti assim antes. Queria tanto que mudasse de ideia antes que volte para o Coração. – Ergueu as mãos na defensiva. – Hei vejam vocês mesmos. Acham que são belos por causa da genética? Isso é parte da fachada de quem somos, da perfeição da natureza. Como Adão e Eva no paraíso – bufou diante da própria comparação. – Atraímos-nos por energias semelhantes que se buscam e se complementam, porém não são únicas. Se não der certo, pode encontrar outra. – Virou-se para a ruiva de novo. – Tamires, como explica seu amor insano por Gustavo e o dele por você? – Depois para o ruivo. – Lucca, acha mesmo que Mainá é sua alma gêmea? – E para o capixaba. – Nicolas, tudo bem, Lara é uma bela mulata, mas você sabe o que te levou para ela. – Agora para a mulata. – Lara, você entende por que se sentia tão atraído por ele, não é verdade? – Para mim e depois para o loiro. – Suzane e Marcel talvez formem o único casal verdadeiro por terem sido criados juntos, mas ainda tenho minhas dúvidas.*

Houve uma fúria geral no meu grupo e todos falaram ao mesmo tempo. Eu senti a raiva

sacudir em meu peito enquanto os ouvia externar a deles.

– Não vou permitir que volte! – gritou Tamires.

– Você não sabe de nada! – bradou Lucca.

– Cala a boca! – enfureceu-se Lara diante do silêncio estupefato de Nicolas.

– Quem pensa que é? – rosnou Marcel.

Não senti necessidade de responder. Precisava de suas respostas, conhecer melhor sua cabeça, saber como sua insanidade funcionava. Qual era a lógica que o movia? Por que não tivera oportunidade antes? Suspeitava que Alexandre me evitara de propósito.

– Chega de falar de coisas que não importam! – interrompi com a voz mais alta ainda movida por certa raiva. – Preciso saber se você é responsável pela morte de Pedro Tosquini!

Seu olhar simulou pesar, mas não confiava que fosse verdadeiro. Não confiava nem mesmo em seu relato, por mais que insistisse em fazê-lo falar. Assim também ganhávamos mais tempo para sentir o terreno e saber qual seria o próximo e melhor passo.

– Sinto muito por isso também, mas fiquei feliz por ter sido a única baixa. Foi necessário. Se Tamires, ou um de vocês, o encontrassem, nunca teria a chance se me aproximar como precisava para cumprir minha missão. – Seus lábios se contorceram e não soube dizer o que expressavam. – Fernando foi muito útil. Não foi difícil seduzi-lo. Usei seus próprios anseios secretos para estimulá-lo a fazer o que era preciso.

Orgulho. Era isso que estava implícito em suas palavras e expressão. Aquela verdade doeu fundo em meu coração já tão ferido. Podia sentir novamente o afogamento do nosso pai, tão vivo em minha memória que me asfixiei. Previra, ou assistira, sua morte com as mãos atadas diante do inevitável.

– Única baixa? – estimulei entredentes irritada e sem ar.

– Ah, sim – parecia satisfeito com a explicação que estava prestes a me dar. – Em Corumbá dei um empurrãozinho para que Edmundo entregasse Lucca ao pai de Vitória. Uma complicaçãozinha para que ele morresse. Mas vejam só, consegui que chegássemos a tempo. – É, ele estava contente com o que dizia. – Pensei melhor e concluí que talvez fossem mais úteis se estivessem todos vivos, afinal, precisava encontrar todas as partes da chave. – Soltou um risinho frouxo, despreocupado. – Seria mais divertido deixá-los se unir para depois impedi-los de cumprir seu destino. Eliminá-los um por um seria fácil demais – e acrescentou solenemente –, além de cruel e errado.

Que sínico. Apesar de segurar Tamires para que não o atacasse, senti vontade de fazê-lo eu mesma. Meus irmãos e aliados bufaram contra seu sarcasmo.

– As pedras? Como...? – começou a perguntar minha irmã em uma voz abafada pela fúria.

– Ah, essa foi a parte mais fácil – gabou-se. – Vocês não estavam preparados para meu

talento e nunca o perceberam realmente. Era fácil iludi-los, fingir que não estava ali quando na verdade estava. Quando controlava a situação, vocês só viam e ouviam o que eu queria.

Fiquei impressionada contra a vontade. Ele deveria ser um aprendiz de mago muito poderoso, provavelmente seus amigos também. Estivemos o tempo todo preocupados com a pessoa errada enquanto o verdadeiro perigo estava por dentro de nossas fraquezas e desaparecendo com nossas armas. Pensei também se até a atração que ele exercia sobre Tamires não seria um de seus truques.

– E o treinamento? – desconfiei que estivesse nos desviando do caminho com aquela farsa.

Alexandre riu novamente, um riso agradável, não malévolo. Como conseguiu fazer isso?

– Aquilo foi divertido, devo admitir – gargalhou novamente. – Mas não acredito que seja útil de verdade. Não mostrei a vocês a verdadeira magia. E a luta? Bem, não chegarão perto suficiente para tentar.

Percebi Lucca sobressaltado. Provavelmente estava se recordando daquele dia em que usou Mainá para estimulá-lo. A raiva toldou seus olhos verdes olíva. Jamais o perdoaria por ter colocado a índia em risco inutilmente. Cerrou os punhos e Nicolas o olhou buscando entender sua reação feroz. Esse irmão parecia dividido entre o que devia ou não fazer.

– Chega de blábláblá. – voltou a falar Alexandre diante de nosso silêncio raivoso. – Acho que já expliquei demais. – Afastando a capa dos ombros, jogou-a para trás e prosseguiu. – Agora é a hora da ação. – Um sorriso maroto contorce seus lábios – Vejam e se maravilhem.

Meus irmãos, inclusive eu, estavam cada qual a um passo do ataque. Aquilo parecia uma provocação, talvez ele estivesse contando com nossa inexperiência. Afinal estávamos em maior número, apesar de sua vantagem. Isso talvez o estivesse detendo. Tentei me acalmar para passar a Tamires o que havia pensado sem precisar dizer em voz alta. Encarei Lucca e deixei que lesse meus pensamentos. Ele concordou e serenou também. Rapidamente o clima aquietou o grupo todo. Tentamos manter a frieza diante de tanto asco.

Enquanto isso, Alexandre se aproximara dos outros três formando uma roda. Sem dizer palavras em voz alta, apenas sussurrando algo em uma língua que não entendia – deduzi que seria a linguagem usada no Coração – invocou a magia. De repente, no centro do círculo, surgiu uma caixa escura, de um material que não conhecia, flutuando entre suas mãos erguidas. A tampa se abriu a um pequeno gesto do moreno e as quatro pedras, ainda separadas, vagaram no espaço até a mão de cada um deles. Com um estalar de dedos, a caixa sumiu.

Os quatro se alinharam novamente, mas dessa vez de frente para a luz branca que continuava emanando entre os dois morros. As mãos seguravam a pedra estendida na direção do portal. Mesmo com a calma, sabíamos que teríamos que impedi-los antes de obterem sucesso, porém, diante do pequeno passo que demos, Nicolas estendeu um braço para nos deter. Ele deve

ter intuído alguma coisa. Minha visão havia me mostrado apenas quem era o ladrão das pedras, não se ele conseguiria abrir o portal.

Fiquei feliz com a decisão de Nicolas. Finalmente estava conosco naquilo. Precisou encarar o perigo de frente para tomar uma atitude a nosso favor: Passaram-se alguns segundos silenciosos enquanto esperávamos que o portal fosse aberto ou que alguma coisa acontecesse. Nada mudou. Meus olhos ficaram presos no lugar onde provavelmente se abriria e a luz permaneceu intacta. Com a minha visão aguçada, não perderia nada.

Os quatro se voltaram para nós espantados.

– Não entendo – sussurrou Alexandre. – Essas são as pedras verdadeiras. Sei e sinto.

– Você devia ter prestado mais atenção em suas lições – respondeu Nicolas até então silencioso. – Assim saberia que a chave só funciona em poder do sacerdote escolhido pela natureza e nós somos os guardiões dela, herança de nossa mãe.

Nossa, Nicolas realmente havia prestado atenção à narrativa detalhada de tia Margarida. Os olhos de Alexandre se estreitaram desafiadoramente. Então eles precisavam de nós para abrir o portal, mas depois seríamos peças descartáveis. Jamais me permitiria ser usada. Pensando na analogia que ele fizera, era nossa vez de atuar no show. Íamos lutar.

Pude sentir a atmosfera mudar no grupo como se estivéssemos com os pensamentos conectados. Enquanto nós quatro dávamos um passo a frente para proteger os nossos queridos, Marcel e Lara cuidavam de nossa retaguarda – onde estavam Carolina, Sofia e Mainá. Éramos uma formação organizada e estávamos prontos.

– Ok – suspirou Alexandre enfadado enquanto interpretava seu papel no espetáculo. – Venham pegar.

Naquele momento, o som baixo de um avião passou tão perto que todos nos encolhemos assustados espiando o céu. Era um jatinho, provavelmente particular, que voava muito baixo rumo ao aeroporto, não muito longe dali. A distração, no entanto, não nos fez perder o foco. Voltamos todos à posição de ataque e invocamos em silêncio a energia pura que corria em nossas veias.

ARREPENDIMENTO

Com um sorriso presumido nos lábios, Alexandre viu os protetores buscarem uma força que desconheciam. Jamais seriam páreos para ele e seus comparsas Sérgio, Felipe e Diogo. Os quatro haviam sido instruídos pelo poderoso mago Rafael, o senhor do Coração da Natureza, o mais antigo ser daquele mundo. Não havia nada que ele não soubesse e não vira. Mesmo a sacerdotisa mais poderosa e bem preparada não conseguira detê-lo.

Aqueles quatro ingênuos não foram treinados para cumprirem seu papel. Apenas saber o que eram jamais seria o bastante diante do grande poder que ele e seus parceiros detinham. Ainda assim, não haveria força capaz de transpor a barreira que criara ao redor deles, uma cúpula mágica e invisível, já que não subestimara sua vantagem numérica.

Tudo fazia parte do plano e eles estavam caindo feito patinhos. Claro que sabia que as pedras não funcionariam em suas mãos. Por isso precisava deles vivos, porém sob seu controle. Se aprisionasse um que fosse, o tal sentimento que os unia seria suficiente para que fizessem o que ele pedisse. A ruiva era sua preferida e tinha uma isca perfeita para que ela caísse em sua armadilha.

Viu o rosto de Tamires retorcido pela raiva e também pelo nojo – por mais que aquilo ferisse um pouco seu ego – não podia desejar reação melhor. Movida pelas emoções, sabia que ela estaria mais propensa a cometer erros. Precisava fazê-la atacá-lo sozinha, para que entrasse em seu campo mágico e estivesse ao alcance de suas mãos. E, mesmo contra a vontade, ela iria com ele para o Coração. Era o que mais desejava em seu íntimo.

Sorriu para ela enquanto colocava seu plano em prática. Seus aliados esperavam o sinal para atacar enquanto mantinham vigilância sobre os inimigos e guarneciam sua retaguarda. Por enquanto assistiam o avanço cauteloso dos protetores. *Coordenados demais*, pensou Alexandre. *Hora de um pouco de emoção. Estou entediado.*

Ainda com os olhos presos em Tamires e em seus irmãos, projetou para fora de sua mente uma ilusão sedutora de si mesmo, o Alexandre que derretia o coração das mulheres e as atraía irresistivelmente sem que tivessem força ou desejo de fugir. Qualquer pessoa confiaria naquela ilusão, assim como os próprios guardiões já haviam feito.

Uma humana comum, então, seria simples demais. Alexandre quase gargalhou de satisfação. Sua projeção perfeita e com um sorriso inocente e sincero no rosto estava diante de Carolina Silva agora. Com sua mente ampla, viu através seus olhos mágicos que ela ficara atordoada ao vê-lo tão perto e que conferiu o lugar onde ele estava há um minuto, não o vendo mais lá.

– Carol, venha comigo – sua voz melodiosa só soava aos ouvidos dela. – Quero fazê-la feliz.

Ela não lutou nem por um segundo contra aquela atração que acreditava estar enterrada há muito tempo. Deu um passo à frente e a ilusão de Alexandre sorriu convidativo.

– Venha, Sofia, minha florzinha – estendeu seu ataque para a pequena no colo da amiga de Tamires. – Tem muita fadinha lá para você brincar.

A criança esticou os bracinhos agitada chamando pelo tio. Ela o queria. Mainá não entendeu o que estava acontecendo, mas tentou deter a moça.

– Fique aqui – pediu pegando-a pelo braço.

Seu esforço foi em vão, mas naquele pequeno gesto, foi tomada por uma força estranha e, como em um passe de mágica, enxergou a projeção de Alexandre diante de Carolina, chamando-a docemente. Mas não fora presa pela magia, por isso, podia vê-lo ainda preso nos olhos de Tamires, há metros de distância, enquanto os quatro avançavam em sua direção.

– Pare, Carolina! – insistiu a índia em pânico.

Os olhos da moça loira estavam desfocados. Ela só podia ver e ouvir Alexandre e sua voz sedosa que lhe garantia a felicidade. Seus passos continuaram sem vacilar perseguindo aquela ilusão. Com o grito de Mainá, todos olharam para trás e perceberam que algo estava errado apesar de não enxergarem o que ela seguia.

– Não! – berrou desesperada Tamires. – Fique onde está, Carol!

A amiga nem olhou em sua direção, continuando seu caminho até os braços do moreno alto e lindo, nem percebia a indígena agarrada ao seu braço. Tamires se voltou para ele.

– Pare com isso! – exigiu sabendo que só podia ser obra dele.

– Ah, ela me quer – sorriu. – Não seja ciumenta.

Tentou interditar o caminho de Carolina quando ela alcançou o grupo de combate e a índia a largou. Seus olhos castanhos estavam brancos e desfocados. A ruiva nunca vira nada parecido antes. Pegou a amiga pelos ombros e a agitou, tomou o rosto de Sofia e exigindo que olhasse para ela, mas nenhuma das duas reagiu.

– Sofia, não, Sofia! – chorou. – Olhe para a mamãe! Olhe para a mamãe!

– Ela também me quer, Tamires. Você sabe que ela sempre gostou de mim.

Rangendo os dentes entre as lágrimas, a fúria queimando seu peito de novo, a ruiva se virou para o canalha que fora seu cunhado, que fora seu companheiro, que fora seu amante. Cada sorriso que lhe dera, cada palavra de apoio, cada beijo, cada toque somaram a afronta que sentia, o asco, a revolta. Aquele calhorda pagaria por destruir sua vida de todas as formas possíveis.

– É a mim que você quer, então as deixe ir! – se rendeu.

Alexandre bateu palmas.

– Bravo! Bravo! Atuação espetacular, dentro do *script*. – Voltou à seriedade novamente.

– Sim, é você que quero. Então venha e as deixarei em paz.

Tamires agarrou o braço de Carolina quando ela a ultrapassou.

– Primeiro as liberte, então irei.

– Ah, não posso confiar em você.

– Confiei em você – suplicou em um sussurro.

– Sim, mas você não sabia quem eu era de verdade.

Carolina conseguiu se livrar da mão de Tamires sem sequer olhar para ela e continuou seguindo aquela doce ilusão. A ruiva precisava fazer alguma coisa. A amiga estava chegando perto demais. Interceptou novamente seu caminho e a chacoalhou muito forte, sem se preocupar se a machucaria. Quando não obteve resultado, a esbofeteou com raiva.

– Acorde, Carolina! – E desferiu outro tapa. – Preciso de você, amiga. – Mais um em desespero. – Fique comigo, por favor.

O próximo tapa deixou uma marca vermelha na face de Carolina. A fúria de Tamires a transformara em brasa viva. Carol gritou de dor e a amiga a soltou assustada. Os olhos castanhos da loira se focaram na ruiva sem compreender e sua mão livre pousou sobre a ferida. Sofia começou a chorar e um suspiro de alívio cortou a respiração da protetora do fogo.

– Desculpe, Carol. Sofia, meu amor, está tudo bem. Vai ficar tudo bem. Agora se afastem, por favor.

Carolina se sentiu envergonhada pela recaída que tivera quando entendeu o que se passara ali. Sempre associara a atração que sentia por Alexandre à magia e agora fora presa em um feitiço tão forte que não conseguira escapar sozinha. Sem ação, se deixou levar por Mainá, Marcel e Lara para bem longe dali com a pequena criança que ainda chorava no colo. Margarida os acompanhou. Seria mais útil se as protegesse.

– Hum, interessante – murmurou decepcionado Alexandre. – Nunca vi isso antes.

– Fique longe delas! – bradou Tamires se voltando para o cunhado.

– Pelo visto você não vai cumprir sua promessa – acusou o moreno em tom de chacota.

– Vou te destruir! E essa promessa cumprirei!

O corpo de Tamires vibrava de uma forma visível. Parecia que a qualquer momento ela se transmutaria em um monstro feroz tamanha era a ameaça em sua expressão. Enquanto caminhava em passos largos e decididos pelos poucos metros que a separavam do foco de sua fúria, um rastro de fogo se formou onde seus pés tocaram.

Alexandre percebeu cada nuance de sua mudança. Seu rosto pálido de giz endureceu, seus cabelos de fogo crepitavam como se estivessem vivos, seu corpo aumentou, cresceu, como

se esticasse e seus olhos verdes queimaram em um laranja-amarelado, círculos em chamas nas órbitas brancas. Nunca vira um elemento se materializar daquela forma. E ao acompanhar sua altura, com espanto viu a seus pés um tornado de fogo que a sustentava e a carregava até ele. Temeu pela primeira vez na vida. Deu um passo atrás, precavido.

Contava que ela fosse barrada pelo escudo que criara ao redor de si e seus companheiros. Porém, quando ela o tocou, o fogo vermelho – diferente de qualquer um produzido por combustível naquele mundo – consumiu a barreira, percorrendo sua extensão em apenas um segundo, sua língua faminta lambeu toda a magia. Em um círculo perfeito, o fogo se fechou ao redor dos cinco como uma nova barreira na altura de seus tornozelos.

O sorriso de Tamires era presunçoso. Ela se sentia forte, monstruosamente forte, como não chegara perto de se sentir quando passara pela transformação. Agora ela entendia que, somente com o alinhamento, o elemento que havia dentro dela, que nascera para representar, despertaria. Ali ela não era mais Tamires do Valle. Era o fogo e sentiu pena daquele reles mortal.

– A ametista – ordenou educadamente se compadecendo do medo em seus olhos.

Ninguém se moveu, mas a pedra, que até aquele momento permanecia em um silêncio de morte, fria e apagada, se acedeu em uma luz vermelha, diferente da primeira de seu despertar. Ela queimou a mão de Felipe, o homem que a segurava, e ele a soltou no mesmo instante. A gema permaneceu no ar e flutuou até pousar na mão de Tamires. Ela sorriu de novo, dessa vez, feliz.

Diante do que viam, os outros três protetores, mesmo ainda não podendo ativar seus elementos porque não faziam ideia de como fazê-lo, invocaram suas pedras como Tamires fizera e, como em um passe de mágica, elas feriram seus ladrões e voaram até eles. Avançaram destemidos até pararem bem atrás de Tamires. A qualquer instante a luta começaria e estavam prontos.

– Tudo bem, Tamires – brandiu Alexandre substituindo seu temor por determinação. – Se é guerra que você quer, é o que terá. Também sei alguns truques.

Em um segundo, o moreno cresceu diante de todos os olhos, movido por um fogo estranho, azul, parecia inofensivo quando comparado ao vermelho da ruiva. Nada mais mudou nele e em suas mãos, bolas azuis, queimando com aquele fogo mágico, se formaram, esferas prontas para o ataque.

Tamires olhou aquilo e não resistiu à gargalhada.

– Suas ilusões não podem me deter. – E voltou à seriedade. – Você está errado. Não quero guerra. Quero que *você* seja liquidado.

Olhou para as próprias mãos criando uma única e imensa bola de fogo vermelha que

flutuava agitada no espaço entre seus membros. A ametista ardia de volta ao seu peito. Com um pequeno movimento, a massa em chamas foi lançada contra Alexandre à queima-roupa. Porém, no segundo que deveria atingi-lo, estacou a centímetros de seu alvo, detida pelas duas esferas azuis nas palmas de suas mãos morenas esticadas.

Nem meio minuto se passou e uma careta transfigurou a face bela de Alexandre. Seu esforço não adiantaria em nada, seria atingido a qualquer momento. Aquela era uma força muito maior do que a dele. Porém, o que Tamires não esperava, aconteceu. O moreno não se esforçava para se proteger e, sim, para mudar a rota da bola. Quando percebeu, a chama vermelha voltava em sua direção e explodiu em seu peito em uma chuva de fogos de artifícios.

A ruiva foi arremessada para fora do círculo parando desacordada aos pés de Lara e Marcel metros distante de sua origem. O fogo não a queimou de verdade, fisicamente, mas a magia poderosa se infiltrara em seu organismo causando exatamente o que desejava para seu inimigo. A primeira batalha estava perdida.

Aquilo foi o bastante para que os outros se manifestassem. Lucca deixou seu sentido de proteção falar mais alto. Automaticamente seus olhos ganharam um tom marrom-terra, seus cabelos balançaram ao sabor de uma brisa inexistente e seu rosto branco endureceu em uma carranca. Sentiu-se erguer por uma coluna de terra sob seus pés, pedras e areia se reunido em uma esfera disforme em suas mãos e, sem adiar nenhum segundo, a lançou contra Alexandre.

O moreno pareceu subitamente mais forte nem vacilando ao tentar controlar o ataque. A bola rebateu nele e voltou para Lucca deixando-o caído ao lado da ruiva. Mainá soltou um grito, mas Margarida a segurou antes que ela corresse até ele. Uma humana perto demais de Alexandre seria muito perigosa e ele ainda poderia usá-la contra os protetores, como tentou com Carolina e Sofia. E a índia estava grávida. Portanto, se deixou deter.

Nicolas lançou um olhar para que Lara não se aproximasse e permitiu que a energia do ar fluísse naturalmente por seu corpo. Seus olhos turquesa clarearam para um cinza anuviado e um tornado o transformou. Alto, forte e medonho, seus cabelos emaranhados ao sabor do vento feroz. Preferiu um ataque ininterrupto, enviando inúmeras bolas de ar em sua direção. Alexandre deteve todas elas, as transformando em uma imensa esfera, que jogou de volta contra ele. Nicolas atacava quando foi atingido, porém a última tentativa se perdeu no céu, e ele caiu aos pés de Lara.

Suzane foi a única que percebeu o que estava acontecendo. Alexandre sugava as energias dos três rapazes ao seu redor, que o tocavam tão de leve que a fúria cega de seus irmãos não os deixara ver. Foi com o amor que sentia por sua família que ela invocou seu elemento e esperou, ardentemente, que estivesse correta. Seus olhos azuis clarearam mais ainda, tornando-se brancos. Seu rosto não endureceu apesar de permanecer parado em uma máscara inexpressiva. O redemoinho de água que a ergueu girava em uma constância controlada.

– A vida, Alexandre – começou a falar a veterinária com as mãos viradas para cima, sua voz firme, mas suave –, não tem sentido sem amor.

Alexandre riu curioso, observando cada diferença nela, mas sua voz era doce. Não conseguia prever seu plano.

– E você é fraca exatamente por pensar assim e se torna vulnerável. – Discretamente fez com que seus dedos já estivessem preparados para atacá-la de surpresa. Seria tão fácil.

– Há muito mais do que isso – retrucou, nenhuma mudança em seu rosto ou voz nem ao seu redor. – O amor é o que move o mundo.

Alexandre bufou desdenhando suas palavras.

– Só se for no seu imaginário. O mundo real é duro, sua tola, não tem nada de flores e beleza.

Suzane ergueu os olhos para o céu enquanto concluía com a voz endurecida.

– Porque pessoas como você destruíram tudo de belo que havia nele.

Suas mãos se uniram e em seguida, um trovão fez o chão vibrar. Alexandre e seus comparsas olharam para cima. O sol já havia nascido há muito e não estava tempo de chuva. Porém, uma nuvem roxa e baixa se formara exatamente sobre o círculo onde se encontravam e, quando a água caiu, queimou-os como ácido. Uma tempestade enfurecida que açoitou suas peles, deixou buracos em suas capas. Um passo fora do círculo, Suzane assistia através do paredão de água. Estivera certa quanto a atacá-los de surpresa.

Virou-se a fim de socorrer seus irmãos. Marcel, Mainá – que se libertara de Margarida –, Carolina e Lara cercavam os três enquanto voltava voando. Tocou-os ao se ajoelhar, pareciam melhores. De alguma forma, estavam bem. Suspirou de alívio por ter sido nada grave.

De repente percebeu que o som da chuva e os gritos dos quatro havia cessado. Virou-se a tempo de ver a massa gigante, com cada gota derramada pela tempestade, sob controle das mãos de Alexandre. A nuvem desaparecera e no lugar uma gigantesca piscina flutuava.

– Mas como... – começou a sussurrar Suzane.

– Isso é para provar que está errada e é fraca demais para lutar contra nós – interrompeu.

A grande massa aquática se moveu como um canhão na direção do grupo apesar de que a veterinária pudesse assistir ao seu avanço cadenciado. Suzane se desesperou. Atingiria a todos de uma só vez. Provavelmente seria fatal. Não poderia permitir aquilo, mas como impedir? Mal sabia como conseguira formar aquela tempestade, como pará-la agora?

Há centímetros de atingi-los, Suzane ficou em pé. Receberia toda aquela energia ou pelo menos amenizaria o impacto contra os outros, formando um escudo com o próprio corpo. Abriu bem os braços para detê-la quando para sua surpresa, a massa estacou abruptamente e se desfaz

como se desintegrasse. Em um segundo, desapareceu como vapor. Senti até baforada no rosto.

Encarou Alexandre esperando que ele dissesse 'peguei vocês, foi apenas uma brincadeirinha, claro que não quero matá-los'. Porém, sua expressão era tão espantada quando a dela e a olhava talvez buscando as mesmas respostas. Quem seria o responsável por aquilo? Olhou de volta para os seus que continuavam no mesmo lugar agrupados se protegendo como podiam.

Atrás da rocha que formava uma ponta na praia côncava, um grande grupo avançava a passos rápidos. Na liderança, um homem que nunca vira com seus próprios olhos, somente em suas visões. Ainda assim, sua semelhança física com o moreno maniaco não deixava dúvidas de quem era.

– Já chega, Alexandre – a voz de Gustavo do Valle reverberou como um trovão nas rochas.

– Ah, não seja patético – caçou o irmão caçula. – Você sabe que não é capaz de me deter.

– Você roubou tudo o que era mais precioso para mim. – A voz do irmão mais velho abalava as vibrações no ar. – Não vou permitir que também os destrua.

A cada passo, Gustavo chegava mais perto do irmão com determinação. Ao passar pelo grupo amontoado lançou um rápido olhar para Tamires que já estava mais corada, o rosto voltando a sua doçura costumeira, perdendo a assustadora imagem do fogo na qual se transmutara há pouco. Afinal, o contra-ataque do moreno não lhe afetara.

– Não acha justo? – retrucou o irmão caçula revirando os olhos. – Pois eu sim. Você tem que pagar pelo que fez.

Gustavo parou no espaço vazio entre os dois grupos seguido por boa parte dos guardiões que chegara com ele. A minoria ficara com os protetores a fim de ajudá-los.

– Então isso tudo é por vingança? – questionou o irmão mais velho.

– Você não se vingaria se fosse abandonado pela pessoa em quem mais confiava nesse mundo? – jogou Alexandre, seu rosto consternado revelando uma ferida profunda e dolorosa. – Eu te idolatrava tanto, Gustavo – vociferou o elogio como uma acusação –, queria ser como você!

O marido de Tamires ergueu uma sobrancelha surpreso. Pareceu refletir por um tempo sobre aquela confissão. Seu rosto mudou de expressão várias vezes. Ora dúvida, ora dor, ora revolta, ora desespero. Os três grupos prestavam atenção exagerada a cada movimento dos dois irmãos.

Naquele segundo silencioso e tenso, os três protetores despertavam ainda atordoados, tentando entender o que havia acontecido, se situando. Tamires teve um sobressalto ao reconhecer a voz de Gustavo.

– Como você podia se inspirar em mim? – O irmão mais velho escolheu a revolta para externar o que sentia através de sua voz grave. – Era um monstro, um mero fantoche na mão daquele mago mesquinho. Sua única preocupação é o poder, não os pupilos que tanto o admiravam – disse com desprezo e depois sua voz se acalmou ficando pesarosa. – Sou responsável pela morte de nossos pais.

– Sim, você é! – acusou veementemente sem titubear um instante. – Isso já não era o bastante? Tinha que me deixar também?

Naquele segundo, o bem-sucedido empresário de Foz do Iguaçu se sentiu um lixo. Destruíra todas as vidas nas quais tocara. Era um predestinado à dor, à tristeza, à desgraça. Como um dia chegara a pensar que poderia ser feliz? Que tinha o direito a formar uma família e substituir a que perdera? Em se esquecer do seu passado como se tivesse arrancado a página de um caderno? Como pode pensar que suas escolhas não afetariam um garoto puro, que fora seu companheiro desde sempre, a quem amava incondicionalmente e a quem queria tão bem? Constatou, com tristeza, que esse jovem morrera no dia em que partira do Coração da Natureza para nunca mais voltar.

– Sinto muito – conseguiu murmurar depois de um momento. – Fui egoísta ao pensar somente em minha própria culpa e fugir dela. – Depois exclamou. – Ah, como se não me lembrasse todos os dias! – amargurou-se. – Mas ao deixá-lo no Coração, o fiz porque me importava com você. Pensei que seria melhor que permanecesse lá, do que aqui, em um mundo vazio, no qual vim buscar o sofrimento, o autoflagelamento e a morte por fim. Essa era minha punição e não queria que você passasse por isso. Queria que tivesse uma vida longa, eterna, e que estivesse seguro, por mais que o mago ainda governasse. Provavelmente um dia isso acabaria e você ficaria bem. Nunca pensei...

– Pare com isso, Gustavo – cuspiu Alexandre o interrompendo. – Você acha mesmo que vou acreditar em seu arrependimento? Pelo amor de Deus, você encontrou um elemento e se casou com ele! E o que é pior, procriou! Fez tudo o que pode para manter sua felicidade! Traiu o mago ao lhe ocultar sua descoberta. Também me traiu ao amar Tamires, ao amar Sofia! Você me trocou por elas!

– Felicidade? – gritou Gustavo de volta no mesmo tom do irmão. – Não posso negar que em vários momentos a vivi, mas que felicidade havia em mentir para Tamires todos os dias? Que felicidade havia no medo constante de perdê-la? Que felicidade havia no pavor que tinha que o mago a encontrasse e a destruísse? Que felicidade haveria em saber que meu destino seria a morte solitária enquanto ela voltaria para o Coração levando nossa filha? Que felicidade havia em amar tanto e saber que ainda assim não era digno desse amor? – sua voz quase falhou no fim. – Nunca tive um minuto sequer de paz!

O coração de Tamires bateu descompassado diante de tamanha tristeza. Nunca vira por esse lado, por mais que ele tivesse se confessado para ela antes de partir para o arquipélago. Havia se esquecido de tudo ainda no avião, quando a ametista falsa escorreu de seu pescoço e se partiu em mil cacos de vidro.

– Mas você tem razão sobre uma coisa – voltou a falar Gustavo com a voz firme e decidido. – Não devia ter te deixado sob a influência maligna do mago negro. Se o tivesse trazido comigo, hoje não estaríamos aqui nessa situação. Assumo essa culpa também.

– E terei o prazer de fazê-lo pagar por ela – respondeu friamente Alexandre.

Não se encararam por muito tempo e, juntos, partiram em direção um do outro para o confronto. Com seu dom peculiar e fortalecido, Gustavo anulava os poderes de Alexandre. Seria uma luta justa e o mais próxima de humana possível. Enquanto o irmão mais velho conseguisse controlar a magia do irmão mais novo, pelo menos.

O primeiro golpe foi simultâneo. Gustavo atingiu o rosto de Alexandre e recebeu outro cruzado no queixo. As mãos agarrando os ombros não deixaram que se afastassem e, por sua força e experiência, Alexandre foi mais rápido no segundo golpe. Jogou o joelho na boca do estômago de Gustavo, que se encurvou sem ar. Finalizou aquele rápido contra-ataque com uma cotovelada nas costas do irmão mais velho, que estatelou no chão de bruços.

Tamires estendeu a mão como se com esse gesto pudesse erguê-lo, mas sua preocupação foi infundada. Gustavo girou muito rápido, desviando do chute que Alexandre ia lhe aplicar. Atirou as pernas ao redor das do irmão, cruzando-as, e fazendo o caçula cair. Rapidamente se jogou para cima dele imobilizando-o e aplicou inúmeros golpes em seu rosto. Um cruzado de direita, outro de esquerda, direta, esquerda, uma sequência ininterrupta banhada a sangue.

Apesar dos ferimentos, Alexandre não se entregou e revidou muitas vezes atingindo Gustavo. Nenhum dos dois cedeu. A luta estava muito equilibrada e talvez a sorte pesasse para um lado e apontasse o vencedor do embate. Todos estavam novamente em pé, encarando boquiabertos os dois irmãos. Os amigos de Alexandre sem saber se deviam auxiliá-lo. Os amigos de Gustavo aguardando aquele acerto de contas. Os protetores e seus queridos morrendo de medo.

A decisão final precisava ser tomava. Gustavo ergueu as mãos para o céu e as desceu com força sobre o peito de Alexandre enquanto o irmão caçula tentava apertar-lhe o pescoço. Apesar da luta ser totalmente humana, das mãos espalmadas do irmão mais velho irradiou uma luz cinzenta que se infiltrou na roupa do mais novo. Alexandre gritava enquanto suas mãos afrouxavam o pescoço do irmão.

– Não! – berrou quando conseguiu tomar fôlego. – Isso foi golpe baixo, Gustavo!

A luz se apagou e o irmão mais velho afastou a mãos do tórax do mais novo revelando o queimado em forma de uma estrela mal acabada que ficara sobre a camisa.

– É o único jeito de te parar. Sinto muito por isso também – respondeu Gustavo respirando mais fundo cansado por causa da luta. – Não quero te matar e de que outro modo você não me mataria?

Alexandre o empurrou, mas Gustavo não se moveu. Estava enfraquecido. O que significava aquilo?

– Preferia que tivesse me matado! – exasperou-se o caçula ao ver-se totalmente dominado.

– Não poderia – respondeu entristecido o mais velho.

Gustavo se levantou e se virou para os comparsas de Alexandre, caminhando com tranquilidade.

– Isso prova que você é mesmo um fraco! – continuou reclamando o irmão mais novo.

Porém, o mais velho não se incomodou. Junto com outros guardiões, cercou os três amigos encapuzados enquanto alguns amarravam Alexandre. Sérgio, Felipe e Diogo também gritaram de dor enquanto a mesma luz era dirigida aos seus peitos ao mesmo tempo pelos guardiões que ajudavam Gustavo. Também foram presos com amarras diferentes, brilhantes e mágicas. Suzane foi a mais curiosa para perguntar.

– O que eles estão fazendo?

Foi Margarida quem respondeu sussurrando ainda espantada com o que via.

– Nunca vi antes, mas estudei sobre isso no Templo do Conhecimento. Eles foram marcados para não poderem mais voltar ao Coração da Natureza. A marca enfraquece os poderes, mas não os anula, por isso as amarras douradas. Elas são as únicas capazes de segurá-los por algum tempo, mas não infinitamente. A marca, sim, durará para sempre, não há magia contra ela. Foi gravada nos ossos e nos órgãos. É definitiva, como a sua.

Gustavo do Valle se afastou do irmão sem um último olhar, porém seu rosto estava carregado de tristeza. Caminhou de volta ao grupo central, sem se aproximar muito, parecia temeroso. Não queria ser invasivo. Aquela família não lhe pertencia mais. Era apenas um resgate, convenceu-se a si mesmo.

– Está tudo bem com vocês? – perguntou com uma voz cautelosa e suave.

– Sim – respondeu Suzane com um sorriso de gratidão no rosto. – Obrigada por aparecer bem na hora. Foi uma grata surpresa.

– Minha chegada foi inesperada porque antes do alinhamento começar nem sabia para onde ir, mas estou feliz por ter sido bem a tempo – continuou Gustavo com sua expressão séria. – Sinto muito por ter sabotado vocês antes. Perder Sofia me fez pensar no que Tamires me dissera

quando foi embora. Naquela época, estava tão obcecado em não perdê-la, e depois em tentar encontrá-la, que não refleti sobre elas. – Fez uma pequena pausa, mas ninguém falou. – Primeiro, Carolina – o empresário se voltou para a amiga da mulher –, preciso te implorar por perdão. Fui um insano, machuquei você fisicamente, fiz acusações absurdas quando só estava sendo uma amiga fiel. Sinto muito mesmo. Você acha que poderá me perdoar um dia?

A loira, ainda agarrada firmemente à atenta Sofia – que estava tão quieta –, sorriu de volta e respondeu sussurrando.

– Estou feliz por estar aqui. – Depois de um pigarro completou. – Sempre soube que você ainda daria ouvidos à razão e faria a coisa certa. Eu te perdoo.

– Obrigado. Isso realmente é muito importante para mim. – O sorriso que brotou em seus lábios não tinha força e esvaneceu, voltou-se para a mulher ruiva entre os dois irmãos altos e fortes. – E devo imensas desculpas a você, Tamires, pelas mentiras, pelas loucuras, pela tormenta que te fiz passar e, acima de tudo, por não estar com você quando mais precisava de mim. Não peço mais nada além do seu perdão. Estou ciente de que já perdi há muito tempo o que havia entre nós. Gostaria apenas de compensar meus erros acompanhando vocês de volta ao Coração e ajudando-os a destronar aquele mago assassino.

Tamires caminhou lentamente até o marido e parou bem diante dele há uma pequena distância. Seu rosto era inexpressivo, não relevando nada sobre as palavras que diria a seguir.

– Todos cometemos muitos erros, principalmente nos últimos meses. – Balançou a cabeça afastando alguma lembrança. – Estou aliviada que minhas palavras, de alguma forma, tenham tocado seu coração. Mesmo naquele momento, quando não te dei certeza sobre meu perdão, já o havia perdoado. Minha raiva significava apenas que me importava mais do que gostaria. Porque, se não sentisse nada por você, seria indiferente a qualquer coisa que fizesse. – Seus olhos brilharam – Se Carolina foi capaz de te perdoar, quem sou eu para lhe negar isso?

Houve pequenas aprovações e algumas foram mais audíveis e amistosas.

– Você é bem-vindo ao nosso grupo, Gustavo – complementou Lucca antes que o empresário pudesse dizer algo. Surpreendeu e deixou feliz a irmã ruiva, relevando que superara a antipatia que alimentara por ele.

– E os outros guardiões que vieram com você também – acrescentou Nicolas piscando, um sinal de que a companhia do empresário junto aos protetores era uma boa ideia.

– É unânime! – retrucou Suzane rindo da própria piada.

– Obrigado – conseguiu sorrir mais abertamente encarando cada rosto que se pronunciara de alguma forma, mas se voltou para a mulher de novo, com esperança agora. – E, se você me quiser de volta, Tamires, estarei aqui, sem promessas, sem cobranças nem acusações.

– Eu... – gaguejou a ruiva.

Automaticamente, as mãos morenas e quentes – um calor a qual estava habituada e que a tranquilizava – voaram para seu rosto.

– Shiiii – murmurou. – Não estou te pedindo uma resposta agora. Talvez um dia, se você quiser.

– Mas, Gustavo – insistiu Tamires baixando a cabeça envergonhada –, você precisa saber que Alexandre e eu...

– O que acabei de dizer? – interrompeu rapidamente, porém com suavidade, e ergueu o queixo dela para ver seus olhos – O que importa para mim é apenas uma coisa: você ainda me ama?

Por apenas um segundo, Tamires refletiu sobre a pergunta, uma vida inteira passando em sua mente com imagens eternizadas em sua alma. Não houve hesitação quanto à resposta, apenas se devia ou não pronunciá-la. Valia ou não a pena? Concluiu, por fim, que já havia perdido tempo demais com impasses e discussões. Estava farta de separações.

– Sim – sussurrou mergulhando fundo naqueles olhos negros como o ônix.

Aquele segundo em que Tamires refletira, Gustavo assistira sua alma através de suas janelas verdes-claras. Não pode ler seus olhos, como ela podia – o que lhe era vantajoso porque assim ela saberia o quão sinceras foram suas palavras –, mas sempre fora muito fácil saber o que ela estava sentindo. Aprendera, com a observação e a convivência, a ler suas expressões. E quando ela complementou o que estava claro em seu olhar com palavras, não havia outra coisa que pudesse dizer ou fazer.

– Era somente isso que precisava ouvir.

Ele se inclinou sobre ela ao mesmo tempo em que a tomava nos braços e tocou seus lábios pela primeira vez como o verdadeiro homem que era, completo, apaixonado e livre de qualquer temor infundado. Aquele beijo tinha sabor de redenção.

BARREIRA

– Por favor, me desculpe! – implorava Tamires à melhor amiga tocando seu rosto o mais leve possível para não machucá-la mais.

Carolina não estava tendo muito sucesso em tranquilizá-la.

– Estou bem, Tamires, pare com isso. – Mas pelo pequeno espelho viu o tamanho do estrago em seu rosto cheio e riu sem humor algum. – Isso vai ficar aqui para sempre como um lembrete para não ceder à tentação. – A ruiva gemeu e Carol se virou para ela. – Amiga, agora sei como é ser queimada!

– Ah, Carol, sinto tanto! – choramingou ainda mais. – Nunca vou me perdoar por isso! Esse será meu lembrete para aprender a me controlar.

– Mamãe forte! – bateu palmas Sofia, rindo inocentemente.

Tamires fez uma careta tentando não rir, mas o restante do grupo gargalhou alto. A garotinha já matara a saudade do pai e lhe dera tapas na cara de felicidade. Agora estava com a mãe enquanto ela tentava se punir por ferir a amiga sem querer. Olhar para o rosto de Carol lhe dava calafrios na espinha. A queimadura estava muito feia, ficaria uma cicatriz enorme.

Silenciosa, Mainá se deslocou do lado de Lucca e parou em frente à Carolina. Sem dizer nada, tocou em sua face machucada com a mão direita. Espantada com o gesto inesperado, a loira apenas se manteve imóvel. Não sentiu dor alguma. E no segundo seguinte, a mão da indígena não estava mais lá.

– Mamãe, você viu o arco-íris no rosto da tia Carol? – perguntou Sofia a Tamires que a ignorou, como todos.

O assombro foi geral no grupo e fez Carol conferir o espelho com urgência. O machucado que tomava toda a face direita havia desaparecido. Não sobrara nem vestígios da ferida. Seu rosto estava perfeito, como antes. Porém, olhando mais atentamente, notou que aquela face estava mais corada, mais macia, mais lisa. Ergueu os olhos e encarou a índia.

– Obrigada! – sussurrou maravilhada.

– Como fez isso, Mainá? – perguntou Lucca.

Acariciando a barriga reta, a índia respondeu.

– Não fui eu.

Os olhos de Lucca e de todos os outros ao redor deles – formavam um círculo meio torto, estavam muito próximos um do outro – convergiram para as mãos de Mainá.

– O bebê? – espantou-se o ruivo.

– Só fiz o que ele me pediu. – Vendo a dúvida no rosto de todos, complementou. – É

claro que ele não falou comigo, mas senti que ele queria que eu a tocasse. Não sabia por que, apesar de que agora esteja claro, mas ainda não sei como.

– Faz de novo, tia Mainá! – pediu Sofia se agitando no colo da mãe.

– Fique quieta, Sofia – ordenou Tamires ainda espantada com a novidade.

A menina fez um muxoxo, mas obedeceu. Lucca e Mainá se concentraram um no outro em uma daquelas conversas silenciosas irritantes. Suzane os ignorou dando de ombros. Se ela, autora do milagre – por assim dizer – não sabia explicar, bastava aceitar. Curiosa, daria tudo para ver o que a natureza reservara a essa criança. Estava mais do que claro que seria muito especial.

Voltou sua atenção para os exames clínicos que efetuava em Nicolas, já que Tamires e Lucca conseguiram escapar. Lara apoiou a veterinária, mantendo o namorado mais tempo sob os cuidados da irmã mais nova. Mas Suzane estava preocupada à toa. Os três estavam ótimos como pode constatar, apesar de seu conhecimento ser específico para animais e não seres humanos.

De qualquer forma, nenhum médico seria capaz de examiná-los sem se espantar com a força maciça de seus músculos. E Suzane notou que a temperatura corporal dos três era mais alta que a sua, que ficava abaixo do normal. Claro que a de Tamires chegava a quase quarenta graus. A aparência dos quatro também já havia voltado a normalidade.

Gustavo havia se afastado do grupo e se aproximou a passos lentos dos quatro prisioneiros – cercados por guardiões que os vigiavam – olhando triste para seu irmão mais novo. Esse estava de cabeça baixa, as mãos amarradas nas costas, as pernas cruzadas e presas pelos tornozelos. Seus companheiros olharam com carrancas para o empresário. Porém Alexandre ergueu os olhos para o irmão mais velho com sua característica expressão indecifrável.

– O que vamos encontrar do outro lado do portal? – perguntou Gustavo à queima-roupa.

Sérgio, Felipe e Diogo bufaram e riram com sarcasmo. A única reação de Alexandre foi erguer as sobrancelhas como se não tivesse entendido a pergunta.

– Você esteve com o mago negro durante anos depois que parti – prosseguiu o empresário falando diretamente ao irmão caçula e ignorando os outros. – Conhece o plano dele. Com certeza ele se preparou para o alinhamento.

Silêncio. Alexandre apenas encarou Gustavo. Seus lábios em linhas rígidas sem expressão. Seus olhos lânguidos eram masmorras escuras e sombrias. Sua alma, um baú do tesouro trancado e perdido.

– Ele está confiante – disse Tamires ao lado do marido.

Estava tão concentrado na vã tentativa de reconhecer o jovem que deixara para trás há tanto tempo que não percebera a aproximação da mulher. Lucca, abraçado a Mainá, parou do outro lado do empresário e o olhar de Alexandre não se desviou ao tentar ler seus pensamentos. Um sorriso sarcástico surgiu em sua boca.

– Ele não acredita que conseguiremos – acrescentou o ruivo. – Seus pensamentos estão tão focados nisso que não consigo ver mais nada.

Isso, com certeza, explicava a confiança que a ruiva havia percebido. Os três o olharam meio furiosos, meio frustrados. Como convencê-lo a colaborar? Um vento furioso e sobrenatural sobressaltou Nicolas ao pensar se deviam atravessar a passagem para o outro mundo.

– Ele tem razão – o capixaba quase engasgou ao pronunciar essas palavras ao mesmo tempo em que se livrava educadamente dos cuidados da irmã caçula. – Não é uma boa ideia irmos.

O rapaz olhou assustado para Lara paralisada ao seu lado desde o momento em que o sentiu mudar. A mulata temeu enquanto olhava para o rosto do namorado que lhe implorava, claramente, para voltarem para casa antes que algo muito ruim acontecesse.

– Vocês não têm a menor chance – rugiu Alexandre em um murmúrio macabro.

– Você realmente não se importa, não é? – explodiu Tamires tão repentinamente que todos se espantaram, mas seus olhos verdes estavam presos naquele homem frio a quem outrora confiara sua própria vida. – Não liga se todos morrermos. – À última palavra, estremeceram. – Como consegue? Se você teve capacidade de alimentar uma vingança tão cruel, tem que haver algum sentimento em você pelo menos por seu irmão ou por sua sobrinha! Pelo amor de Deus, você não pode ser tão desumano!

Algo aconteceu no interior de Alexandre e ele desviou o olhar, provavelmente para esconder o tumulto de seus sentimentos. Porém, esse descontrole durou muito pouco. Seus olhos eram pedras frias e escuras quando se voltou de novo para a cunhada.

– Você se esqueceu qual foi a primeira proposta que te fiz? – Sua voz soou grave e sem emoção. – Eu te dei uma alternativa: ficar ao meu lado, voltar ao Coração e viver. Sua recusa era quase certa para mim, apesar de ainda ter esperanças de que aceitasse. Fiquei muito decepcionado por ter perdoado Gustavo tão facilmente depois de tudo o que ele fez. – Alguma emoção, estranha naquele rosto impassível, passou brevemente. – Ainda acredito em nós. – Diante do espanto na face da ruiva, seu discurso ficou mais rápido e apaixonado. – Não vê, Tamires? Fomos feitos da mesma forma: beleza, poder e determinação. Somos semelhantes, almas irmãs, nos encaixamos com perfeição. – Um sorriso tímido retorceu seu rosto e o tornou belo e irresistível de novo. – Fomos feitos um para outro. Ficarmos juntos seria fácil, natural e sem sobressalto.

Gustavo sibilara furioso e enciumado, mas diante do silêncio penetrante da mulher, manteve-se em silêncio, o coração apertado. O que aquilo significava? Esperou, sentindo o clima de expectativa no grupo. Alexandre estava triunfante. A dúvida lhe era bem-vinda.

– Talvez você tenha razão – falou enfim a ruiva, sua voz soando pensativa.

O marido baixou a cabeça derrotado ciente de que a perdera para sempre. Teria que se resignar com seu perdão e seguir sua vida sem ela. Como fora tolo e a jogara nos braços de seu irmão, o homem que o traiu de inúmeras formas, e provavelmente a estava usando para destruí-lo ainda mais? Seria possível que a amasse de verdade?

Era consciente de seus defeitos e que sua virtude estava ligada aquele amor que sentia por ela, um amor capaz de fazê-lo voltar a ter esperanças, a acreditar que havia algo além de se autoflagelar por seus erros do passado. Havia perdão. Havia uma nova vida. Havia um futuro novo e bonito por causa desse sentimento. Tamires voltou a falar tirando-o de seus pensamentos.

– Mas quero um amor que me conquiste a cada dia. – Seus pensamentos povoados de imagens comparativas entre os dois irmãos em momentos que guardara na memória. – Que me surpreenda, que cometa erros, que peça perdão por eles, que seja humano, portanto imperfeito... – Sua voz foi sumindo enquanto organizava suas preferências. – Mas que viva em busca dessa perfeição – concluiu com mais firmeza. – Também não sou perfeita nem você, e não acredito em nós, não porque não daria certo, mas porque não te amo. – Em vez de tristeza, o rosto de Alexandre era frustrado e irritado, então Tamires ergueu o queixo ao finalizar seu pensamento. – E assim como você mereceria meu perdão se realmente se arrependesse, Gustavo também merece. Todo mundo tem direito a uma segunda chance.

– Se não estivesse com minhas mãos amarradas, te aplaudiria agora – retrucou com ironia.

Gustavo não ergueu a cabeça enquanto tentava acalmar o desespero que o longo discurso de Tamires lhe causara, porém estava aliviado ao final. Continuou encarando o chão porque o tom na voz do irmão denunciava uma tristeza profunda e não se alegrava com seu sofrimento, ao contrário, o chateava também. Ele se importava, por mais que o caçula ainda estivesse magoado demais para sentir o mesmo. E tinha certeza de que as palavras da ruiva cavariam ainda mais fundo aquela ferida aberta e sangrenta em seu peito. Ficou óbvio que ele também a amava.

– Seja razoável, Alexandre – insistiu Tamires alheia às conclusões do marido. – Salvar vidas não é o mais importante?

O moreno deu de ombros.

– O que posso fazer se você preferiu arriscar a própria vida, e de todos que diz amar, em uma causa perdida? – respondeu de forma incisiva. – Não importa o que façam, cruzar aquele portal ou permanecer aqui, a morte é certa para todos nós. Ficar contra o mago não é uma boa maneira de se preservar.

Tamires ia retrucar novamente quando Gustavo pareceu pescar algo que ele dissera e, erguendo os olhos direto para o rosto impassível de Alexandre, perguntou rápido.

– O que quis dizer com ‘permanecer aqui’?

O irmão caçula ergueu as sobrancelhas daquele jeito surpreso de novo.

– Você conhece a profecia. Uma nova Era começa hoje e a abertura do portal se deve para reunir todos os guardiões de volta ao Coração da Natureza. O mago Rafael nunca quis destruir ninguém, apenas foi obrigado a fazê-lo porque Rosa e Cravolino não entenderam corretamente a mensagem e ameaçaram detê-lo. Ele não quer que o Coração permaneça congelado para sempre, ele espera pelo apocalipse.

– O quê? – perguntaram todos juntos espantados.

– Estão vendo? Por isso que ninguém o entende. Todos se esquecem da parte mais importante da profecia. A parte final...

Suzane deu um passo à frente, os olhos desfocados, enquanto o interrompia.

– Congelado, o Coração da Natureza não terá forças para renovar e reconstruir tudo que foi destruído pela ignorância do homem. E, no verão, o que for velho perecerá para que a nova Era seja instaurada na Terra e o Coração renasça. – Com os olhos novamente focados, a veterinária traduziu. – Se nós não detivermos o mago, será o fim deste mundo. – Revoltada, acrescentou. – Como o apocalipse pode ser mais importante? Como a morte de tantos inocentes...

– Ah! – interrompeu bruscamente Alexandre. – Os homens são os responsáveis pela própria ruína. Há milênios vêm destruindo a natureza, aquela que lhes deu a vida. Desde que o mago existe assiste a desgraças cada vez maiores. O progresso, a ganância e o dinheiro fizeram dos homens uma arma de destruição. Eles estão acabando aos poucos com o planeta e, tanto o mago quanto os guardiões, lutaram para conservar o Coração da Natureza vivo e pulsante esse tempo todo. Mais cedo ou mais tarde a natureza cobraria o preço de tanta irresponsabilidade. – Grunhiu furioso. – Como podem se importar? Como não conseguem ver que a morte *deles* será a maneira mais rápida e fácil de começar de novo? Nós ficaríamos no Coração para aplicarmos nosso conhecimento e repovoarmos uma Terra completamente nova e muito melhor para se viver, repleta de pessoas melhores, como nós, mais inteligentes e mais conscientes. Como não conseguem ver que isso será o melhor para a natureza?

A terrível lógica de sua narrativa pairou no ar de forma palpável. Mas, como em uma balança, a morte de tantos inocentes pesou muito mais na mente dos ouvintes. Pedro Tosquini pregara uma Era de união, fraternidade, valores humanos e equilíbrio emocional. Não falara sobre morte em massa. Na verdade, essa profecia já rendera mortes demais. Era o momento da vida. Para confirmar esse pensamento coletivo, Mainá sentiu seu bebê mexer em seu útero. Sim, por aquela vida e por tantas outras, precisavam detê-lo. Aquela batalha estava apenas começando e o pior ainda estava por vir.

– Nenhum mundo seria perfeito à custa de tantas vidas – murmurou Suzane.

O silêncio que se seguiu foi curto. Todos falaram ao mesmo tempo, confirmando as palavras da veterinária. Tinha que haver um jeito de vencerem, mas precisariam saber o que enfrentariam para pesar as possibilidades. Como Alexandre não colaborava, Suzane tomou para si essa responsabilidade. Usou seu talento para ver o futuro próximo e funcionou mais rápido do que imaginava.

– Sei o que haverá depois do portal – disse mais alto para chamar a atenção de todos. – Gelo, muito gelo, e uma barreira humana. Já estão esperando por nós.

– Adeus, Alexandre – despedia-se Gustavo enquanto os outros já avançavam pela água em direção ao portal entre as rochas. – Aproveite sua liberdade, refaça sua vida, volte para Foz do Iguaçu. Você será o único beneficiário de meu patrimônio caso Tamires e Sofia e eu nunca mais voltemos. Afaste-se dos negócios ilícitos e recomece. – Depois de uma pequena pausa, acrescentou. – Desejo tudo de bom para você, sinceramente.

O irmão não respondeu. Tentou parecer indiferente, porém no fim deixou transparecer seu espanto. Não esperava tanta generosidade do homem que amara, mas aprendera a invejar e odiar. Desviou os olhos para Tamires antes que amolecesse.

– Vou sentir sua falta – sussurrou sério.

– Adeus – murmurou de volta desconcertada. – Também espero que fique bem. – Tomou a mão de Gustavo e o puxou para seguirem os outros e, enquanto caminhavam, perguntou baixinho. – O que quis dizer com negócios ilícitos?

O marido segurava Sofia no braço livre. Carolina estava do outro lado da amiga acompanhando o passo dela e também curiosa quanto às palavras do empresário.

– Descobri que a representação misteriosa de Alexandre era na verdade contrabando. Ele gerenciava uma equipe que trazia produtos do Paraguai para vender aqui no Brasil sem pagar impostos para o governo. – Suspirou ruidosamente. – Errei muito com ele. Além de nossos pais, foi a quem causei mais estrago. Quando Alexandre se tornou um sem caráter?

A ruiva apertou a mão do marido antes de falar.

– Ele ainda tem uma chance. Vamos torcer para que a use do jeito certo.

– Obrigado – respondeu apertando sua mão de volta – por me dar mais uma chance também. Se não fosse por você, meu irmão e eu teríamos nos destruído pelos motivos mais vis. Eu o amo, evidente, mas estava deixando meus piores instintos me guiarem.

– Fiz apenas o que meu coração mandou e tenho muita pena do homem em quem Alexandre se tornou. Espero que haja alguma coisa boa nele ainda, que o faça voltar atrás.

– Eu também – sussurrou Carolina suspirando. Nenhum dos dois soube exatamente por quê.

A água do mar chegou à altura da cintura quando alcançaram os Dois Irmãos onde os outros já os aguardavam. Entre as duas ilhotas, o feixe branco ainda brilhava intensamente. Não era possível ver nada além dele. A forte luz fazia os olhos arderem. Tamires deixou o marido depois de lhe lançar um olhar penetrante e se juntou a seus irmãos na primeira fila.

Suzane a viu se aproximar e lhe lançou um sorriso de motivação. A ruiva apenas balançou a cabeça uma vez. As quatro pedras brilhavam com a mesma intensidade da energia visível diante deles. Os quatro elementos tiraram as correntes do pescoço e formaram um círculo apontando as mãos para o centro e juntando as quatro gemas.

O encaixe foi perfeito. As quatro cores cintilaram ainda mais ofuscando a vista de todos. No momento em que piscaram para aliviar a pressão sobre os olhos, perderam o instante em que as quatro partes da chave se fundiram de forma homogênea e se tornaram um único e lindo cristal multicolorido que flutuou independente, transformando tudo ao seu redor em luz e cor.

Um dos raios coloridos, de repente, focou o cone branco de energia entre as rochas e um pequeno orifício escuro se formou, se expandindo gradativamente enquanto todos assistiam boquiabertos. Através dele não era possível ver o mar, como o esperado, mas sim uma gruta povoada de escuridão. No centro, uma mesa rústica de pedra bruta coberta por um vasilhame de madeira raso. Dentro dele, folhas secas cobertas de branco espumoso. Gelo.

– O Salão do Portal – murmurou Margarida com tristeza.

O cristal se manteve aceso, porém voltou para o centro do pequeno círculo de guardiões e Suzane o segurou. Não havia porque vacilar, era para esse momento que nasceram, mas a emoção que povoou os quatro irmãos foi grande. Não tinham lembranças daquele lugar. Seria a primeira vez que veriam com os próprios olhos a terra onde nasceram.

Os quatro deixaram as sensações os atacarem. Frio, vazio e escuridão. Aquele lugar, outrora belo e cheio de vida, fora frequentado por muitos. Era um salão de esperança, de vida, de recomeço. Havia também solidão agora. Onde estava a cabeleira ruiva de Rosa, o companheirismo de Cravolino e a doçura dos olhos verdes de Luise? Eles nunca mais brilhariam ali.

Enquanto cruzavam o portal com passos dolorosos, os herdeiros daquela missão prometiam, em uníssono em seus corações, que a morte de seus queridos não seria em vão. Mais do que vingá-los, estavam ali para impedir que outros morressem. Estavam ali pela vida, pela esperança, pelo amanhã.

Automaticamente, Tamires estendeu a mão para Lucca, que pegou a de Nicolas, que agarrou a palma livre de Suzane. Juntos alcançaram o altar onde a veterinária pousou com cuidado o cristal. Esperaram que algo acontecesse, talvez as folhas secas voltassem a florir, o gelo derretesse. Mas nada ocorreu.

Atrás deles, depois do pequeno grupo formado por Margarida, Marcel, Lara e Mainá, e do grande grupo de guardiões, Gustavo e Carolina cruzaram o portal e ambos olharam para trás. O orifício não se fechou à sua passagem e puderam ver os quatro na praia ainda amarrados olhando para aquela direção.

Ao contrário do que imaginaram, não sentiram vontade de estar lá fora. Sentiam que estavam no lugar certo. Pensaram apenas na praia deserta. Não fizeram alvoroço suficiente para chamar a atenção do arquipélago todo? Ou seriam invisíveis para os humanos comuns? Talvez só estivessem sob algum feitiço e, por isso, inconscientes do importante evento logo ao lado. Ou estivessem dormindo por encanto. Não importava. Estavam seguros e assim permaneceriam. Para isso, os quatro elegidos precisavam derrotar aquele que desejava sua morte.

Gustavo engoliu em seco e se virou novamente para frente. Carolina suspirou um adeus silencioso ciente de que uma nova vida estava começando para ela e esperava muito poder vivê-la. Mas não se importava de morrer ao lado de sua verdadeira família. Não se importava de morrer se sua antiga família conseguisse viver.

– Estão vindo – anunciou Suzane quebrando o silêncio pesaroso.

O salão era imenso, muito maior do que havia pensado. Seu grupo tomava metade dele. O outro que vira na visão era tão grande quanto. Aquele lugar ficaria apertado quando chegassem. Mesmo sabendo o resultado daquele confronto, não conseguiu evitar uma carranca severa quando mirou a abertura na parede de pedra por onde entrariam.

Sofia escondeu o rosto e passou os bracinhos ao redor do pescoço do pai, estremeçando. Gustavo a apertou também pensando que deviam ter trazido roupas mais quentes. O ar ali na caverna estava gelado.

– Está com frio, filha? – perguntou em um sussurro.

– Papai – respondeu a garotinha como se fosse óbvio –, preto feio.

Não houve tempo para perguntas. O grupo, uma massa uniforme de pensamentos e ideologia, focou na abertura onde uma sombra escura se locomovia rápido. A turba de negro entrou no salão de forma organizada encabeçada por um homem baixinho e de aparência furiosa. Chegava a ser cômica sua postura de afronta, não uma ameaça verdadeira.

Mesmo assim ninguém se mexeu. Tamires passou seus olhos sobre o grupo escuro à sua frente muito perto no espaço agora pequeno demais para tantos. Estava captando os sentimentos de seus adversários antes de tomar a iniciativa. Como porta-voz do grupo, se antecipou.

– Não sintam raiva de nós. Somos os escolhidos. Viemos em paz.

O líder encarou a ruiva surpreso e depois o desdém serenou seu rosto.

– Em paz com em um grupo tão grande? – grunhiu.

– Nós somos os protetores da profecia – insistiu Lucca depois de perscrutar suas mentes.

– Eles são guardiões perdidos que voltaram por causa do alinhamento – explicou Nicolas apressadamente quando um vento feroz lhe açoitou a face.

– Mentira! – bradou o líder, – O mago nos avisou que falsos protetores viriam ao Coração. Estamos aqui para impedi-los de prosseguir.

– Falsos protetores? – retrucou Suzane. – Como explica termos a chave verdadeira? Isso só prova que somos quem afirmamos ser.

O homem bufou diante de suas palavras.

– Simples, roubaram. Nós sabemos a verdade. Nenhum guardião sobreviveu fora do Coração. E os quatro escolhidos também morreram há trinta anos.

Os irmãos engoliram em seco diante das palavras duras e cruéis do líder. Ele realmente tinha convicção no que dizia e não pouparia esforços para detê-los. Sabiam a verdade. Não havia a menor possibilidade de passarem por eles sem uma luta sangrenta. A menos que um milagre, algo providencial, os tirasse dessa situação.

Lara saiu detrás dos quatro protetores e avançou pela lateral do altar. O braço de Nicolas ficou estendido na tentativa de detê-la, mas ela foi rápida em se esquivar. Seu queixo erguido apontou furiosamente para o rosto do baixinho e ameaçador líder do outro grupo.

– Onde está João, o primeiro-guardião?

– Ele também se foi! – o líder pareceu ofendido ao responder alto. – Assim como a sacerdotisa vidente e sua poderosa filha. Vivemos trinta anos na expectativa desse dia, contando os minutos. Agora chegou a hora de acabar com essa maldição. Vocês são os últimos que tentarão subjugar a natureza a seu bel prazer.

A mulata ergueu uma mão ao perceber que Tamires estava a ponto de atacar o homem, fosse verbal ou fisicamente, a impediu antes. Suzane sorriu porque sabia que aquele momento seria interessante.

– E quem está liderando os guardiões? – perguntou Lara indiferente ao seu discurso acalorado.

O homem ergueu bem o queixo colocando toda sua prepotência nessa atitude. Ainda assim, nem chegou perto de igualar sua altura com a de Lara.

– Se não percebeu ainda, senhorita – pronunciou o título com sarcasmo como se duvidasse da capacidade mental da publicitária –, *eu* assumi essa responsabilidade.

– Quem lhe deu esse direito? – retorquiu depressa a mulata com certa autoridade na voz.

Suzane reparou que aquilo era algo nato em Lara Costa. Estava em seu sangue. Não se sentia superior, mas seu lado líder – que era a essência de quem era – gritava pelo controle da situação.

– Quem você pensa que é para falar assim comigo? – gritou de volta o homem. – Aceitei

esse desafio em prol de nosso mundo, do que era melhor. Alguém precisava fazer o trabalho.

Lara ergueu as mãos pacificamente.

– Ok, obrigada por seu desprendimento, mas não será mais necessário.

O baixinho deu um passo ameaçador para frente e automaticamente Nicolas se postou ao lado de Lara tão rápido que foi como se um vulto passasse. A mulata nem se abalou.

– O quê? *Você* pretende me depor do posto? – enfatizou a palavra ‘você’ com desdém.

– Não ouse encostar a mão nela – murmurou irado o elemento ar.

– Nicolas... – repreendeu Lara.

– Podemos ter uma briga justa se você não colocar sua namoradina entre nós – zombou.

Nicolas era avesso à violência, mas era homem e desde que aquela força bruta em seu corpo fora despertada, algo como extinto de preservação, um alerta constante e uma adrenalina fluida o mantinham sempre pronto para uma batalha física. Já estava tenso antes de entrar ali.

Nenhum aviso foi suficiente. Nicolas pulou sobre o homem que se desviou a tempo. Lara se curvou incapacitada sobre eles, mas como intervir? O grupo negro automaticamente deu um passo à frente e a mão do líder se ergueu para impedi-los enquanto observava os movimentos de seu adversário. O protetor não era um bom lutador, ao contrário do falso primeiro-guardião.

Os guardiões ficavam alvoroçados toda a vez que Nicolas era atingido e isso acontecia com mais frequência do que o contrário. O homem era bom. Sempre investia de surpresa, nunca diretamente como o rapaz fazia. Os movimentos de ambos eram tão rápidos que não passavam de sombras diante dos olhos de Carolina e de Mainá.

Ainda assim, o esforço de Nicolas rendeu alguns golpes certos, provavelmente por pura sorte. Mas como era mais forte, foi suficiente para atordoar o homem e derrubá-lo. Aproveitou a vantagem para bater ainda mais, principalmente no rosto do líder negro. Porém não durou muito tempo. Com uma joelhada, o primeiro-guardião fez o protetor se debruçar e cair deitado gemendo.

Em um pulo os três protetores estavam diante do irmão caído, os rostos distorcidos em caretas de fúria enquanto seus olhos começavam a brilhar e mudar de cor. O sorriso sumiu do rosto presumido do líder oponente e foi substituído pelo horror. Um passo atrás e esbarrou em todos os guardiões que haviam se aproximado para socorrê-lo.

A tensão era tão grande que se tornou asfixiante. Mesmo que os corpos não estivessem se tocando, a energia elétrica que corria entre eles faiscava furiosa açoitando cada pessoa presente no minúsculo espaço que lhe sobrara da sala fria. Os protetores começavam a crescer, aumentando o espanto no salão.

– Colorido, papai! – gritou Sofia feliz. – Bonito agora!

Porém a voz de Lara interrompeu a garotinha.

– Chega! Não viemos começar uma guerra! Controlem-se, por favor!

Mesmo diante do desconhecido, o grupo inimigo se empertigou disposto a enfrentá-los. A primeira-guardiã sabia que uma carnificina desnecessária aconteceria se os protetores se voltassem contra seu povo, aqueles que vieram proteger e não matar. Por que eles não sabiam se controlar? Tirou de dentro de uma bolsa pendurada no ombro um objeto brilhante e o ergueu, ofuscando a todos.

Moveu-se para o centro, encostando-se nos dois grupos, os corpos muito próximos tremendo de tensão. Sua mão erguida ainda empunhando o objeto brilhante. A força daquela luz foi tão grande que o grupo negro se espremeu contra a parede de pedra buscando refúgio. Lara permaneceu na frente dos protetores e dos guardiões até que a luz diminuiu, mas não se apagou.

Todos puderam enfim ver que objeto era.

– O punhal de ouro! – exclamou sem fôlego do líder do grupo negro.

– Sim, esse é o punhal do verdadeiro primeiro-guardião que herdei de meu pai, que por sua vez recebeu de meu avô, que é filho do último líder de vocês: João. – Apontando a arma para o homem proseguiu. – Com os poderes que esse punhal me concede, te deponho e assumo a posição que é minha por direito de sangue!

A expressão de espanto do outro grupo se misturou a desdém. Talvez não fosse tão simples passar por aquela barreira sem uma batalha.

CONSELHO

Aqueles guardiões eram cegos? Podia haver um feitiço que os impedia de enxergar o óbvio? Não precisava olhar para os lados, ou para o espelho, para saber que estávamos nos transfigurando nos quatro elementos. Mesmo com a surpresa, eles ainda estavam dispostos a lutar e não acreditar no que seus olhos estavam vendo. Não podia compreender aquilo. Como podiam duvidar?

Lara se postou entre nós e bradou palavras que mal ouvi. Meus ouvidos zuniam e meus olhos ardiam como se tivesse mergulhada em água. Meu corpo parecia flutuar ao sabor de uma maré invisível, porém palpável por menor que fosse o espaço ali. Como aquele salão enorme ficara extremamente pequeno. Éramos um amontoado tão grande de gente que mal podia distinguir uma divisão.

Até onde havia ido a audácia do mago negro? Como conseguira convencê-los de que nós havíamos morrido? Como conseguira manipulá-los dessa forma? Que mentiras inventara para sustentar essa ideia? Agora tinha até pena dessas pobres criaturas. Não sabiam com quem estavam lutando de verdade, senão não estariam arriscando o próprio pescoço.

O brilho que rompeu não afetou totalmente minha visão, apesar do embaçado de água. Era dourado, mas logo percebi que não era o fogo de Tamires. Normalmente era mais vermelho. Isso me fez lembrar da força que há um mês nos era estranha e que estava cercando Nicolas em Vitória. Lara, a primeira-guardiã. Olhei para baixo – apesar de ela ser maior do que eu – e a vi apontando um punhal para o líder inimigo.

O objeto pontiagudo era dourado, de ouro puro, uma energia com o mesmo tom – algo parecido com majestade – emanava dele, assim como da própria primeira-guardiã. Nenhum ali, que pudesse sentir a força e a autoridade daquela energia, podia duvidar dela. Ainda assim, aqueles que se designaram nossos inimigos pareciam dispostos a ignorar as evidências.

Não havia como convergirem contra nós, estávamos juntos demais. Percebi que Nicolas havia se recuperado dos golpes, mas ainda estava sedento por sangue e justiça como todos nós. Como era estranho sentimentos tão antagônicos povoarem minha mente e corpo. Estava acostumada a fases, mas não a sentir tanto ódio. Ninguém batia daquela maneira no meu irmão e saía impune, me justifiquei.

Estiquei o braço para agarrar o primeiro guardião que encontrasse. Apesar de terem se afastado um pouco diante de nossa transformação não seria difícil alcançá-los. Ao agarrar um, impulsivamente, ele se debateu chacoalhando as pernas no ar. Poderia rir se não estivesse tão cega de fúria. Seria muito fácil esmagá-lo com meus dedos de ácido.

– Socorro, me solte, por favor! – gritou o homem que nem conhecia.

– Solte-o, Suzane – pediu Lara. – Não viemos matar desnecessariamente. Foque em sua missão.

– Que tipo de monstros vocês são? – berrou o falso primeiro-guardião desesperado.

– Que parte de ‘os escolhidos’ você não entendeu? – bradou de repente Marcel logo atrás de nós.

A voz de meu namorado me fez despertar de minha alucinação sangrenta e úmida. Soltei o guardião com cuidado para não machucá-lo e rapidamente procurei controlar minhas emoções e voltar à forma normal. Aquilo realmente não devia ser assim, como dissera Lara. Conhecia a profecia melhor que todos ali. Sabia que esse não era o caminho, muito menos o melhor ou o único. Havia uma alternativa pacífica. E deixaria Lara tentar. As chances não eram boas, mas ainda existiam. Era a isso que me agarrava.

– Sei a confusão na qual estão vivendo. – Grave, Gustavo tomou as rédeas da negociação ao lado de Tamires. Provavelmente seria a pessoa mais adequada a falar e com quem se identificariam pela experiência que teve com Rafael. – Também acreditei no mago, mas parti desse mundo que outrora fora perfeito para o outro lado a fim de me livrar de suas mentiras. Quando esbarrei no elemento fogo, sabia o que havia encontrado, não tinha como duvidar ainda que não estivesse desperto. Agora que viram a personificação de todos eles, como ainda podem acreditar no que ele contou a vocês?

Quería ter o dom do convencimento. Por que tinha apenas o da compaixão e do conhecimento futuro? E como ainda podia sentir alguma pena dessa gente que estava disposta a nos matar, se conseguissem? Era mesmo uma sentimental sem limites. Será que havia algum tipo de escudo contra a emoção?

Os guardiões relutaram, mas suas expressões eram de reconhecimento. Os traços do jovem que Gustavo fora ainda estavam em seu rosto um pouco marcado, mais endurecido e amadurecido pelos anos. A pequena criança inquieta em seu colo também foi observada atentamente. Porém meu cunhado passou rápido Sofia para os braços de Carolina que se posicionou atrás de todos, protegendo-a.

– Obrigada – recompôs-se Tamires na certa lendo os sentimentos do grupo – pelo benefício da dúvida.

O falso primeiro-guardião arregalou os olhos surpreso com as palavras de minha irmã mais velha e depois os estreitou desconfiado. O grupo atrás dele imitou seus gestos. Pareciam conectados por algum tipo de ligação mística. Talvez isso servisse para preservar o grupo como um todo e não enfraquecê-lo quanto indivíduos. Se isso fosse verdade, o mago havia pensado em tudo, tive que tirar o chapéu para ele.

– Como sacerdotes herdeiros – acrescentou Lucca a um pensamento que leu, decerto –, temos talentos que nos permitem saber a verdade.

Eles se entreolharam incrédulos, resmungando várias perguntas ao mesmo tempo. sorri diante das questões. A incerteza estava cem por cento instaurada. Agora era a hora de dar a cartada final.

– Juntem-se a nós! – pediu Lara mais alto que a balbúrdia com sua voz reforçando toda a autoridade que nasceu com ela. – O verdadeiro inimigo desse planeta está escondido nessa cidade secreta e congelada. Precisamos acabar com isso de uma vez por todas.

Nicolas a tocou e assentiu com a cabeça antes de falar.

– Essa, além de ser a melhor alternativa para todos, é uma ótima ideia. Afinal, para que servem os guardiões, ou seja, nós, senão para preservar a vida sob qualquer circunstância?

Nova onda de murmúrios correu pela improvisada assembleia que havíamos convocado por fim. Estava feliz por termos partido para o diálogo, mesmo depois do mau passo de todos, inclusive a troca de farpas entre Lara e o líder, e a agressividade de Nicolas. O que viria a seguir? A resposta me veio em uma visão breve e quando se foi, sabia o que precisava ser acrescentado.

– O apocalipse não é a melhor solução para o planeta. Nenhuma vida deve ser tirada em prol de um bem maior. Não há justificativa para a morte de inocentes.

Sabia quem se manifestaria a seguir e não fui decepcionada.

– Do que está falando? – questionou o líder. – Quem ia querer uma coisa dessas?

Vi Gustavo erguer as sobrancelhas surpreso. Era a pessoa mais a frente, tomava a dianteira da Tãires a fim de protegê-la – como se ela precisasse. Ri dele internamente. O clima não era para piadas, então me concentrei novamente na nossa reunião.

– Vocês desconhecem os verdadeiros motivos do mago? – começou meu cunhado seguindo com um resumo sobre Alexandre e seu relato pouco antes de entrarmos no Coração.

O silêncio em resposta foi esmagador, frio, um peso no espaço sobre nossas cabeças na caverna abobadada. Todo o grupo estava paralisado diante das palavras de Gustavo. Porém, durou muito pouco. Alguns segundos depois, a confusão estava armada novamente e em meio às vozes, identifiquei a nítida divisão entre os que acreditavam e os que duvidavam.

Cautelosamente, nos afastamos um passo deles tamanho era o alvoroço de corpos, membros e até algumas armas que não reconheci. Juntamo-nos mais uniformemente. Uma grande força, no mesmo compasso. Não poderíamos destoar como eles estavam fazendo. Com certeza, seria nossa derrocada já que esperávamos que fosse a deles.

– Vocês não caíram nessa...

– Eles podem estar falando a verdade.

– O que estamos esperando para mandá-los para o espaço?

– Não viram como aqueles quatro se transfiguraram nos elementos da natureza?

Não havíamos convencido a todos. O controle do mago sobre aqueles guardiões estava

mais enraizado do que imaginávamos. Seria uma pena perder semelhantes em uma batalha desnecessária. Muito mais perder um dos nossos. Virei-me para Marcel e agarrei sua mão com força. Eu o protegeria se algo desse errado. Meu gesto se propagou no grupo e todos fizeram promessas silenciosas em uníssono.

– Vamos ter calma, irmãos! – bradou sobre as vozes o líder. – Realmente acho que tudo o que eles disseram é verdade.

Fechei os olhos para não ver de novo o que aconteceria a seguir.

– É mesmo? – era uma mulher rude e alta, uma morena de cabelos longos e rebeldes que conseguiu passagem no meio da turba. – Segundo eles você nem é nosso líder!

Com isso deu-se o início ao empurra-empurra, brados furiosos e a divisão real entre eles. Parte estava disposta a defender o tal líder e a outra a fazê-lo se calar à força. Palavras como “traidor” e “você merece morrer” foram as mais altas e repetidas. Sabíamos que, se aquela parte conseguisse esse feito, se voltariam em seguida contra nós.

Diante das inúmeras ofensas, o falso primeiro-guardião não se conteve. Como já havia demonstrado antes com Lara e Nicolas, o homem tinha sangue quente. Partiu, com os olhos injetados de ódio para cima da mulher mesmo sendo muito menor que ela e mesmo que sendo do sexo feminino.

A negra era troncuda e fechou a cara disposta a receber o golpe sem medo ou até mesmo para revidar. Comicamente, o homem se atirou contra a mulher, agarrando-se com os braços e as pernas. Seu pequeno tamanho cobriu apenas o tronco da mulher que nem balançou com o impacto.

Como um polvo que se agarra ao seu alimento com seus tentáculos, o homem ficou preso à mulher enquanto ela se debatia em vão para afastá-lo ou atingi-lo. Enquanto outros brigavam ao redor, a mulher aos poucos diminuiu o ritmo de sua luta até cair. Nenhum som escapou de seus lábios.

O líder se ergueu do corpo inerte com os olhos torturados. Era nítido seu arrependimento, porém tarde demais. Sem nem sequer saber de onde veio, uma arma cortante passou rente demais e o atingiu. Caído sobre o corpo da mulher que acabara de tirar a vida, o falso líder se esvaiu em sangue até a morte.

Meu grupo estava tão chocado que paralisou sem ação assistindo àquela matança sem propósito ou apertando as pálpebras para não ver. Respirei fundo sentindo o cheiro forte e nauseante de sangue fresco. Uma lágrima rolou de meus olhos. Então ouvi o rugido animalesco que era a deixa para uma nova mudança no quadro.

O arrepio que percorreu minha espinha era o mesmo de antes, mas o alívio ao ouvir a voz firme de Lara, de um jeito que já havia visto na última visão, fez meu corpo relaxar. De alguma forma, a mulata tinha um dom muito maior do que imaginávamos. Quando a áurea dourada me

tocou, pude abrir os olhos. Era impossível não obedecê-la.

– Olhem para mim, guardiões! – o imperativo em sua voz foi sentido de imediato.

A luz colorida do cristal mostrou a massa firme e onipresente da energia dourada de Lara que se propagava pelo salão fazendo até mesmo animais e plantas – e a rocha – atender a seu chamado. Aquela era a convocação da líder. Sua voz soou com o mesmo calor do ouro derretido. Flamejante.

– Chega de mortes! Quantos irmãos, pais, amigos, companheiros, filhos serão preciso perder para aceitarmos a realidade? Quem deveria estar deitado agora é protegido por vocês! O mago negro é o traidor da natureza que lhe deu a vida, do Coração que lhe deu conhecimento e de todos nós que confiamos nele. Vocês estão se voltando contra o lado errado! Nossa missão é proteger a natureza e afastar para sempre daqui aquele que tornou esse lugar, outrora fonte de amor, em uma poça nojenta e sangrenta de ódio!

Aquele pequeno discurso despertou o coração da maioria dos guardiões. Esses se debruçaram sobre os corpos de seus iguais que tinham sido derrubados por suas próprias mãos, abandonando suas armas e caindo em um pranto doloroso. Nosso grupo se emocionou junto com eles e aos poucos nos aproximamos para consolá-los.

De fininho, alguns conseguiram escapar pela pequena abertura na rocha e sumiram de vista. Essa minoria não me importou, por mais que pudesse nos entregar para o mago negro. Somente aquelas pessoas em pedaços aos nossos pés mereciam nossa atenção no momento. Havíamos ganhado a primeira batalha à custa de muitas perdas.

Estava abraçada a uma guardiã tão pequena quanto eu, provavelmente me identificara com ela ao caminhar em sua direção. Seu corpo frágil se agitava compulsivamente ao ritmo de seus soluços. Gemia alto, o rosto banhado em lágrimas, as mãos ensanguentadas fechadas em punhos socando constantemente o próprio peito em autoflagelo.

Tentei me concentrar em calma, buscando a energia positiva do cristal no centro daquele tumulto para transmiti-lo a jovem. Minhas lágrimas também se derramaram abundantes, sua dor era minha. Mas, acima de tudo, estava feliz que tivessem parado. Aquele arrependimento sincero abriria as portas para o próximo passo.

– O que será de nós agora? – sussurrou mais tranquila.

– Vocês vão viver – respondi. – E farão a sua parte para desbancar aquele que provocou tanta desgraça para esse mundo mágico e, conseqüentemente, para todo o planeta.

Um brilho estranho cintilou em seus olhos, talvez devido às lágrimas. Seus lábios se apertaram em uma linha rígida e ela balançou a cabeça uma vez em concordância.

– Nunca teríamos ficado ao lado dele se soubéssemos seus verdadeiros planos.

– Nós sabemos – respondi alisando seus braços.

– Há trinta anos, quando os sacerdotes e muitos guardiões morreram... – começou a perguntar ela, porém sua voz falhou e não pode concluir.

– Sim – a voz de Gustavo soou alta. – Ele os destruiu com minha ajuda.

Os olhos da guardiã se contorceram em tristeza diante da clara verdade.

– Ele nos disse que a natureza havia se encarregado de tirá-los do plano físico em cumprimento da profecia – a jovem respondeu ainda olhando para mim. – Nós confiávamos nele. Era o mais sábio. Sempre tinha as respostas.

– Eu sei – voltou a falar meu cunhado. – Também confiei nele pelo mesmo motivo, mas me arrependi e busquei uma alternativa. – Erguendo-se acrescentou. – Agora que sabem que a sabedoria do mago deturpou seus princípios, precisam dividir conosco tudo o que sabem sobre ele e o que aconteceu nas últimas décadas.

A jovem abaixou a cabeça e falou murmurando, porém todos ali tinham uma ótima audição.

– O congelamento não nos afetou tanto porque não sentimos frio, mas uma tristeza se apossou de nossos corações. A natureza sofria, as plantas, os animais. Trinta anos parecia tempo demais para suportar esse gelo. O que antes era tão colorido, cheio de vida, agora era branco e cinzento, frio como a morte. Mesmo quando o consultávamos buscando consolo, nos dizia que ficaria tudo bem no final desse ano. Que isso tinha prazo para terminar. Afinal, o que eram três décadas para quem tinha a eternidade pela frente?

Ela se calou depois de dar de ombros. Um rapaz do outro lado do salão assumiu a palavra.

– A natureza, que nos oferecia o alimento, não se ajustou tão bem ao congelamento e por isso, comida se tornou algo escasso. Mesmo não precisando nos alimentar frequentemente, havia crianças e idosos, outros mestres inclusive, que morreram pela escassez de provisões. A energia do Coração estava enfraquecida, até mesmo nós começamos a sentir os efeitos físicos quando nossos talentos começaram a falhar.

Uma senhora, perto de Tamires, assumiu a próxima parte dos relatos.

– Foi aí que o Mago decidiu que se mudaria para o Templo do Conhecimento, já que agora era o único mestre e seu dever era preservá-lo com a própria vida. E, através de uma magia que desconhecemos, ele invocou os elementais. Todos os seres místicos obedecem suas ordens e guardam o castelo. Tenho que admitir que a energia deles melhorou a nossa situação aqui.

– Ele aprisionou os elementais? – perguntei incrédula.

– Sim – respondeu a jovem à minha frente. – Nunca os vi tão ferozes. Guardam com a própria existência o templo. Ninguém entra sem a autorização do mago e não sabemos exatamente o que ele faz lá dentro.

– Mas os elementais são livres! – bradei horrorizada.

A que ponto o mago havia chegado? Controlar através de magia – podia apostar que era magia negra – os seres puros que eram a essência da natureza? Que absurdo! Realmente, sem os elementais livres, o planeta, assim como o Coração da Natureza, não tinha nenhuma chance de sobreviver. Provavelmente só os libertaria depois do apocalipse.

– Ainda assim, o castelo tem várias passagens secretas – acrescentou Gustavo.

– Conheço todas – acrescentou Marcel e eu o encarei surpresa. – Cruzar o portal de volta me fez lembrar de tudo.

Não podia lembrar. Era apenas um bebê quando fora tirada dali para ser salva. Olhei para Tamires e os outros. Provavelmente teriam se recordado também. Principalmente as lembranças do dia da fuga por serem as mais intensas. Minha irmã mais velha havia visto nossa mãe subjugada pelo mago em um dos salões do castelo.

– Não existem mais – respondeu alguém. – Foram todas fechadas. Os guardiões-operários tiveram muito trabalho nos últimos anos.

– O parque infantil foi destruído e um fosso fundo foi perfurado ao redor – acrescentou outro. – Uma ponte levadiça é o único acesso.

O mago transformara o templo em um castelo medieval fortificado e intransponível. Para mim seu vasto conhecimento não valia mais nada já que se perdera em propósitos próprios. Estávamos ali pelo coletivo e não por nós mesmos. Cada um de nós havíamos perdido alguém, ou nos afastado de quem amávamos, por algo muito maior. Havíamos deixado nosso lugar comum e partimos em uma empreitada desconhecida.

– O mago se transformou em um tirano e aprendemos a temê-lo e obedecê-lo – contou um senhor. – Quando o questionávamos, ele nos ameaçava mesmo que indiretamente. Dizia que havia dois futuros e dois caminhos. Se escolhêssemos outro além do que ele nos apontou, encontraríamos a morte.

– Só havia quatro guardiões com o passe livre no castelo – informou uma senhora –, mas há anos não andam mais por aqui. Parece que saíram do Coração quando o portal se abriu aleatoriamente. Eram Alexandre, Sérgio, Felipe e Diogo. O primeiro era nitidamente o preferido do mago.

Vi a reação de três pessoas, mesmo que a terceira tenha me surpreendido. Gustavo suspirou ruidosamente e era nítida sua tristeza. Tamires apertou os lábios, mas seu rosto era uma mistura de expressões que não pude identificar que sentimentos a atormentaram. E Carolina, que gemeu baixinho parecido com um soluço. A moça realmente o amava?

Até eu senti um aperto no peito. Por mais que Alexandre se mostrara um grande traidor, conquistara seu pedacinho no meu coração pelas boas ações que tivera. Mesmo agora era difícil julgá-lo completamente. Preferia pensar que era um bom homem que fizera escolhas muito

erradas. Esperava que o tempo que ele teria do outro lado servisse para repensar suas atitudes. Estaria sempre nos pensamentos das pessoas de nossa família.

Isso me levou a uma visão que me chocou durante o segundo que ela durou. Não tive tempo de absorver aquele futuro. Enquanto encarava Tamires e ela me olhava de volta, lendo meus sentimentos, Gustavo ficou pensativo diante da última informação. O silêncio não durou muito e quando minha irmã se aproximava para me perguntar o que havia visto, Lara encerrou nosso pequeno conselho.

– Nada mais a acrescentar, não temos tempo a perder. Vocês já viram mortes demais e os aconselho a ficarem com os seus e prepararem o enterro. Os outros guardiões e eu iremos acompanhar os protetores até o templo. – Virou-se para nós antes de perguntar. – Estão prontos?

Respondi por todos, fugindo do olhar perscrutador de Tamires.

– Estamos. Vamos acabar logo com isso.

TERRA

Carolina havia tentado proteger os olhinhos curiosos de Sofia da cena sangrenta no salão, mas ao passar por eles, a garotinha acabara vendo algo daquele horror que deixavam para trás. Antes que começasse a fazer perguntas, a moça a passou para Gustavo que estava na boca do tune e com sua velocidade sobre-humana, o percorreu em um segundo e a distraiu com a neve do lado de fora da caverna.

Montavam um boneco quando os outros chegaram pouco depois. A passagem na rocha não era muito longa apesar da grande quantidade de gente a percorrê-la. Os protetores juntos com seus familiares foram os primeiros a surgir pela passagem. Durante o trajeto, Margarida resmungara por não ouvir o som das águas do Lago Azul sob a montanha. Provavelmente estava congelado. E quando o cenário se abriu a sua frente através da abertura depois de uma curva, ela gemeu de emoção.

O céu era acinzentado como um dia nublado, triste e sem vida. Nenhuma ave o cruzava, nenhum raio de sol escapava para tocar sua pele, à noite não poderiam ver o brilho das estrelas, muito menos a lua. Também não havia nuvem. Era como se estivesse parado no tempo, sem vento, congelado também por magia.

Os topos cinzentos e verdejantes da cordilheira e da montanha da Nascente estavam tomados pela neve. Pouca vegetação resistira à cobertura branca, a maioria secara e caíra. A bica que dava origem ao rio da Prata estava paralisada pelo gelo, assim como toda a extensão do rio que pode ver daquele ponto. Preocupou-se com os animais aquáticos e viu alguns sob a camada transparente nadando na água gelada e tranquila.

A ponte estava perigosa para atravessar, coberta de flocos brancos. Os telhados das casas e os galhos secos das árvores também estavam cobertos de gelo. Ao sul, onde era o fim do Coração, a Floresta dos Espíritos também sucumbira. E o Templo do Conhecimento era um castelo gigantesco praticamente sem gelo.

Margarida estreitou os olhos para a fortificação. Ao perceber a devastação na floresta concluiu que a madeira usada na maldita ponte levadiça do castelo fora tirada de lá. O que teria acontecido aos espíritos que ali habitavam? Deu um passo em sua direção disposta a dar uma lição naquele velho sem alma quando foi detida por Marcel.

– Não, mãe, por favor – suplicou. – Preferia que não fosse.

– Não ficarei fora dessa vez, meu filho. Você não pode me pedir isso. Preciso fazer alguma coisa para ajudar.

Antes que comessem a discussão, Gustavo se levantou da neve e bateu na calça para

limpá-la. Aproximou-se dos dois com a expressão solene.

– Você cumpriu muito bem seu papel há trinta anos, Margarida, ao proteger os quatro elementos – discursou. – Gostaria de te pedir que fizesse o mesmo por Sofia e Carol agora. Alguns guardiões podem ficar com vocês em uma das casas. Ficaremos mais tranquilos assim.

Tamires se aproximou do marido em concordância e lhe apertou a mão. Virou-se para a mulher robusta com os olhos suplicantes também.

– Por favor, tia Margarida. Seu dom de proteção vai mantê-las a salvo.

A mulher grande, loira e com cara de bebê suspirou ruidosamente resignada. Afinal não poderia dizer que não estava fazendo nada. Esse era seu talento, menos animado do que gostaria, mas eficaz e era isso que interessava. Encarou os filhos, Marcel e Suzane, com um aperto no peito. Aquela separação não a agradava nem um pouco. Cruzou o pequeno espaço entre eles e os agarrou de uma só vez com seus longos braços gordo apertando-os com força. Soluçava já quando se fez ouvir.

– Vocês vão me prometer que tomarão cuidado e que voltarão para mim. Eu exijo!

O casal retribuiu o carinho tranquilizando-a e fazendo juramentos de amor e união eternos. A comoção foi geral e todos compartilharam suas próprias promessas com seus queridos. Quando Mainá se virou para Lucca, notou que sua característica cor de pele branca estava mais pálida, meio acinzentada.

Amor, você está bem?, perguntou em seus pensamentos.

Ele balançou a cabeça positivamente, porém um baixo gemido escapou de seus lábios arroxeados e ele comprimiu os braços em volta do tronco como para abafar alguma dor.

– Lucca, o que foi? – insistiu em voz alta pousando as mãos sobre seus ombros e as afastando imediatamente como se tivesse se machucado. – O que está acontecendo? Senti a mesma coisa quando você estava sofrendo a passagem. – Voltou as mãos para cima do companheiro de novo ignorando as pontadas de dor. – Não se cale novamente, amor! É a marca?

Em um puxão, Mainá rasgou a camisa que o rapaz usava e deu a volta em seu corpo para olhar a marca da terra em suas costas. Desde o dia de sua transformação que ela não passava de uma manchinha de nascença quase invisível. Agora era um marrom escuro no formato nítido de um triângulo de cabeça para baixo e um traço o cortava ao meio. Era diferente da primeira vez que mais parecera uma ferida aberta. Naquele momento estava coberta por uma casca grossa.

– Não sei... – respondeu com dificuldade o ruivo.

Os irmãos foram os primeiros a se aproximarem seguidos por seus companheiros. Cercaram a grávida e o pantaneiro enquanto os outros guardiões vigiavam ao redor procurando alguém que talvez o tivesse atingido sorrateiramente. Porém seus sentidos aguçados não

captaram nada anormal. Voltaram seus olhos para o pequeno círculo de pessoas.

– Não estamos sentindo nada, Lucca – disse Tamires. – Diga o que sente para que possamos ajudá-lo.

– Dor – respondeu ele encurvando-se mais sobre o próprio corpo. – A terra...

Mas se interrompeu quando um grito agudo escapou de seus lábios. Seus joelhos cederam e afundaram no chão fofo e branco. Agarrada a ele, Mainá abaixou-se junto torturada e com desejo ardente de fazer qualquer coisa. Lembrou-se de seus ensinamentos e começou a cantar uma cantiga indígena na língua tupi enquanto espalmava as mãos entre o gelo até tocar a terra.

A índia permaneceu assim por alguns minutos enquanto os outros assistiam preocupados, mas não se intrometem. Afinal, ninguém entendia o que estava acontecendo. A música cessou de repente e Mainá ergueu as mãos com o rosto pálido de espanto e horror. A boca escancarada em uma expressão assustadora.

– Os espíritos abandonaram essa terra – murmurou olhando o rosto aflito de Lucca que ainda lutava contra a dor. – Não há essência de vida nela. É tarde demais.

A indígena fechou os olhos e pousou as mãos sobre o abdômen não avantajado e dois fios de lágrimas escorreram por sua face. *A esperança se foi, meu filho.* Uma pequena comichão lhe chamou a atenção no ventre. Aquela sensação de que alguém falava com ela voltou. Concentrou-se para entender, mas não conseguiu, talvez devido ao próprio desespero.

Lucca estava desligado de todos. Aquela dor, milhares de espinhos perfurando seu corpo, não era nada parecida com o que já tivesse experimentado, mesmo quando mudara de um homem comum para o sobre-humano que agora era. Aquela experiência de quase morte não chegava perto da sensação de verdadeira que sentia naquele momento.

Cada pontada tirava algo de si. Sugava parte de sua própria essência. Parecia que a terra vazia sob seu corpo estava roubando-lhe a vida para que pudesse voltar a ser o que era. Seria esse seu papel ali? Morrer para dar ao Coração a chance de voltar depois do descongelamento? A dor era tão grande que nem conseguia perceber nada externo.

Nada percorria seu sangue, na verdade parecia o contrário, o fluxo diminuía. Seus pulmões arderam com falta de ar e tentou aspirar forte, mas seu corpo realizava as ações cada vez mais lentamente. Logo, não pode mais sustentar o próprio tronco e caiu, as costas nuas contra o gelo que cobria o solo.

Seu corpo afundou nos flocos gelados, mas isso era o que menos importava. Estava morrendo e não tinha forças nem para falar nem respirar nem se mover. Aquele era o fim. Rápido, doloroso e definitivo. Teve certeza quando as pontas de seus dedos começaram a congelar, tanto dos pés quanto das mãos.

Mainá se voltou em desespero para o companheiro, chorando copiosamente, assistindo incapaz às cores naturais fugirem de seu corpo. Estava acinzentado, os lábios roxos, os dedos avermelhados. O filho da terra, o filho de um deus a quem fora prometida desde o nascimento, estava morrendo. Onde estavam os deuses agora?

– Pelos deuses, façam alguma coisa! – gritou em meio às lágrimas para o ar.

Ninguém soube se a índia estava se referindo aos irmãos de Lucca ou aos seus deuses. Suzane se debruçou, uma profissional em ação, a fim de avaliar o estado do irmão. Não gostou nada quando notou os batimentos baixos, os tremores, a respiração falha e os dedos roxos.

– Ele está com hipotermia. Precisamos aquecê-lo.

Todos estranharam aquilo. Por mais que ali estivesse frio, só humanos comuns poderiam realmente sentir. Um guardião não teria jamais alguma doença humana. Aquilo havia sido superado com seu novo corpo. O que estava acontecendo ali? Enquanto Mainá e Suzane faziam tudo o que podiam com o pouco recurso que tinham para reverter o quadro do ruivo, os outros confabulavam enumerando as possibilidades.

– Magia? – apontou Tamires.

– É possível – respondeu Gustavo. – Mas por que não a estamos sentindo?

O casal se encarou sem resposta.

– O mago já sabe que estamos aqui – acrescentou Marcel. – Pode estar agindo sem que percebamos.

– Afinal ele tem poder para isso – disse o óbvio Nicolas.

Os quatro se encararam simultaneamente pensativos.

– É possível – sussurrou Gustavo. – Mesmo partilhando de seus segredos por muitos anos, não sei tudo que ele é capaz de fazer ou tudo o que ele conhece.

– Deve ter a ver com o elemento – sugeriu Lara entrando na roda. – Por que só Lucca está sofrendo? E ele também tentou dizer algo sobre a terra que sua companheira indígena pareceu compreender.

– Faz sentido – respondeu pensativa Margarida olhando de esguelha para Lucca.

– Faz mesmo, amor – concordou Nicolas depois que uma brisa mágica tocou seu rosto.

Carolina tentou detê-la, porém Sofia correu até onde Lucca estava deitado quase inerte, abandonando sua brincadeira na neve. O corpo de seu tio estava agitado por espasmos, os olhos fechados, os cabelos ruivos em destaque na neve. A garotinha parou ao seu lado e olhou para seu rosto pálido e seus lábios roxos.

– A fumaça verde está indo embora, titio, não deixa – pediu quase brava.

Tamires e Gustavo correram até ela e o pai a tomou nos braços a afastando daquela cena. Precisavam arranjar logo um lugar seguro para deixá-la. Não suportariam perdê-la.

Também era inteligente demais para presenciar tanta coisa.

– Por que diz isso, Sofia? – questionou a mãe acompanhando o marido para mais longe de Lucca. – Para onde a fumaça verde está indo?

Com o dedinho minúsculo, a menina apontou para neve.

– Para o chão, mamãe.

Tamires paralisou no lugar ao traduzir, assim achava, as palavras da filha. Voltou-se correndo para Lucca e Suzane, passando pelos outros ainda estáticos e pensativos.

– Ele está morrendo, a terra está sugando sua energia – disse ofegante. – Precisamos acender uma fogueira agora!

Lucca ouviu essa última frase e fechou os olhos concentrando-se em sua mente. Preferia não ouvir mais. Que a morte viesse e o levasse enfim se essa fosse sua missão. Com tristeza pensou que nunca veria o rosto do filho e pôs-se a imaginá-lo parecido com Mainá, crescido e correndo por um campo verdejante, saudável e feliz.

Não era dado ao imaginário, mas era tudo que lhe restava em seu leito de morte. Tentou em minutos viver os anos que o destino lhe arrancava sem piedade. Imaginou o rosto de seu filho, o nome que lhe daria, o sorriso de Mainá ao vê-lo crescer. Sua mente concebeu a felicidade plena que alcançaria com aquele nascimento.

E sua racionalidade não pode compreender. Por que a separação? Por que lhe dar o gosto de uma felicidade que por fim não poderia viver plenamente? Por que aquela dor que multiplicava a física? A morte seria mais fácil se seu coração não fosse arrancado de seu peito a força, pisoteado, partido e despedaçado com a languidez da eternidade.

Sentiu uma mudança ao redor de seu corpo. O verde o envolveu como um manto. Por fios tecidos como plantas trepadeiras, se sentiu aos poucos coberto das extremidades até a cabeça. Seus olhos não viam, mas seu corpo sentia e sua mente buscava comparativos já que não sabia nomear. A terra era quente e úmida como um colchão confortável.

Depois de totalmente coberto pelo verde, sentiu a energia emanando através dele, a dor foi passando, porém a confusão se instaurou. A energia não vinha e sim ia. Aquela trepadeira sanguessuga estava levando sua energia vital para a terra, como Sofia havia visto. Como se deixara cair em tal armadilha?

Não adiantava se debater. Não tinha forças para se libertar. Sentiu sua mente se anuviar, esfumçar, como se perdesse a consciência. Seu corpo parecia desintegrar, como se estivesse se decompondo. A terra estava sugando tudo, sua mente, sua carne, seu espírito. Em breve não sobraria mais nada.

Mas em vez de desaparecer, como acreditava que aconteceria, sentiu um peso, uma pressão ao seu redor. Tentou se concentrar para identificar aquela mudança ou o que realmente estava acontecendo a sua volta. Era difícil. A única dor que sobrara era da ausência de quem

amava, uma saudade antecipada de sua própria morte.

Queria se tocar e sentir a textura de sua pele para saber se estava mesmo desmanchando. Com o pequeno movimento que conseguiu executar, percebeu o que realmente estava acontecendo. Como uma planta carnívora cheia de tentáculos, aquela trepadeira o puxava para algum lugar. Talvez seu peso fosse grande demais para fazê-lo com rapidez.

Cada centímetro ganho era com esforço, conseguido com uma lentidão extrema. Por isso demorara para perceber que estava sendo movido, além de sugado. A energia que fluía de seu corpo era quase palpável, como se um novo ser estivesse se formando através dela enquanto ele mesmo definhava.

Um solavanco e um baque surdo. Então parou. Tão lentamente quanto veio, a planta verde o libertou fazendo-o sentir o úmido e o quente ao redor de seu corpo. Havia vida ali apesar de sua frágil situação. Sentiu animais se mexendo, fazendo cócegas. Estava tão fraco que não conseguiu mover as pálpebras para ver onde estava.

As pequeninas criaturas continuaram se movendo sobre ele, envolvendo-o também agora que seu corpo estava livre do verde. Sentiu desejo de mover os dedos para pegar o que estava tão perto, mas não conseguiu. Suspirou sugando ar para dentro dos pulmões e em vez dele, grãos de terra invadiram suas narinas.

Tossiu tentando expulsá-la de suas vias respiratórias e enquanto se debatia para se salvar, finalmente compreendeu. Havia sido arrastado para dentro da terra. Não como se tivesse sido enterrado vivo, mas como se fizesse parte dela. Porém, agora, não podia respirar. Seus pulmões precisavam de ar, não de terra e a ausência dele, enfim, causaria sua morte. Lenta e dolorosa.

Nenhuma tentativa de acender uma fogueira, real ou mágica, foi bem-sucedida. Lucca já não respondia a estímulos externos e comprovaram que ainda estava vivo através de sua respiração fraca. Mainá voltara à cantiga, porém tinha um tom melancólico parecido com canções fúnebres. Era uma despedida.

Com aquela música de fundo, naquele cenário frio, diante da morte de um deles, cada qual reagia conforme seus próprios extintos. A única que – mesmo com o coração partido ao meio – decidiu se retirar, foi Margarida e mais uma vez demonstrou o tamanho de seus sentimentos pelos outros.

– Carol, venha comigo e traga Sofia. Não podemos ajudar, então não vamos atrapalhar.

– Mas, tia Margarida – resmungou Carolina –, não posso deixar Sofia com a senhora e ficar aqui com Tamires? Ela pode precisar de mim.

A mulher grandona bufou, mas saiu mais furioso do que engraçado.

– Deixa de lorota, garota, o que você poderia fazer a não ser atrapalhar? Se alguém te pega, como Alexandre fez lá fora?

Foi o suficiente para que o coro de pessoas que concordavam com a senhora a auxiliasse e convencesse a melhor amiga de Tamires a fazer o que a tia dizia. Suzane suspirou aliviada. Sofia percebia mais do que devia e estava acompanhando tudo aquilo perto demais. Aquelas imagens com certeza ficariam em sua memória para sempre.

Relutante, Carol acompanhou a senhora com a garotinha nos braços. Tinha um mau pressentimento quanto ao que estava acontecendo e temia que sua amiga também passasse pela mesma situação longe de suas vistas e mãos cuidadosas. Foram seguidas por dois guardiões do grupo que chegara com Gustavo. Uma sugestão de Marcel para ajudar na segurança delas.

– Para onde vamos? – perguntou a jovem enquanto se afastavam do grupo.

– Pensei em dar uma olhada na casinha onde morei.

A loira pensou como ela acharia o caminho. Tudo ali era igual. Seguiram adiante da entrada do salão, à margem do rio congelado. Em um ponto, que não identificou, Margarida atravessou o chão liso, pisando novamente na grama fofa coberta de gelo do outro lado e parou diante de uma casa, muito pequena, totalmente coberta pelo gelo. O jardim ao redor era um esqueleto do que fora.

A moradia estava do mesmo jeito que Margarida deixara há exatos trinta anos. Afinal Adriano não saíra vivo daquela batalha para retornar. Estava tão vazia, o gelo a havia invadido pelas janelas e portas abertas, deixadas assim na pressa. Lágrimas escorreram por seu rosto

enquanto dava os últimos passos para atravessar o batente da porta rústica.

Enquanto tocava os objetos que lhe traziam lembranças doces e eternas, começou uma atividade manual automática: a limpeza. Pedacinho por pedacinho de uma vida curta demais e muito feliz estampada em cada centímetro daquele pequeno lugar. Precisava descobri-lo daquele cobertor imenso e branco que estava em toda a parte. Queria ver novamente a face da felicidade.

Carolina a ajudou em solidariedade por sua dor e Sofia adorou a brincadeira com a neve. Era a única, naquele baixo astral, que ainda conseguia se divertir. Que assim fosse. Uma criança não precisava sofrer como os adultos. Um dia ela já teria que se preocupar por tempo suficiente para viver suas próprias dores.

O clima estava cada vez mais pesado ao sopé da montanha. Tamires estava irritada consigo mesma. Conseguia acender a chama na mão, mas não fazê-la pegar em nenhum galho ou folhas secas. Aquilo só podia ser obra de uma magia mais poderosa. Não havia outra explicação. E o que poderia fazer para ajudar, além disso? Chorar não adiantaria de nada nem gritar e se desesperar.

Mas ficar parada não dava. Então tentou e vociferou por dentro cada vez que falhava. Alexandre havia ensinado tudo errado para eles, só podia ser isso. Agora, mais do que nunca, precisava fazer certo. A vida de seu irmão estava por um fio e não conseguia força suficiente para salvá-lo. Como pudera ser tão enganada de novo? *Pare, Tamires. Concentre-se!* Gritou consigo mesmo mentalmente.

Gustavo andava de um lado para o outro tentando desvendar aquele enigma e salvar a vida de Lucca. O que estava deixando escapar? O mago estaria agindo? Como? E o que poderia reverter aquela situação a tempo? Seu estado piorava rápido demais. Nem dava para pensar em simplesmente atacar o castelo e destruir o mago. Uma batalha seria tempo demais.

Tentava a todo custo trazer à tona em sua mente os conhecimentos armazenados tão fundos que estavam quase esquecidos. Por mais que o tempo do lado de fora tenha diminuído sua capacidade sobre-humana, ainda era vigoroso. Jovem, mesmo maduro, em comparação com outros humanos da mesma idade. Encontraria a brecha que precisava.

Marcel não entendia. Quando achava que já tinha compreendido tudo, mais uma novidade surgia. Quando elas acabariam? Quão ansioso ficara por aquele dia. Estava esperando a ação, o embate, por mais que já tivesse experimentado um pouco no salão, queria chegar logo frente a frente com o mago e ver se ele ainda tinha a mesma aparência de que se lembrava.

Subestimara-o, com certeza. Achara que seria fácil chegar até ele e agora só encontravam barreiras, físicas ou invisíveis. Concentrou-se o máximo que pode para encontrar o foco daquela energia, mas não sentia nada. Assim como as pedras sumiram bem diante dele,

aquela magia também os estava atingindo sem que nem sentissem qualquer vestígio. Como era possível?

Lara estava a ponto de dar uma ordem para que se erguessem e lutassem. Quem seria o único responsável por aquilo? O mago. Então que fossem logo pegá-lo! A inação a estava deixando louca. Sabia, pela experiência no salão, que uma ordem e todos os guardiões fariam o que quisesse. Bastava impor sua autoridade.

Mas não faria isso enquanto os seres mais importantes, as armas infalíveis daquela batalha, estivessem minando. Como aquilo poderia estar acontecendo? Por que ninguém fazia nada? Como ninguém percebia? Só não gritava com todos porque seu namorado ainda estava intacto e nem ela mesma percebera aquela energia obscura ainda ausente.

Nicolas estava preocupado e a ideia de que aquilo era só o começo fora confirmada por seu talento. Não falara nada a ninguém para não piorar o clima, mas estava ansioso e na expectativa de que uma novidade, nada boa, acontecesse a qualquer momento. Não desgrudava os olhos do irmão. Lucca ficava cada vez mais azulado. As pontas de seus dedos, pretas.

O medo era poderoso. O vento uivava ao seu redor bravio. Parecia ouvir vozes assombradas que diziam: *Você será o próximo. Prepara-se para morrer. A sua hora chegou.* Como em um filme de terror de quinta, Nicolas se viu como o mocinho apavorado no centro de uma cidade deserta, à noite, sobressaltado pelo mau agouro.

O que podia fazer para impedir que aquele pressentimento se cumprisse? Fugir, correr? Para onde? Sua velocidade sobrenatural poderia ajudá-lo nisso. Sem raciocinar direito, começou a correr sem rumo. O gelo estava cinzento devido à escuridão e não havia ninguém, exceto as vozes horripilantes que ouvia de quando em quando, o assombrando.

Estava sozinho, mas onde? Como fora parar naquela cidade amaldiçoada? Por que ia morrer? Tinha uma vida tão longa e boa pela frente. Não podia morrer ainda. O que precisava viver mesmo? Não fazia ideia, mas tinha certeza que havia alguma razão por trás de tudo aquilo. Em algum lugar, algo devia fazer sentido. Mesmo não havendo razão para correr, muito menos naquele cenário macabro, continuou, fazendo o pouco que acreditava possível e que talvez retardasse seu fim. Em que tipo de filme estava? Sangrento ou assombrado? Haveria serra elétrica ou almas penadas?

Nunca fora bom ator, por mais que soubesse disfarçar bem seus sentimentos, mas isso não o fazia falso, apenas na dele. Na escola, quando era obrigado a atuar, sempre lhe davam os papéis mais simples, com pouca ou nenhuma fala. Santo Deus, por que agora o haviam colocado em um filme de verdade? Talvez porque tivessem certeza de que seu medo seria bem interpretado.

Ele se encolheu diante daquele fato. Quanta vez fora covarde? Quantas vezes fugira de

escolhas? Quantas vezes deixara que o destino o levasse por teimar na recusa de seguir um caminho desconhecido? Era um covarde. Sempre fora e agora estava diante da morte em uma cena a qual fora obrigado a atuar. Daria tudo para fugir dali.

Era dinheiro que queriam? Tirou sua carteira do bolso e a jogou aos ares. Notas de reais e cartões de crédito se espalharam e se misturaram à neve ao tocar o chão. Aquilo ele podia dar e muito mais. O dinheiro não importava para ele se pudesse viver. Queria viver. Não havia escolhido aquele destino. Merecia sair dali. A fama de covarde e mauricinho não importava mais.

Ficou paralisado, esperando que alguém viesse pegá-lo.

– Venha! – bradou convidando.

O silêncio mortal se estendeu. Pareceu se propagar pelos quatro cantos. O vento parou de soprar. As nuvens pararam de se mover no céu escuro. Tudo parecia parado. Não, era mais do que isso, parecia congelado. Um frio estranho, vindo de dentro de seu corpo, o fez arrepiar. Começou do seu peito e foi se espalhando enquanto o sangue corria.

Não teve tempo de mais nada. Em uma batida de coração, o gelo havia feito a volta completa. Seus pulmões paralisaram. Não conseguia respirar. Não podia pedir ajuda. Nem se mexer. Como uma estátua entalhada com riqueza de detalhes, tombou na neve fofa, afundando entre os flocos, seus membros paralisados em um movimento inacabado.

De onde viera aquele ataque? Não fazia ideia, mas pela maneira que começou, podia ter sido na hora que respirou aquele ar parado, provavelmente congelado. Fora tão instantâneo que nem sentiu dor. Talvez o medo e a adrenalina tivessem neutralizado os avisos de seu corpo e cérebro. Foi incapaz de atendê-los a tempo de se salvar.

Agora ia realmente morrer. Só esperava que fosse rápido e indolor. A escuridão da noite ficou mais densa encobrendo sua visão. Não tentou fechar os olhos, suas pálpebras estavam congeladas. Seria inútil tentar movê-las, mas agradeceu à negritude. Não queria ver a face da morte quando ela viesse buscá-lo.

Aquela morte nada se parecia com a loucura que sofrera na passagem. Aquela morte era fria e fatal. Exatamente o contrário da tarde ensolarada e abafada em Conceição da Barra. Aquela era a verdadeira aparência que uma morte deveria ter: sarcástica, cinzenta, impiedosa e gelada. Em breve seria apenas um espaço vazio na existência e nada mais.

Enquanto isso, Lara assistira de camarote a loucura desfocar os olhos de Nicolas e seus membros se agitaram sem nexos. Às vezes parecia que ele corria, outras que jogava objetos para o alto. Porém, o que mais a espantou foi quando ele parou abruptamente, caindo duro como uma pedra no chão branco. O ar ao redor tornara-se mais denso.

Nem tivera a oportunidade de pedir ajuda, como Lucca. Este também nem fora capaz de dizer muito para que pudessem fazer algo por ele. Agora eram dois. Será que todos seriam

abatidos dessa forma? Por que não eram atacados de uma só vez? Por que o maldito mago não vinha logo acabar com eles?

– Pare de se esconder, seu verme! – gritou em desespero a mulata voltando-se para todos os lados a procura de seu alvo e seu grito se propagou pelo espaço vazio em eco. – Lute como um homem, seu covarde! É mais fácil ficar escondido em seu falso castelo enquanto seus ‘soldados’ morrem por você, não é? Venha você mesmo e mostre seu poder diante de nós!

Lara se ergueu de uma vez. Os olhos marejados e furiosos voltados para o templo ao sul, que encobria a paisagem além. Deu um passo rápido, tomando impulso com os braços para ganhar velocidade, porém foi detida por Suzane que estava próxima.

– Controle-se, Lara – disse segurando-a pelo braço. – Precisamos descobrir como salvá-los primeiro. Já pensou que a destruição do mago pode significar o fim deles também?

A primeira-guardiã se deixou deter, mas seu sangue guerreiro tinha sede por uma luta justa com o mago. Sua boca salivava de ódio e Suzane notou que o temperamento explosivo da mulata era ainda mais intenso do que de Tamires. Ficou espantada e achou melhor não forçá-la muito, portanto, voltou sua atenção aos irmãos fingindo que a ignorava.

A cantiga de Mainá e os rosnados enfurecidos de Lara eram a sinfonia que fazia fundo naquele cenário aterrorizante. Suzane estava tão entretida que se esqueceu de tentar ver o futuro, mas naquele momento se lembrou e ousou olhar, mesmo que algo já lhe dissesse que aquilo não tinha como terminar bem.

A verdade sobre o futuro próximo lhe bateu com tanta força na boca do estômago que se sentiu nauseada e vomitou incapaz de acalmar a sensação. Levantou-se limpando a boca e começou a andar freneticamente ao redor, em círculos, como perdida, resmungando palavras quase inteligíveis.

– Nós vamos morrer! Nós vamos morrer! Nós vamos morrer! – o tom de sua voz foi crescendo conforme aquela curta frase fazia sentido em seu cérebro e todos puderam então compreendê-la.

Tamires se aproximou de Suzane segurando-a pelos ombros. A veterinária tentou escapar, evitando os olhos verdes da irmã e a ruiva obrigou-se a chamar-lhe a atenção.

– Pare com isso, Suzane, acalme-se! – pediu.

Mas como uma máquina, continuava repetindo aquela frase com uma certeza de arrepiar.

– Nós vamos morrer! Todos nós vamos morrer!

Seus olhos azuis esbugalhados de forma insana assustaram tanto Tamires que ela quase vacilou por um segundo, mas decidiu não se deixar abater. Parecia que todos seus irmãos estavam acometidos por alguma loucura. Talvez nem estivessem morrendo de verdade, talvez

fosse uma ilusão tão forte que os fizesse acreditar e até sentir. Então se lembrou que Alexandre estava do lado de fora e só encontrou uma solução desesperada para acabar com a histeria da irmã. Esbofeteou-a.

– Acalme-se, Su, por favor! – exigiu com a voz meiga apesar do tapa que acabara de lhe desferir na face.

Paralisada de choque, a veterinária levou a mão sobre o machucado que ardia e desatou a chorar. Tamires não conseguiu arrancar mais nada dela. Desconfiou logo que teria alguma visão nisso, mas o pânico não permitia que ela fizesse outra coisa senão se lamentar. Sentou-se no chão agarrada às próprias pernas, como uma criança amedrontada, e se balançou ao ritmo do pranto.

Marcel tentou, mas também não pode tirá-la daquele torpor. Usou todo seu poder de persuasão que sempre funcionava, mas naquele momento foi inútil. Chateado, se aproximou com raiva da cunhada disposto a encontrar um culpado para o estado de sua namorada.

– Não precisava ter batido nela. Não conhece outro jeito de resolver as coisas?

– Ela estava fora de si, Marcel – respondeu no mesmo tom a ruiva.

Antes que outra briga se armasse – o clima que não estava bom poderia piorar muito se aquilo fosse adiante –, Gustavo se aproximou puxando Tamires e pedindo com suavidade.

– Por favor, não podemos nos desentender agora. Talvez seja esse o objetivo do mago, nos separar, nos dividir. Vamos permanecer juntos e unidos.

Gustavo paralisou no fim da frase como se uma luz em seu cérebro se acendesse. A mulher ao seu lado quase pode ouvir o momento em que aconteceu e curiosa, paralisou, o braço erguido ainda segurado por ele.

– O que você pensou, Gustavo? – questionou.

– Talvez seja isso mesmo – voltou a balbuciar o empresário. – Ele deve estar tentando nos fragmentar e nos incapacitar para que nosso número diminua. Afinal, aqueles que escaparam da caverna provavelmente voltaram correndo para o castelo a fim de lhe informar qual era a situação e ainda acrescentar que nosso contingente havia quase dobrado de tamanho.

Tamires pensou sobre isso por algum tempo. Marcel ouvia, de volta ao lado de Suzane, que já se acalmava, mas não sabia se estava atenta ao que diziam. Os demais também prestaram atenção. Porém, Gustavo concluiu o pensamento com uma nova ideia.

– Vamos juntar nossas forças e tentar formar uma barreira de proteção ao nosso redor. Um imenso escudo que possa nos proteger de qualquer tipo de magia. Todos juntos podemos conseguir esse feito e evitar que outros sejam pegos. Talvez até consigamos cortar a conexão com o mago. Com a força do pensamento, conseguiremos. – Sentando-se no chão, acrescentou. – Meditemos.

– Meditar? – perguntou Tamires receosa. – Nunca fiz isso. Ainda mais em uma hora

como essa. Não vou conseguir.

– Eu te ensino – se virou para onde estavam os outros irmãos da mulher, mesmo os apagados. – Vocês também! Quanto mais, melhor... Suzane?

Todos se viraram devido ao tom estranho em sua voz, inclusive Marcel que estava junto da moça, porém prestava atenção nas palavras do marido de sua cunhada. Quando olhou para Suzane, a jovem estava parada olhando para o nada. Era tarde demais para ela.

ÁGUA

Vi e quase não pude acreditar, mas era verdade. Todos iam morrer e não havia nada que pudéssemos fazer para impedir. Nada! Encarei a cara medonha da morte e não gostei nenhum pouco e ainda que soubesse exatamente como aconteceria, quando começou fui pega desprevenida. Talvez o tapa que Tamires me dera tenha me desorientado demais.

Não importava. Por mais perdida que estivesse, ainda havia a neve sob mim, o braço quente de Marcel ao meu redor e o sutil e ininterrupto congelamento. Não tinha nada a ver com o que havia passado na transformação. Essa é a morte, Suzane, disse para mim mesma. Diga adeus para o mundo, diga adeus aos seus queridos, diga adeus a Marcel.

Marcel. Meus lábios tentaram, mas fui incapaz de movê-los ao saborear seu nome. E aquele gosto quente ficou em minha língua. Eu o deixaria para sempre. Como poderia? Que injustiça seria aquela? Estava cansada de morte. Bem, pelo menos não teria derramamento de sangue. Ele estaria muito congelado para que escorresse.

Com que naturalidade encarei a morte, sentindo meus ossos trincarem, meu sangue parar de circular, o ar inflar meus pulmões e paralisar repentinamente. A morte veio rápido, sem aviso, e que me levasse também depressa. Não queria viver se fosse perder meus irmãos agora que os havia reencontrado e reunido.

Será que tinha por que e como lutar? Haveria uma esperança? O sabor quente do nome de Marcel na minha boca ainda queimava, ao contrário do restante do meu corpo que congelava rápido demais para que houvesse alguma dor: Era mais parecido com paralisia. A quê dor Lucca se referira se não sentia nada? Talvez a ligação com nossos elementos fosse a chave.

Será que poderia tentar buscar em meu interior alguma força oculta? Afinal, era a que menos manipulava meus poderes. Provavelmente teria alguma habilidade ou poder que ainda precisava ser desvendado. Será que conseguiria? E como faria isso? Já vira Marcel meditar. Mentalizei um símbolo de poder, como o pentagrama, e fechei meus olhos.

No meio segundo seguinte percebi que minhas pálpebras estavam coladas pelo gelo e com o peso, meu corpo tombou na neve. Neve. Água. Esse poder era meu. Tinha que tirar algum proveito disso. Tinha que haver uma maneira de manipular a magia do elemento só com a força do pensamento, se fizesse muita força, se tentasse muito, talvez conseguisse.

Talvez. E não me custaria nada tentar. Talvez o exercício me mantivesse lúcida. Percebera a maneira como Nicolas pirara. E quase perdi o controle também. Nunca fora muito boa com a mente, mas agora precisava. Minha vida dependia disso, assim como dos demais. Precisava lutar até o último instante, por mais próximo que estivesse.

Uma sombra escura parecia se aproximar mais devagar do que a imaginava. Talvez minha força de vontade a estivesse detendo. Concentrei-me mais em buscar alguma força da água dentro de mim. Pensei na essência do elemento. Volátil, adaptável, quente, fria, vapor, flocos de algodão gelado, flocos de algodão flutuante. A água podia mudar de forma quando quisesse, dependia da situação.

Esse elemento também era transparente, claro, límpido. A água era pura. Jamais poderia ser contaminada com impurezas, porque se assim fosse, seria imprópria para consumo. A água era doadora de vida, não, melhor, era preservadora de vida. Não, também dava vida ao regar a terra. Água era essencial.

Estava cercada de água. Gelo. O rio. As ondinas. O mar. Ondas espumantes. Como eram parecidas com o gelo. Água era sempre igual, por mais que se travestisse em vários formatos. Água era sempre água, doce ou salgada, havia vida. Calma ou bravia, tudo era água.

O corpo humano possuía setenta por cento de água no organismo. Meus conhecimentos como veterinária me trouxeram esse dado importante. Também havia água dentro mim. Muita água. Sangue e mais água. Havia urina. Não, isso não contava, mas urina era quente. O que estava pensando? Em urinar para me aquecer? Estava mesmo louca.

Não estava funcionando. Já começava a divagar absurdamente. Queria encontrar a essência da água. Onde ela estava? Devia haver algo dentro de mim, afinal, não era a representação desse elemento? Um clique no meu cérebro foi audível quando percebi a possível chave. Eu era a essência da água ou a água era minha essência?

Debatí-me nesse dilema internamente por um tempo sem conseguir chegar a um denominador comum. Talvez fosse as duas coisas. Talvez um não existisse sem o outro. Talvez a resposta fosse a falta de resposta. A dúvida tinha muito a ver comigo, não que fosse indecisa, mas por ser de fases e uma hora amar e na outra odiar. Água, volúvel, mutável, adaptável.

Indecisa como a maré que vem e depois vai, tendo como regente a lua e suas fases. Eu era a lua. Eu era a lua? Não era a água? Uma estava ligada a outra, não estava? Estava. Tudo no universo estava. Ah, aquilo estava complexo demais para mim. Não havia um jeito mais simples? Não havia um caminho interno a percorrer até a magia verdadeira? A magia interior? Não era isso que ensinavam nos livros e filmes? Droga!

Não sabia o que estava fazendo, isso era o mais certo. Não sabia fazer a tal meditação. Apague sua mente. Como? Alguém podia me explicar como não pensar em nada? Isso era impossível! IMPOSSÍVEL! Nunca havia conseguido ficar sem pensar nada, absolutamente nada. Podia pensar em coisas que não fizessem sentido, mas em nada, não, nunca... era normal? Será que todos podiam menos eu?

Respirei fundo. Bem, teria respirado se meus pulmões não estivessem congelados. Tentei novamente. Sabia ser teimosa quando queria algo. Na verdade, precisava, tinha que conseguir. O

tempo passava depressa e por mais que corresse com essa maluquice, a morte estava muito perto. A sombra negra crescia, lentamente para mim porque ainda lutava contra ela, mas ainda assim continuava aumentando.

Logo me cobriria totalmente e então seria meu fim. A morte ceifaria minha vida e deixaria de existir. E estava perdendo tempo divagando. Vamos lá, Suzane, concentre-se. Você consegue. Esvazie sua mente. Pense no nada. Não, não pense. Simplesmente afaste tudo. Preocupações, desespero, sentidos e, por fim, os pensamentos.

O silêncio se fez de uma forma estranha. Nova. O silêncio não tinha peso. O nada não era, não existia. O nada era simplesmente o nada. Uma sensação flutuante. Um nada de sabor. Um nada para se ver. Um nada para sentir. Nenhum caminho para seguir. Nada em que pensar. O nada era apenas quatro letras juntas sem significado. Afinal, o que eram letras?

O nada não era bom nem ruim. Nem frio nem quente. Era mais parecido com um caminho sem fim nem começo. Uma rota desconhecida. O infinito. O universo. Deus. Deus era tudo, mas também era nada. O menor dos seres, a maior das galáxias. Nada era nada. Nem escuridão nem luz. Nem grande nem pequeno. Nem melhor ou pior. Não havia comparação.

Porque o nada também era tudo. Tudo que não existia. Tudo em que acreditava. Tudo que buscava. Tudo que não podia ter. Tudo que podia inventar. O nada não tinha limite e, no entanto, o tudo também abrangia o infinito. Tudo e nada. Não havia antagonismo, havia complemento, dois lados de uma mesma moeda.

Uma moeda, uma gota, um grão de areia. O nada não significava nada e, ao mesmo tempo, também significava tudo. Sem as células, meu corpo não existia. Era formada da junção de cada partinha microscópica. Cada parte formava um órgão que me fazia existir e coexistir. E o que havia no núcleo de cada célula minha?

Busquei no nada o caminho para dentro de mim, organicamente, e fui afogada pela água. Havia água demais no nada. Estava sufocando. Como poderia sufocar no nada? Parei e deixei a força bater em mim com sua ferocidade característica. Uma energia represada tentando uma brecha para escapar. Onde estava a abertura da comporta? Quería abri-la e deixá-la sair e tomar conta de meu nada.

Seria, enfim, a água, em sua essência mais pura e verdadeira. Havia conseguido, havia encontrado aquela força bruta e natural que nadava dentro de mim. Agora o dilema estava em como libertá-la. Percebi que uma pequena comporta estava aberta e pouco da água vazava. Aquilo provavelmente era o responsável por todos os meus feitos até então.

Mais do que nunca, queria liberar toda aquela água. Litros e mais litros. Milhares dele tomando conta de mim. Com certeza, quando ela me inundasse, não seria mais eu. Seria melhor? Seria pior? Não importava. Importava sim que vivesse e conseguisse cumprir meu destino. Com

tanto poder liberado, poderia fazer muito mais.

Não era ganância, era necessidade, e parti em busca de encontrar um botão, uma alavanca, uma fechadura que fosse. Era tudo sólido demais para que pudesse, com minha força humana, ou com a pequena manifestação do elemento, abri-los. Pareciam chumbados à rocha. Estavam firmes demais para movê-los.

Senti uma mudança no nada. A sombra escura havia avançado sem que percebesse e agora quase tomava todo meu inconsciente. Não podia apagar agora. Não quando havia acabado de encontrar o que tanto precisava. Com força de vontade renovada, tentei a comporta entreaberta. Se ao mesmo conseguisse fazê-la abrir mais, poderia resistir tempo suficiente para tentar as outras.

Uma vez. Duas. Três. Na quarta estava quase perdendo as esperanças quando a comporta cedeu. Uma enxurrada me jogou longe. Imediatamente, me senti mais forte e a sombra pareceu parar no fim do trajeto, como quando se corta o fio certo de uma bomba-relógio prestes a explodir. Voltei voando – é, estava flutuando – para tentar a comporta do lado. Talvez o peso da saída da água me ajudasse.

Tive razão em pensar assim. A segunda comporta foi um pouco mais fácil que a primeira. Abri totalmente e, dessa vez, desviei a tempo de não ser arrastada pela queda d'água. Onde a água caía, uma espuma branca se formava, como um raio de sol, um alvo a ser visto e seguido, uma luz no fim do túnel.

Conseguiria. Ainda havia muitas, mas a cada uma que abria, mais forte ficava e, por mais que não recuasse, a sombra também não avançava. Aquilo só podia ser um bom sinal, deduzi. Depois do que pareceu um longo tempo, porém sem me sentir cansada realmente e nem parecer que o tempo tivesse passado, todas as comportas estavam abertas.

O espetáculo da água caindo e espumando, respingando, fortalecendo-me, transformando-me era como uma inundação em meu interior. Fiquei parada diante daquele show sentindo a energia expandir, expandir, expandir. Um sorriso vitorioso em meus lábios imaginários. Não tinha lábios no nada. Não era nada ali no meu interior. Apenas uma energia pulsante que não parava de crescer.

Um estalo me assustou. Voltei os olhos para cima a fim de ver a imensa rocha da represa se partir de alto abaixo em uma funda rachadura. No segundo seguinte, uma sucessão de estalos me alertou de que algo estava errado. A água estava fora de controle, agitada, e aquele muro de concreto não poderia suportá-la por mais tempo.

Antes que pudesse finalizar o pensamento, enormes pedaços de concreto foram jogados contra mim enquanto a água rompia o frágil compartimento no qual estivera presa. O que havia feito de errado? Por que aquela força estava se voltando contra mim? Será que não estava pronta para suportá-la? Seria por isso que as comportas estavam fechadas? Será que deveria ter ido com

mais calma? Era poder demais para que suportasse? Não havia tempo para ir com mais calma! Precisava de toda aquela energia. Estava morrendo e isso era uma verdade mesmo agora enquanto a força interior me envolvia e me submergia de uma maneira enfiada e fatal. As espumas brancas se revolveram e sumiram, dando lugar a sombra paralisada. Porém, naquele instante, ela voltou a se mover sobre mim depressa demais.

FOGO

Tamires, sozinha e pensativa, estava parada diante dos três irmãos congelados e deitados na neve branquinha. Pareciam dormir placidamente. Gostaria de acreditar nisso, mas os dedos e os lábios roxos lhe diziam claramente que eles estavam morrendo e ela não podia fazer nada para salvá-los.

Não conseguira se concentrar na tal meditação que Gustavo propusera, no entanto, os outros se juntaram a ele. Quase todos, já que Mainá não desgrudava de Lucca com sua cantiga fúnebre, Lara não se afastava de Nicolas enquanto resmungava blasfêmias e Marcel se agarrava a Suzane como se o calor de seu corpo pudesse aquecê-la.

Sentia-se triste e solidária ao mesmo tempo e pensava sem medo que só faltava ela. Com certeza demorara mais por sua essência ser o fogo, porém não acreditava que o mago não pudesse atingi-la. Mentalmente, xingou Alexandre por suas mentiras. Se ao menos tivesse compartilhado tudo o que sabia, hoje estariam mais preparados e aquilo poderia ser evitado.

Afastou o pensamento. Devia esquecê-lo, por mais que um pressentimento lhe assaltasse volta e meia, principalmente depois que Suzane teve alguma visão com ela, como seu dom a alertou. Será que nunca saberia o que ela viu? Será que o destino tinha algo reservado para o casal que formaram, por menor que tenha sido o tempo juntos?

Piscou os olhos focando novamente no cenário de morte a sua frente. Aquilo não estava certo. Estavam ali para salvar, não para morrer. Por que eram os primeiros a serem atingidos tão fatalmente? Não deveriam ser os mais fortes, os mais resistentes, os salvadores? Pensou que pouco sabia sobre sua verdadeira missão.

O que não daria para poder conversar com sua avó ou sua mãe para que elas pudessem orientá-la naquela jornada perigosa. Saberiam o que fazer para que aquele quadro se revertesse. Dariam as orientações corretas. Nunca mentiriam para eles nem agiriam como Alexandre, se aproximando, enganando, conquistando a confiança e depois traíndo.

Luise os amara tanto que se separara deles, enviando-os aos cuidados de uma amiga para fora do lugar que deveria ser o mais seguro do mundo. Ao pensar que aquela desastrosa fuga poderia ter terminado muito pior, um arrepio passou-lhe pela espinha. Afinal, uma criança de três anos sozinha nas cataratas do Iguaçu tinha tudo para morrer.

Assim como os outros. O mago e sua corja conspiraram contra eles, porém o universo os preservara. Então por que agora, à porta do traidor, a um passo de cumprir seu destino, estavam sendo dizimados como animais no abate? Tão perto de cumprir seu papel e tão longe de verdadeiramente serem bem-sucedidos.

Aquilo era tão frustrante! Tinha gana de gritar, de enfrentar sozinha, com seu fogo místico, aquele maldito que ousara dizimar toda sua família. TODA SUA FAMÍLIA! Fora naquele instante que percebera. Seus irmãos eram a última família que conhecia e que teria. A última família com o sangue puro, e derramado, de seus pais.

Se eles se fossem, sobraria apenas Sofia. A adorável garotinha sangue do seu sangue, carne de sua carne. Se a morte de seus irmãos, e dela mesma, servisse para que sua pequena filha sobrevivesse, que fosse sacrificada então. Ofereceria-se se essa fosse uma troca justa. Ainda que não fosse tão justa assim. Havia outras Sofias por aí para serem salvas.

Chega!, vociferou para si mesma. *Chega de pensar em morte. Ninguém aqui vai morrer.* Fechou os olhos e tentou, pela milésima vez, meditar, esvaziar a mente e buscar o poder que era em parte sua essência e protegê-los até encontrar uma saída para reverter àquela situação. Foi aí que uma ideia óbvia lhe ocorreu.

Precisava encontrar seu poder interior. Se atingisse o fogo poderia encontrar a fonte da energia que seria suficiente para salvar a todos. Nada melhor do que calor contra o congelamento. Era a única solução e só dependia dela. Afinal, ela era o fogo, a chama viva e pulsante, arrasadora e que podia conservar a vida.

Mergulhou em seu interior buscando a chama e foi tão fundo que encontrou um vulcão. Um rio escaldante de lava. Fumaça negra subia por seu cone longo. A lava fervia e borbulhava sedenta para estender sua língua para fora da abertura. Faminta. Quase podia ouvi-la gemer. *Fome.* O que devia fazer agora?

O que seria a alavanca? Talvez a fome, chutou. Jogou uma pedra pela garganta quente e a língua de fogo se agitou compulsivamente. *Mais*, pareceu exigir. Então Tamires arrastou muitas pedras e as jogou uma atrás da outra pela abertura no alto da montanha. A língua crescia, sempre faminta, em busca de mais, sempre mais.

As pedras haviam acabado e a língua flamejante ainda estava com fome. Lambeu a borda do cone como quem limpa os beiços depois de uma farta refeição. A chama se contorceu mais para fora do buraco. Era menor do que parecia enquanto crepitava. Agora era uma massa disforme de fogo que se movia como um animal rastejante.

Enquanto descia a lateral escura do vulcão na direção de uma Tamires paralisada, a lava mudou de forma. Ganhou pernas e braços, um corpo feminino sexy, cabelos longos e quando abriu as pálpebras revelando olhos de fogo, a ruiva deu um passo para trás. Ao mesmo tempo em que era amedrontadora, também era linda.

– Ora, ora – falou risonha a chama em forma de mulher, sua voz era voraz e sedutora como o fogo –, enfim nos encontramos cara a cara.

– Quem é você? – já a voz de Tamires saiu trêmula e baixa.

– Sou seu fogo interior, garota. Qual é? Vem aqui me procurar e agora fica aí morrendo de medo – riu a chama falante.

– Meu fogo interior? – surpreendeu-se a ruiva suspendendo as sobrancelhas.

– Sou você, *baby*. Sua essência, o fogo que habita dentro de você. Resumindo, sua parte devassa e perversa. – E riu novamente.

Seu horror não teve nada a ver com medo.

– Devassa? – esbravejou. – Não sou esse tipo de pessoa.

A mulher fogo bufou desdenhando com um gesto da mão crepitante.

– Corta essa! Não vem com esse papo de santinha para o meu lado que você não pode me enganar. Sei quem você é. Você sou eu!

Sentiu o rosto arder de raiva.

– Não!

– Não? – ironizou a chama. – Vai me dizer que não era você aquela noite no forte com Alexandre? – Tamires empalideceu. – Não que não tivesse gostado. Poxa vida, finalmente viveu uma experiência à minha altura.

Enquanto aquela mulher bizarra ria, seu corpo se agitando como uma fogueira, a ruiva se dividia entre o constrangimento e a raiva.

– Não entendo sua vergonha – disse a chama parando de rir de repente. – Está falando consigo mesma, sua louca! – pousou a mão flamejante no queixo alaranjado refletindo. – Hum, então está tentando se enganar? – A chama crepitou quando ela jogou as mãos para cima. – Ah, Tamires, me poupa! Não pode enganar a si mesma! Tem que encarar a verdade que está aqui dentro. – Acrescentou a frase seguinte enfatizando bem cada palavra. – Você o ama.

A ruiva não respondeu de imediato e seus olhos se estreitaram.

– Como poderia amá-lo? – retrucou com firmeza.

– Precisa mesmo que responda? Próxima pergunta – continuou agressiva a chama. – Como pode perdoar Gustavo? Isso sim não dá para entender.

– Ele se arrependeu – respondeu imediata.

– Desculpa fraca – contra-atacou a mulher fogo. – Alexandre te deu uma chance de viver com ele e você recusou. – Explodindo em labaredas que estralaram ao seu redor, acrescentou. – Como pode? Você não sabe como fiquei furiosa naquele momento.

– Eu sei... – respondeu apenas a ruiva.

– Todo aquele discurso moralista e falso – continuou a outra como se não tivesse sido interrompida. – Tão ridículo que me causou calafrios no estômago! Então prefere o amor inconstante? Prefere as brigas? Prefere o inferno ao paraíso? Prefere viver ao lado de um homem que não ama plenamente?

Tamires prestou atenção nas últimas palavras da chama. Então também amava Gustavo? Que maluquice era aquela? Mas o engraçado era que, sem a barreira de seus ideais para esconder-se, a verdade foi muito fácil de encarar. Ainda não deixava de ser extremamente irritante.

– Já fui feliz com Gustavo. – Deu de ombros persistindo no engodo. – Posso ser de novo.

– Você ficou louca? – A chama pareceu se descabelar quando o fogo dos braços se misturou com os cabelos e crepitou ruidosamente. – Como você pode ser feliz depois de provar a perfeição? Antes você não sabia que existia o sublime. Agora que conhece aquele que foi feito para você, seu encaixe perfeito, sua alma gêmea, como pode ser feliz de novo? – Diante da recusa no olhar da ruiva, continuou. – Tamires, se eu, seu lado devassa, reconheço isso, você não pode negar que um imenso buraco está aberto em seu peito. Você está sofrendo!

Àquelas palavras, as pernas da ruiva cederam como se lutassem para se sustentar a muito tempo e estivessem exauridas pelo esforço. Lágrimas encheram seus olhos enquanto o tal buraco, calado e contido, se arreganhava como uma boca monstruosa cheia de dentes, arrancando pedaços de sua carne e seu próprio coração do peito. Aquela dor era surreal e impossível de traduzir. As bordas da ferida queimavam, como se o fogo brotasse, uma segunda dor se unindo a ela. Sua mente era nada. Só dor.

Era a primeira vez que sofria de uma forma tão completa. Sua mente, seu coração e seu corpo clamavam por aquele que deveria ser seu – que sempre seria seu – mas que não podia. Encontrar sua alma gêmea e perdê-la tão depressa tornara a vida sem sentido nenhum para Tamires. O que a manteve viva fora sua filha e sua família, mas naquela hora, não podia mais suportar escondê-la.

– Tudo bem – falou ofegante a chama –, entendo sua dor e percebo agora o quanto é maior que a minha, mas não entendo seus motivos! Sabe quantas vezes a oportunidade de encontrar sua alma gêmea surge? Reparou que seus irmãos encontraram as deles nessa jornada? E você, o que faz quando encontra a sua? A dispensa! É para matar mesmo!

A chama da dor lambeu de novo a ferida e ambas geraram. Tamires estava largada no chão, lutando contra a inconsciência enquanto a dor literalmente a consumia, a queimava, a tragava devagar e profundamente.

– Entenda, não podíamos aceitar – sussurrou enquanto se justificava incluindo a mulher fogo no coletivo –, estamos em lados opostos da vida. Ele nos traiu muito mais do que...

– Não... – interrompeu a outra. – Fez a mesma coisa com Gustavo... – parou para respirar quando uma nova onda de dor a açoitou. – Você é impulsiva demais. Era para sermos felizes...

– Não podíamos ser felizes diante de tanta mentira... – tentou ser firme.

– Chega desse papo moralista e imbecil! Gustavo errou durante anos conosco e ainda foi capaz de voltar para ele.

– Mas ele mudou por nós, não vê a diferença?

– Sinceramente não. O que prefere? Um homem verdadeiro e inteiro como Alexandre, que fez suas próprias escolhas e ainda foi capaz de te amar de uma forma tão grandiosa, um homem que adotou a atitude de acordo com seus ideais? Ou Gustavo, um homem em pedaços, que procurou refúgio em seu amor para reconstruir sua própria existência sem sentido, que fez escolhas erradas para te manter ao lado dele?

Aquela Tamires ferina estava complicando demais as coisas para seu lado sentimental.

– E ainda assim, mesmo agora, enquanto procura justificativas falhas, ainda o ama de uma forma que nem compreende.

– É impossível, não vê? – chorou a ruiva copiosamente desistindo de ser forte. – O que adianta encarar toda essa dor se não podemos voltar atrás? – implorou com as mãos na cabeça. – Pare de me torturar, por favor!

– Você precisava ver a verdade sobre seus sentimentos e a bagunça que conseguiu aprontar em sua vida. Agora terá que enfrentar as consequências de suas escolhas. Porém, essa ligação eterna que tem com Alexandre jamais se romperá. Sofra porque é exatamente isso que merece, sua tola!

– Cale a boca! – gritou tapando os ouvidos.

Refletiu por apenas um segundo. Queria que aquilo acabasse. Estava farta daquele discurso, de encarar a verdade sobre si mesma e principalmente da dor. Talvez tivesse um jeito de acabar com aquilo para sempre. Não precisaria sofrer calada pelo resto da eternidade. Podia muito bem terminar com aquela angústia naquele momento.

Ignorando a mulher fogo, ergueu-se e começou a correr rumo ao topo da montanha. Parou na boca do vulcão e sentiu a baforada do inferno no seu rosto que chamuscou seu cabelo vermelho. *É a mim que você quer, monstro?*, pensou para a lava incandescente. *Então terá.* Sem hesitar, se atirou para dentro do fosso profundo, sentindo a língua flamejante buscá-la com gana. Em apenas uma lambida, se fora.

Gustavo estava concentrado na meditação e sua energia puxava os demais para o plano espiritual. A barreira ganhava cada vez mais força enquanto os guardiões se conectavam lentamente. Todas eram energias conhecidas e, quando se ligavam àquele grande e único escudo, o reconhecia imediatamente.

Sentiu falta de Lara, Marcel e Tamires. Nesse momento, ao pensar nela, um fedor de queimado invadiu sua mente. Era um cheiro tão asqueroso. Parecia um corpo em chamas.

Ciente do que acabara de pensar, cortou a meditação e abriu os olhos, voltando ao plano físico. Automaticamente, todos se desligaram já que estavam conectados a ele.

Viu Tamires deitada junto com os outros na relva. O cabelo vermelho com as pontas chamuscadas, porém as pontas de seus dedos estavam gangrenando. Como ela fora atingida? De onde? Para que servia aquele maldito escudo se não protegeu o último elemento? Pereceriam todos agora?

Lara se virou para ele, também ciente do cheiro apesar de que não esteve meditando.

– Acho que ela se sacrificou.

– Por que diz isso? – horrorizou-se Gustavo.

– Porque o elemento é similar a mim e no momento em que ela se atirou no fogo místico, senti.

Já com lágrimas nos olhos, o marido praticamente se arrastou até o corpo parado e gelado de Tamires. Seu cabelo afogueado era a única cor viva e pura da mulher que outrora fora. Agora era apenas um corpo sem vida. Um corpo que ainda amava.

– Por que fez isso? – choramingou. – O que estava pensando? E eu? E Sofia? Não tinha esse direito!

– Gustavo – a voz de autoridade de Lara soou mais alta do que o necessário e quando olhou para ela, seus olhos brilhavam com as cores da vingança. – Já ficamos parados tempo demais. Chegou a hora de enfrentarmos essa situação com o que temos. Eles não podem morrer em vão.

Ele a encarou incrédulo.

– Nós vamos morrer – retrucou.

– Talvez, mas pelo menos tentaremos.

– Essa guerra está toda errada – gemeu Mainá. – Quem era para nos salvar está morto.

O que será de nós?

Marcel se ergueu, alto e loiro, entre os moribundos e sua voz também foi firme.

– Chega de nos lamentarmos. Agora é uma questão de honra. Aquele mago vai sentir o peso de minha mão!

Em uníssono, os guardiões, que os cercavam como um escudo humano, bradaram ferozes em concordância. Sim, eles estavam ali para lutar e, se morressem, suas vidas não seriam desperdiçadas. Alguma vitória haveria. Talvez levassem consigo o mago e a natureza se regeneraria com a nova geração.

Não importava o amanhã, somente o agora. Empunhando armas místicas de acordo com seus talentos e guiados pela primeira-guardiã Lara Costa, o grande grupo marchou em sintonia sobre a neve fofa com um único foco: o castelo que outrora fora um templo erguido para o conhecimento e que agora se tornara uma fortaleza de morte.

UNIÃO

O lugar era muito claro, mas não havia sol nem lâmpada. Parecia uma sala branca, porém imensa, infinita. Tinha beleza e encanto ao mesmo tempo em que não havia nada para se ver. Eram mais sensações do que visões. Onde estava? A água que me engolira me arrastara até ali e desaparecera como mágica. Parecia viva, mas deveria estar morta e molhada.

Estava bem demais para estar viva. Sem dor, em paz, sem sentidos. Só podia estar morta! Meu Deus! Agora era real. Não haveria segunda chance. Nunca mais voltaria para minha família, jamais cumpriria minha missão, não formaria minha própria família. O mundo acabaria dali alguns meses e aqueles que deixei se juntariam a mim.

– Acalme-se, Suzane, você ainda não morreu.

A voz reverberou nas paredes invisíveis e chicoteou em meus ouvidos como um estrondoso trovão. O ser que a possuía era poderoso. Seria Deus? Um anjo? Procurei por todos os lados, mas a luz intensa me cegava e me impedia de ver mais do que o branco.

– Não sou Deus – respondeu a voz aos meus pensamentos. – Sou aquele que se retirou de seu planeta há trinta anos – enquanto falava, a luz diminuía e comecei a distinguir uma silhueta mais a frente. – e que precisa voltar antes do verão.

A luz permaneceu em volta dele como se o vestisse. Seu belo rosto era resplandecente e soltava faíscas coloridas de vez em quando. Não havia como fazer uma descrição detalhada. Essa era sua essência, provavelmente não física e completamente fascinante. Minha mente se atordoou e fui incapaz de responder à aparição.

Porém, algo sobre o chão me chamou atenção porque também emanava cores. Uma estrela de cinco pontas dentro de um círculo perfeito. Reconheci imediatamente aquele símbolo. O pentagrama. Diferente do que fizemos no quintal de casa, com pedras vulcânicas escuras e disformes, aquele símbolo era brilhante, colorido e intenso. Apenas ao olhar, percebi sua perfeição bem distribuída em suas formas geométricas.

A energia que fluía era única. Nunca havia sentido antes. Era como se todas as energias do universo estivessem rodando naquele círculo e estrela, de maneira constante e infinita. Aos poucos outras pessoas se tornaram nítidas na roda. Notei que cada ponta da estrela apontava para cada um de nós. Ao meu lado direito, Nicolas, e ao esquerdo, Tamires. Do outro lado, Lucca e entre meus dois irmãos, o ser inominado.

Era triste constatar que, por mais bonitos que nós quatro fôssemos – principalmente Tamires – perto daquele resplandecente éramos mirrados e sem graça.

– Tenho nome – voltou a falar o anfitrião, já que meus irmãos pareciam tão catatônicos

quanto eu. – Sou o espírito da natureza e podem me chamar de Lúcio, é uma boa tradução para sua língua. – Voltou-se para Lucca e acrescentou. – Lembre-se disso.

Meu irmão ruivo pareceu não entender o recado. Na verdade, ninguém estava entendendo nada ali. Não precisava de nenhum dom para constatar isso. Não estávamos sobre o gelo do Coração da Natureza morrendo há pouco?

– Vocês ainda estão lá morrendo, Suzane. – Estava ficando chata essa história de responder a meus pensamentos. – Desculpe. Vou direto ao ponto então. – Menos chato agora. – Preciso voltar à Terra porque somente eu garanto a efetiva instituição da Era de Aquário, de amor, paz e, principalmente, a valorização do meio ambiente. Sou a essência da vida em seu planeta, o espírito que faz o corpo, o Coração da Natureza, pulsar normalmente. Minha volta está programada, o corpo humano no qual habitarei já foi gerado e agora preciso que deixem os quatro elementos despertarem para que o degelo comece e a magia natural prepare a natureza.

Não parecia bem uma explicação e sim uma complicação. Continuava sem entender nada. Afinal, não havíamos despertado os quatro elementos? O que mais faltava?

– Vocês despertaram apenas a energia que havia em vocês. Ainda estão longe de serem de fato os quatro elementos e isso me preocupa. Estão muito despreparados para essa missão. Por isso estou aqui, em seu leito de morte no plano espiritual, instruindo-os nessa última etapa da jornada. – Voltando-se para mim, acrescentou. – E respondendo a sua pergunta, vocês precisam morrer para que o elemento desperte.

O alvoroço foi grande e começamos a balbuciar ao mesmo tempo. Não chegamos perto de como seria no plano material. Ali era muito difícil perder o controle. Não havia corpo nem hormônios para tornar nossa reação mais intensa. Portanto, em nossa mente, a ideia de morrer berrava enquanto nossas vozes permaneceram baixas e controladas. Era para aquilo nos irritar, mas não ficamos.

– Que estranho – disse.

– Por isso estamos morrendo lá no Coração? – perguntou Tamires.

– Não posso morrer agora! – lamuriava-se Lucca.

– Sabia que isso ia acontecer – reclamou Nicolas.

O espírito da natureza pareceu bufar. Espíritos bufam? Talvez parecêssemos um bando de crianças bagunceiras para ele, porque sua atitude era tão séria e compenetrada quanto de um professor. Calei-me imediatamente, inclusive os pensamentos.

– Vocês são tão humanos! – exclamou com sua voz de trovão, porém era mais uma constatação do que uma repreensão. – Como o elemento poderia se manifestar sendo tão carnis e sentimentais? Os elementos são seres místicos poderosos, que doaram um pouco de seu poder no nascimento de vocês para que hoje tivessem a honra de recebê-los. O objetivo, quando assim fizeram, era que apenas esse fiozinho de energia fosse suficiente para que cumprissem sua missão,

mas vocês falharam. Não foram fortes suficientes. Deixaram-se enganar e dispersar. Agora precisam morrer para que os verdadeiros elementos possam se manifestar e consertar a bagunça que os humanos fizeram.

A culpa pesou como uma carga grande demais para suportar e me vi debruçada como se tentasse me esconder daqueles olhos que tudo viam. Nós falhamos. Agora seríamos punidos com a morte. Suspirei e pensei que, se pelo menos somente nós quatro morrêssemos, valeria a pena. O restante seria preservado graças a nosso sacrifício.

– Sua compaixão me comove, Suzane – voltou a falar com doçura Lúcio. – Obrigado por pensar em meu nome, fico mais feliz assim do que ser tratado como superior e inatingível. – Mas ele não era?, me perguntei. – Não sou. A prova disso será meu renascimento em forma humana, como nunca vivi antes. Quero andar entre vocês. – Seu sorriso foi doce e maravilhoso.

Era impossível não gostar dele, logo percebi. Fiquei feliz mesmo diante de minha própria morte. Enfim, Lúcio não era o causador dela, somente o portador da má notícia.

– Porém sua... versatilidade me confunde muitas vezes. – Que educado da parte dele não dizer bipolaridade, me senti grata. – Não é de todo ruim, minha cara. Ora você é uma veterinária, ora uma poetisa. Acho essa sua faceta muito bela – soltou um riso franco, adorável e cintilante. – O que me incomoda de verdade são seus extremismos, um lado negativo de sua versatilidade, mas que faz parte do universo de água na qual você foi moldada. Seu mundo particular, suas ideias e crenças pesadamente influenciados pela água: transparente, versátil e adaptável, que pode ser tanto água, quanto vapor ou gelo. Essa versatilidade me fascina e não deixa de fazer parte de sua essência natural.

Suas palavras me tocaram como carícia apesar de não ter se movido um centímetro em minha direção. Seus olhos se voltaram para Nicolas ao meu lado, ainda atordoado, sua aparência de quem estava fadado a algo que não desejava.

– Suas dívidas, meu rapaz, são seu maior empecilho. Essa sua liberdade de fluidez, de questionar tudo e todos, de estar em toda a parte e ser bem aceito te estragou. O mundo não funciona apenas do jeito que você acha ou deseja. Você vai morrer hoje sem aceitar quem é, mesmo depois de experimentar uma temporada na ilha de ar e sentir a grandeza do poder que nasceu com você. Que te deu a vida. Ainda tem a liberdade de desistir e isso não vou tirar de você. Porém não vai mudar quem é e o que veio fazer nos dois mundos. A sua etapa no mundo de fora acabou. Agora só tem o Coração da Natureza. Aceite isso e morra em paz.

Baixei a cabeça mais envergonhada do que ele. Suas palavras não eram rudes, mas tinham poder sobre nossos corações, nos tocavam fundo. Um ser como ele na Terra mudaria muita coisa.

– Lucca e sua sensibilidade. Essa sua conquista foi seu prêmio no lado de fora do Coração.

Talvez, se tivesse vivido toda sua vida em sua terra natal jamais teria alcançado esse feito e o parabenizo por ter dado ouvidos mesmo quando sua racionalidade lhe dizia o contrário. – Sua voz dócil chamou minha atenção e levantei a cabeça a tempo de vê-lo sorrir novamente, um sorriso que tinha o poder de me deixar feliz. – Mas seu senso material precisa ser aplacado, se desapegue das coisas e das pessoas. E por isso vai morrer hoje e se tornará verdadeiramente o filho da terra.

O rosto de meu irmão se contorceu em dor provavelmente pensando em sua mulher e filho que ainda nem nascera.

– Tamires e sua verdade. Quantas ouviu em sua jornada e quantas escolhas você fez? Sua impulsividade foi a ativadora de todas elas e as consequências serão sentidas por muitos anos ainda. Talvez seja a que mais sofreu dos quatro, inclusive quando foi marcada a fogo. Porém fique ciente de que a maioria foi por suas próprias falhas. Sua impulsividade a fez julgar erroneamente pessoas e situações. Mas sua capacidade de emoção é justa e correta, só precisa aprender a controlá-las. Talvez assim pudesse ser feliz plenamente. Você tinha a observação para aprender e não aproveitou.

Fiquei sem entender boa parte do que ele disse para minha irmã, mas Tamires pareceu envergonhada o suficiente para me dizer que havia compreendido. Lúcio olhou de volta para cada rosto, um sorriso compreensivo nos lábios antes de falar novamente.

– Olhem para o pentagrama aos seus pés. – Obedecemos. – Vocês veem alguma ponta maior que a outra? – Tanto o círculo quanto a estrela eram geometricamente perfeitos e exatos. – Não, vocês não veem porque cada um de nós somos uma parte tão importante quanto a outra de um todo muito maior. E por que estamos dentro do círculo? Porque precisamos estar juntos, focados no mesmo propósito, para que a essência que representamos se manifeste: a natureza. Ela não é nada sem seu corpo, os quatro elementos, porém não existe sem seu fôlego de vida: o espírito.

Aquela verdade absoluta calou fundo em meu coração. Não estava ali pelos humanos, e sim pela natureza já que sem ela nenhuma outra vida poderia existir. Esse simples princípio fez todo o sentido e finalmente me fez desfocar de meu eu. Naquele momento, era um corpo vazio, pronto para ser habitado pela água e me tornar o quarto elemento da natureza.

– Agora vocês precisam morrer para que os quatro elementos renasçam. Não existirá mais Tamires, Lucca, Nicolas e Suzane – continuou, o rosto brilhante sério e cheio de um ar paternal. – Em breve nos veremos de novo, meus queridos.

Não entendi se ele quis dizer em vida ou depois da morte, mas achei melhor não saber. Assim como veio, Lúcio foi absorvido pela própria luz. Porém seu brilho intenso me obrigou a fechar os olhos e me senti tragada por ele dessa vez. Aquela foi a minha morte enfim.

ELEMENTAIS

O grupo de guardiões não precisou da ponte para cruzar o rio Prata pouco adiante de onde deixou os quatro protetores. Os flocos de gelo farfalhavam sob seus pés a cada passada. Os sapatos quiseram, vez ou outra, escorregar no piso liso, porém se apoiaram uns nos outros para não caírem. Estaria silencioso demais não fosse seu movimento constante.

Era uma massa uniforme, unida e atenta. Estava focada na batalha que se propusera a lutar, os pensamentos em um mesmo objetivo. Aquela turba séria e compenetrada, em um silêncio que precedia a tensão do momento final para o qual caminhava, assustava os seres ao redor. A vida escondida ali presentia o perigo.

A primeira-guardiã caminhava firme e decidida à frente. Nenhuma parte de si desistira daquela empreitada suicida. Não temia nada, nem magia nem a morte. Que o mago usasse todos os seus truques, Lara ainda ficaria em pé, encarando sua aparência frágil, disposta a vencê-lo, ainda que estivesse sozinha em uma luta injusta.

Dos dois lados, Marcel e Gustavo lhe faziam a guarda e marchavam no mesmo passo destemido, cada toque no chão fofo lhes lembrava o nome daquelas que amavam. Ansiavam, cada qual, por um momento a sós com o mago. Bastaria isso para que conseguissem atingi-lo, talvez não fatalmente, porém o suficiente para fazê-lo recuar.

Ainda podiam ouvir a cantiga lamentosa de Mainá e aquela canção triste só lhes davam mais ímpeto de prosseguir na direção da frondosa estrutura de pedra ao sul da cidade. Não havia muita coisa para distinguir o caminho. Apenas gelo, galhos secos cobertos, pedras cinzas que se tornaram calombos brancos no chão e o rio identificado apenas pela ponte sobre ele.

Todos caminhavam muito juntos e compassados como se estivessem com frio e precisassem se aquecer. Porém, quem visse de fora, não identificaria cada rosto e sim uma multidão coesa, um batalhão organizado, guerreiros armados para a batalha. Aquele era um exército pronto para qualquer confronto eminente.

Não foi de cima o primeiro ataque. Aconteceu tão rápido que demoraram um segundo precioso para reagir. Ao mesmo tempo em que estralava, o gelo sobre o rio se partia e vários guardiões afundaram na água gelada, agarrando-se aos que tentavam se equilibrar na superfície instável e levando mais consigo.

Ao tocarem a água fria, ferozes ondinas – sob efeito de magia – os carregavam para o fundo do rio. Como as antigas lendas de sereias, aquelas belas criaturas – metade mulher, metade peixe – se apropriaram deles. As bolhas de seus gritos ecoando nas profundezas daquelas águas, tão claras que era possível o fundo pedregoso e arenoso.

Lara se voltou para acudir seu batalhão, já segura na outra margem. Com seu punhal de ouro, cortou o braço de um elemental da água que puxava um guardião pela perna enquanto este se agarrava à margem escorregadia tentando se salvar. Onde a faca de ouro cortou, uma chama sobrenatural se acendeu e só se apagou quando a criatura mergulhou no rio gelado.

Seu grito estridente se propagou. Todos taparam os ouvidos para diminuir o desconforto que o gemido causou aos tímpanos. O restante do grupo, que ainda estava na outra margem do rio, optou pela ponte por precaução. Aquelas criaturas estavam sob o comando de seu inimigo e não podiam confiar em nenhuma delas, mesmo sendo seres elementais.

Gustavo lamentou a ausência dos protetores. Se Suzane estivesse ali, com certeza quebraria aquele feitiço e as faria voltar à sua passividade. Suspirou ruidosamente. O destino que nunca buscou agora estava caçoando dele. Fugiu tanto para, no final, ter que enfrentar o mago com as próprias mãos.

Não havia tempo para lamentar pelos perdidos. Os feridos seguiram conforme podiam e os incapacitados ficaram para trás. Seguiram observando ainda mais. Olhavam para todos os lados. O próximo ataque poderia vir de qualquer direção e estariam precavidos. O ar e a própria terra eram armadilhas quando as armas eram os elementais.

Pensar neles dessa forma encheu o peito de Gustavo de revolta. Quando deixara o mago, não imaginara que fosse chegar a esse ponto. Aqueles seres mágicos, essenciais para a continuidade da vida, deviam continuar livres, trabalhando na manutenção e na preservação da natureza. Isso explicava porque o planeta havia enlouquecido nos últimos anos.

Tudo estava fora do lugar. Perder sua casa tantas vezes, sua família, Tamires, também o estava enlouquecendo. Aquilo tinha que parar. Estava cheio de tantas perdas. Estava farto do mundo girar ao contrário. Estava descontente por agir de acordo com a cabeça alheia. Agora era ele mesmo e estava feliz com isso, mas triste por ter demorado tanto. Triste por perder Alexandre.

Aquela seria uma marca que jamais desapareceria de seu coração. A culpa, a falta e a saudade seriam eternas. Deveria ser proibido se afastar do irmão dessa maneira. Deveria ser proibido errar com quem se amava. Deveria ser proibido magoar aqueles com quem se importava. Deveria, sim, ser punido. E estava. Agora caminhava para a morte se essa fosse sua única vitória ali.

Já havia perdido quase tudo. O que significava perder a vida? Absolutamente nada. Até sua filha, Sofia, estaria melhor sem ele. Poderia ser criada por Margarida, como Suzane foi, e viver em um mundo melhor se, antes de morrer, conseguisse ao menos garantir que o mago fosse com ele. Sentiu o peito inflar. Aquela luta era sua por direito.

Por sua vez, Marcel pensava de forma diferente. Era mais otimista quanto ao resultado

daquela batalha e acreditava que suas motivações tinham maior valor. Sua pureza, seu caráter intacto, sua participação sempre do lado certo daquela história deviam contar pontos a seu favor. Nem acreditava que sua inexperiência pudesse atrapalhar.

Confiava em seus instintos. Sempre foram bastante aguçados e nunca os negligenciara. Mesmo diante do fato de ter sido enganado tanto quanto os outros por Alexandre, acreditava que esse pequeno deslize não teria influência sobre aquele momento. Eram inimigos distintos. Havia vencido o moreno impostor. Por que não venceria o mago?

Suzane merecia aquela vitória, sua mãe também e, principalmente, seu pai que se fora tentando, a quem ainda admirava e amava como se sempre estivesse ao seu lado. Dedicaria aquela vitória em memória a ele, seu exemplo, um guerreiro que não fugiu de seu destino e enfrentou seu fim lutando. Tinha orgulho disso e faria o mesmo se preciso.

Lara caíra naquela história de para-quebras, mal sabia onde estava se metendo, porém isso não a amedrontava. Ao contrário, seu sangue clamava por aquilo como se tivesse nascido para viver aquele momento por mais que não estivesse preparada para ele. Sua reação automática e natural diante da liderança de um povo especial era nata.

E sabia que estava fazendo a coisa certa, seguindo também um chamado interior muito forte. Ali havia amigos, família, uma parte de sua própria história e também de seu grande amor. E o que fizesse parte dele era importante para ela também. Não importava o quão absurdo fosse. Estaria ao seu lado – ou à sua frente, como era o caso agora.

Enquanto marchavam atrás dos três que os guiavam, o pensamento coletivo dos guardiões que, um dia, foram obrigados a deixar seu lugar de origem, não era muito diferente. Aquela seria a última e definitiva luta que o Coração veria. Mais nenhum sangue inocente seria derramado. Não em vão.

Em meio à vegetação morta, o castelo crescia diante de seus olhos. Estavam se aproximando.

Carolina mantinha as mãos ocupadas entre as tarefas domésticas – sem as facilidades da modernidade – na casinha de Margarida mantendo sempre os olhos em Sofia que brincava na neve. Mas sua cabeça não parava de pensar em Alexandre. Achara que superara aquela apaixonite, mas bastava vê-lo para que tudo viesse à tona novamente.

Por mais que estivesse mais do que óbvio que seu charme natural estava voltado para Tamires – fato que comprovou ainda em Foz quando ele demonstrou pressa em voltar para o arquipélago e ela viu seus olhos brilharem de expectativa – ainda sentia algo por ele. Estava mais do que claro que Alexandre estava morrendo de saudades de sua amiga.

Nas cartas, Tamires não lhe denunciara nada sobre a possibilidade de ter cedido ao cunhado, nem pode comprovar quando chegou em Noronha. Ela mal olhara para Alexandre

quando viu Carolina e Sofia. A comprovação de que havia algo entre eles aconteceu diante de todos, na frente do portal, e se sentia ainda pior por ter se sentido traída de todas as formas.

Mas não conseguiu mudar com a amiga. Ela não merecia, mesmo diante de seus próprios erros. Já havia sofrido demais. O golpe fatal em seu coração foi quando Alexandre se tornou um prisioneiro e Carolina soube que nunca mais o veria. Aquela saudade antecipada ainda a atormentava agora.

Tinha esperança que, depois que tudo acabasse, pudesse seguir em frente com sua vida. Talvez quando aquela dor aplacasse em seu peito conseguisse recomeçar. Resolveu afastar aqueles pensamentos que já a estavam incomodando. Aquilo era hora de se lamentar por um amor nunca correspondido? Estava diante do fim do mundo! *Pelo amor de Deus, Carol!*

Resolveu se distrair prestando mais atenção em Sofia e em Margarida. Essa não conseguia conter as lágrimas enquanto limpava a pequena habitação. Às vezes parava diante de um objeto e ficava olhando para ele, o pranto escorrendo abundante pelo rosto redondo. Carolina sentiu muita pena. A sua dor nem chegava perto da que aquela mulher sentia.

As lembranças não paravam de açoitá-la. A casa era tão pequena, mas cada milímetro de sua área trazia consigo alguma cena do cotidiano vivido ali. Adriano brincando com Marcel. Margarida esperando o marido na entrada da casinha, recebendo-o com um beijo. Sendo feliz. Uma vida simples, mas completa. Agora era apenas uma doce e dolorosa lembrança.

Nada do que os protetores fizessem agora – ou ela mesma – traria Adriano de volta. A morte do mago também não teria esse poder. E mesmo com a libertação do Coração e o desfecho positivo para o mundo, Margarida continuaria triste. Aquela dor a acompanharia até o dia de sua morte. E pensando bem, talvez não devesse viver para sempre ali naquela terra.

Além das lembranças estarem ainda mais claras na cidade, ali sua vida se prolongaria e, com ela, sua dor. Que sentido havia em viver eternamente assim? Até agora havia existido pelos filhos. Depois daquela batalha, se saíssem vencedores, construiriam sua própria família. Margarida poderia ir em paz, com a consciência tranquila de dever cumprido.

A decisão lhe causou certo alívio. Afinal, aquele sofrimento tinha data para terminar. Mas como exatamente faria? Entraria na frente de alguém na batalha? Voltaria para o outro lado a fim de morrer de velhice? Suicídio nem cogitava, aí seria demais. Já morrer para proteger alguém não seria nada além do que esperaríamos dela e o que faria com naturalidade.

Pensar nisso ajudou um pouco a desviar sua mente da dor que era a motivação daqueles pensamentos macabros. Enquanto via o rosto de seu adorado marido, eternizado em seu coração, jovem, forte e carinhoso em cada objeto que limpava, se dava conta de que não tinha nenhuma fotografia dele. Deu graças a Deus por ter uma ótima memória.

Esse tipo de tecnologia fazia falta para os humanos comuns que não tinham uma mente

boa como a dela. Talvez por isso mesmo seu sofrimento fosse tão grande. Tudo neles era mais acentuado: o amor, o ódio, a tristeza, a alegria. Nenhum dom era concedido sem que viesse acompanhado de alguma desvantagem, constatou.

Nesse momento, um estridente grito feriu os tímpanos de Margarida e ela largou o precioso objeto que segurava para proteger os ouvidos com as mãos. Sua pequena lembrança se espatifou em cacos de barro ao chão. Sofia começou a chorar assustada e Carolina correu até ela também tentando proteger-se, mas acabou se preocupando mais com a criança e ajudando-a.

Enquanto a tomava nos braços, o doloroso som de repente foi tragado e se desvaneceu. As duas mulheres se entreolharam. Os dois guardiões que estavam no jardim olhavam para a direção de onde o som viera e ninguém teve dúvidas. Sem sequer haver uma palavra verbal de comando, os quatro começaram a correr.

Carolina ficou para trás porque não tinha força sobre-humana e ainda carregava Sofia. Mesmo não conhecendo aquele lugar como Margarida e os dois estranhos, sabia exatamente para que lado estavam indo e temia demais pela vida dos queridos que havia deixado ao concordar em se esconder.

Mas o que mais poderia fazer a não ser se proteger? Não possuía nenhum talento para ajudar e provavelmente só atrapalharia. Essa impotência era frustrante. Pelo menos tomara para si a tarefa de cuidar de Sofia e assim podia se sentir um pouco útil, por mais que tivesse que contar com guarda-costas, entre eles uma senhora idosa acima do peso.

O novo grito a despertou e tentou correr mais rápido. Já havia perdido os três de vista há algum tempo e o som era mais parecido com pranto. Margarida já deveria ter chegado ao local e não encontrara boa coisa, deduzira. Apertou a garotinha em um abraço e fez a volta na última árvore antes de se deparar com a cena mais terrível que podia ver.

Apertou os olhos de Sofia paralisando o passo horrorizada. Não sabia o que fazer diante de sua amiga, ao lado dos irmãos, morta e o pranto de seus próximos. Queria chorar também e se jogar ao lado de Tamires, mas estava com uma criança no colo que não podia assistir aquilo. Deu dois passos para trás a fim de tentar esconder a cena da curiosa garotinha.

Os dois guardiões que as acompanhavam estavam tão chocados quanto ela. Contavam piamente que aqueles seriam seus salvadores e não os primeiros a serem abatidos. Foram os únicos a se lembrarem dos outros e perguntaram para a índia que nem levantou os olhos de seu companheiro quando se aproximaram.

Porém, Mainá respondeu e os dois partiram atrás deles enquanto Margarida ficava dividida entre sua filha e seu filho, mas acabou decidindo ficar. Carolina via através dos galhos a pele azulada de Tamires e seus olhos encheram de água. Prometeu, em seu íntimo, cuidar de sua filha e assim, chorando calada, fez promessas em pensamento.

Não entendia bem, mas aquilo não parecia certo. Não deveriam estar mortos. Fora

quem deixaram para trás, nasceram para combater aquele gelo que lhe fazia bater os dentes. No momento, um calor de raiva, revolta e tristeza aquecia seu peito e começou a fungar enquanto tentava não se lamuriar como Margarida e Mainá.

A lamentação das duas mulheres lhe arrepiava a espinha. Enquanto as cantigas da índia mantinham um ritmo fluido, o pranto da mãe era mais estridente e desesperado, causando tremores na amiga. Tentou se concentrar em distrair a pequena Sofia para que sua própria dor não se multiplicasse pela das outras.

Fechou os olhos apertados para segurar as lágrimas, tentando desfocar os pensamentos daquela tristeza intensa ao seu redor. Precisava suportar, precisava ser forte e sair dali inteira para cuidar da criança. Estava tão difícil, meu Deus, como ela queria correr para o corpo frio, agitá-lo até acordar Tamires daquele sono eterno.

Repentinamente, as lamentações foram substituídas por um suspiro de espanto. Carolina não resistiu e abriu os olhos dando ao mesmo tempo um passo a frente para que pudesse ver bem o que havia acontecido. Seu coração batia descompassado. Havia sido apenas um mal entendido, não? Eles estavam vivos, claro!

Moveu-se a tempo de ver os olhos coloridos e muito intensos dos quatro abertos e ferozes, como já havia visto antes, porém o brilho que havia neles não era familiar. Em um gesto natural, os quatro flutuaram a um comando que não viu e seus corpos ficaram eretos e sustentados por seus elementos.

– Lucca, você está vivo! Graças a Tupã! – exclamou Mainá tentando alcançar seu companheiro.

Aquele que foi tocado se virou para a mulher furioso, muito diferente da maneira como costumava olhar para ela. Os outros três também se voltaram para a índia com a mesma ferocidade nos olhos e suas vozes ecoaram em uníssono, retumbando nas rochas e fazendo-as estremecer na vibração de suas ondas.

– O que fizeram, humanos, para que a natureza nos convocasse? – As mulheres se encolheram assustadas diante daquele brado e repetiram em tom de ordem. – O que fizeram, mortais, respondam!

Pela primeira vez, Mainá estava olhando para seu Lucca, mas o que via era a verdadeira imagem de um deus, não aquela que sempre lhe associou romanticamente. Antes ela não sabia o que estava dizendo e agora temia aquele que tanto amava. Não o reconhecia nos traços, na voz nem no olhar. Não sabia o que aquele ser seria capaz de fazer com ela.

Sem obter resposta, os quatro olharam ao redor como se não reconhecessem o local que estavam. A fúria pareceu aumentar nos elementos da natureza que se agitaram ao seu redor enquanto seus olhos ardiam e suas expressões se tornavam mais carrancudas. Pareceram

crescer de tamanho quando se voltaram para as humanas de forma ameaçadora.

– Vocês não têm o direito de destruir a natureza, sua própria mãe, doadora da vida. Não foram capazes de manter o Coração batendo e o espírito está ausente. Os culpados devem ser punidos!

Ao redor das quatro criaturas o gelo se dissolveu e o verde ressecado do jardim reviveu. O ar voltou a fluir naturalmente azul e um raio de sol tocou suas faces claras como mármore.

– Quem são vocês? – sussurrou boquiaberta Margarida.

– Nós somos os quatro elementos, humana. Diga-nos o que houve aqui.

Margarida enfrentou o próprio temor para contar àquelas criaturas quem era o verdadeiro culpado já que pretendiam puni-las injustamente. Não duvidaram de nenhuma palavra que ela disse, provavelmente devido aos dons especiais que carregavam com aqueles corpos. Nem titubearam ao final do relato.

– Onde está o mortal que ousa aprisionar os elementais, as criaturas que deixamos aqui para dar continuidade ao nosso trabalho? – reverberaram em uníssono.

A mulher apontou com o dedo para o templo ao fundo da cidade e antes que eles se virassem e partissem, tinha uma pergunta muito importante a fazer.

– Por favor, poderiam nos dizer algo sobre Suzane, Nicolas, Lucca e Tamires?

– Não sabemos quem são. – A forma como falavam sempre juntos, um conjunto perfeito, era assombrosa, porém sua resposta foi ainda mais aterradora.

Partiram rumo à fortificação sem sequer agradecer, mas as quatro – contando com Sofia – não ficariam esperando notícias. Seguiram os elementos apesar de que literalmente voavam e elas jamais conseguiriam acompanhá-los. Não havia problema, elas sabiam para onde iam. E o rastro que sua passagem deixava no chão era repleta de brilho e cor.

Impossível perdê-lo.

Um desvio no rio Prata abastecia o fosso lamacento ao redor do Templo do Conhecimento e permitia o trânsito das ondinas. Foi lá que se refugiaram depois do ataque próximo a ponte. Eram serem belos, com longos cabelos multicoloridos, lábios tentadores e olhos sagazes. Até mesmo a calda escamosa era de se admirar.

Sobre a fenda, com suas asas farfalhando ao vento, os Silfos – conhecidos também por elfos e fadas – borboleteavam. Seres de uma beleza extrema, bastante semelhantes fisicamente com os humanos, porém com orelhas pontudas e asas. Estavam presentes em diversos tamanhos e cores, dando um tom diferente ao ar.

Os pequeninos gnomos, que não passavam de um metro de altura, estavam diante do fosso com suas barbas longas e brancas, suas orelhas e chapéus pontudos. Comumente mais cautelosos que outros seres elementais, estavam acompanhados de suas ferramentas, além de

estarem sujeitos do trabalho na terra.

As sedutoras salamandras, semelhantemente aos elfos, tinham aparência humana e estavam em pé na primeira fila dos elementais. Como as fadas, também tinham asas e, quando as abriram, revelaram a essência de sua beleza: o fogo. Do grande e poderoso batalhão que guardava a entrada, com certeza eram as criaturas mais assustadoras.

Não haveria conversa com aqueles seres nem perderiam tempo tentando. Claramente superiores aos meros guardiões que paravam à sua frente nesse momento nem se abalaram com a vantagem numérica do grupo. Fora a magia que corria em suas veias, sua essência e poder que vinham da natureza, ainda possuíam intelecto superior ao daqueles humanos.

Realmente não tinham nenhuma chance contra aquelas criaturas. Que tolíce sonharem com um confronto direto com o mago. Jamais conseguiriam romper aquela barreira e alcançá-lo. Foi aí que Lara teve uma ideia. Virou-se para Gustavo com um desejo enorme de que pudesse ler seus pensamentos, porém a consciência de que os elementais provavelmente podiam a conteve.

Interrompeu também os pensamentos e resolveu agir no improviso, era a única chance de que qualquer plano desse certo. O grupo ao seu redor aguardava suas ordens, os dedos pulsando no desejo de lutar, de fazer alguma coisa. Ela lhe daria isso. Ergueu bem alto o braço que segurava o punhal de ouro, que cintilou à luz dos elementais, e bradou.

– Pelo planeta Terra!

Enquanto avançava, seguida de perto pelos guardiões que fizeram de suas palavras o grito de guerra, viu as belas faces dos elementais do fogo sorrirem como se os convidassem a se aproximar. Não correram – ou voaram – ao encontro deles. Lara não tinha e não devia pensar, mas era difícil não montar estratégias enquanto tentava prever o que aconteceria a seguir.

Só conseguiu pensar em não tocar as salamandras para não se queimar. Isso lhe ocorreu a dois passos da que parecia a líder e esta lhe abriu um sorriso enorme ao mesmo tempo em que estendia os braços para pegá-la. *Droga de pensamentos!*, vociferou mentalmente. Decidiu que deixaria o instinto guiá-la e não pensou em mais nada.

Sua mente vazia desconcertou a salamandra que ficou curiosa, esperando para ver o que a primeira-guardiã faria. No segundo seguinte, Lara estava diante da criatura e, em um movimento instintivo, enfiou o punhal em seu abdômen pegando a criatura desprevenida. O ser elemental escancarou a boca de onde uma língua de fogo serpenteou.

Usando toda a força humana – e sobre-humana que possuía – deixou fluir aquela energia dourada junto com a adrenalina em sua corrente sanguínea e segurou o punhal dentro da criatura, tentando mais e mais afundá-lo em seu corpo. Aos poucos, sentiu a arma ceder e teve esperança de que fosse suficiente para, pelo menos, ganhar tempo. Afinal, um ser imortal não

deveria ser tão fácil de destruir.

Sua mão queimou enquanto segurava o ombro flamejante da salamandra e a outra, que empurrava o punhal, também esquentou muito. Tentou suportar, mantendo-se firme, porém a arma começava a derreter e escorrer entre seus dedos. Olhou abismada para baixo e viu os pingos grandes e dourados sobre a terra – já que aos pés do elemental não havia mais gelo.

A criatura parecia intacta e seu grito era mais de fúria do que dor. Ergueu a mão disposta a agarrar o pescoço de Lara que, ao perceber o gesto, foi um milésimo de segundo mais rápida e girou em si mesma, ficando de costas para a salamandra, que a agarrou pelos cabelos fazendo-os chamuscarem.

Atrás de Lara estava Gustavo, se esquivando de outra criatura do fogo. Ele olhou em sua direção e a primeira-guardiã teve um segundo para mover os lábios sem que as palavras saíssem por sua boca. “Tente passar direto e entrar no templo!”, foi seu comando rápido. A mulata não teve tempo de ver se ele havia entendido, foi arrastada pela salamandra.

Mas o empresário havia entendido e, aproveitando a abertura que a criatura dera ao carregar a primeira-guardiã, avançou vários passos entre a turba de elementais do fogo, que lutavam ferozmente com os guardiões. Não parou para ver nem acudi-los. Focou em encontrar passagens seguras, cuidando para não esbarrar nos elementais e lhes chamar a atenção.

Ao atravessar a batalha, teve que parar abruptamente. Os pequenos elementais da terra não podiam ser subestimados, ainda mais portando suas armas encantadas. No céu, os silfos se moviam dando voltas, prontos para atacá-lo a qualquer momento. Gustavo não tinha a menor chance, mas ainda assim tentaria.

Com um movimento rápido, invocou uma magia de proteção e, ainda que não pudesse detê-los, esperava pelo menos não ser atingido enquanto corresse desenfreadamente entre os elementais. Havia muitos atentos a ele, não teria como enganá-los. Só tentaria manter-se inteiro até a ponte levadiça. Ai enfrentaria outra dificuldade.

Tomou impulso e tentou saltar o máximo de gnomos que conseguisse, sem contar os silfos e suas asas. Uma coisa de cada vez senão nem sairia do lugar. O salto foi longo e quando se preparava para tocar o chão, viu a sombra antes que a criatura o pegasse e se curvou um segundo antes que as mãos do elemental do ar o tocassem. Ouviu o zunido e sentiu o vento sobre sua cabeça.

Aterrissou encurvado em atitude de defesa, pronto para atacar caso alguma criatura se aproximasse. Olhou em volta antes de se mover novamente para ter certeza de que estava seguro ou que podia prosseguir quando viu Marcel atracado com uma salamandra, sua pele e cabelos claros queimados em vários pontos.

Gustavo se compadeceu dele e, enquanto se decidia se ajudava ou se continuava no caminho que tinha tomado, um silfo passou rasante sobre ele e o pegou pelos ombros,

suspendendo-o. Fez uma meia lua voando rápido demais sobre a batalha flamejante lá embaixo e voltou em direção ao castelo.

De cima, o empresário não conseguiu ver nenhuma movimentação dentro das muralhas e desejou que aquela criatura o ajudasse a entrar. Focou sua mente nesse pensamento enquanto se aproximavam mais e mais da estrutura de pedra. Teve esperança de que fosse arremessado para dentro dos muros e segurou os braços do elemental do ar a fim de ganhar impulso.

Estavam sobre o fosso quando sentiu as mãos da criatura imortal o soltarem sem aviso. As ondinas, nas águas escuras abaixo, ergueram os braços para pegá-lo enquanto caía em direção a sua morte. O pouco impulso que conseguira não seria suficiente para desviá-lo da queda fatal, ainda assim, tentou encontrar algo em que se agarrar pelo caminho.

Foi nesse instante que os avistou. A única visão que, naquele momento desesperador, poderia desviar sua atenção da própria sobrevivência lacrimejou seus olhos. Mesmo não sendo a imagem doce e ao mesmo tempo quente daquela que aprendeu a amar acima de si mesmo, ainda era a melhor coisa que poderia ver naquele instante.

Tudo parou com a aproximação dos quatro, menos a natureza que se regenerava à sua passagem, formando um rastro de reconstrução e vida. Aqueles eram os escolhidos, os protetores, os esperados, inclusive pelos elementais. A essência da qual eram feitos saudava seus criadores que se aproximavam com o esplendor e a majestade dos deuses.

Só a presença dos quatro elementos bastou para que o frágil encanto do mago sobre os elementais se quebrasse. Os rostos das criaturas se iluminaram de expectativa e adoração enquanto os via parar diante da confusão interrompida. Gustavo terminou sua queda dentro do fosso, porém nenhuma ondina o atacou. Estava feliz por apenas ficar molhado.

– Elementais, vocês estão livres – as vozes soaram em uma sintonia perfeita tornando suas palavras trovões que fizeram até mesmo as criaturas imortais estremecerem.

– Virgo! – chamou Lucca em uma voz que não lhe pertencia e o gnomo dirigente deu um passo à frente se curvando diante de seus pés. – Sou seu único senhor, a terra.

– Lunara! – sou firme a voz no corpo de Suzane e a ondina dirigente se postou diante das outras, os olhos baixos em sinal de respeito. – Sou sua única senhora, a água.

– Vesta! – clamou poderoso o elemento em Tamires e a salamandra dirigente se ajoelhou diante dela. – Sou sua única senhora, o fogo.

– Thor! – convocou glorioso em sua beleza e autoridade o ser em Nicolas e o silfo dirigente pousou a seus pés ajoelhado. – Sou seu único senhor, o ar.

Em conjunto, como para salientar as palavras de ordem que proclamavam, os quatro bradaram. Gustavo duvidava que fora da cidade não fosse possível ouvi-los.

– Devem obediência somente aos quatro elementos. – Fizeram uma pequena pausa para

observarem a concordância dos elementais. – Tragam diante de nós para julgamento o mortal que ousa nos desafiar e que foi seu carrasco.

FORTALEZA

Protegido pelas antigas muralhas do Templo do Conhecimento e guarnecido pelos elementais, o mago Rafael – apelidado de mago negro – aguardava o momento tão esperado nos últimos trinta anos: o alinhamento planetário. A partir dele, começaria a contagem regressiva para o fim do mundo e não poderia estar mais feliz com isso.

Não gostava do apelido. Magia era magia e não havia dois lados opostos. O que contava era o propósito. No seu caso, não havia objetivo melhor do que salvar a natureza da destruição degradante que por milênios o homem ousou infringir sobre ela. Estava cansado de tanta conversa sem resultado. A profecia lhe trouxera esperança de uma renovação completa.

Não foi à toa que se tornou o maior mestre do Coração da Natureza, conhecedor de boa parte dos ensinamentos passados de geração em geração no templo. Por isso mesmo, tomara a responsabilidade para si quando outros, mais jovens e limitados, não puderam compreender a grandiosa oportunidade que o destino lhes dava.

Recomeçar. Que palavra maravilhosa. Ainda se lembrava de como o planeta era no início. Foi por um período muito curto, porém o suficiente para que ficasse registrado todo o esplendor, a beleza e a perfeição da natureza intocada em sua memória. Por que achavam errado desejar que fosse assim novamente?

Não importava que os homens não compreendessem. Os que soubessem reconhecer a genialidade de sua decisão, teria a oportunidade de povoar a nova Terra, mas aqueles que se voltassem contra ele... não poderia simplesmente se deixar impedir. Eles que deviam ser detidos, mesmo que isso significasse mortes.

Alguém precisava fazer alguma coisa e, com sua carga de experiência e conhecimento, seria a mais adequada. Suportaria as críticas, ultrapassaria as barreiras e focaria no alvo, o bem maior, a grandiosidade da missão que se autoinfligira. Grandes decisões levavam a grandes consequências e ele estava pronto para suportá-las.

Preparara-se apenas contra os quatro elementos nos últimos anos. Sabia que eles seriam a única força capaz de detê-lo, pois nenhum guardião teria conhecimento suficiente para pará-lo. Foi aí que descobriu, guardado nas enormes e infinitas estantes subterrâneas do templo, um livro de magia esquecido. Nele encontrou o feitiço que subjugaria os elementais.

Não havia no Coração seres mais poderosos. Disposto a manter-se seguro, passou a viver no castelo e conseguiu o apoio dos guardiões para fortificar a construção antiga de pedra e com os elementais como guardas indestrutíveis e incansáveis, estaria garantido. Só lamentava as mentiras que usara para não envolver os outros guardiões em seus planos. Mas era preciso até

que tudo estivesse acertado e finalmente pudessem ser participados.

Enfim, o dia chegara. Concentrado, em uma sala fechada por uma grande e pesada porta, o mago se conectou às energias da natureza através de meditação e passou a sentir o que se passava. Soube exatamente o momento em que o alinhamento começou e quando a energia dispensada pelo fenômeno irradiou até o portal pelo qual voltariam.

Há algum tempo percebera que os quatro elementos foram despertados, porém não em sua forma original. Tinha esperanças que o despreparo dos jovens facilitasse seus planos e o mantivesse na linha que desejava. Confiava mais em Alexandre do que em Gustavo, que o abandonara e o traía. O irmão mais novo jamais faria isso com a causa.

O jovem entendera melhor do que qualquer outro a importância da decisão que tomara. Concordara de cara, fascinado com a eloquência do mago. Pobre Alexandre, era tão pequeno e já sozinho no mundo. Não tinha mais ninguém em quem confiar e se espelhar além daquele velho mestre. Foi com grande amor e compaixão que o acolheu.

Esperava que no final de tudo aquilo o rapaz conseguisse refazer sua vida. Trinta anos perdido é muito tempo, mesmo quando se tinha a eternidade adiante. O mago já estava velho e não tinha mais expectativas individuais, porém Alexandre merecia ser feliz e lhe daria de presente uma Terra muito melhor para ser habitada.

Quando o portal se abriu através da chave verdadeira, o mago interrompeu seus pensamentos e focou-se nas energias que invadiam o Coração. Seria mais fácil senti-las depois que entrassem naquele mundo, mesmo congelado, onde fluíam com mais naturalidade, sem a interferência de objetos materiais como no mundo lá fora.

O primeiro sinal de que algo dera errado era a nítida presença dos elementos que foram os primeiros a pisar no salão. O segundo foi a ausência de seus quatro enviados. Nenhuma das forças que adentravam aquele lugar era conhecida. Até que o último cruzou o portal e a inconfundível energia o tocou.

Gustavo. O primeiro grande talento que descobrira e o único que usara quando precisou demover os primeiros obstáculos. Era tão jovem quando aquilo começou. Apenas uma criança. Acreditava que, por isso, tivesse maior chance de moldá-lo como desejava, mas seu temperamento forte e rebelde falou mais alto e seu primeiro aliado se transformou em um traidor.

Ainda assim, não imaginara que ousasse enfrentá-lo. Era mais sua cara fugir e desaparecer, como fizera antes. Quando Alexandre o encontrou, dissera que Gustavo não pretendia voltar, que nem tocava no assunto, fingia que nada tivesse acontecido, mas há algum tempo não tinha notícias. Depositara tanta confiança em seu novo pupilo que nunca duvidara de seu sucesso.

Alexandre era bom no que fazia, sempre. Nunca falhava. Era muito dedicado, esperto e

ágil. Seu silêncio o fazia observador, uma esponja. Literalmente absorvia tudo que lhe diziam ou tentavam esconder. E, principalmente, aprendia com o erro dos outros. Tivera muito trabalho com Diogo, Felipe e Sérgio, porém nenhum com seu preferido.

O mago sabia que o rapaz se espelhava no oposto de Gustavo. Tentou – e conseguiu – superá-lo em tudo que representava para o mestre, substituindo-o ainda melhor. Não sentia nenhuma falta de seu primeiro aliado. Sentiria, sim, desespero se perdesse o segundo. Diante da troca que acabava de sentir, enfim teve medo.

Onde estava Alexandre? O que teria acontecido para que Gustavo voltasse? Sempre com a situação sob controle, o mago se sentiu perdido sem saber o que esperar do futuro breve. Relaxou um pouco quando – sob ordens expressas ditas antes de se trancar ali – os guardiões a seu comando adentraram o salão dispostos a detê-los com a própria vida.

Definitivamente o massacre que se seguiu não estava em seus planos. Pelo menos não do lado de seus aliados. Contava sim, com algumas baixas, porém não esperava que se voltassem um contra o outro, que parassem para ouvir e se deixar convencer pela verdade. Afinal, como ele mesmo sabia, nenhuma mentira era forte o bastante para perdurar.

Suspirou irritado. Não dava mesmo para contar com os humanos. Tolos, fracos, sentimentais. Que morressem mesmo e o deixassem livre daquela escória. Estava farto deles. Estava tão impaciente que duvidava que esperaria até o final do ano para vê-los – todos – liquidados.

O peso de sua idade avançada não estava sobre seu corpo que, por mais envelhecido que estivesse, ainda tinha o vigor de um adulto saudável. Estava sim em sua mente, cansada demais de dar murro em ponta de faca e apenas ferir a si mesmo, vendo seus ideais e sua amada natureza sendo destruídos por seres infantis e imaturos como os humanos.

Nenhum deles poderia entender, nem mesmo os guardiões que não carregavam a carga dos milênios que ele vivera. Sua ligação com aquele planeta vinha quase de sua origem e ser o único que podia compreender e partilhar sua dor era muito árduo. Duvidava que outro em seu lugar teria suportado tanto tempo com tamanha paciência.

Porém, agora, a sua se esgotara. Apenas se importava em sobreviver a aquilo para que a profecia – ou a parte mais relevante dela em sua opinião – se cumprisse. Nem precisaria continuar vivendo no planeta se conseguisse deixá-lo pronto para se reconstruir. Poderia, enfim, descansar. E o faria de bom grado.

Quando o grupo, fortalecido pela primeira batalha ganha, saiu do salão pisando sobre o gelo do Coração, o mago voltou sua mente para a aproximação daquelas energias. Concentrou-se tanto que ficou meio perdido quando, repentinamente, elemento por elemento, os protetores foram se apagando – era assim que os sentia em meditação.

Quem era o responsável por aquele ataque e tão certeiro? Desnorteado e confuso, o mago nem conseguiu comemorar aquele ponto a seu favor. Os elementais não haviam deixado seu posto ao redor de seu castelo. Então quem estava minando a maior arma que seus ditos inimigos possuíam?

A profecia era clara quanto ao embate final. Seria com eles, os quatro protetores, que teria que lutar ou seriam eles que tentariam impedi-lo. Como eles estavam morrendo agora? Não havia nada que não soubesse ou compreendesse no mundo mágico no qual vivia. E não entender o que estava acontecendo foi o sinal mais poderoso de que havia uma força maior por trás de tudo.

O mago temeu de novo e agora por um motivo muito mais forte. Então havia um ser superior que não desejava o mesmo que ele? Seria possível? Que mente superior não compreenderia o que ele estava fazendo ali? Não, não podia ser. Sua conexão com a natureza era grande e sabia que estava fazendo a coisa certa, pelo bem maior.

Aquilo só podia ser um truque. Talvez eles estivessem se movendo em outra forma, como energias puras ou em um plano diferente, e por isso tinha a impressão de que não estavam mais entre eles. Provavelmente era isso mesmo. Voltou sua atenção para as outras energias ao redor dos quatro protetores ausentes e os sentiu se voltando em sua direção.

Então, tentariam sem eles? O mestre teria gargalhado se seus músculos não estivessem tensos e rígidos demais para isso. Prestou tamanha atenção – mais por não querer perder a ação do que por medo – enquanto enfrentavam os elementais, que não percebeu o despertar dos verdadeiros quatro elementos há alguns quilômetros do castelo.

Mas a voz de trovão, em uníssono, das majestosas criaturas foi o bastante para, além de fazê-lo estremecer de susto, mostrar-lhe a realidade que estava por vir. Seria derrotado, destruído e acabado. Enquanto constatava isso, os quatro seres voavam até seu improvisado castelo e dominavam os elementais, quebrando seu feitiço sobre eles.

Pensou nas passagens secretas – fugir feito um rato de esgoto – e então se lembrou que havia feito do templo uma fortaleza intransponível. E essa se transformara em sua armadilha. Estava preso no lugar que deveria ser seguro, protegê-lo, preservando sua vida. Ouviu a ordem dos quatro elementos para que os elementais fossem buscá-lo.

Saiu do transe, mas permaneceu com os olhos fechados e os ouvidos bem atentos a cada porta e passagem que os quatro dirigentes elementais atravessavam a sua procura. Esperou calado, compenetrado, conformado diante da morte certa que estava apenas se aproximando magicamente, através de criaturas da natureza.

O pior era perceber, no fim, que estivera errado o tempo todo. Só tinha mesmo que se resignar diante de sua punição já que a merecia. Quantas vidas, quantas mentiras, quanta

desgraça havia feito em nome de uma causa equivocada. Mas por quê? Será que aqueles seres teriam a compaixão de lhe explicar antes de fazerem justiça?

A última porta foi rompida com um estampido e os dirigentes entraram na sala escura e vazia na qual estava sentado em posição de lótus. Abriu os olhos para vê-los em seu esplendor natural, o rosto compassivo apesar da missão que lhes fora designada. Não se moveu para não dar a impressão de que pretendia fugir.

Acima de tudo era um mestre, um cientista, e não fugiria. Aprendera século após século a tirar algum aprendizado das situações. E, mesmo diante de sua morte, aquela era uma grande oportunidade. Estar frente a frente com as quatro essências da própria natureza seria um privilégio único ainda que fosse a última coisa que veria.

As criaturas não precisaram das mãos para amordaçá-lo, prendê-lo e carregá-lo. Não era de sua natureza a agressividade, porém, como prisioneiro a caminho do julgamento, não poderia andar livremente. Amarras douradas – como as usadas pelos guardiões na entrada do portal – e uma gaiola mágica garantiram que não escaparia.

Quando saíram pela ponte levadiça, única passagem para o castelo, o mago Rafael não viu os guardiões nem os elementais que o olhavam com um misto de pesar e rancor. Seus olhos estavam presos nos quatro deuses que tinham como altar o próprio elemento que representavam. Seu queixo teria caído se não estivesse bem preso.

Eram criaturas magníficas em esplendor, glória e poder. Aquilo tudo valera a pena somente pelo prazer de vê-los com seus próprios olhos. Apesar da carranca dura, seus rostos de mármore eram talhados com perfeição e mesmo a estranha cor de seus olhos era extraordinariamente bela. Havia neles traços humanos somente na forma do corpo que os recebia. Que honra!

– Quem pensa que é para manipular a vida? – acusaram em conjunto os quatro elementos.

De perto, a voz de trovão multiplicada por quatro era assustadora e maravilhosa ao mesmo tempo. Rafael não quis estragar aquela perfeição falando mesmo que pudesse. Queria apenas ouvir, ouvir e aprender.

– Tantos milênios de acertos para que um único erro seja a sua ruína – continuaram. – Suas boas intenções invalidaram, mortal, no momento em que vidas inocentes se foram. A natureza é doadora de vida, não o contrário. Você, mais do que os outros, sabe disso. Como pode permitir que a impaciência diante do plano perfeito de sua mãe pudesse distorcer seus bons atos?

O mago sentiu o desejo de falar pela primeira vez. Quantas vezes havia visto gente inocente morrer sem explicação do lado de fora? Acreditara, durante todo esse tempo, que alguma força superior estivesse punindo aquela pessoa. Mas, se fosse assim, por que outros viviam impunemente, destruindo inclusive aquela que lhe dava o sustento e a vida? Onde estava a

justiça?

– Essas questões não cabe a você, criatura limitada – responderam a seus pensamentos surpreendendo-o. – Não estamos aqui para sermos questionados, mas para julgá-lo por suas escolhas.

Um vento feroz, um tremor de terra, uma onda e uma chama sacudiram ao mesmo tempo amedrontando a todos. Os quatro elementos ergueram-se do chão, flutuando sobre as cabeças dos espectadores – inclusive Mainá, Margarida, Carolina e Sofia que chegaram a tempo de ver o mago aprisionado diante de seu julgamento – e apontaram os dedos indicadores para Rafael.

– Por não respeitar a vida, você perde o direito de continuar vivendo a partir de agora.

As mãos baixaram para o solo, porém as máscaras bravias dos quatro não amoleceram. O mago esperou por uma morte rápida, seria pedir muito? Apertou os olhos aguardando. Não conseguia pensar em nada. Encarar a morte tão de perto nem lhe permitiu refletir sobre as palavras que aquelas criaturas superiores lhe disseram. Como nada aconteceu, ergueu novamente as pálpebras.

– Julgo-te culpado! – bradou o elemento ar apontando-lhe o indicador. – Dá-me de volta o ar que lhe foi doado para que em você soprasse a vida. Não é mais digno dele.

Diante desse comando, os pulmões do mago se contraíram para expulsar de seu interior cada partícula de ar. A dor da extração foi muito maior do que a ausência do ar, ainda mais por forçar passagem pelas vias respiratórias estreitas. Com a boca cheia de ar em busca de saída, porém lacrada, também não pode gritar.

Demoraram alguns segundos longos e dolorosos para que aquela tortura terminasse e seu corpo caísse enquanto se contorcia diante da falta de oxigênio. Seus brônquios ardião como se tivesse aspirado água. A contração prosseguiu, mas com o objetivo contrário e desesperado de colocar ar para dentro. Sentiu a inconsciência se aproximar lentamente.

– Diante de sua culpa – vociferou o elemento água apontando-lhe por sua vez o indicador –, não me resta alternativa senão receber de volta a água que compõe a maior parte de seu organismo.

Não, definitivamente, não seria uma morte rápida e indolor. Não bastasse o vazio deixado pelo ar, por cada orifício de seu corpo água – e sangue – começou a abandoná-lo. Cada gotejar, cada fio vermelho levava consigo uma parte de sua existência. Não conseguia pensar em nada, mas também não podia imaginar dor maior que aquela.

A quantidade de sangue em seu corpo era imensa e não seria tão rápido como fora com o oxigênio. A dor, a vida se esvaindo, a inconsciência chegando – *seja bem-vinda*, convidou em pensamento – era uma morte cruel. Aquelas criaturas não tinham compaixão nem piedade de

sua alma?

– Pobre mortal! – era a vez do elemento terra. – Sua hora chegará em breve, portanto, preste atenção na última lição que te damos sobre a complexidade de uma vida. – Apontou-lhe também o indicador. – Seu corpo é composto por sais minerais doados pela terra. Agora os tomarei de volta.

Não foi imediatamente que percebeu o que estava acontecendo com seu corpo. Havia tantas dores que era difícil perceber o novo foco. Primeiro, sua pele descamou, se retorceu e caiu. Em seguida, feridas se abriram, tornando-se cada vez maiores, que facilitaram a saída do sangue que ainda não havia parado de jorrar.

Nacos de músculo, carnes e, por fim, ossos, começaram a desmanchar e se soltar do corpo e, com horror – e muita dor – o mago se viu em estado avançado de decomposição. O nariz, as orelhas e os dedos foram os primeiros a cair. Os espectadores não puderam mais suportar o cheiro e a visão grotesca daquela morte.

– Do pó veio – clamou por fim o elemento fogo – e para o pó voltará. Devolva-me sua temperatura e morra em paz e purificado.

O alívio tinha um nome e se chamava fogo. Foi com grande gratidão que sentiu sua temperatura subir a um estágio de combustão em uma velocidade impossível de acompanhar – a partir de seus ossos, correndo por suas veias ainda intactas e explodindo em uma labareda única, viva e salvadora.

Seu espírito já não habitava o corpo em chamas quando, instantaneamente, o fogo consumiu aquela matéria podre e sem vida, dissipando através do vento sobrenatural qualquer vestígio do que outrora era sua representação carnal. Estava em paz quando os quatro elementos se viraram para seu espírito assim que suas cinzas foram varridas.

– Volte para sua mãe, a natureza, e aprenda a preservar a vida – falaram juntos.

Diante dessa ordem, o espírito do mago Rafael deixou a Terra e voltou ao plano espiritual.

PRISIONEIRO

A ventania provocada pelos elementos dissipou do céu do Coração da Natureza o tom cinza e triste. O azul natural de uma atmosfera pura e límpida deu o ar de sua graça sobre a cabeça dos guardiões, testemunhas do início da Era de Aquário. O sol, rei do firmamento, emitiu seu calor refletindo seus raios sobre a neve branca.

O dia ainda não havia acabado, porém o maior inimigo da natureza estava derrotado. O alívio percorreu o grupo em ondas enquanto relaxavam. Porém os elementais se moveram sob uma ordem que não ouviram e capturaram alguns guardiões que estiveram ao lado do mago negro e os levaram diante dos elementos. A operação limpeza ainda não terminara.

– Vocês não serão punidos com essa morte – falou diretamente aos poucos que estavam amarrados e amordaçados diante deles. – Mas serão banidos. Usem as próximas décadas que lhes restam de uma vida humana comum para refletir sobre seus atos e mudarem de atitude. Não daremos uma segunda chance se a natureza nos convocar novamente. Façam escolhas certas.

Com as mãos espalmadas estendidas na direção do pequeno grupo de prisioneiros, os elementos invocaram uma magia silenciosa e o poder que se manifestou irradiou de suas mãos atingindo cada um dos guardiões de uma só vez. Uma luz intensa os envolveu por alguns segundos e, quando se dissipou, o peito de cada um estava marcado com a estrela mal acabada.

Virando-se para os guardiões que permaneceriam, voltaram a falar sempre em um tom imperativo.

– Não temos mais porque ficar aqui. A orientação que demos aos prisioneiros serve para vocês também. Continuem no caminho certo e não desejem que voltemos. Não seremos condizentes da próxima vez e permitiremos que o apocalipse estirpe sua raça da face da Terra. – O grupo estremeceu diante da ameaça e concordou em conjunto. – Levem os prisioneiros para fora daqui o mais rápido que puderem. – Ergueram a mão sobre a pequena multidão como se os abençoasse. – Vida longa aos guardiões da natureza!

Sentiram-se abençoados, até mesmo as duas humanas comuns que estavam entre eles, mas que foram incluídas e em breve se tornariam também guardiãs. Carolina e Mainá foram unidas por uma paz e felicidade únicas que jamais sentiram antes. O bebê no ventre da índia saltitou alegre e ela sorriu diante da vida.

Gustavo se sentiu leve como há muito tempo – nem se lembrava quando – não se sentia. Conquistara todos os perdões que precisava para continuar sua vida, para recomeçar. As palavras dos quatro elementos arrancaram de seu peito toda a culpa que ainda se infligia. Tanto quanto aos

seus pais, os sacerdotes, Alexandre e Tamires. Foi aí que se lembrou de perguntar.

– E quanto aos protetores? – deu um passo a frente em direção aos quatro elementos enquanto eles se viravam para a fila organizada e brilhante dos elementais que aguardava suas próximas ordens. – Voltarão?

Os seres superiores voltaram-se ao mesmo tempo para o empresário como se não tivessem entendido o que ele dissera, mas não se negaram a responder.

– Eles já cumpriram sua missão na Terra. – E se viraram de maneira natural e decidida para os elementais. – Espalhem sua magia pelo Coração e façam com que descongele e volte a bater. Essa energia renovada acompanhará a chegada do espírito da natureza e sua missão na nova Era.

Toda a área em frente ao templo já não estava mais coberta pelo branco e a grama revivia como mágica. Só a presença e as pegadas – não literais – dos quatro elementos sobre o local teve o poder de regenerar a natureza.

Os seres majestosos volveram os olhos para o céu e depois baixaram as pálpebras sobre as órbitas elementais. Em volta de cada um seu elemento cresceu encobrindo todo o corpo, como um tornado. Fogo, terra, ar e água girando ao redor deles, impedindo-os de serem vistos. Aos poucos o efeito místico diminuiu até parar e desaparecer.

Não havia mais nada de sobrenatural nos quatro corpos. Em pé, imóveis, olhos fechados, cabelos e roupas um pouco fora do lugar devido à grande ação, eram a imagem do comum. Não comum como qualquer outro ser humano, porque eles ainda eram extraordinariamente belos e carregavam alguma majestade, como antes. Pareciam apenas eles mesmos.

Essa era a melhor definição: como antes. Saudáveis, cor da pele natural, lábios rosados, dedos inteiros. Por que ainda estavam tão parados? Gustavo, Marcel, Lara e Mainá caminharam lentamente ao seu encontro com medo de que se transformassem de repente nos quatro elementos de novo. Não teriam coragem de se aproximar se isso acontecesse.

Antes de tocá-los, como por uma ordem divina e simultânea, os quatro abriram os olhos ao mesmo tempo e aspiraram profundamente o ar como se fosse a primeira vez em muito tempo. As cores de seus olhos cintilavam entre o verde e o azul, suas marcas registradas desde que nasceram. Permaneceram um tempo encarando os quatro guardiões.

Naqueles segundos, ninguém soube o que fazer. Os protetores pareciam normais, mas ao mesmo tempo diferentes. Os guardiões, e seus companheiros, não faziam ideia da experiência de morte verdadeira que eles haviam vivido. Ainda estavam em choque com a morte e ainda mais pelo retorno à vida. Não acreditavam que voltariam.

Porém, não durou muito. A áurea de alegria que pairava sobre todos também atingira os protetores e, em um arroubo de alívio, satisfação e esperança, sorriram e se jogaram nos braços daqueles que os aguardavam repletos de amor. Eram tantos abraços para dar que acabou virando

um imenso gesto coletivo.

Todos se tocavam para ter certeza de que estavam bem. Lara e Marcel estavam um pouco machucados devido a luta contra os elementais, porém Mainá cuidou disso rapidamente, assim como de todos os outros guardiões, ficou muito feliz em ser útil. Gustavo era só alegria e fez questão de ficar com Sofia no colo, com medo de deixá-la novamente. E no outro braço, apertou Tamires.

– Foi tão incrível! – falava empolgado Marcel.

Somente o loiro poderia ficar tão entusiasmado com aquela luta. Suzane virou os olhos para ele.

– É sério, Su, você precisava ver... – continuou.

– Nós vimos! – os quatro protetores o interromperam ao mesmo tempo.

Não havia porque aquele simples gesto causar um temor tão grande, afinal as vozes denunciavam ainda serem eles mesmos. Paralisados, os quatro se entreolharam enquanto os demais se fixavam neles atentos. Houve algo entre eles que ninguém entendeu. Por fim, os quatro deram de ombros e gargalharam. Os guardiões voltaram a se mover normalmente.

O que os outros não compreendiam era algo muito simples e muito intenso: por um tempo os quatro protetores foram uma unidade, no sentido literal da palavra. Pensamentos, sentimentos, falas, dons, ideais eram compartilhados pelos quatro corpos por uma telepatia simultânea. Mas anda ia além disso, como se fossem uma mesma pessoa dividida em quatro partes.

Por mais que estivessem literalmente mortos e os quatro elementos nem tivessem conhecimento que existiam, assim que despertaram, nos segundos que antecederam a abertura de seus olhos para o mundo material, eles souberam de tudo. Os elementos se foram, mas deixaram suas memórias que os quatro carregariam para sempre dentro de si.

Enquanto utilizaram seus corpos, os majestosos também haviam compartilhado os pensamentos e sentimentos entre si. Portanto, agora, os quatro sabiam tudo sobre o outro, mais de trinta anos de lembranças, sonhos, medos, derrotas, tristezas, alegrias, paixões. Tudo. Inclusive aquilo que escondiam de si mesmo ou de alguém específico.

O último olhar que trocaram antes de gargalhar – um pequeno disfarce para a tensão que sentiam – era uma promessa de que os segredos estariam guardados a sete chaves e que nada sairia de suas bocas. Cada um prosseguiria sua vida como quisesse, sem a interferência do outro, principalmente agora que se conheciam tão bem, melhor do que qualquer um.

Ninguém mais precisava saber o que havia mudado – ou acontecido – entre eles desde que pisaram no Coração. A nova Era estava ali e precisavam começar o verdadeiro trabalho de restauração da cidade e conseqüentemente do planeta. Agora entendiam que traria uma

mudança no coração de cada ser humano, só assim a natureza estaria segura, geração após geração.

Mas havia uma coisa que dividia Tamires. Tudo parecia no lugar, mas ela não estava completa. Faltava uma parte. Uma parte muito importante. Principalmente agora que sabia... Apertou os olhos diante daquele novo dilema buscando uma luz para resolvê-lo. Quando os abriu novamente, avistou os prisioneiros isolados e cabisbaixos. Era a oportunidade que precisava.

– Precisamos levar os prisioneiros para fora do Coração – falou já se afastando de Gustavo e se dirigindo para o pequeno grupo.

Mas o empresário correu até ela. Não parecia à vontade longe da mulher.

– Deixa que faço isso – pediu tentando lhe passar Sofia.

– Não, por favor, fique com nossa filha. Serei muito rápida.

Ergueu-se levemente nas pontas dos pés e lhe deu um beijo estalado na bochecha, voltando-lhe novamente as costas. Gustavo não gostou daquilo, não gostou nada, mas achou melhor não insistir. Talvez só quisesse ficar um pouco sozinha. Pensar que ela tinha morrido o deixara um pouco possessivo. Suspirou e a deixou em paz.

Seus irmãos souberam o que pretendia quando a viram liderando o pequeno grupo rumo ao salão do portal. Distraíram os outros para que não se incomodassem com a atitude da ruiva. Ela lhes lançou um meio sorriso de gratidão sem sequer diminuir a marcha constante. Em poucos passos estavam atravessando a ponte e ficaram longe das vistas dos guardiões.

Não precisou usar o cristal quando chegaram ao salão. O portal ainda estava aberto. Ao cruzá-lo de volta, percebeu que o crepúsculo tingira o mar azul de Noronha de laranja. Uma extensa chama flamejante no horizonte. O cone de luz vindo do alinhamento ainda convergia ininterruptamente entre os dois morros à beira d'água.

A maré subia, por isso o mar estava à altura do peito de Tamires enquanto se dirigia para a praia e a profundidade diminuía. Na areia, os quatro prisioneiros que haviam ficado ergueram-se com agilidade – apesar de ainda estarem amarrados – assim que a avistaram. A mesma expressão de espanto estava estampada em seus rostos.

– Vocês conseguiram! – constatou Alexandre quando parou diante dele.

Seu olhar, enquanto falava, era indecifrável como só ele conseguia fazer. Porém a ruiva sentiu o baque de seus sentimentos como se uma comporta fosse aberta de repente. Desorientada e paralisada, demorou um segundo para absorver aquela corrente. Por mais que demonstrara pouco de seus sentimentos antes, nunca se mostrara tão intenso.

Foi aí que a ficha dela caiu. Antes, o moreno estava manipulando suas percepções. Aquele prisioneiro, praticamente sem dons sobre-humanos, diante dela era o verdadeiro Alexandre em imperfeições e sentimentos. Apenas um homem, um humano comum, que não aprendera a se expressar nem lidar com as emoções. Só a camuflá-las.

– Graças a Deus você está viva! – externou todo o alívio que sentia em palavras desnecessariamente já que ela sabia.

Não havia sarcasmo, cinismo nem ironia. Aquele era o Alexandre que estava sofrendo. Emocionada diante daquele homem que passara a amar sem nem perceber, apenas deixou as lágrimas rolares por seus olhos, incapaz de falar.

– Sinceramente tive esperanças de que desse certo para vocês, principalmente depois do meu fracasso. Já ia mesmo morrer, não fazia diferença. Um mundo sem meu irmão, sem você e sem Sofia não fazia sentido mais para mim. A minha vingança não tinha mais importância alguma. Queria que, pelo menos, vocês vivessem.

O que era aquilo? Alexandre estava se abrindo. Era o homem torturado por seus próprios ideais deturpados. Tamires sofreu ao ouvi-lo desejar a morte. Mesmo distante, estaria melhor se soubesse que ele estava bem. Tinha que lhe dar alguma esperança. E, para isso, tinha a melhor de todas as notícias.

– Alexandre – começou com a voz embargada –, vou ter um filho seu.

Aquilo, dito assim à queima-roupa, deixou o rapaz em choque. Por vários segundos ele não soube o que dizer ou o que fazer. Um misto de dor e alegria saltitou em seu coração quase morto por falta de uso. Tamires havia despertado nele tantos sentimentos que nunca buscara. No entanto, agora que os encontrara, como viver sem? Como?

Um sorriso imenso cresceu em seu rosto lindo, deixando-o ainda mais estonteante e a ruiva se perdeu admirando sua beleza. Sua felicidade – não, era mais parecido com êxtase – revigorou seus próprios sentimentos. E, pela primeira vez, desde que soube daquilo – através de uma visão que Suzane tivera – se permitiu ficar feliz por mais que fosse mais uma complicação.

– Queria tanto te tomar nos braços agora, Tamires! – Em um passo, estava bem diante dela, colando suas testas. – Você não podia me fazer mais feliz. Não mereço isso.

Tonta, alegre, extasiada, totalmente contagiada pelos sentimentos tão intensos que fluíam de Alexandre para ela, fez de novo o mesmo da noite passada. Jogou os braços ao redor de seu pescoço firme e grudou suas bocas. Como desejava que seus braços fortes a apertassem como ontem! Mas se contentou em se colar ao seu corpo.

Quando tentou abraçá-la, as amarras douradas afrouxaram e se soltaram como se compreendessem e se solidarizassem com o anseio de Alexandre. Com vontade e rapidez, passou as mãos com firmeza na cintura de Tamires causando-lhe um suspiro seguido de um arrepio. O destino conspirava a favor daquele amor improvável e impossível pela perspectiva humana.

Aos constatar todos os obstáculos físicos e emocionais que se impunham entre eles, Tamires deixou as lágrimas rolares de seus olhos. Aquela era uma dor parecida com a que sentira diante de si mesma ao se deparar com a realidade de seus verdadeiros sentimentos.

Alexandre percebeu seu pranto e a afastou para olhar seu rosto úmido.

– Você não precisa fazer isso – disse tristonho, mas com a voz firme. – Por favor, não se divida só porque teremos um filho.

A ruiva não podia suportar a ideia de tê-lo longe de seus braços. Agarrou-o de volta, comprimindo-se contra seu peito largo e forte.

– Não, você não entendeu. – Por que era tão difícil admitir agora, em voz alta? – Eu menti.

Alexandre tentou afastá-la novamente, sem sucesso, então apenas a estimulou a continuar.

– Mentiu? – perguntou sem compreender onde queria chegar.

Ergueu os olhos para ele, ainda marejados. O moreno estava curioso.

– Quando disse que não te amava – concluiu.

Os olhos negros de Alexandre se aprofundaram de intensidade. Seus sentimentos confusos e exultantes. Ainda não era muito fácil para ele aquela montanha russa de emoções.

– Por quê? – balbuciou apenas.

– Aconteceu tudo tão rápido! – A ruiva jogou os braços para o alto e se afastou do rapaz escondendo-se de seus olhos perscrutadores. – Não percebi o que estava acontecendo conosco, comigo – corrigiu –, antes, ontem e hoje. – Volveu os olhos para que ele visse sua alma. – Precisei morrer para entender meus sentimentos por você.

– Morrer? Meu Deus, do que está falando? Você está viva! – exclamou confuso. – Gustavo... – murmurou não exatamente como uma pergunta, mas como uma deixa quando esse detalhe lhe veio à mente.

– Sim, Gustavo! – desesperou-se Tamires revirando os olhos. – Não disse que voltava para ele, mas também não neguei. E, sim – acrescentou quando ele entreabriu os lábios – sinto alguma coisa por ele ainda, afinal, é o pai de minha filha. Vivi muitos anos ao seu lado.

O cenho de Alexandre franziu de desgosto, como se a última esperança lhe fosse arrancada.

– Isso não é desculpa. Também te dei um filho.

– Mas você tentou me matar! – devolveu a ruiva.

– Jamais te machucaria, sabia que não seria fatal. E nisso meu irmão e eu também estamos empatados. – Suspirou se acalmando e sentenciou. – Prefiro não ter nada a receber somente uma parte.

Tamires sentiu as lágrimas tremularem nos cantos de seus olhos. Não podia mais viver sem ele.

– Você esteve ao meu lado quando eu era uma mulher em pedaços.

– E vou continuar me importando enquanto viver. – A intensidade de suas palavras fez

seu coração saltar uma batida. – Mas quando foi minha, era uma mulher inteira.

Era verdade e diante dessa justificativa não teve resposta.

– Nossas escolhas erradas nos separaram – sussurrou a ruiva por fim.

– Há somente uma alternativa – retrucou o moreno.

Ergueu os olhos curiosa e ao mesmo tempo esperançosa. O rapaz alto, lindo e fluído sentimentos por ela com uma intensidade que podia sentir fisicamente mesmo estando distantes alguns centímetros, se aproximou para tocar seu rosto enquanto lhe fazia o único pedido que podia.

– Fique comigo. – Fez uma pausa para fitar intensamente seus olhos. – Aqui.

Como ele podia dizer que não queria dividi-la? Não, não podia culpá-lo por suas próprias dúvidas. Queria ficar. Que sentido teria a vida eterna sem sua alma gêmea? Nenhum! Mas também queria viver no Coração e atuar como sacerdotisa, à sombra de sua mãe e de sua avó, e de seus ancestrais.

– Não posso.

A revolta toldou novamente os olhos de Alexandre, mas sua voz soou mais fria do que irritada.

– E vai me privar de viver com meu filho?

– Não! – respondeu de imediato tocando-lhe o braço. – Posso vir sempre.

Aquilo não era o bastante. Jamais seria. Mas era melhor do que nada, concluiu o moreno. Tomou-a nos braços apertado novamente, ciente de que, presente ou não, aquela mulher era sua de uma forma que nunca fora de mais ninguém.

– Isso é uma promessa? – perguntou esperançoso.

Ainda não conseguia medir o tamanho do sentimento e os sacrifícios que estaria disposta a fazer por ele. Nunca sentira nada parecido, mesmo quando acreditava que o amor por Gustavo fosse maior e verdadeiro. Não sabia nada. Aquele amor complicado e humano era totalmente diferente desse que vivia agora, sobre-humano e fácil.

Mesmo quando havia um impasse, o orgulho não os separava. Os empecilhos que forjaram vinham de erros anteriores ao nascimento daquele amor. Porém, enquanto era embalada por aqueles braços, sabia que encontrariam uma saída, sem transtornos, sem revoltas, sem mágoas. Porque aqueles erros ficaram para trás com sua vitória por fim.

– Sim. Somos prisioneiros dela – sorriu aliviada.

DEGELO

A vida podia ser simples, bela em seu dia a dia, normal. Bem, quase. A gravidez de Tamires causou pequenas intrigas e a forma como se resolveram me espantou. A era da fraternidade e da paz havia chegado, fato consumado através do desenrolar dos últimos acontecimentos. Não podia mesmo duvidar daquela conspiração do universo. Sabia o que estava fazendo.

Gustavo – conforme previra – não recebeu bem aquela situação. Sempre seria possessivo e ciumento, não adiantava insistir no contrário.

– Não posso aceitar isso, Tamires! – vociferou jogando alguns objetos para o chão da pequena habitação que havia arrumado para eles enquanto ela estivera jurando amor a Alexandre do lado de fora.

– Tentei te contar, mas você não deixou – respondeu minha irmã quase no mesmo tom.

– Tudo bem, entendi que havia acontecido alguma coisa entre vocês, não precisava dos detalhes, mas um filho! – exclamou ainda exaltado. – Nunca pensei que tivessem chegado tão longe. – E saiu batendo a porta com força.

A mágoa que passou a sentir por Tamires durou pouco tempo. Nenhum sentimento ruim persistia no Coração da Natureza. A inocência e a alegria infantis de Sofia tiveram grande papel nisso já que a garotinha ficou exultante com a notícia de que teria um irmãozinho.

Carolina – a grande amiga de Tamires – ficou dividida entre sua própria dor e o apoio incondicional que queria lhe dar. Compreendia aquele tipo de amor e dedicação. Carol se sentia carne da carne, sangue do sangue de minha irmã. A ruiva contou a verdade a ela para ser honesta acima de tudo. E como sempre, ela compreendeu. Naquela briga interna, o amor pela família venceu.

Em uma grande força tarefa, o templo foi reconstruído, o fosso soterrado e o desvio do rio desfeito por todos os guardiões enquanto os elementais davam vida nova à natureza. Por conta daquela atividade, novos amigos foram feitos, passamos a nos conhecer melhor e me surpreendeu que as antigas rixas entre Gustavo e Carolina estivessem superadas a ponto de formarem uma grande amizade.

Como o cavaleiro que era – nunca poderia tirar esse mérito dele –, meu ex-cunhado ajudou a amiga de sua ex-mulher – que confuso isso! – com suas tarefas, carregando objetos, segurando portas, oferecendo apoio. Começaram a passar um tempo longo juntos, como se Gustavo procurasse por Carolina onde quer que estivesse. E a moça sempre sorria e brincava com ele, grata por seu auxílio.

– Obrigada, sir – riu Carol arrancando do rosto sério do moreno um largo sorriso.

– Às suas ordens, milady – respondeu ele se curvando como um cavaleiro medieval.

Ao vislumbrar aquele futuro, me espantei. Depois pareceu muito óbvio que assim fosse. Afinal, quem conhecia melhor Gustavo além de Tamires e tinha um temperamento muito mais compreensivo para suportar sua intensidade? Somente Carolina. Fiquei feliz. Ele aprenderia a amá-la de uma forma menos possessiva e o presente, quem afinal receberia, seria ele mesmo com uma mulher tão incrível.

Carol mudara bastante em seus primeiros meses no Coração, mas não sua personalidade doce, verdadeira e amiga. Somente a única coisa que, de fato, lhe faltava em sua primeira vida. A felicidade. A pequena sombra que sempre cobriu seus olhos desapareceu por completo. Seu rosto passou a ser mais iluminado, mais bonito até. E claro que seu corpo passou a absorver a energia do lugar. Em pouco tempo era uma de nós. Uma guardiã da natureza, por dentro e por fora.

Mainá desfilava com seu barrigão lindo para cima e para baixo – não conseguia ficar parada, que mulher trabalhadeira! – causando uma pontada de inveja em mim. Inveja boa. Ficaria feliz em ser mãe também, mas não era algo que podia toldar minha alegria. Podia esperar. E a índia ganhara, além de uma nova família que a amava, uma grande melhor amiga. Tamires, com seu ventre também avantajado, confabulava diariamente com a cunhada, compartilhando a mesma experiência.

Nem Lucca nem Nicolas sentiam falta de sua família terrena e se satisfizeram facilmente com a vida pacata e sossegada que construíram no Coração da Natureza. Mas Lara sim. Em uma das idas de Tamires para Foz – seus encontros periódicos com Alexandre não eram segredo nem assombro para mais ninguém –, a mulata aproveitou para ir a Conceição da Barra.

Ambas retornaram com novidades. Alexandre assumira o posto de Gustavo na empresa e o controle sobre todos seus bens, seguindo uma vida honesta e confortável. Seus amigos haviam partido cada qual seu próprio caminho e não mantinham mais contato. Não havia amizade verdadeira entre eles, apenas interesses semelhantes que duraram um curto período de tempo.

Do litoral norte do Espírito Santo, Lara voltou com quase a família toda. A mãe ficara horrorizada ao ouvir toda a história e se recusara a conhecer a cidade. Seu pai e seu irmão – o segundo fazia tudo a exemplo de seu genitor – cederam à curiosidade. A avó que era doente também não veio, mas o avô, Francisco, aquele que havia fugido dali ainda jovem, se emocionou ao pisar novamente naquele solo.

– Não mudou em nada! – suspirou o idoso.

– Mesmo com o gelo, vovô? – retrucou a neta.

– Só o deixou mais belo, mas ainda é o mesmo lugar de que me lembro. – Apertando a mão da mulata que segurava para se apoiar, suspirou antes de prosseguir. – Obrigada, minha neta, por me proporcionar essa alegria. Achei que morreria sem pisar novamente nessa terra

encantada. – Virou-se para o filho, boquiaberto ao seu lado, e lhe deu um peteleco na cabeça com a mão livre. – Está vendo, Eugênio, seu pai não é louco!

Todos riram e os receberam muito bem. Naquela noite, fizemos uma pequena festa para comemorar a chegada da primavera. O verde se recuperava com a lentidão de uma estação, mas nos permitia assistir ao despontar de um botão e o desabrochar de cada flor. Era um espetáculo a qual não estava habituada e que não acreditava que pudesse me acostumar.

No dia seguinte qual não foi minha surpresa quando tia Margarida veio se despedir de mim em um abraço saudoso e cheio de sentimentos antagônicos.

– Adeus, minha filha – fungou na minha orelha. – Vocês estão encaminhados, agora posso seguir minha própria vida.

– Seguir sua própria vida? – exclamei. – Do que está falando, mãe?

Era a primeira vez em anos que a chamava de mãe. Senti seus grossos braços a minha volta amolecerem de espanto. Foi tão natural. Nem pensei para dizer, apenas deixei fluir naturalmente. Fiquei feliz que aquilo a deixasse alegre. Tinha certeza de que a tocara com aquelas palavras, sem querer.

– Não sou sua mãe – respondeu se afastando.

– Claro que é – respondi agarrando seu braço para não deixá-la ir. – Posso não ter nascido da senhora, mas foi quem me criou, me deu amor, proteção e me ensinou a ser quem sou hoje. Sou muito grata por isso.

Vi seus olhos oscilarem, seus lábios não condiziam com seus verdadeiros sentimentos. Era tão típico dela. Sabia que além de mim e de Marcel, Margarida havia se apegado muito a Sofia e estava eufórica com a chegada dos bebês em breve. Não queria ir de verdade, então por que dizia que sim?

– Estou feliz que tenha cumprido tão bem a tarefa que me fora designada, suas palavras me tranquilizam. Agora posso morrer com a certeza de dever cumprido.

Morrer? O que ela estava pensando? Nós viveríamos para sempre, juntas, como uma família feliz e eterna. Por que ela ia morrer? Ah, ela queria morrer, compreendi de repente. Talvez as lembranças vazias de sua outra vida eram dolorosas demais para suportar. Ela queria voltar para Noronha. Esse era o plano. O que podia fazer para convencê-la a ficar? Seria justo pedir isso a ela? Tive uma ideia repentina.

– Mãe, você é muito necessária aqui. – Tinha muita esperança de que essa linha de raciocínio funcionasse, na verdade, tinha certeza pelo vislumbre breve que tive do futuro. – Não só para mim ou para Marcel. – Ri. – Você sabe que ele é um bebezão e vai ficar chorando pelo colo da mãe. – Riu comigo. – Pense bem, depois que o mago se foi – aquela lembrança ainda estava tão viva em minha memória que falar nela já trazia à tona a grotesca imagem de sua morte – o Coração ficou sem mestres. Entre os guardiões mais antigos, está a senhora e sei que adora contar

histórias. Ninguém melhor do que a senhora pode passar nossa história adiante, para a nova geração que está chegando. Você precisa ficar pelo conhecimento.

Aquilo balançou bastante Margarida. E sorri inocentemente como se implorasse, mas já sabia que havia dado certo. Com um sorriso imenso no rosto largo, ela se atirou nos meus braços e fiquei aliviada por, mesmo pequenina, ser forte para suportar aquele tranco. Acima de tudo, fiquei alegre por mantê-la entre nós, feliz, completa e satisfeita. Contar sua história para outros seria uma forma de revivê-la sempre sem se magoar.

Desde a reconstrução do templo – e do parquinho – não havia sido reutilizado. As lembranças daquele dia no qual os quatro elementos derrotaram o mago ainda estavam claras na mente de todos nós, mas a vida tinha que continuar e os ensinamentos também. Com sua empolgação característica, Margarida organizou uma festa de reinauguração do templo.

Sofia era a aluna mais dedicada e fascinada por aquele mundo mesmo que tivesse apenas acabado de completar três aninhos. Amava os seres elementais e fazia muitas perguntas. Tamires ficou aliviada quando Margarida assumiu a função de mestra. As perguntas de uma criança poderiam ser inconvenientes, ainda mais quando tinha inteligência e percepção acima da média como minha sobrinha.

O revezamento que propus para que não precisássemos ficar os quatro no salão do portal não deu certo. Lucca e Nicolas amavam o trabalho e nunca seguiam o rodízio. Para o pantaneiro, trabalhar era sinônimo de terapia. Isso podia entender. Sério, compenetrado, gostava de estar em movimento, sendo útil, em atividade constante.

Mas o capixaba não entendia, confesso. Aquela imagem de boêmio que havia criado dele estava enraizada em minha mente e não conseguia vê-lo além de sua preocupação com seu corpo e balada. Aos poucos descobri que meu irmão era mais do que isso. Ele gostava de se relacionar com as pessoas, e o trabalho – ou a balada – eram atividades que lhe proporcionavam isso.

Caí em mim quando percebi a cumplicidade entre eles, uma amizade bonita e sincera. Quantas vezes o vira horrorizado com os diálogos parte audíveis, parte telepáticos que Lucca tinha com Mainá? Agora era ele quem preferia conversar com o irmão dessa maneira. Peguei um trecho de um monólogo – como preferia definir irritada pela minha própria curiosidade.

– Acho que não demora muito mais – dizia o ruivo e fez uma pausa provavelmente para ler os pensamentos do moreno. – As camadas de terra são muito mais profundas que do ar. – Pausa e um sorriso maroto do pantaneiro. – Tudo bem, mas o que você queria? Assim como demorou a congelar, o degelo também é lento. – Em vez de continuar encarando o irmão, se virou para mim. – Fale sua teoria para Suzane, afinal a água também não descongelou ainda. – E riu faceiro.

Aquela discussão se estendeu quando compreendi que Nicolas estava questionando a demora no degelo, já que o ar já voltara ao normal. Defendi a água e, quando Tamires chegou,

Nicolas propôs que ela fizesse o gelo ser derretido pelo fogo. Foi uma tarde tão divertida que sai do salão feliz demais. O mundo estava todo certo, no lugar em que devia. Até meus irmãos – aqueles que tiveram mais dificuldade de aceitar quem eram – compartilhavam com facilidade a nova vida.

Andava ao redor de todos vivenciando suas alegrias e me sentindo bem por isso. Era bem típico de mim me concentrando tanto nos outros e esquecer de mim mesma. Quando me dei conta, onde estava meu próprio mundo? Poderia estar feliz com a felicidade de meus irmãos, amigos e familiares – da própria natureza que renascia – mas onde estava a alegria de meu mundo individual?

Imediatamente sai à procura. Era para ser fácil, mas cruzei cada canto da cidade atrás dele. No templo, na floresta – esta estava quase toda recuperada e não tinha medo de andar entre suas árvores, era tão bela, tão densa, tão cheia de energia que me convidava –, na ponte – era uma referência que usávamos, por exemplo, moro antes ou depois da ponte –, na cordilheira. Nada.

Voltei para a Montanha da Nascente e lá estava ele. Lindo, parado diante da queda d'água formada pelo degelo do pico – substituindo a pequena bica que dava origem ao rio Prata – estava meu mundo. Empoleirei-me na rocha ao seu lado – logo abaixo onde estivera a nascente, a cachoeira criara um novo, profundo e largo lago cercado de rocha que nos deixava mais distantes da bica.

Fiquei quieta, ouvindo o som da água que caía livremente, o brilho dos elementais enfeitando a cor do céu e da espuma, colorindo as gotículas que se espargiam em nós como arco-íris multicolorido. O trabalho mais belo e importante não fora nós quem executou, mas sim aquelas criaturas. Fiquei fascinada assistindo sua magia modificar e fortalecer a natureza diante de nossos olhos.

– Sentimento de missão cumprida? – sussurrei.

– Quase – respondeu Marcel.

Virei meu rosto para olhá-lo nos olhos e percebi que estavam tristonhos. Puxei seu queixo para que me olhasse.

– Está tudo perfeito agora – sorri. – Você está comigo.

Seus lábios se repuxaram em um sorriso, mas seus olhos permaneceram tristes.

– O que foi? – supliquei. – Pode me dizer.

– Não posso ficar com você.

Gelei. Meu coração poderia parar de bater? Pois havia parado. O que havia feito de errado? Nada! Com essa palavra me liguei que não havia feito nada mesmo, nem errado nem certo. Eu o esquecera e agora o perdera. Meu coração podia se partir? Sim.

– Você não quer mais ficar comigo? – falei com certa dificuldade.

Seu rosto mudou de expressão tantas vezes que fiquei confusa nos segundos que se

seguiram. Por fim, tomou meu rosto entre suas mãos e me encarou com uma intensidade que me desconcertou. Seu hálito acariciou meus cílios quando falou.

– É o que mais quero no mundo! – respondeu com a mesma intensidade de seu olhar: – Ou neste mundo! Tanto faz. Nenhum mundo estaria perfeito sem isto. – Fez uma pausa como se não quisesse completar a frase porque até agora não havia entendido qual era o problema. – Só não tenho certeza de que é o que você quer!

A batata começou a assar na minha mão. Então, não deixara claro meus sentimentos? A importância que ele tinha para mim? Meu Deus, quem tomara a iniciativa para que aquela relação acontecesse? Bem, mas quem o afastara nos meses que antecederam ao alinhamento? Busquei rapidamente na memória e percebi que não tivemos um tempo nosso desde que chegamos ali. Merecia aquela dívida.

Sem conseguir encontrar palavras que pudessem expressar exatamente o que sentia, queria, desejava, ansiava – ainda não havia encontrado a palavra, ok? –, me aproximei e o beijei de um jeito que nunca havia feito com ninguém – nem com ele. Minhas mãos deslizaram por seu cabelo, costas, braços, peito, em uma carícia ininterrupta.

Marcel me beijou de volta da mesma maneira. Palavras jamais poderiam traduzir o que sentíamos. Aquela boca era metade da minha. Seu corpo, a outra parte do meu. Aquele encaixe provocou uma explosão de sentidos, frenesi e amor, como se se tornasse corpóreo e fluísse como água. Éramos um só fluido. Água abundante, água sem fim, como aquela cachoeira colorida há alguns metros de nós.

Agora estava tudo perfeito. Meu mundo em seu devido lugar. O universo não existiria sem aquele mundo girando em sua órbita inutável. E naquele amor senti meu próprio coração degelar e água cair como uma catarata com força e poder em meu peito. O universo físico se tornava água a nossa volta, mas meu próprio eu também. Aquele era meu universo de água.

EPÍLOGO: NASCIMENTO

O silêncio trazia à noite uma atmosfera pesada como se tudo estivesse paralisado, o tempo não corresse mais, o vento não soprasse, os seres vivos não respirassem. Um grito de mulher, longo e profundo, rompeu rasgando o véu que se estendia sobre o Coração da Natureza.

Mais um segundo de silêncio se seguiu diante da expectativa e um riso suave e infantil se fez ouvir, se propagou, diferente do choro que todos esperavam. A alegria contagiou os que aguardavam.

No centro daquela felicidade, um casal chorou ao ver o bebê sorrindo. A vida se renovava através do nascimento daquela criança tão esperada e abençoada. O futuro estava aliado àquela nova existência. Um futuro melhor.

Em sua nuca, uma pequena marca – tão discreta, mas totalmente perceptível. Uma estrela de cinco pontas unidas e contínuas. A garotinha dos cachinhos castanhos apontou o arco-íris colorido de luz ao redor do lindo bebê de covinhas, olhos oblíquos, cabelos e pele escuros.

Nascia, enfim, o espírito da natureza.

AGRADECIMENTOS

Enfim, o desfecho de uma história e o começo de uma longa jornada.

Quando finalizei, foi uma sensação sem par! Mais do que dever cumprido, foi um ciclo que se findou, uma história que chegou ao seu fim.

Primeiramente agradeço aos fãs, que fizeram essa caminhada até aqui possível. Aos blogs parceiros pelo apoio e divulgação. À Literata pela oportunidade e renovação de contrato até o fim da série.

À minha família pelo apoio em todos os eventos. Aos meus amigos pela presença e força que me transmitiram em cada passo desse longo caminho.

Quero participar a todos porque este desfecho tem um pedacinho de vocês. Afinal, moram em meu coração e foi com ele que escrevi essas linhas.

Eu amo vocês.

BIOGRAFIA

JOSY STOQUE, também conhecida pelo pseudônimo Josy Tortaro, paulista, pisciana e sonhadora, é publicitária por formação e escritora por vocação. Marcada a Fogo foi indicado ao prêmio literário Codex de Ouro 2013.

FanPage: <http://www.facebook.com.br/sagaOsQuatroElementos>

Twitter: http://www.twitter.com/S_Os4Elementos

Outras obras:

ESTRELA – Em Busca do Brilho Eterno, conto de fadas (romance Young Adult):

FanPage: <http://www.facebook.com.br/EstrelaLivro>

INSENSATEZ, romance hot (New Adult) escrito com **GISELE GALINDO**:

FanPage: <http://www.facebook.com.br/LivroInsensatez>

PURO ÊXTASE, romance erótico, libertador, controverso (para maiores de 18 anos):

FanPage: <http://www.facebook.com.br/LivroPuroExtase>

LEVANTA, PRINCESA, A ABÓBORA VIROU CARRUAGEM, conto com o mesma pegada erótica de **Puro Êxtase**.

Fale com a autora:

Site: <http://www.josystoque.com.br>

FanPage: <http://www.facebook.com.br/JosyStoqueAutora>

Twitter: <http://www.twitter.com/JosyStoque>

E-mail: autora@josystoque.com